

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO ESCOLAR BRASILEIRA**

**Construindo novas possibilidades  
na relação entre pais e filhos  
adolescentes no contexto grupal**

Dissertação apresentada como exigência para obtenção do título de MESTRE EM EDUCAÇÃO ESCOLAR BRASILEIRA à comissão julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup>. Maria Fátima Olivier Sudbrack.

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Fábio César Ludke

Prof.ª Ivete Souza

Melissa R. Zygmanski Jones

## RETRATOS DE FAMÍLIA

Ao longo da trajetória que percorri, por ocasião do Curso de Mestrado, “guardei” os retratos de minha família e de outras também.

Dos momentos que vivemos e compartilhamos, nessa cansativa mas prazerosa viagem, algumas fotos se juntaram, desenhando cenas em meu álbum.

De Joaquim, meu marido, o retrato com a marca da pergunta que traduzia preocupação: “Amanhã você vai para Brasília ?” “Célia, vai dormir que já é tarde !”

De minha filha Maria Carolina, que se tornou adolescente durante a minha viagem, a pergunta visivelmente carregada de ansiedade: “Mãe, quando você vai terminar esse mestrado?” Ou ainda: “Você não tem mais tempo prá nada. A gente só fica em casa o tempo todo!”

De minha filha Maria Thereza que, mesmo vivendo a efervescência de seus 15 anos, foi meu ego-auxiliar nas cenas que eu criei. A sua grande e importante contribuição na digitação do material dessa dissertação nos uniu a cada dia e a cada noite. Isso deu a dimensão real de que filho consegue inverter papel com os pais.

Da minha família de origem - que mesmo distante geograficamente, esteve sempre presente - nítidas lealdades expressas pelos valores traduzidos na seriedade, responsabilidade e paixão pelo que se faz.

Em especial, guardei o retrato de meu querido pai, que infelizmente não chegou a ver a conclusão deste trabalho. Deixou, não só saudade, mas seus ensinamentos. Homem forte, viveu seus 81 anos com muito amor e entusiasmo pela vida.

E por último, mas na origem de tudo, os pais e seus filhos adolescentes que deram vida a essa investigação com suas histórias e cenas de seus dramas familiares.

## AGRADECIMENTOS

- A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Fátima Olivier Sudbrack que me acolheu na Universidade de Brasília e me conduziu com sabedoria, desenvolvendo, além do papel de orientadora, o papel de amiga.
- Aos Professores do MEEB que permitiram que a família fosse o tema básico de todos meus escritos finais de suas disciplinas.
- A colega e amiga Wilma Rios, psicóloga do CEPAE, que abriu espaços e realimentou meu desejo de realizar a pesquisa com os pais dos alunos do CEPAE/ U.F.G.
- A Dr<sup>a</sup>. Maria Hermínia Marques da S. Domingues, Coordenadora do MEEB, pelo incentivo traduzido no jeito amigo de implementar as mudanças.
- A Neide Duarte da Costa, aluna do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação / U.F.G., por sua grande contribuição nos registros cursivos das sessões do grupo.
- A Dr<sup>a</sup>. Eleuze Machado de Brito Guimarães, uma das mais fortes incentivadoras para a realização deste trabalho.
- Aos colegas do NECASA, pelo apoio demonstrado durante todo o período em que estive menos presente em nossas atividades .
- A colega Joaquinha, do Curso de Terapia Familiar, por ter conseguido ouvir minhas histórias no meio das histórias das famílias que atendíamos no Ambulatório de Adolescentes do Hospital das Clínicas /U.F.G.
- A Eleuzis e Vannúzia, colegas psicodramatistas por terem compartilhado, através de constante escuta, da realização desse ato criador.
- Ao Dr. Geraldo Francisco do Amaral, colega psicodramatista, pelos momentos em que trocamos idéias sobre o Psicodrama de Moreno.
- A Maria Freire que realizou uma leitura criteriosa do material, ajudando-me a escrever melhor.



- Aos colegas e funcionários da Faculdade de Educação que, empatizando com as necessidades geradas pelos momentos da realização do Mestrado, dispensaram-me especial atenção.
- E por último, aos meus amigos, amigos de minha família, que souberam respeitar minhas ausências do convívio social.

# ÍNDICE

Pág.

RESUMO	
ABSTRACT	
NOS BASTIDORES DA INVESTIGAÇÃO	
CAPÍTULO I - BUSCANDO INTERFACES TEÓRICAS PARA O ESTUDO DA FAMÍLIA .....	01
1. Família e Sociedade em mudança .....	01
2. A família como sistema .....	20
3. A adolescência como etapa do ciclo vital familiar .....	34
4. Abordagem psicodramática no contexto de trabalhos com grupos .....	43
5. Uma perspectiva de articulação entre terapia familiar e psicodrama.....	54
CAPÍTULO II - A CONSTRUÇÃO DA INVESTIGAÇÃO .....	61
1. O PROBLEMA E AS QUESTÕES NORTEADORAS DA PESQUISA .....	61
2. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO .....	67
2.1. Orientação Metodológica .....	67
2.2. Contextualização da pesquisa .....	68
2.2.1. A instituição escolar onde ocorreu a pesquisa-ação .....	68
2.2.2. A pesquisadora na instituição .....	69
2.3. Os sujeitos da pesquisa .....	70
2.4. Procedimentos de coleta de dados .....	72
2.4.1. A primeira etapa .....	72
2.4.2. A segunda etapa .....	74
2.5. Procedimento de análise de dados .....	75
CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	77
1. Pais e filhos adolescentes - como percebem e vivem suas diferenças .....	77
2. Do drama à ação - possibilidade de construção de novas relações entre pais e filhos através do contexto grupal .....	92
CAPÍTULO IV - CONCLUINDO UM CICLO DE DESCOBERTAS DAS POSSIBILIDADES NO TRABALHO COM PAIS .....	153
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	167
BIBLIOGRAFIA .....	169
ANEXOS .....	178

## RESUMO

A presente investigação aborda as possibilidades do trabalho com pais de adolescentes, sob a modalidade de grupo, no contexto de uma escola, a partir do conhecimento dos padrões interacionais entre pais e filhos adolescentes.

O estudo visa trazer subsídios para o delineamento de uma proposta que, efetivamente integre escola-pais-família, objetivando oferecer ao educador um instrumento para a sua atuação, de forma que amplie sua compreensão sobre a díade pais-filhos, capacitando-o assim para exercer, efetivamente, o papel integrador entre escola e família.

A autora realiza uma interface dos estudos sobre família, dando destaque à teoria sistêmica. Utiliza a metodologia psicodramática na intervenção realizada no grupo de pais, por acreditar que a aprendizagem vivencial em grupo possibilita troca de experiências que conduz ao crescimento pessoal e interpessoal.

O método de ação proposto pelo psicodrama possibilitou uma nova leitura dos processos vividos no contexto familiar. A partir dessa leitura, constrói-se no contexto grupal uma proposta de intervenção educativa, visando facilitar o processo de separação e crescimento para pais e filhos nessa fase do ciclo de vida familiar.

O trabalho traz portanto, uma discussão quanto à importância de uma intervenção dessa natureza no âmbito da escola, integrando dois espaços de referência para o adolescente: a família e a escola.

## ABSTRACT

The present research discusses the possibilities of the work with adolescent's parents, through group interaction in the context of a school, from the knowledge of interaction pattern between parents and their adolescent children.

The study aims to bring subsidies for the outlining of a proposal that, effectively integrates school-parents-family, purposing to offer the educator an instrument for his/her performance in a way that will enlarge his/her understanding about the dyad parents-children, enabling him to effectively carry out the integrator role between school and family.

The author presents an interface of the studies about family, focusing on the systemic theory. She makes use of the psychodramatic methodology in the interference present in the group of parents, believing that the real life learning in groups makes the change of experiences possible which leads to personal and interpersonal growth.

The method of action proposed by psychodrama enabled a new reading of the processes experienced in the familiar context. From that reading on, it is built in the group context a proposal of educational intervention, seeking to ease the process of separation and growth for the parents and children in this phase of the cycle of familiar life.

Therefore, the work brings a discussion regarding the importance of an intervention of this nature in the scope of the school, integrating two parameters for the adolescent: the family and the school.

## NOS BASTIDORES DA INVESTIGAÇÃO

Estamos diante de um cenário riquíssimo. Os personagens pertencem a uma instituição, muitas vezes desacreditada, questionada, mas ... nunca esquecida: a família.

As cenas que surgem no imenso palco são cenas familiares. Retratam o drama vivido no cotidiano do pai, da mãe e de seus filhos. Chama-nos a atenção uma cena especial em que os pais têm à sua frente seu jovem filho adolescente.

De longe não dá para vislumbrar o que esse encontro pode significar na rede de relações dessa família.

Ao recorrermos à nossa imaginação, podemos pensar em uma diversidade de situações que a cena venha suscitar:

Será que os pais e seu filho conseguem demarcar, com clareza, os espaços e as necessidades de cada um?

Como essa família estará vivenciando as grandes transformações de seu filho adolescente, no ciclo de vida ?

Essas e outras perguntas poderão ser projetadas ao longo dessa investigação.

Mas... deixemos de lado nosso cenário, cujos personagens possuem histórias similares às de muitas famílias com seus filhos adolescentes.

Numa época encravada de transformações oriundas da sociedade, também a instituição familiar percorre caminhos diversos em meio às vicissitudes do momento histórico.

Muito se tem estudado sobre a família. Muito se tem ouvido sobre as dificuldades dos pais em educar seus filhos. Muito se tem falado dos sentimentos de insegurança dos pais, ao se depararem com as questões próprias da fase da adolescência.

Um olhar, mesmo que seja rápido, sobre a intersecção da sociedade com a família permite-nos enxergar que esta vive uma fase de reestruturação de seus padrões interacionais, como consequência das constantes mudanças externas.

O questionamento sobre o papel da família pertence a diversas áreas de estudos, assumindo, dessa forma, um caráter interdisciplinar. O historiador, o sociólogo, o antropólogo, o psicólogo, o educador, o terapeuta familiar procuram retirar de suas densas análises os elementos que possam, via de regra, servir de substrato ao entendimento da instituição familiar, buscando o real significado da diversidade e da especificidade das diferentes estruturas familiares num determinado contexto social.

As posições teóricas apresentadas por diferentes áreas de estudo propõem, indiscutivelmente, novas trilhas para repensar a família, evidenciando diferentes construções na busca do conhecimento que situe a família como uma unidade em constante transformação.

Não obstante saibamos que a família é apontada, por alguns, como uma instituição em falência, acreditamos que ela continua sendo o "locus" necessário ao desenvolvimento do indivíduo onde os pais devem exercer um papel fundamental na construção da identidade dos filhos.

Os pais são as primeiras pessoas que participam ativamente da vida dos filhos. Estes, por sua vez, vão, ao longo de sua existência, identificando-se também com outras pessoas. Tal identificação ocorre mediante mecanismos emocionais, absorvendo papéis e atitudes. Dá-se, portanto, o processo de socialização e o de individuação. Nesse processo encontramos a família e as relações entre as gerações. A família ocupa, assim, um lugar privilegiado, visto ser o primeiro grupo responsável pela tarefa socializadora, contudo, participam também outras facções da sociedade, como a escola.

É importante ressaltar que, em décadas anteriores, muitas informações sobre a educação dos filhos restringiam-se ao âmbito da Pedagogia e da Psicologia. Com o passar do tempo, outras formas surgiram (rádio, televisão, revistas) as quais passaram a tratar da educação dos filhos, dando foco especial a influência nas relações pais-filhos.

Em particular, vamos encontrar a relação pais-filhos adolescentes. Os pais, muitas vezes, se encontram vivenciando inúmeras dificuldades. Surgem dúvidas a todo momento na maneira de educar: desde as questões ligadas à vontade de abandonar ou rejeitar a forma como foram educados, até a dúvida sobre quem deve ser o responsável pela educação sexual dos filhos. Os próprios pais ou a escola?

Por outro lado deparamo-nos com a indagação: estaria a escola de hoje, capacitada para assumir com sucesso o processo educativo?

Encontra-se ainda em pauta, a discussão sobre o papel da escola como promotora de uma educação progressista, contrapondo-se a um outro pólo, que é a educação tradicional. Esta nem sempre foi vista como uma experiência que proporcionasse prazer, alegria e satisfação em aprender. Centra-se na transmissão do conhecimento, onde a figura do professor detém todo o saber. A educação progressista, por sua vez, tem favorecido uma relação mais tranqüila e flexível com o mundo do conhecimento, proporcionando o desenvolvimento para a capacidade de pensar de forma autónoma.

Mas, estaria realmente a escola, quer seja nos moldes mais conservadores ou numa linha mais inovadora, apta a enfrentar as necessidades dos jovens de uma sociedade em mudanças? Nem sempre a escola consegue pontuar com clareza sua função complementar na sociedade.

Frente aos desafios emanados da realidade social, a escola, em muitas ocasiões, torna-se frágil e, na ânsia de ser uma instituição educativa forte e presente, chega a requisitar a família no cumprimento de determinadas atribuições, a fim de efetivar a ação educativa das crianças e dos adolescentes.

Por outro lado, na esfera do ensino superior, temos sentido que o currículo dos cursos de formação de educadores, seja nos cursos de Licenciatura, seja no de Pedagogia, resente-se, em larga escala, de estudos que possam, via de regra, resgatar com adequação e propriedade os liames entre o educador e os pais, ou seja, entre a escola e a família.

Por tais motivos, acreditamos que a educação, em especial a dos adolescentes, merece atenção particular dos pais e dos educadores. É preciso que haja um trabalho conjunto. Tal tarefa poderá acontecer nos espaços da escola, ou na dimensão circunscrita ao próprio lar, mediante o convívio entre pais e filhos. Como resultado dessa preocupação lançamo-nos à construção de um trabalho que reúne pais, sob a modalidade de grupo, no contexto de uma escola.

O desejo é de que a experiência tenha um significado de transformação, mesmo defrontando-se com os desafios trazidos pela cultura e pela sociedade.

Destarte, nosso objetivo assenta-se na idéia de que esse trabalho possa constituir um instrumento para educadores e pais, de modo a ampliar a compreensão das diferentes cenas do drama familiar.



## CAPÍTULO I

### BUSCANDO INTERFACES TEÓRICAS PARA O ESTUDO DA FAMÍLIA

#### 1. FAMÍLIA E SOCIEDADE EM MUDANÇA

*"Também eu olhei a Família  
e não o individuo como o  
verdadeiro elemento social."*

*H. DE BALZAC, Prólogo, 1842.*

A família tem sido tema de estudos e pesquisas na História, nas Ciências Sociais, na Psicologia e, mais recentemente, tem-se constatado o surgimento da terapia familiar. No Brasil esta área ainda é nova, sem tradição institucional e em fase de construção (Bucher, 1989). Mesmo não encontrando maior produção científica, percebe-se que nos últimos anos tem sido bastante difundidos os trabalhos de terapeutas familiares nos diferentes estados brasileiros. O movimento dos terapeutas de família no Brasil cresce e toma contornos mais amplos com a criação, em julho de 1994, da Associação Paulista de Terapeutas de Família.

Fora do campo das psicoterapias, a família tem merecido a atenção não só dos meios acadêmicos, mas também dos meios de comunicação de massa, escolas e igrejas. Enquanto para alguns ela é a principal base da sociedade devendo, portanto, ser preservada a qualquer custo, para outros a família tem sido percebida como uma instituição em transformação, vista, muitas vezes, como o "locus" de intensos conflitos inter-pessoais, podendo gerar, em circunstâncias desfavoráveis, a doença psicológica em qualquer de

seus membros. As limitações e preconceitos também são expressivos quando se trata dos estudos no campo científico.

Embora a família tenha sido considerada objeto de estudos de várias áreas científicas específicas, tal fato não favorece a compreensão integrada de sua complexa realidade. Só mais recentemente tem ocorrido uma tentativa, de caráter interdisciplinar, de estudo da instituição familiar.

Outro ponto importante a ser considerado ao estudar a família refere-se à descontextualização histórica, isto é, abandona-se a idéia de entender a família dentro de um espaço e um tempo. Dessa forma, percebe-se que o padrão familiar de uma determinada época deve ser considerado como resultado do que possa ser produzido pela sociedade, ao invés de ser visto como um padrão universal, comum a qualquer família, independente do lugar em que exista.

Assim sendo, dentro dos estudos sobre família a diversidade de formação dos autores determina a natureza de suas visões e exposições .

Frederich Engels (1987), em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, apresenta os estudos do antropólogo Lewis Henry Morgan o qual introduz uma ordem na pré-história da humanidade. A partir de então, Engels relaciona o aparecimento da família monogâmica ao advento da propriedade privada e de sua transmissão através da herança. A função econômica dá a base material da estrutura familiar dominante; é o nascimento da família burguesa.

Segundo esse autor, a evolução da família ocorreu no sentido da progressiva restrição das possibilidades de intercurso sexual entre os membros de uma comunidade. A família é o "locus" onde se inicia o processo de divisão social do trabalho. Engels aborda a família tendo como ponto de partida a sua inserção nas relações sociais e econômicas. Assim, os estudos em sua obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* são pontos significativos para a compreensão da instituição familiar.

É patente a articulação entre relações econômicas e modo de organização familiar. Contudo, atualmente, esse modelo proposto por Engels

é questionado na medida em que podem ocorrer transformações nas práticas familiares que antecedem mudanças nas relações sociais.

Outro tema significativo nos estudos de Engels, refere-se à questão da ideologia, a qual possibilita a intermediação entre a propriedade privada e a família. Assim, segundo ele, um determinado modo de produção consolida uma ideologia dominante que, por sua vez, vai determinar padrões de conduta para cada pessoa, de acordo com sua posição no conjunto das relações sociais.

Os estudos sobre família de base marxista desenvolveram duas correntes diferentes: de um lado, todos aqueles que buscam na esfera da produção econômica a função primordial da família, relacionando-a, agora não mais à questão exclusiva da transmissão da herança, e sim, à produção doméstica (não capitalista) e à reprodução da força de trabalho; de outro lado, os estudos que incorporam uma orientação psicanalítica que transforma a família em um instrumento de repressão sexual e de educação autoritária.

Nessa perspectiva, o Estado autoritário é representado em toda a família pela figura do pai, o que a transforma em um instrumento de poder do próprio Estado. Assim sendo, a posição autoritária do pai reflete o seu papel político e revela a relação da família com o Estado autoritário.

Adorno, representante mais direto da "Escola de Frankfurt"<sup>1</sup>, autor da *Teoria Crítica*, demarca um momento preciso - a passagem da filosofia social à pesquisa social. Ele, juntamente com Horkheimer, ao se referirem à família, ressaltam que esta surgiu inicialmente como uma relação espontânea e natural, diferenciando-se até chegar à monogamia, o que prova, a partir daí, uma área distinta, que é a das relações privadas.

Segundo os autores acima citados, a família

***não apenas depende da realidade social em suas sucessivas concretizações históricas como também é socialmente mediatizada até em suas estruturas mais íntimas*** (Adorno e Horkheimer, 1973:133).

---

<sup>1</sup> Escola de Frankfurt refere-se simultaneamente a um grupo de intelectuais marxistas e a uma teoria social (FREITAG, Barbara. A Teoria Crítica ontem e hoje. São paulo: Brasiliense, 1990).

Seguindo o raciocínio dos autores, a família estaria submetida a uma dupla dinâmica social. De um lado, o que chamam de crescente socialização (que inclui a "racionalização" e "integração" de todas as relações humanas na sociedade) e, de outro, o desequilíbrio entre o indivíduo e as potências totalitárias da sociedade, intensificando-se de tal forma que o indivíduo é levado a buscar refúgio em pequenos grupos sociais, como é o caso da família.

Outros estudos, como o do historiador francês Philippe Ariès (1981), em sua obra *A História Social da Criança e da Família*, apresentam a evolução dos conceitos da infância e família. Seu trabalho é desenvolvido mediante a análise de iconografia que identifica o surgimento do sentimento de família, a partir do século XV e XVI, sentimento esse que passou a ser expresso de forma mais evidente no século XVII. Várias são as pinturas de cenas de família: temas como a morte, o parto ou mesmo a representação dos interiores das residências, entre outros denotam que esse período é marcado por uma tendência ao estabelecimento da vida privada. Esses aspectos, inclusive, se contrapõem à forma como a família era percebida na Idade Média, época que não existia o sentimento de família; o que existia, na realidade, referia-se ao sentimento da linhagem que caracterizava o aspecto familiar.

No século XVIII, a família permanecia circunscrita a um espaço limitado. A partir da organização da casa, passou também a se defender contra o mundo externo, o que levaria a uma maior intimidade entre os seus membros da família. Esta se reduziria essencialmente aos pais e aos filhos. A intimidade, doravante existente, demarcou o início da vida privada. O sentimento que unia o casal a seus filhos contribuiu para o estabelecimento das características da família burguesa. Philippe Ariès, no entanto, ao referir-se a tal entendimento chama a atenção para o fato de que o *sentimento era novo, mas não a família* (Ariès, 1978 : 222).

O sociólogo Mark Poster (1979), por sua vez, apresenta em seus estudos como se deu a organização interna da família. Analisa o surgimento de quatro tipos de família que se desenvolveram na Europa: a família aristocrática e a família camponesa (dos séculos XVI e XVII), a família proletária e a família burguesa (do século XIX).

As características da família aristocrática encontram-se circunscritas à forma como ela vivia. A aristocracia habitava os castelos que abrigavam a família, os parentes, os dependentes e criados. Esse tipo de habitação dificultava qualquer forma de privacidade, devido à ausência de corredores, levando a circulação das pessoas por todos os cômodos. O casamento constituía um ato político, a linhagem determinava as relações de parentesco, sendo necessária a sua preservação.

Do ponto de vista das relações, estas eram caracterizadas pela rigidez na hierarquia entre as pessoas dentro de casa. Enquanto o trabalho do homem ligava-se à guerra, as funções da mulher relacionavam-se à organização da sua vida social no castelo. A educação dos filhos ficava a cargo dos criados e a amamentação era realizada por amas-de-leite. O aprendizado das crianças era direcionado para a obediência às normas sociais, respeitando a hierarquia existente no contexto social circundante.

Quanto à família camponesa, esta apresentava traços em comum com a família aristocrática. Um exemplo disso refere-se ao alto padrão de natalidade, bem como uma acentuada mortalidade infantil.

No lugar dos castelos da família aristocrática, existia a aldeia que regulava a vida da família camponesa através dos costumes e da tradição. A família, portanto, não constituía um espaço privado. As relações afetivas se estendiam para fora dela. As crianças dependiam mais da comunidade do que dos próprios pais, aprendendo assim a obedecer às normas sociais.

A mãe camponesa educava seus filhos integrando suas ações às que mantinha com a comunidade. Recebia ajuda de parentes, moças mais novas, bem como, de mulheres mais velhas.

A mulher camponesa era extremamente necessária no trabalho do campo, o que determinava o nível de atenção destinado aos próprios filhos .

Tendo em vista o alto grau de dependência da aldeia, a figura dos pais não representava as únicas figuras identificatórias para as crianças. Tal aspecto assemelha-se à educação das crianças na família aristocrática, as quais também recebiam parte do aprendizado com outras famílias, em outras casas.

O fato da família camponesa encontrar-se diretamente voltada para a aldeia, portanto, para fora do próprio núcleo familiar, fazia com que não houvesse valorização da privacidade.

Segundo os estudos de Poster, a família proletária constitui três fases, que vão da sua constituição até a adoção do modelo familiar burguês. Sua formação deu-se na fase inicial de industrialização, em condições de extrema penúria social e econômica.

As características da família proletária apontam, entre outras, as formas das crianças viverem. Por exemplo, ir para a fábrica a partir de 10 anos de idade. Ocorria um alto índice de mortalidade infantil devido às condições sanitárias e de higiene. As crianças tinham acesso direto aos adultos, pois, na maioria das vezes, eram criadas por parentes e vizinhos.

Nesse período, esse tipo de família desenvolvia formas comunitárias de dependência e apoio mútuo, o que constituía um modo de resistir à opressão imposta pelo capitalismo.

A segunda fase da família proletária corresponde à segunda metade do século XIX, coincidindo com o aparecimento de setores mais qualificados da classe operária e a ação de alguns burgueses na melhoria das condições de vida de seus empregados. Nesse período em que ocorre alterações das condições de vida operária, percebe-se uma maior aproximação dos padrões burgueses, no tocante às diferenciações de papéis sexuais, ou seja, a mulher passa a permanecer mais tempo em casa com os filhos.

A terceira fase ocorreu no século XX com a mudança da família operária para os subúrbios. Com isso, começa a existir o afastamento da comunidade com conseqüente rompimento dos vínculos. Essa mudança repercute de forma decisiva no contexto familiar. A mulher, ao se afastar das redes femininas, passou a ficar isolada no lar e o homem, em contrapartida, começou a valorizar a domesticidade e a privacidade. Outro aspecto expressivo de mudanças diz respeito ao sentido que a família dava à educação dos filhos. Esta passa a ser prioridade da família. São nítidas as

modificações no papel da figura paterna, as quais refletem a necessidade de reforço de sua autoridade.

A família burguesa nasceu na Europa em meados do século XVIII trazendo novos padrões de relações familiares que traduziam as necessidades da nova classe dominante. A partir de então começa a haver um fechamento da família em si mesma. Tal mudança se faz sentir na separação entre a residência e o local de trabalho, isto é, entre a vida pública e a vida privada. Outras separações aconteceram, como é o caso da divisão de papéis sexuais. O homem passou a ser o provedor material da casa, com autoridade dominante, enquanto a mulher ficou responsável pela vida doméstica, pela organização da casa e educação dos filhos. Tornou-se totalmente dependente do marido, passando a ser considerada menos capaz e mais emotiva que o homem. Este era considerado livre e autônomo, conforme o ideal burguês. A educação dos filhos passou a constituir o principal objetivo do casamento burguês, mantendo a mãe ocupada, sendo o centro de suas atenções e tensões. Os filhos encontravam-se sob sua total responsabilidade, não sendo permitido à mulher errar em suas funções educativas.

De uma forma geral, a família burguesa modificou-se, pois, novos padrões de higiene passaram a vigorar, impedindo o aumento da mortalidade infantil. As mães cuidavam de seus bebês, amamentando-os com cuidado e higiene.

Mediante tais mudanças a família nuclear burguesa passou a estabelecer novos padrões para a sexualidade. Não mais era permitida a vida sexual da mulher fora do casamento, ocorrendo restrições ao prazer sexual. Este deveria relacionar-se à necessidade de procriação no casamento, que se caracterizava por uma dissociação entre sexualidade e afetividade. A família era um contexto de afeto e não de prazer sexual. Para alcançá-lo o homem buscava as mulheres fora do casamento, sempre as de classe inferior.

## *A Família Brasileira: Da Tradição aos Tempos Modernos*

Para se entender a história da família brasileira (sua organização) é necessário entender o modo como se deu o desenvolvimento político-econômico no país. As diferentes formas pelas quais o território brasileiro foi ocupado, em épocas diversas, apontam os contrastes e avanços da história da família. Uma análise, mesmo que sucinta, da família brasileira não poderia deixar de considerar a história da mulher na nossa sociedade.

As contradições existentes no seio da família, as quais a mulher tem vivenciado, tiveram sua origem no período colonial. Os séculos XVI e XVII, caracterizados por momentos de reviravolta na maneira de acumular riquezas, trouxeram também uma mudança no comportamento humano.

Outros segmentos da sociedade, como o Estado e a Igreja, tentaram influenciar a mulher no tocante à utilização do seu próprio corpo, induzindo-a a colocar o seu útero a serviço do povoamento da colônia sendo, para isso, necessário "domesticá-la".

O cenário da época apresentava a família com muitos filhos ilegítimos, mestiços em geral. As mulheres eram capazes de criar, sob o mesmo teto, os filhos bastardos de seus maridos e seus próprios filhos. Existia um tipo de maternidade que era mais afetiva do que biológica.

O Estado começa a ver toda essa população como perigosa, como uma população de marginais em potencial. O casamento é visto como solução. A partir de então, estabelece-se a distinção entre a mulher, como é denominada pela historiadora Mary Del Priori (1988), "Santa Mãezinha" e a "prostituta". A primeira é aquela que cuida dos filhos, voltada para as atividades domésticas; a segunda é o oposto: aquela cujos instintos não foram normatizados.

Até o final do século XVIII, as prostitutas ganhavam a vida através de seu corpo, mas mantinham suas casas, seus filhos, companheiros adoentados, pais velhos. Enquanto na Europa a prostituta funcionava como iniciadora da vida sexual, para evitar que os homens engravidassem as



senhoras casadas e moças, no Brasil a prostituição se confundia com o concubinato, porque a maior parte das prostitutas tinha companheiros e filhos. A Igreja tinha interesse de acabar como o concubinato, substituindo-o pelo sacramento do matrimônio, comum apenas entre as elites da colônia.

No estudo historiográfico de Mariza Corrêa *Repensando a família patriarcal brasileira* (1993), a autora faz um redimensionamento da posição das famílias de elite na sociedade do passado, chamando a atenção para a existência de outros segmentos sociais diferentes da família patriarcal. Mariza Corrêa levanta um questionamento acerca das abordagens apresentadas por Gilberto Freyre (*Casa grande e Senzala*) e o ensaio de Antônio Cândido ("The Brazilian Family"). Segundo a autora, tanto um quanto o outro vêem uma homogeneização histórica : a economia açucareira pernambucana dos séculos XVI e XVII e a plantação de café dos séculos XVIII e XIX transformam-se em matriz da sociedade colonial inteira do século XVI ao século XIX. No dizer de Mariza Corrêa: *Uma revisão rápida de nossa história bastaria para lembrar que a ocupação do espaço social, a distribuição do trabalho agrário nas terras brasileiras, por um lado, e o controle dos lucros desse trabalho por outro (produção e circulação de mercadorias), são elementos muito complexos para serem colocados inteiros dentro do engenho, ou nas mãos do bandeirante* (Corrêa, 1993 : 20).

Na era colonial, principalmente no período que compreendia a permanência da corte portuguesa no Brasil, ou seja, no início do século XIX, desenvolveu-se uma oposição entre o Estado Colonial e a família senhorial brasileira. Foi a partir da Independência, e principalmente após a Abdicação, que a economia brasileira passou a ter os seus rumos pautados pelos interesses do capitalismo europeu. A nova situação exigia uma mudança no Estado; este, por sua vez, necessitava da colaboração efetiva da família a fim de preparar cidadãos patriotas que servissem à nação, devendo assim serem iniciados em tal preparação desde a mais tenra idade. E o agente utilizado para atender a essa transformação foi a higiene, que vinha redimensionar o papel do médico, até então com pouco *status* social e poder. A medicina ocupa os espaços onde o Estado não podia legislar. A família, passível de normas, desenvolvia uma nova ideologia compatível com os interesses sociais.

O controle da medicina ocorria desde a ação higienista, que combatia a arquitetura das habitações, até às normas que estabeleciam formas de vestir, hábitos higiênicos e alimentares. A medicina, através dessas normas, introduziu-se na família trazendo a valorização das crianças e das mulheres.

A criança, até então vista apenas como uma coisa, ocupa, a partir daí, um lugar de destaque, sendo o centro das atenções, necessitando de cuidados. Passa a representar o futuro da família e da sociedade. A mulher, também percebida de forma diferente, é tida como a responsável pela formação desse futuro.

A higiene atinge o relacionamento conjugal, introduzindo normas (o casamento tornou-se uma instituição higiênica). Novos critérios foram adotados no momento da escolha do cônjuge. O direito de escolha, por parte das filhas, era algo novo que se contrapunha ao direito de escolha na família colonial, restrito apenas ao pai. A nova esposa passou, então, a ter novas responsabilidades dentro da família. Assumiu um novo papel cuja função principal era o de ser mãe, cuidando da educação dos filhos, os novos cidadãos. Em outras palavras, pode-se dizer que a mãe passou a ser o principal agente da ideologia da família. As mudanças no papel da mãe e do pai foram bastante significativas, deixando, este último, de ser o senhor absoluto.

A citação de Jurandir F. Costa, em seu livro *Ordem Médica e Norma Familiar* (1979), bem ilustra a referência do parágrafo anterior:

*O homem citadino, mesmo quando era grande proprietário, incorporou a seu universo sócio-mental os valores urbanos burgueses como apreço pelo trabalho; a admiração pela competência profissional; o estímulo ao espírito de competência; o gosto pela cultura artística e pelo conhecimento científico; o cultivo da aparência física; a busca do equilíbrio e da contenção moral, etc. Renunciava, assim, a antigas prerrogativas de poder. Recorria, cada vez menos, à força física e à violência crua como meios de afirmação sobre o ambiente social e valia-se, cada vez mais, da diplomacia dos hábitos, estratégias mais adequadas aos padrões na nova cidade. Dispensava, pouco a pouco, a força mítica do passado religioso - familiar para apoiar-se na racionalidade secularizada, quando procurava impor seus interesses. Enfim,*

***reduzia de modo significativo o antigo mandonismo despótico sobre a mulher, crianças, escravos e agregados, adotando uma política mais flexível de delegação de poderes e divisão do comando familiar. O grande senhor colonial morreu mesmo onde continua existindo o grande proprietário*** (Costa, 1979 : 249-250).

Essa revolução nos valores reflete toda uma ideologia familiar que vê nos filhos o objetivo principal do casamento. O homem perde o poder absoluto mas, em contrapartida, adquire o reconhecimento da ideologia machista cancelada pelos conceitos médicos que o colocam como um ser mais racional, sensível e inteligente.

Trabalhos interessantes são encontrados na literatura sobre o tema - família brasileira - como é o exemplo do texto de Maria Angela D'incao, intitulado ***O amor romântico e a família burguesa*** (1989). Segundo a autora haveria, no decorrer do século XIX, ***uma mudança na sensibilidade em relação ao que se chama ora de amor, ora de sexualidade*** (1989 :61).

Ao refletir sobre as relações entre amor e família no Brasil, a autora recorre a algumas obras literárias, que retratam com fidedignidade as mudanças ocorridas na dinâmica familiar. Cita o romance de Manoel Antônio de Almeida - ***Memórias de um Sargento de Milícias***. A narrativa contida nesta obra retrata a possibilidade de maior aproximação entre as pessoas de classes populares. Sobre a obra de Joaquim M. de Macedo, ***A Moreninha***, a autora faz alusão ao amor moderno. As descrições sobre o amor evidenciam, segundo sua análise, ***uma atitude de amor mais semelhante a um estado de alma do que à aproximação física*** (D'incao, 1989 : 64).

É importante verificar, pois, que a história, trazida pelos historiadores, cronistas e viajantes, apresenta com clareza que a mulher, candidata ao casamento, era muito bem cuidada e guardada em sua casa. O casamento envolvia uma aliança política e econômica. Era necessário, inclusive, ter a garantia da virgindade da noiva; sob sua responsabilidade estava um sistema de herança, de propriedade que, por sua vez, era a garantia da linhagem.

Outros estudos apontam para a imensa diversidade de composição familiar no nosso país. Isso leva, indubitavelmente, à necessidade de novos

estudos e revisão da família brasileira. Tal revisão teve um marco importante na década de 70, período em que ocorreram novas pesquisas sobre o tema. Foi exatamente nessa década que o país viveu uma época de valorização de ascensão social e bens materiais. A classe média urbana brasileira, "negava" a existência de perseguição, de torturas e de desaparecimento de opositores políticos. Ocorria a prevalência do intimismo, ou seja, o privado prevalecia, chegando a ser repudiado tudo que era público, coletivo.

Ao lado desse intimismo, havia também o fortalecimento do familiarismo, ocasião em que se intensifica a importância da família. Esta deveria estar bem estruturada a fim de poder agir da melhor forma possível, frente às vicissitudes do mundo.

Nessa época, produziu-se a chamada "crise da família moderna". Surgiu, então, a necessidade de especialistas "psi" para tratá-la. Era preciso atender os filhos desta "família em crise ."

Enquanto na década de 40 ocorria uma prevalência do atendimento às chamadas "crianças problemas", na década de 70 o foco se desloca para a família.

Não é de se estranhar que, a partir daí, houvesse a produção de duas categorias de acusação: o drogado e o subversivo. Pensava -se que algo ocorria com a família, fazendo com que seus filhos se transformassem em *hippies* e/ou militantes. A família, portanto, precisava de especialistas para cuidar dela e de seus filhos. A citação de Donzelot (1986: 201-202) ilustra bem esse aspecto :

*A família tornava-se consumidora ávida de tudo que possa ajudá-la a realizar-se ... Proibido inquietar o filho, dizem os psicólogos. Não o deixe ficar sem fazer nada, replicam os professores. Ele é ansioso, portanto estuda mal, observa o psiquiatra. Os pais se curvam diante disso: se o filho fica ansioso é culpa deles. Ele não está motivado: descubrem os sociólogos. Desmotivado ! ... Os pais se inquietam : tinham fracassado. Haverá tempo para corrigir? Não lhe meta medo, dizem uns. Faça-o compreender que a vida é uma luta, dizem outros. Protegei-o ordenam. Deixe-o expor-se senão se tornará um farrapo. Proibido*

***traumatizá-lo, projetar nele os próprios sonhos. Proibido renunciar e tomar iniciativas.***

Na década de 70 existiu uma enfática “psicologização” da vida social, do cotidiano; os acontecimentos são interpretados segundo o prisma psicológico-existencial. Os conflitos ligam-se muito mais às questões individuais, existenciais do que às questões políticas.

Também é na década de 70 que se dá o surgimento de outras práticas psicoterápicas distintas da psicanálise, até então hegemônica. A primeira delas foi o psicodrama que trazia um discurso e uma prática diferentes da psicanálise. A excessiva abordagem individual cede lugar ao tratamento em grupo. O processo de mudanças atinge, portanto, áreas do conhecimento, a sociedade em suas diversas classes sociais e a família.

Sérvulo Figueira (1987), ao estudar as camadas médias no Brasil, refere a existência de duas dimensões em termos de ideários que geram “mapas” distintos, isto é, os ideais de família hierárquica e de família igualitária.

A “família hierárquica” existente na década de 50 mostrava-se relativamente organizada. É neste modelo de família que homem e mulher se percebem diferentes, mediante os comportamentos que expressam suas diferenças. O homem apresenta-se superior à mulher, tendo como causa principal a relação que mantém com o trabalho fora de casa. Outro ponto que demarca esse tipo de estrutura familiar refere-se à relação dos pais com os filhos. Tal relação é marcada pela idéia de “diferenças intrínsecas.” O adulto é diferente da criança, encontra-se numa posição de quem sabe mais e deve demonstrá-lo no exercício legítimo da disciplina. A mãe veste-se de forma diferente da filha e usa uma linguagem que deixa nítida a diferença entre ela, pessoa madura, mãe, mais velha e sua filha, mais jovem, adolescente.

As desigualdades provenientes das diferenças de privilégios dentro do contexto familiar, atingindo seus membros, na realidade, só foram questionadas anos depois.

Com o processo de modernização, o ideal de família que repercutia na sua estrutura interna foi abandonado, dando lugar à idéia do "igualitarismo". Nasce, portanto, a idéia de que homem e mulher se percebem como diferentes do ponto de vista da pessoa, com aspectos idiossincráticos, mas são iguais, enquanto indivíduos. A partir daí desaparecem os sinais estereotipados das diferenças entre o homem e a mulher. Essas diferenças são entendidas como expressão do gosto pessoal.

Como exemplo do ideário igualitário citamos o depoimento de uma mãe de 43 anos: "minha filha fala comigo como se fosse igual a mim. Acha que tem os mesmos direitos que a gente tem."

Apesar de todos essas modificações, percebe-se que os ideais de família/hierárquica não se encontram representados apenas no universo das gerações mais velhas, da mesma forma que os ideais igualitários estariam circunscritos apenas às gerações mais novas. As transformações que ocorrem na família, construídas entre as gerações, demonstram a coexistência do hierárquico e do igualitário, do moderno e do arcaico como padrões de socialização.

Na análise de Figueira não existiria uma "nova família brasileira". O autor declara: *no momento, o moderno convive com o arcaico na família brasileira de modos sutis e complexos que só recentemente começaram a ser estudados* (1987: 29). O processo de modernização da família, orientado pelos ideais igualitários constrói-se, portanto, a partir dos conteúdos hierárquicos.

Os ideais igualitários de família, carregados pela noção de autonomia e individualidade, convivem com a necessidade social de dependência de seus membros. Nesse sentido Vitale refere: *a moralidade familiar inscreve-se na convivência destas duas dimensões. A família de camada média move-se em uma trama de ambigüidades* (1995: 92).

Dessa forma, mudanças que transcorrem rapidamente nos papéis sociais passaram a exigir transformações de valores. Isto quer dizer que certos valores passados pelas gerações parentais podem se tornar inoperantes e que nem tudo aquilo que foi transmitido pode ser re-significado pelas gerações novas.

### *E a Família na Atualidade?*

Clemencia Sarquis, em seu artigo "La familia: dimensiones y predicciones de su futuro", afirma que as Nações Unidas apontam como funções da família **desenvolver e socializar seus filhos, oferecendo cuidados, amor, alimentação, satisfação das necessidades e um meio intelectual, emocional e interpessoal adequado para favorecer o bem estar psico-social** (1993 : 25).

O que se percebe é que todas essas funções, tarefas e responsabilidades vêm se transformando devido a vários fatores, tais como: os avanços tecnológicos, a modernização, a industrialização e o contexto circundante que imprimem características peculiares à família de nossos dias. Não vai muito longe a época em que era atribuição exclusiva da família a educação de seus filhos. Como se pode perceber, a revolução industrial trouxe modificações significativas no seio da família; o trabalho pago, nas fábricas repercutiu no lar, impingindo novas formas de troca nas relações. Surgem diversos conflitos entre a autoridade patriarcal e os modelos mais liberais e igualitários. Em consequência, também se percebe alteração no papel do homem e da mulher. A família surge, assim, como instituição em crise, sofrendo as vicissitudes do momento histórico-social. Na realidade, não se pode pensar ainda na superação do modelo familiar burguês. O padrão dominante de família continua mantendo sua função de reprodutora da ideologia. Os padrões familiares permanecem fortemente pautando as condutas de seus filhos, embora saibamos que tal controle encontra-se atenuado pelo fato dos pais não permanecerem todo o seu tempo ao lado dos mesmos, em função da necessidade de produção econômica. Tais mudanças repercutem fortemente no contexto familiar. Os filhos perderam os espaços do quintal de suas casas, viram-se, muitas vezes, afastados do convívio dos avós e primos, tendo que ir muito cedo para a escola, ou brincam nas áreas reduzidas e coletivas de seus prédios.

Com os avanços que determinaram mudanças significativas no papel do homem, este pode abdicar do papel de "todo-poderoso", dividindo com a

esposa a função de provedor da casa; a família ficou mais igualitária, conseqüentemente mais instável. Se, por um lado, as possibilidades de negociação têm aumentado no contexto familiar, por outro, os conflitos surgem com mais evidência, uma vez que cada um pretende fazer prevalecer sua vontade.

Assim, o que antes não se discutia tornou-se questionável, incluindo-se, além do papel do homem e da mulher na família, a questão da educação dos filhos. Nessa transição, foram-se as antigas certezas, dando lugar a um sentimento de insegurança com relação às questões da educação, tal como o estabelecimento de limites.

A família burguesa, consolidada no passado, mantém até hoje sua força de atuação, fazendo com que os seus membros sejam fiscais uns dos outros e de si mesmos, favorecendo a instalação de um sentimento de culpa, ocasionado pelo possível cumprimento e/ou transgressão de normas introjetadas no seio familiar. Tais normas são, desde cedo, impostas pelos pais no desempenho de seu papel. Ao filho cabe desempenhar, pois, o papel de filho que reúne uma série de atitudes próprias de sua condição: ser obediente e submeter-se, como sinônimo de amor, aos pais.

As diversas abordagens teóricas mostram-nos, então, que a família vem sofrendo transformações, provocadas indubitavelmente pelas condições sócio-econômicas. Como estrutura básica, estabelece uma interrelação com a cultura e a sociedade.

Percebe-se portanto, que, com o desenvolvimento da sociedade, a moderna civilização industrial impõe ao homem duas exigências conflitantes: a capacidade de desenvolver habilidades altamente especializadas e a capacidade de adaptação imediata a uma situação sócio-econômica constantemente em mudança. Dentro desse processo, a família tem passado por modificações que correspondem às alterações impostas pela própria sociedade. Não raro, a família tem assumido ou renunciado à função de proteção psicossocial de seus membros e, até, à sua educação em resposta às necessidades da cultura.

A sociedade industrial urbana, com o passar do tempo, cada vez mais, vem se introduzindo de forma decisiva na família, assumindo funções que,



antes, eram consideradas seus deveres. Exemplo disso é o papel da escola na educação dos filhos, bem como a educação pelos meios de comunicação de massa e pelos companheiros.

As constantes afirmações de que a família vive um momento de *crise* levam-nos a pensar essa instituição não mais como imutável e imune a transformações. A estrutura familiar altera-se. Existe uma ligação direta entre o mundo interno da família e suas experiências externas .

Os padrões de comunicação muitas vezes são estruturados de forma rígida, criando dificuldades entre os subsistemas do complexo familiar, como por exemplo entre os subsistemas pais-filhos, com especial destaque na fase da família com filhos adolescentes.

As famílias brasileiras têm passado por diversas mudanças no início dos anos 90, refletindo o processo de modernidade que caracteriza o Brasil. Não só ocorre a tendência à diminuição no tamanho da família, bem como é perceptível uma grande diversidade nos arranjos domésticos e familiares. Passou-se a perceber cada vez mais os adultos vivendo só e a existência de famílias monoparentais. Cresceu o número de famílias reconstituídas, como resultado do aumento do número de separação, divórcio e recasamento.

Em meio às desigualdade econômicas, como bem aponta a professora da UNICAMP e pesquisadora dos Núcleos de População e de Relações de Gênero da UNICAMP, Ana Maria Goldani, em seu artigo *As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas*, na década de 80 a sociedade brasileira *é marcada por um aprofundamento das desigualdades sociais. O perfil estatístico das mudanças mostra que a população está mais educada e tem residência com mais infra estrutura, mas está cada vez mais pobre* (1994:8). Como forma de reação à condição de vida precária e como resposta aos serviços prestados pelo Estado, que na realidade não chega a ajudar as classes populares, surge um movimento, cujas dimensões parecem ampliar-se através de redes de solidariedade, que vão muito além dos laços de parentesco.

Segundo a autora supra citada, *dentre as estratégias da população brasileira para enfrentar a crise, talvez a mais dramática tenha sido justamente a de adiar ou cancelar os projetos de formação de novas*

*famílias, bem como a expansão das já existentes* (1994:8). Não só foi necessária a diminuição do tamanho da família, mas cresceu o número de pessoas no mercado de trabalho, como forma de contribuir para o orçamento familiar.

Dados interessantes apontam para o aumento da população no Brasil nas últimas três décadas (Goldani, 1994). Também percebe-se a mudança do país, de rural para urbano, ou seja, a predominância da população residindo em áreas urbanas. Tudo isso acarretou modificações na taxa de fecundidade. Tal aspecto traz como consequência as possibilidades de se passar mais tempo como membro de uma família, quer seja a primeira ou segunda; quer seja no papel de pai ou de mãe; de padrasto ou madrasta, filhos, esposos, avós, etc. Ocorre uma verdadeira revolução nos parâmetros da longevidade, que propiciaria a superposição de papéis. Além disso, levaria a convivência de diferentes gerações com consequente redefinição dos papéis e padrões de relacionamento dentro do contexto familiar.

Continuando ainda nessa linha que aponta as mudanças vividas pela família brasileira, encontramos dificuldades em determinadas classes sociais, quando da existência de conflitos entre os papéis de pais, esposos e o papel profissional. Isso levaria as mulheres a terem filhos mais tarde, menos filhos ou até a chegarem à opção de não ter filhos.

Por outro lado, em camadas sociais menos favorecidas da população, cresce o número de famílias chefiadas por mulheres. Também aumentam o desemprego, má nutrição, maior número de filhos no período de adolescência, falta de dinheiro, pouca opção de lazer, fazendo com que o ciclo de vida dessas famílias seja caracterizado por crises (Macedo, 1994).

As mudanças decorrentes das circunstâncias históricas, das características sociais e econômicas imprimem à família brasileira novas formas de relacionamento no contexto familiar, na autoridade paterna e na divisão de atribuições familiares. Contudo, tais aspectos, necessariamente, não podem ser encarados como fatores desencadeantes de problemas. Há de se pensar que os novos arranjos experimentados pelos membros da família podem conter um caráter de evolução, repercutindo no seu ciclo de vida. A família não deve, pois, ser vista como uma instituição em crise, como tal, patológica e estática.

A partir desses estudos assumimos a proposta de que é preciso perceber a família como sendo capaz de encontrar alternativas possíveis para enfrentar os diversos fatores estressante que, sem dúvida, constituem crises previsíveis. É fundamental pensar a família como sendo capaz de resgatar, mesmo “vestindo nova roupagem”, suas funções. É preciso acreditar que o afeto seja suficiente e a faça suportar os mais angustiantes desejos de seus filhos, bem como abrigar, com prazer, seus membros, independente da fase de vida em que estes se encontrem. É preciso acreditar na família como "locus" de relações sociais específicas, sendo boa o suficiente para imprimir em seus filhos o sentimento de pertencimento, permanecendo a matriz de identidade do indivíduo.

## 2. A FAMÍLIA COMO SISTEMA

*"Todas as partes de um organismo formam um circuito. Portanto, toda parte é começo e fim"*

*Hipócrates.*

O enfoque que será dado nesta parte justifica-se pelo desejo de desenvolver um caminho fundado na concepção sistêmica da família.

Ludwing Von Bertalanffy, biólogo, apresentou ao mundo a sua revolucionária “teoria geral dos sistemas”, em 1937, na Universidade de Chicago, trazendo repercussões significativas em várias ciências. Contudo, foi apenas após a Segunda Grande Guerra que o mundo conheceu as primeiras publicações acerca do assunto.

Os esquemas teóricos da Teoria Geral dos Sistemas (T.G.S.) de Bertalanffy são utilizados para a compreensão das leis que regulam os sistemas vivos porque propõem uma visão global, não redutiva, de uma realidade complexa em casos de sistemas ultra complexos. Esse autor estabeleceu um marco decisivo em favor da inovação do conhecimento científico. Como biólogo criou a T.G.S. na busca de respostas para a biologia, abandonando a visão mecanicista da época. A sua tese central supõe a ilegitimidade de um conhecimento que reduz o todo à soma de suas partes. Propõe, assim, uma nova abordagem, na qual são consideradas as partes de um todo, suas inter-relações e seus atributos.

Segundo o referido autor, o *sistema é um conjunto de elementos interdependentes, ou um todo organizado, ou partes que interagem formando um todo unitário e complexo* (1977:152).

Bertalanffy foi reconhecido como pioneiro ao defender a visão organística da biologia e o papel da simbologia na interpretação da experiência humana. As suas idéias apresentam uma nova concepção do

mundo. Tal influência atingiu diversas ciências, trazendo a constatação de que há problemas e concepções semelhantes, embora oriundas de campos diferentes. É necessário, portanto, uma concepção holística do homem. Tal proposição estabelece uma nova concepção não só do homem, da vida e da psique. Sendo assim, a palavra sistema passou a fazer parte de todos os campos da ciência, sendo utilizada nos meios de comunicação, passando a fazer parte inclusive do pensamento popular. Surgiram profissões e empregos recebendo nomes de projetos de sistemas, análise de sistemas, engenharia de sistemas. A tecnologia avança: pensa-se em termo de "sistemas" e não apenas em máquinas isoladas.

Pelo fato da ciência encontrar-se dividida em diversas disciplinas, o físico, o biólogo, o psicólogo e o cientista social acham-se fechados em seus universos. A evolução da ciência moderna traz uma nova constatação: há problemas e concepções semelhantes embora oriundas de campos diferentes. Faz-se necessário estudar não somente partes e processos isoladamente, mas também resolver os problemas encontrados na organização e na ordem que os unifica, resultante da interação dinâmica das partes, tornando o comportamento destas diferente de quando as estudamos isoladamente.

Segundo Bertalanffy (1977) os sistemas podem ser abertos ou fechados, no que se relaciona à troca com ambientes externos. O sistema aberto apresenta a capacidade de alterar sua estrutura interna, incorporando novas informações, bem como de adaptar-se às mudanças do ambiente externo. O sistema fechado, por sua vez, é isolado e não permite troca com o ambiente externo.

Os progressos da T.G.S. levaram as ciências a novos princípios e concepções. As noções de "equilíbrio", "homeostase", "retroação", "esforço", embora de origem da tecnologia ou fisiologia, passam a ser aplicadas aos fenômenos psicológicos. A partir de então, Bertalanffy (1977) propõe uma reorientação à ciência psicológica, acarretando significativas mudanças na medicina e na psicologia.

Ao referir-se à situação da psicologia no mundo atual, ele a percebeu como uma psicologia ainda mecanicista, do homem "modelo robô", cuja explicação do comportamento apoia-se no esquema estímulo-resposta

(E-R), o qual deixa de fora uma grande parte do comportamento humano, que é a expressão de atividades espontâneas.

A partir de então, na psicologia, tanto os aspectos teóricos quanto os das práticas terapêuticas, apontam o homem como um sistema de personalidade ativa. A psicologia afasta-se, portanto, das concepções das escolas clássicas para encontrar as teorias de derivação cibernética que contribuirão para uma estrutura conceitual mais abrangente da psicologia normal e patológica. Assim, no que tange à psicopatologia, a disfunção mental é uma perturbação de um sistema, muito mais do que a perda de funções isoladas. Um sistema de doença mental é a danificação da espontaneidade. A pessoa torna-se cada vez mais um autômato, ou seja, uma máquina E-R. Este novo conceito de saúde mental veio influenciar decisivamente os estudos sobre esquizofrenia, fornecendo, portanto, subsídios para a passagem do conceito linear de saúde para o circular, sistêmico.

A concepção sistêmica, trazendo a noção de circularidade entre os elementos da família e do social, revela que cada um tem seu papel e responsabilidade na manutenção da dinâmica familiar e, conseqüentemente, na saúde mental de seus membros.

A partir de tais afirmações, Bertalanffy (1977) provoca mudanças no tratamento do indivíduo dentro do contexto familiar. Vários termos cunhados da T.G.S. chegaram à terapia familiar estabelecendo um novo padrão, uma realidade diferente. Assim, no campo da terapia familiar, as idéias provenientes da cibernética produziram questionamentos fundamentais sobre vários pressupostos epistemológicos, terapêuticos e de diagnósticos. Enfoca o relacionamento da pessoa e seu sistema familiar. Nessa concepção a família é entendida como um sistema. Segundo a nova epistemologia, é vista como um "sistema aberto", onde seus membros interagem entre si através de um movimento simultâneo com os sistemas extrafamiliares.

O novo enfoque sobre a família levou os estudiosos do assunto a utilizarem novos métodos de análise e compreensão dos problemas emocionais, passando a ter relevância os princípios da T.G.S., tais como: equifinalidade, totalidade e retroalimentação. Estes princípios, inerentes aos

sistemas abertos, passam a tratar sob uma nova ótica interacional os problemas que eram estudados individualmente.

Segundo Bertalanffy, citado em Lacette M. Lehen, *o estado constante dos sistemas abertos é caracterizado pelos princípios de eqüifinalidade, isto é, um contraste com os estados de eqüilíbrio nos sistemas fechados, que são determinados por condições iniciais. O sistema aberto pode atingir um estado independente do tempo, independente das condições iniciais e determinado apenas pelos parâmetro do sistema* (1991:7).

Com base no modelo sistêmico, Watzlawick e colaboradores discorrem sobre o princípio da globalidade referindo que *toda e qualquer parte de um sistema está relacionada de tal modo com as demais partes que uma mudança numa delas provocará mudança em todas as partes e, conseqüentemente, no sistema total. Isto é, um sistema comporta-se não como um simples conjunto de elementos independentes, mas como um todo coeso e inseparável* (1973 : 112).

Watzlawick et ali ao considerarem a retroalimentação como *um adequado modelo causal para uma terapia de sistemas interacionais, esclarece que o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo comportamento de cada uma das outras pessoas do grupo, como um circuito de retroalimentação, que se unem através de uma relação circular* (1973 : 115). Dessa forma, as partes de um sistema estão unidas através de uma relação circular. A retroalimentação e a circularidade são o modelo causal para a teoria do sistema familiar. Essa nova epistemologia traz um conhecimento novo que se opõe à idéia de causalidade linear.

No estudo das propriedades dos sistemas abertos, a família é vista como um sistema complexo e dinâmico em interação com os seus membros e com o meio onde está inserida.

A explicação sistêmica da família veio enriquecer a compreensão psicológica do indivíduo em função de situá-lo em seu meio, de forma exclusiva e participante.

Sendo a família um sistema, estabelece normas de funcionamento para manter sua existência e corresponder às exigências sociais, bem como às próprias pressões internas.

Como resultado de toda a transformação que se operou no pensamento científico, com a mudança da concepção de homem, da vida, da saúde, da psique, da família, surgiram novos trabalhos sobre esquizofrenia, como os do grupo de Palo Alto, reforçando a passagem do conceito linear de saúde para o circular, sistêmico.

Gregory Bateson e seus colaboradores, no ano de 1952, ao estudarem os esquizofrênicos e sua família, passaram a perceber o grupo familiar sob nova ótica: não mais como um conjunto de indivíduos, mas como uma entidade, uma totalidade com estrutura específica.

Surgiram então, novos avanços no entendimento da dinâmica familiar: o sistema familiar caracteriza-se pela inter-relação de influências. Assim sendo, não existiria uma mãe esquizofrenogênica, nem tampouco um filho esquizofrenogênico, mas na realidade existiriam padrões característicos de relações patológicas, que levariam ao desenvolvimento de uma patologia em um de seus membros.

Em decorrência desses estudos, novas concepções foram surgindo, como é o caso da concepção da influência social e da interação familiar associando-se à doença mental. Assim, passou a existir uma nova concepção psicológica. Trata-se da visão sistêmica da saúde mental.

Maria Rita D'Angelo Seixas refere que *a concepção sistêmica nos enriquece com a percepção de uma circularidade entre os elementos da família e do social, mostrando que cada um tem seu próprio papel e responsabilidade na manutenção da dinâmica social e familiar atual e, por conseguinte, na saúde ou doença mental de seus membros* (1992: 16).

A teoria sistêmica, ao longo dos anos, vem atraindo inúmeros adeptos ao seu modelo. Atualmente existem diversas abordagens que refletem posicionamentos diferentes. Apesar das escolas não divergirem em termos do corpo teórico, cada uma prioriza formulações específicas.



Neste trabalho não será privilegiada nenhuma abordagem em particular, contudo, enfatizaremos alguns autores que, segundo nossa percepção, melhor embasam as discussões.

Minuchin, principal representante da terapia familiar estrutural, afirma: *um esquema baseado na compreensão da família como um sistema, operando em contextos sociais específicos, tem três comportamentos. Primeiro, a estrutura da família é a de um sistema sócio-cultural aberto em transformação. Segundo, a família passa por um desenvolvimento, atravessando certo número de estágios que requerem estruturação. Terceiro, a família se adapta a circunstâncias modificadas, de maneira a conter a continuidade e a intensificar o crescimento psicossocial de cada membro* (1982 : 56). Acrescenta ainda: *a estrutura familiar é o conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros das famílias interagem* (1982:57).

Segundo o mesmo autor a família é um sistema que funciona mediante padrões transacionais. É dele a noção de que a família leva a cabo suas funções através de subsistemas.

### ***Os Subsistemas Familiares***

O sistema familiar é formado por subsistemas, através dos quais cumpre as finalidades de contenção e diferenciação de seus integrantes. Os indivíduos são, portanto, subsistemas dentro de uma família. Consideramos subsistemas díades tais como, esposo-esposa, mãe-filho etc. Os subsistemas podem ser formados mediante critérios de hierarquia, sexo, interesse ou função.

Minuchin refere: *cada indivíduo pertence a diferentes subsistemas, nos quais tem diferentes níveis de poder e onde aprende habilidades diferenciadas. Um homem pode ser um filho, um sobrinho, um irmão mais velho, um irmão mais novo, um marido, um pai e assim por diante. Em diferentes subsistemas, ele ingressa em diferentes relações complementares* (1982:58). Cada membro da família age de forma

peculiar, distinguindo-se dos outros. Aprende mediante a relação interpessoal a discernir "quem sou eu e quem é a família".

Cada subsistema é regido por regras próprias que se integram às de outros subsistemas pela complementaridade entre um e outro, pela obediência a regras homogêneas que valem para todos.

Ao estudarmos a noção de subsistema encontramos o conceito de fronteiras desenvolvido por Minuchin (1982). Segundo ele, as fronteiras de um subsistema são as regras que definem quem participa, qual o grau de poder e quais as expectativas de papel ou função. As fronteiras podem ser:

- . Nítidas\_\_\_\_\_ (Quando os membros do sistema familiar usam regras claras de funcionamento intra e inter-sistemas.)
- . Difusas..... (Quando os membros do sistema familiar utilizam regras inter e intra-sistêmicas pouco claras.)
- . Rígidas\_\_\_\_\_ (Quando os membros do sistema familiar utilizam regras inflexíveis inter e intra-sistemas.)

Minuchin afirma que *todas as famílias são concebidas como incidindo em algum lugar ao longo de um continuum, cujos pólos são os dois extremos de fronteiras difusas e excessivamente rígidas. A maioria das famílias encontra-se dentro dos amplos limites normais.* A figura a seguir ilustra os tipos de fronteiras (1982 : 59).



Para o funcionamento adequado da família, as fronteiras dos subsistemas devem ser nítidas, ou seja, as fronteiras devem ser definidas de forma que possibilitem aos membros da família levarem a cabo as suas funções sem interferência indevida.

Já no caso das fronteiras difusas ou emaranhadas, ocorrerá prejuízo ao grupo familiar, em função de que o sentimento de pertencimento requer

uma máxima renúncia de autonomia. No caso das famílias com fronteiras desligadas, os membros podem funcionar autonomamente, mas existe um sentido distorcido de independência. Percebe-se a carência de sentimento de lealdade e de pertencimento.

Todos esses conceitos não podem ser considerados de forma rigorosa sem levar em conta o ciclo de vida familiar. Há períodos como, por exemplo, o período em que os filhos tornam-se adolescentes, com crescente necessidade de separação dos pais, em que a fronteira nítida entre o subsistema pais e filhos pode ser considerada normal.

Minuchin (1982) elaborou a descrição das funções de cada subsistema que ajuda a compreender melhor o relacionamento entre eles. Estes são :

Subsistema conjugal - é o primeiro subsistema descrito. É formado quando dois adultos de sexo oposto se unem com o propósito de construir uma família. Esse subsistema possui tarefas ou funções específicas, necessárias para o funcionamento da família. Tais tarefas são possíveis mediante habilidades, tais como, complementariedade e acomodação mútua. Isto é, o casal deve desenvolver padrões de complementariedade, o que possibilita a cada um "entregar-se" sem, contudo, sentir que está "renunciando".

O subsistema conjugal deve criar uma fronteira protetora da interferência de outros sistemas como, por exemplo, o dos filhos ou de outros parentes. O casal deve constituir um espaço psicossocial próprio, onde cada cônjuge possa dar apoio emocional ao outro.

Subsistema parental - surge a partir do nascimento do primeiro filho, momento importante pois aí se inicia a diferenciação do subsistema conjugal. Nesse momento, uma fronteira deve ser construída de modo a permitir o acesso dos filhos aos outros subsistemas, excluindo-os, contudo, das funções conjugais.

Ao subsistema parental compete as funções de nutrir, guiar, socializar, controlar e exercer o poder sobre os filhos de maneira diferenciada, dependendo da fase de desenvolvimento dos mesmos. Na fase

com filhos adolescentes começam a acontecer exigências, como é o caso da autonomia por eles tão desejada.

Subsistema fraterno - é chamado por Minuchin de primeiro laboratório social, no qual os irmãos podem experienciar situações mediante as relações que estabelecem com iguais. Eles aprendem a negociar, cooperar, competir, reconhecer suas habilidades e a dos outros. Aprendem como fazer amigos e aliados, como ter prestígio e como conseguir o reconhecimento de suas habilidades. As posições que assumem no subgrupo fraternal podem ser extremamente significativas ao longo de sua existência.

### *O Ciclo de Vida Familiar*

Como um sistema vivo, a família realiza movimentos através do tempo. Vive em constante transformação, realizando adaptações às exigências das diversas fases do seu ciclo de desenvolvimento, bem como ao conjunto de mudanças que emanam do social. Tudo isso ocorre devido à necessidade de assegurar continuidade e crescimento psicossocial aos membros que a compõem.

A necessidade de mudança, decorrente dos estímulos internos e externos, exige que os membros de uma família avaliem suas relações e reavaliem o equilíbrio existente entre a família e o próprio crescimento individual. Toda mudança que acontece no crescimento e desenvolvimento do indivíduo implica movimentos de mudança na família. É necessário, pois, que se entenda tais movimentos no interior da família mediante o seu ciclo de vida.

A noção de Ciclo de Vida Familiar (C.V.F.) surgiu inicialmente no campo da sociologia. Duvall, citado em Mcgoldrick (1995), realizou um estudo amplamente aceito, que define o desenvolvimento familiar normal, apresentando o ciclo vital familiar em oito estágios, incluindo o desenvolvimento dos vários filhos de uma família. Esse autor focaliza em seu estudo a educação dos filhos como elemento organizador da vida familiar.

Miermont e cols. apresentam no *Dicionário de Terapias Familiares* o conceito de ciclos de vida familiar: *permitem, assim, a descrição da família no decorrer do tempo, do retorno de fases periódicas durante várias gerações e dos efeitos da transformação - permanência que cada volta implica. Tais ciclos são correlacionados e regulados por outros ciclos: microciclos interindividuais da vida cotidiana, macrociclos econômicos, políticos, sociais, religiosos, os quais entram em ressonância com os ciclos telúricos (nictêmero, estações, etc.)* (1994 : 132).

Ainda no *Dicionário de Terapias Familiares*, Miermont e cols. (1994:133) referem que as fases do ciclo vital familiar podem ser estudadas mediante aspectos diversos. Segundo o ponto de vista descritivo, prático, fenomenológico, engloba os ciclos seguintes:

### **1.1. Ciclo de reprodução natural: marcados pelos rituais de encontros inter-pessoais:**

- \_ adolescentes celibatários "não-ligados";
- \_ rituais de sedução, constituição de um casal (integrando a fase de evolução desse casal: limitado a um encontro, intermitente, estável, com duração de vida variável, acabando devido à separação ou à morte;
- \_ ato sexual reprodutor saído deste encontro;
- \_ nascimento de uma ou de várias crianças;
- \_ desenvolvimento de ou das crianças que se tornam elas próprias adolescentes celibatárias não-ligadas;
- \_ morte de um dos avós, de um dos pais, de um filho;
- \_ rituais de sedução;
- \_ constituição de um casal;
- \_ ato sexual reprodutor, etc.

### **1.2. Ciclos de reprodução cultural: marcados pelos rituais de passagem instituídos:**

- \_ do filho: cerimônia e festividade ligadas ao nascimento;
- \_ da adolescência: ritos comunitários de passagem ao estado adulto;

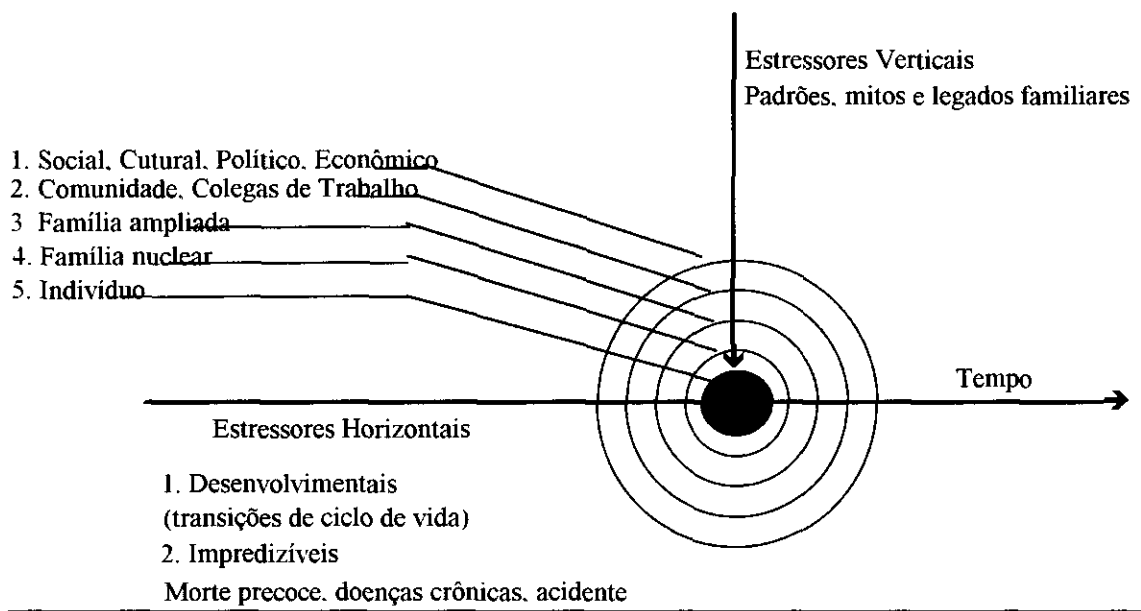
- \_ do casal: noivado, casamento civil, religioso, selando (ou não) a aliança simbólica das famílias de origem;
- \_ do fim do casal: divórcio ou morte;
- \_ do fim da vida: cerimônias de acompanhamento do agonizante, ritos funerários.

Segundo o referido Dicionário (1994: 132), a noção de ciclo de vida familiar foi incorporada pelos terapeutas de família, na década de 70, a partir dos estudos de V. Satir (1972), M. Erickson e J. Haley (1973), S. Minuchin (1974), M. Bowen (1978), E. A. Carter e M. Mcgoldrick (1980).

Os ciclos de vida podem ser percebidos como um processo orientado em um parâmetro de mudança, entre condições de proximidade e distância. Tais mudanças podem se dar de forma lenta, no início do ciclo de uma família e de forma mais rápida, posteriormente. À medida que a família se desenvolve ela se reestrutura, passando por períodos de *estresse*. Uma tarefa desenvolvimentista realizada adequadamente permite à família seguir para o estágio seguinte do ciclo de vida familiar.

Carter e Mcgoldrick (1995) citam que estudos anteriores (1980) entendem a família como um contexto que se adapta às necessidades de mudanças de seus membros. Para as autoras, a família é um sistema cujo objetivo é o de conduzir seus membros de maneira que se tornem independentes e formem novas famílias. Essas autoras elaboram um modelo de ciclo vital tomando como base os aspectos dos estágios individuais de desenvolvimento, as etapas do ciclo de vida familiar, socialmente determinadas pela cultura, e os dados da terapia familiar, focalizando as crises na família. Tal modelo possibilita entender a família segundo o enfoque trigeracional, indicando os possíveis estressores em níveis interno e externo, levando em consideração a geração atual e passada.

Há estressores que são decorrentes dos momentos de transição que ocorrem numa família, tais como: nascimento, casamento e funerais (crises naturais na família). Dessa forma, o aumento de ansiedade na família pode dar-se em duas direções: vertical, que compreende os tabus, mitos, segredos e expectativas da família e horizontal, relacionando-se às transações evolutivas esperadas no ciclo de vida familiar. A figura, a seguir, ilustra o fluxo de ansiedade em uma família, conforme Carter e Mcgoldrick (1989):



Em toda família ocorrem tarefas emocionais que devem ser cumpridas em cada fase do seu desenvolvimento. Tais tarefas requerem uma mudança no *status* de seus membros.

Segundo Minuchin *nos diferentes momentos do ciclo de vida familiar, a família precisa se adaptar e se reestruturar. As mudanças na força e produtividade relativas aos membros requerem acomodação contínua e devem apoiar e encorajar o crescimento de todos os membros, enquanto se adaptam a uma sociedade em transição* (1982 : 26-27).

Edwin H. Friedman, citado por Carter e Mcgoldrick (1995), apresenta um estudo sobre o papel da família nos ritos de passagem naturais. Os três eventos do ciclo de vida compreendem a morte, o casamento e a puberdade. Acrescenta a estes ritos o que denomina de eventos nodais - o divórcio, a aposentadoria e o desarraigamento geográfico.

A puberdade é um rito de passagem universal, que vem perdendo o significado familiar na cultura moderna, passando muitas vezes a ser associado a fenômenos culturais, formaturas, namoro etc.

O indivíduo, ao tornar-se adolescente, modifica-se, passando pelas transições de crescimento que implicam em mudanças e envolvem todo o sistema familiar devendo ser compreendido no contexto do ciclo vital familiar.

Não obstante a literatura aponte para mudanças significativas no ciclo de vida familiar, não podemos deixar de ressaltar certas particularidades relativas às famílias de camadas sociais menos favorecidas, existentes em nosso país, que indubitavelmente imprimem características específicas de sua classe no seu ciclo vital. Os filhos adolescentes saem mais cedo do lar, na busca de condições que visem o seu sustento e o de sua família, diferentemente dos filhos das famílias de classe média e alta. Nestas, tal acontecimento passa a ser postergado, estando condicionado geralmente, a fatores relacionados aos estudos.

Pode-se observar que, em famílias de baixa renda, a estrutura familiar, ao longo dos estágios do ciclo de vida, difere da estrutura das famílias de classes sociais favorecidas economicamente. A unidade básica caracteriza-se por uma rede familiar ampliada de três ou quatro gerações. O modelo de família não é mais o nuclear, baseado no casal, pois o pai encontra-se ausente, resultando, assim, um modelo de família ampliada.

Uma outra abordagem que fundamenta as discussões dessa investigação refere-se à psicodinâmica (que associa os princípios psicanalíticos aos conceitos sistêmicos).

Entre os representantes dessa abordagem encontramos Ivan Boszormenyi-Nagy (1983). Ele é, reconhecidamente, apontado como o fundador da Terapia Contextual. Sua contribuição mostra-se de grande importância mediante a criação de um vocabulário novo, aplicado ao campo da terapia familiar.

Segundo Boszormenyi-Nagy a principal causa de disfunção familiar refere-se à exploração dos membros da família caracterizada por um equilíbrio injusto entre o dar e o receber. Seu conceito central da terapia familiar contextual é a lealdade. Ele a define como *determinante motivacional, que possui raízes dialéticas, multipessoais mais que individuais... A verdadeira essência da lealdade reside na invisível fábrica de expectativas do grupo e não em uma lei manifesta. As fibras invisíveis da lealdade consistem na consangüinidade, a salvaguarda da linhagem familiar e biológica, por um lado, e no mérito ganho pelos membros, pelo outro* (1983: 71).



O conceito de lealdade *é fundamental para compreender a ética ou seja a estruturação relacional mais profunda das famílias e outros grupos sociais* (Boszormenyi-Nagy, 1983: 56).

Além desse conceito, Nagy introduz, em terapia familiar, os conceitos de equilíbrio e justiça.

Através da sucessão de gerações, as lealdades (verticais), voltadas para as gerações precedentes, podem entrar em conflito com as lealdades (horizontais) orientadas para os amigos, irmãos etc. Com o casamento e o nascimento dos filhos há o surgimento de novas lealdades.

As lealdades na família ligam seus membros uns aos outros num movimento recíproco, favorecendo a existência de intensas alianças, bem como de rompimentos que conduzem ao enfraquecimento do sistema familiar. O que se percebe é que, quanto mais rígido for o sistema de lealdade inicial, mais severo poderá ser o conflito para o indivíduo.

Podemos exemplificar tal aspecto, ao tomarmos a questão da educação dos filhos. Quanto mais forte for a lealdade dos pais à família de origem, mais poderá incorrer em situação onde exista conflito.

### 3. A ADOLESCÊNCIA COMO ETAPA DO CICLO VITAL FAMILIAR

*"Adolescente é um pássaro voando no escuro a procurar um ninho sólido e aconchegante que o abrigue e o ame."*

*P.R., uma adolescente, 17 anos*

Definir a adolescência suscita, inevitavelmente, a questão de sua origem, até hoje amplamente debatida entre os estudiosos. Muitos a consideram uma invenção cultural a partir da argumentação de que ela não é encontrada em algumas sociedades.

Muitos autores não admitem que, por si sós, as mudanças biológicas com conseqüentes modificações corporais sejam responsáveis pela denominada *crise* da adolescência. Isto é, essas mudanças não seriam suficientes para explicar a turbulência da fase. Entretanto, todos concordam com a afirmativa de que a adolescência seja um período crítico na cultura ocidental.

Ariès (1981), em seu livro *História Social da Criança E da Família*, refere que *a cada época corresponderia uma idade privilegiada e uma periodização particular da vida : a juventude é a idade privilegiada do século XVII ; a infância , do século XIX , e a adolescência , do século XX.*

Somente em meados do século XVI passou a ser estabelecida uma diferença entre infância, juventude e velhice. A expressão juventude abrangia uma idade mais tardia e significava "*força da idade.*" Não havia, portanto, lugar para a adolescência.

A sociedade tende a se organizar mediante regras, leis, costumes e tradições que, através da cultura, são perpetuadas como valores grupais, comumente aceitos por seus integrantes. É nesse sentido que as sociedades fixam os elementos que definem os *status* infantil e adulto, bem como a forma como se deve operar essa transição.

Das civilizações primitivas até as consideradas modernas, todas dão um significado social por ocasião da aquisição da capacidade reprodutora,

que é evidenciada pelo início da ejaculação nos jovens do sexo masculino, e pela menarca nas jovens. Embora o processo da adolescência dependa de fatores extrínsecos há, contudo, aspectos que podem ser considerados universais. As variações conceituais sobre a adolescência refletem as transformações que ocorrem nas sociedades, com suas culturas, num tempo determinado.

Nas sociedades ocidentais, é comum o período da adolescência ser considerado como uma etapa do desenvolvimento da personalidade que se caracteriza pela formação da identidade.

Um estudo das teorias concernentes à adolescência mostra-nos que há uma diversidade de modelos (fisiológico, sociológico, ambiental, psicanalítico, cognitivo e educativo) na compreensão da vida (Marcelli e Braconnier, 1989). No entanto, não é nossa intenção aqui descrever os diversos modelos. A preocupação reside no sentido de que, ao enfatizarmos alguns autores, possamos realizar uma articulação de suas idéias com nosso estudo.

Erik H. Erikson, psicanalista, refere: *à medida que os progressos tecnológicos ampliam cada vez mais o intervalo de tempo entre o começo da vida escolar e o acesso final do jovem ao trabalho especializado, a fase de adolescência torna-se um período ainda mais acentuado e consciente; e como sempre aconteceu em algumas culturas, em certos períodos, passou a ser quase um modo de vida entre a infância e a idade adulta* (1976:128).

O conceito fundamental de sua teoria do desenvolvimento do ego assenta-se na aquisição da identidade do ego que se realiza de diversas maneiras, variando de cultura para cultura.

Na linha de pensamento de Erikson, a adolescência é um período durante o qual uma identidade dominante e positiva do ego deve ser estabelecida.

O autor apresenta oito estágios evolutivos pelos quais o indivíduo passa. Em cada um dos estágios aparece um conflito, com duas saídas possíveis. Se o conflito é resolvido de uma maneira satisfatória, constrói-se uma qualidade positiva no ego, ocorrendo então um desenvolvimento subsequente sadio. Por outro lado, se o conflito persiste, ou mesmo se for resolvido insatisfatoriamente, o ego fica prejudicado, pois a qualidade negativa a ele se incorpora.

Os oito estágios apresentados por Erikson seguem uma ordem cronológica conforme se pode perceber:

1. Confiança versus desconfiança
2. Autonomia versus vergonha e dúvida
3. Iniciativa versus culpa
4. Diligência versus inferioridade
5. Identidade versus difusão de papéis
6. Intimidade versus isolamento
7. Generalidade versus estagnação
8. Integridade do ego versus desgosto, desespero

Durante a puberdade e a adolescência o conflito básico refere-se à identidade versus difusão de papéis. É neste período que, segundo Erikson, deve ser estabelecida uma identidade dominante e positiva do ego; caso isto não ocorra existe o perigo da difusão de papéis. É nessa fase que os adolescentes se identificam com heróis de cinema, líderes de grupo, chegando até a dar a impressão de perderem sua própria identidade.

Maurício Knobel, também psicanalista, refere: *não há dúvidas de que o elemento sócio-cultural influi com um determinismo específico nas manifestações da adolescência , mas também temos que considerar que atrás dessa expressão sócio-cultural existe um embasamento psicobiológico que lhe dá características universais* (1984:25).

Segundo Maurício Knobel, citado em Aberastury, a adolescência é *a etapa da vida durante a qual o indivíduo procura estabelecer sua identidade adulta, apoiando-se nas primeiras relações objeto-parentais internalizadas e verificando a realidade que o meio-social lhe oferece, mediante o uso dos elementos biofísicos em desenvolvimento à sua disposição e que por sua vez tendem à estabilidade da personalidade num plano genital, o que só é possível quando consegue o luto pela identidade infantil* (1984: 26).

Para Luiz Carlos Osório a adolescência *vem sendo considerada o momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, aquele que marca não só a aquisição da imagem corporal definitiva como também a estruturação final da personalidade* (1989:10).

A partir desta afirmativa, devemos pensar no processo adolescente não apenas como um período de grandes mudanças corporais , mas como um momento em que se dá a "crise de valores " necessária à passagem da criança ao adulto .

De acordo com Luiz Carlos Osório, a adolescência caracteriza-se pelos seguintes aspectos:

1) Redefinição da imagem corporal consolidada mediante a perda do corpo infantil, com conseqüente aquisição do corpo adulto.

2) Culminação do processo de separação / individuação e substituição do vínculo de dependência simbiótica com os pais da infância por relações objetais de autonomia plena .

3) Elaboração de lutos referentes à perda do papel infantil .

4) Estabelecimento de uma escala de valores ou código de ética próprio.

5) Busca de pautas de identificação no grupo de iguais.

6) Estabelecimento de um padrão de luta / fuga no relacionamento com a geração precedente.

7) Aceitação tácita dos ritos de iniciação como condições de ingresso ao *status* adulto.

8) Assunção de funções ou papéis sexuais auto-outorgados .

Arminda Aberastury, por sua vez, define a adolescência **como um momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento** (1984:15).

Continuando ainda na linha de pensamento da autora , as modificações psicológicas que ocorrem nesse período levam a uma nova relação com os pais e com o mundo . Assim , é comum acontecerem movimentos de dependência e independência extremas, caracterizando um período de contradições, ambivalência com constantes atritos no meio familiar e social.

Içami Tiba, psicodramatista, considera que a adolescência **é uma das etapas em que o ser humano sofre as maiores transformações no seu processo vital, do nascimento à morte** (1986:37). O autor aponta para a necessidade do adolescente ser criativo e espontâneo. Como condição para o desenvolvimento da espontaneidade, faz-se necessário que ele tome conhecimento de si mesmo, de seu potencial, de seus sentimentos e de suas

dificuldades. Estas, são expressas, principalmente, através dos papéis que vive nos contextos familiar e escolar, espaços onde exercita a busca de sua identidade.

Há, pois, um consenso entre diversos autores de que o processo adolescente visa, fundamentalmente, a conquista de si mesmo, isto é, afirmar-se numa identidade própria resultado de revisão de vivências infantis e das identificações estabelecidas anteriormente. Também existe um consenso ao se admitir que a adolescência é um processo que ocorre durante o desenvolvimento do indivíduo, ocasionando uma revolução biopsicossocial.

Embora a literatura psicanalítica tenha apresentado a adolescência como um período natural de instabilidade, portanto de desequilíbrio emocional, estudos mais recentes dão enfoque diferente, avançando na compreensão dos problemas relacionados ao adolescente .

No âmbito da terapia familiar psicanalítica, Eiguer (1985) aponta para a repercussão dos comportamentos dos adolescentes na família, provocando uma crise na identidade familiar. Sendo assim, as atitudes dos adolescentes, refletindo seus sentimentos e pensamentos, modificam as relações no contexto familiar.

Os pais geralmente estranham as novas atitudes do filho adolescente, tais como: irritabilidade, instabilidade etc. Tais atitudes podem, ao contrário, ter um significado diferente para o adolescente, ou seja, pode constituir uma tentativa de resposta frente às dificuldades mais profundas.

Segundo Eiguer, *considerar o filho como "irresponsável", "desobediente", permite-lhes (pais) superar a incerteza provocada pela evolução dele e do conjunto das relações afetivas no interior do tabuleiro de xadrez familiar* (1985:76).

Os conflitos que se instalam no cotidiano da vida familiar, muitas vezes, são formas utilizadas para distanciar pais e filhos.

Um outro modo de encarar o processo adolescente é apresentado pela teoria sistêmica. Ela assinala que a entrada de um filho na adolescência representa um movimento de transição para toda a família. É neste sentido que a tão conhecida crise da adolescência significa muito mais do que a vivência do indivíduo. Trata-se de uma crise que toma lugar em todo o sistema familiar. Passa a ser considerada, então, uma "crise familiar".

Dentro desta perspectiva, Minuchin refere: *o momento de crise cria situações em que os membros da família podem e devem aprender a lidar uns com os outros de maneira nova e diferente. A família, como um sistema aberto em transformação, se adapta a diferentes exigências dos estágios de desenvolvimento, podendo ocorrer problemas de transição, quando não há mudanças na família, aparecendo assim uma configuração disfuncional que será repetida cada vez que ocorrer um conflito* (1982:68).

Enquanto que em outras abordagens teóricas, a crise da adolescência é percebida como uma interrupção da tranquilidade do desenvolvimento, na visão sistêmica a crise da adolescência repercute no contexto familiar, como um momento para se reestruturar os padrões de interação, onde uma nova aprendizagem toma lugar: a de saber lidar com os conflitos próprios que se fundem em relações paradoxais. Em outras palavras, o adolescente perde a proteção da infância, mas ainda não adquiriu a força e os privilégios oriundos do mundo do adulto.

Acrescentando, Haley postula que *o processo de desenvolvimento para a vida adulta reflete o próprio processo de crise que igualmente os pais necessitam enfrentar e preparar o filho para investir em novos vínculos* (1986:39).

Ainda nessa linha de compreensão do processo vivido pelo adolescente, Fishman, terapeuta familiar sistêmico, refere que a adolescência *tem aparecido para satisfazer uma necessidade. É uma criação das forças sociais que operam na nossa cultura e não se pode considerar separadamente de seu contexto social* (1989:14).

Há um contexto multifacetado que compreende amigos, escolas, ídolos, cultura, que atua sobre o adolescente, entretanto, o elemento fundamental consiste na família. Esta representa a fonte de relação mais duradora para o adolescente. Dessa forma, as mudanças que mais diretamente o atingem são aquelas que acontecem no contexto familiar, advindas, muitas vezes, de outros membros da família, como é o caso da crise de meia idade dos pais, separações dos pais, doenças na família etc.

É nesse contexto da família que o adolescente se experimenta em uma tarefa fundamental que é a da separação. Esta pode desencadear, em muitos casos, grandes tensões, não só para o adolescente como também para os pais e sua família.

Fishman acrescenta: *o fato de crescer inevitavelmente implica a separação, ou seja, o processo através do qual o adolescente sai do lar para tornar-se autônomo* (1989: 24).

O mesmo autor assinala que a adolescência deve ser entendida como uma transformação social mais do que biológica e que *este enfoque psicossocial constitui o único modo proveitoso de conceituar os problemas e antecipar as possibilidades para um tratamento eficaz* (1989:13).

Daniel e Judith Offer, citados por Fishman (1989), constataram que apenas entre 20 a 30 por cento da população adolescente experimenta dificuldades graves, que a tensão e o arrebatamento psíquico não constituem uma norma absoluta e os jovens que os experimentam necessitam de ajuda.

A abordagem sistêmica encara o tratamento dos problemas ligados à adolescência, levando em conta o contexto social. Trata-se, portanto, de uma terapia contextualizada. Os terapeutas familiares, dentro dessa visão, entendem que os transtornos da adolescência são indicadores de angústias refletindo a desordem familiar, social e cultural.

Mas, é a família, vista como matriz de identidade, que oferece ao adolescente, mediante sua participação nos diversos subsistemas familiares, contextos familiares e grupos extra familiares, a oportunidade de vivenciar o sentimento de pertencimento e outro - o de ser separado . Sendo assim, a família deve ser vista como o "locus" socialmente definido , onde se estrutura a personalidade do indivíduo. O lugar onde o adolescente experiencia a possibilidade da conquista de sua individualidade.

Todo processo de crescimento e desenvolvimento exige da família novas pautas interativas como possíveis mudanças nos padrões estabelecidos até então. Caso a família não acompanhe as mudanças que se processam em seu interior, poderá incorrer em situações de crise , com padrões disfuncionais.

A etapa da adolescência é, pois, vivenciada pela família a partir do início da puberdade do filho mais velho, e só termina quando o filho caçula se torna adulto. A família com filhos adolescentes vivencia um momento muito especial em seu ciclo vital . A adolescência de um dos filhos inevitavelmente provoca um desequilíbrio no sistema familiar, exigindo novos arranjos em seus padrões interacionais. Nessa ocasião todo o sistema (família) encontra-se mobilizado, pois envolve não só as relações e



negociações entre os pais e seus filhos adolescentes, como também destes e seus irmãos, dos próprios pais, e com o grupo social.

A adolescência vista, então, como fase do ciclo vital familiar exige mudanças estruturais e a renegociação de papéis dentro da família. Segundo Preto, citado em Carter e McGoldrick (1995), tal negociação envolve "pelo menos três gerações de parentes." As demandas próprias do adolescente, no que tange a maior autonomia e independência, tendem a provocar mudanças nos relacionamentos entre as gerações. O conceito de ciclo vital familiar mostra-se de extrema importância, à medida que possibilita esclarecer os problemas da separação na adolescência.

As regras transgeracionais dos diferentes sistemas familiares de origem são reatualizadas mediante os movimentos de autonomização dos filhos.

As dificuldades manifestadas pelo adolescente entram em ressonância com o momento que os avós estão vivendo - última fase em seu ciclo de vida. Os pais, por sua vez, deparam-se com uma dupla separação: a separação dos filhos e o luto pela perda dos pais.

É comum acontecer ainda que os pais e avós redefinem seus relacionamentos durante o período da adolescência de seus filhos, do mesmo modo que os casais avaliam e renegociam seu casamento, e que os irmãos, por sua vez, questionam sua posição na família.

Outro aspecto a considerar é que, na maioria das famílias com filhos adolescentes, os pais estão se aproximando ou já vivem a crise da meia-idade. A preocupação destes gira em torno do próprio casamento - um momento de reavaliação - e das questões ligadas à carreira profissional.

As situações de estresses naturais, que ocorrem em decorrência de terem filhos adolescentes, podem ser exacerbadas na medida em que os pais se encontrarem insatisfeitos, necessitando realizar mudanças em suas vidas .

Os processos de natureza individual e familiar na adolescência estão sempre imbricados. Dessa forma as transformações que podem ocorrer no contexto familiar são, muitas vezes, oriundas do próprio desenvolvimento que se dá no filho adolescente, as quais decorrem das mudanças físicas e da maturidade sexual, iniciadas na puberdade. Como consequência de todo esse amadurecimento, ocorre um movimento de busca da identidade, caracterizando, assim, a necessidade de autonomia em relação à família. A fim de obter a autonomia, o adolescente precisa tornar-se cada vez mais

responsável pelas próprias decisões, ao mesmo tempo que consiga sentir também a segurança da orientação vinda dos pais .

Nesse momento existe algo muito importante que poderá garantir a melhor qualidade nas relações intercambiadas no contexto familiar . Trata-se de aumentar a flexibilidade das fronteiras familiares e modular a autoridade dos pais , o que permitirá maior dependência e desenvolvimento para os adolescentes .

Como bem lembra Olson , citado em Paccola, no modelo de ciclo vital *a adolescência caracteriza-se como uma etapa de preparação de saída do lugar onde se geram questionamentos a respeito do estilo de vida familiar e onde se ventilam as diferenças entre os jovens e os pais* (1994:36).

Minuchin refere que *os conflitos serão resolvidos por negociação de transição e a família se adaptará com sucesso* (1982:67).

Os estudos sobre família, em geral, situam a adolescência como etapa decisiva na aquisição de novos papéis, demarcando assim, mudanças no ciclo vital familiar. Não podemos deixar de considerar as especificidades dos adolescentes de camadas sociais menos favorecidas, que indiscutivelmente imprimem características peculiares no seu contexto familiar.

Segundo Sudbrack a vida dos jovens brasileiros no contexto de pobreza *é caracterizada pela passagem abrupta da infância aos papéis da vida adulta, pois vêm-se forçados a ingressar precocemente no mercado de trabalho e contribuir economicamente com sua família de origem ou formar muito cedo suas próprias famílias* (1995:2).

A referência teórica que embasa essa investigação assenta-se na compreensão sistêmica da adolescência, que difere na concepção tradicional, enquanto etapa do desenvolvimento apenas do indivíduo e dos aspectos inerentes ao processo vivenciado pelo adolescente. Entende as dificuldades, os problemas, a tão famosa crise da adolescência como uma crise no sistema familiar. Sendo assim, os conflitos vivenciados pela família tornam-se uma oportunidade para o crescimento de todos os seus membros. Esse momento requer, portanto, novas formas de convivência, tanto para o adolescente quanto para seus pais e seus familiares .

#### 4. ABORDAGEM PSICODRAMÁTICA NO CONTEXTO DE TRABALHOS COM GRUPOS

*"Um encontro de dois : olhos nos olhos, face a face  
E quando estiveres perto, arrancar-te-ei os olhos;  
e colocá-los-ei no lugar dos meus;  
E arrancarei meus olhos  
Para colocá-los no lugar dos teus;  
Então ver-te-ei com os teus olhos  
E tu ver-me-ás com os meus ."*

(Moreno, *Psicodrama*, 1975, p.9)

A escolha da modalidade grupal no contexto da intervenção prende-se à convicção de que a aprendizagem vivencial em grupo possibilita, aos participantes, troca de experiências significativas, que conduz ao crescimento pessoal e inter-pessoal.

Não se pode negar que a condição humana aponta o valor da existência do grupo desde que nascemos e que nossos problemas provêm desse mundo.

Não é nosso objetivo realizar aqui um rastreamento das diferentes tendências no trabalho sobre grupos. Contudo, importa ressaltar que o foco primordial dirige-se à teoria do médico romeno Jacob Levy Moreno. Sendo assim, as idéias que seguem são básicas para maior compreensão da intervenção realizada no presente trabalho.

Jacob Levy Moreno surgiu no cenário onde se desenvolveu a psicoterapia e a dinâmica de grupo. Sua participação trouxe novas possibilidades criativas, que passaram, desde então, a interessar educadores, sociólogos, psicólogos e psiquiatras.

A obra pioneira de Moreno trouxe a grande contribuição ao propor o tratamento do indivíduo em grupo, em oposição aos métodos individuais até então dominantes. Surge assim a psicoterapia de grupo. As raízes dessa mudança remontam ao ano de 1913 quando, em Viena, Moreno, ainda estudante de Medicina, participou de experiências de readaptação social de prostitutas, onde o método usado era o da discussão em pequenos grupos. Notou que cada participante poderia tornar-se agente terapêutico dos outros, que o grupo tinha vida, consistência e estrutura específicas.

Na verdade o projeto de Moreno, ao trazer o elemento *drama* (do grego ação), propõe o estudo das formações e tensões sociais no aqui e agora, em *status nascendi*, ampliando a posição da medicina e da psicologia da época quanto à questão do atendimento do indivíduo, até então, feito isoladamente. Passou a defender a idéia de que o tratamento da pessoa deveria ocorrer dentro do grupo e que este deveria, também, ser tratado.

Moreno criou a Sociometria, a Sociatria e a Sociodinâmica, as quais utilizam os seguintes instrumentos, respectivamente: o teste sociométrico; a psicoterapia de grupo, o psicodrama e o sociodrama; o desempenho ou interpretação de papéis.

Moreno, preocupado com os estudos de grupo, criou um método de medida das inter-relações grupais, denominado de sociometria.

Segundo Moreno *a sociometria nos ensinou a reconhecer o fato de que a sociedade humana não é produto da imaginação, mas poderosa realidade, com leis próprias, bem diferente de quaisquer leis ou ordem que permeiam outras partes do universo* (1992 : 193).

Para o autor (1975), o indivíduo é concebido e estudado através de suas relações inter-pessoais: o homem moreniano é um indivíduo *social*. Sua teoria parte, portanto, da idéia do Homem em relação; a interação entre as pessoas constitui o eixo fundamental de seu trabalho.

A partir daí, a psicoterapia de grupo viu-se forçada a penetrar em todas as dimensões da existência, numa profundidade e amplitude que a psicoterapia individual de orientação verbal desconhecia.

Moreno cria o Psicodrama, que é por ele definido *como a ciência que explora a "verdade" através de métodos dramáticos* (1992 : 183). Sendo assim, o Psicodrama é o tratamento do indivíduo e do grupo, através da ação dramática.

Em sua obra *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*, Moreno (1974) promulga que a psicoterapia de grupo tem a sua origem em três raízes: na Medicina, na medida que visa um tratamento; na Sociologia, como consequência da necessidade de melhor avaliar o comportamento de grupos e na Religião, raiz em que se encontra a origem de seus principais conceitos. Moreno afirma: *religião vem de religare, ligar, é o princípio de 'tudo reunir', de ligar em conjunto, a imaginação de um universalismo cósmico* ( 1974: 21). Acrescenta ainda: *O homem é um ser cósmico, é*

*mais que um ser psicológico, biológico e natural. Pela limitação de responsabilidade do homem aos domínios psicológicos, sociais ou biológicos da vida, faz-se dele um banido. Ou ele é também responsável por todo universo, por todas as formas do ser, e por todos os valores, ou a sua responsabilidade não significa absolutamente nada. A existência do universo é importante, é realmente a única existência significativa, é mais importante que a vida e a morte do homem como indivíduo, como tipo de civilização, como espécie (1974:21).*

Para esse autor o universo é manifestação de uma única fonte divina, a qual se expressa por variadas formas, mantendo, contudo, um caráter de unicidade cósmica. Desenvolve a idéia de que o homem, sendo parte da criação, pode testemunhar a presença divina mediante a observação do mundo e de si próprio. O processo psicoterápico levaria também o homem a contactar com seus “status” cósmicos.

Moreno desenvolveu a idéia de que homem expressa a forma cósmica através da espontaneidade. Ele afirma que o estado de espontaneidade é uma distinta condição psico-fisiológica, podendo ser descrita, por exemplo, como a condição de um poeta quando sente o impulso para escrever, ou a de um homem de negócios quando sente que uma grande idéia o dominou. O estado de espontaneidade *não é criado pela vontade consciente que, frequentemente, atua como obstáculo inibitório, mas sim por uma liberação que, na verdade, é o surgimento desimpedido da espontaneidade (1975: 86).*

Moreno entende o homem como um ser em movimento, capaz de recriar e transformar suas relações com o mundo. Isto é, ele é agente do próprio destino. Quando o homem é reduzido à condição de uma mera peça de engrenagem, destituído de sua vontade, cuja iniciativa se encontra impedida de ser exercida, ele se vê privado de sua *espontaneidade*. A espontaneidade - do latim *sua sponte*, que significa "por livre vontade", é uma das pedras angulares da teoria moreniana.

Segundo Moreno *a espontaneidade opera no presente, agora e aqui; propõe o indivíduo em direção à resposta adequada à nova situação ou à resposta nova para situação já conhecida (1992: 149).*

Na evolução do homem esse fator é o mais antigo, contudo pode ser visto como menos desenvolvido em função de ser, muitas vezes, reprimido sem ser exercitado. Quando isso ocorre, o homem estaria privado de sua espontaneidade, portanto, haveria a alienação do fator E<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup>- Fator E- consiste em uma condição necessária para o surgimento da espontaneidade.

Quanto à idéia que Moreno coloca de associar o fator E à "evolução", no sentido de ajustamento, adaptação, isto leva a pensar que estaria reunindo termos contraditórios: se, por um lado, valoriza a iniciativa pessoal, por outro lado, propõe o ajustamento, que só parece possível em relação à manutenção do que já está pronto. Como exemplo encontraríamos os grupos sociais, as instituições, etc. Assim, vale ressaltar que não existe inadequação quanto a associar o fator E à "adequação" referida na conceituação de espontaneidade. A proposta de Moreno repousa na idéia da adequação e do ajustamento do homem a si mesmo. Dessa forma, ser *espontâneo* significa estar presente às situações configuradas pelas relações afetivas e sociais, na tentativa de modificar os aspectos insatisfatórios. Com certeza ninguém conseguiria promover mudanças num ambiente se agisse sozinho. O que é de se esperar é que a pessoa interaja a partir de relações afetivas, mesmo que não o faça de forma consciente.

Ao exercer sua liberdade ou ao lutar por ela, o homem está reafirmando sua essência, isto é, a sua espontaneidade. Sendo assim, a possibilidade de modificar uma determinada situação ou de estabelecer uma nova situação implica *criar*, ou seja, produzir, a partir de algo que já é dado, alguma coisa nova. Temos portanto o fator criatividade que irá possibilitar ao homem o potencial de atualizar-se e manifestar-se.

Por outro lado, é de se esperar que todo resultado de um processo de criação (ou do ato criador) possa cristalizar-se no que Moreno denominou de *conserva* cultural.

Segundo o Dicionário de Psicodrama e Sociodrama, a conserva cultural é a *expressão utilizada por Moreno para a cristalização de uma ação determinada pela sociedade (por exemplo, um livro, um filme, uma escultura, uma pintura, etc.). É a matriz cultural, científica, tecnológica, artística, linguística etc., onde é depositada a idéia criadora, para ser privada* (1995: 62).

Para que a *criatividade* se manifeste é preciso que as *conservas culturais* constituam apenas o ponto de partida, de forma que não cheguem a criar obstáculos, comprometendo a espontaneidade.

Outro ponto básico da teoria de Moreno refere-se à teoria de papéis. Ele define papel *como uma pessoa imaginária criada por um ator dramático, por exemplo um Hamlet, um Otelo ou um Fausto; (...) pode ser um modelo para existência como um Fausto; ou uma imitação dela (...) uma parte ou um caráter assumido por um ator (...) uma personagem ou função assumida na realidade social (...) as formas reais e tangíveis*

***que o eu adota (...) uma cristalização final de todas as situações numa área especial de operação pelas quais o indivíduo passou*** (1975: 206).

A noção de papel para Moreno constitui elemento decisivo para a construção de uma teoria da personalidade e uma teoria das relações interpessoais. Assim, a personalidade é avaliada pelo número de papéis que uma pessoa é capaz de assumir. O conceito de papel pressupõe, portanto, inter-relação e ação. A teoria moreniana utiliza o conceito de papel em todas as dimensões da vida de uma pessoa. Assim, o termo “papel” é assimilado pelo Psicodrama, especialmente em dois sentidos: como *unidade de representação teatral e de ação e funções sociais*.

No teatro, os atores desempenham *papéis* diante de um público. Quando um ator toma e interpreta o *papel* de uma determinada personagem, ele procura mostrar, em seu desempenho, o modo de ser, o comportamento da personagem.

No cotidiano, vivendo em sociedade, as pessoas têm *funções* que são determinadas por circunstâncias sócio-econômicas, por sua classe social e por sua rede de relações. Dessa forma, as pessoas têm *papéis profissionais*: professor, médico, marceneiro, patrão, empregado etc; *papéis afetivos*: amigos, inimigos, companheiros etc; *papéis familiares*: pais, mãe, filho.

Moreno afirma: ***todo papel é fusão de elementos particulares e coletivos; é composto de duas partes - seus denominadores coletivos e seus diferenciais individuais***. O surgimento do papel é anterior ao surgimento do eu. Assim, os aspectos tangíveis do que se conhece como “eu” são os papéis em que a pessoa opera em seu cotidiano (1992: 178).

Segundo a teoria moreniana, existem diferentes categorias de papéis: psicossomáticos, sociais e psicodramáticos (ou sociodramáticos na medida que representam idéias e experiências coletivas). Os papéis psicossomáticos são os primeiros a aparecer no homem, partindo das funções biológicas. Os papéis sociais e os papéis psicodramáticos surgem posteriormente na vida da pessoa. Como exemplo de papéis sociais temos: “pais, mãe, filhos, amigos etc e envolvendo maior grau de estruturação os papéis psicodramáticos”: um pai, uma mãe etc. Assim sendo, os *papéis psicodramáticos* correspondem à dimensão mais individual da vida psíquica, enquanto os *papéis sociais* correspondem à dimensão da interação social.

A teoria de papéis se apresenta como elemento fundamental ao se tomar o Psicodrama enquanto psicoterapia e o Sociodrama ***como método profundo de ação que trata de relações intergrupais e de ideologias***

*coletivas. O protagonista é sempre o grupo e as pessoas estão reunidas enquanto mantêm algumas tarefas ou objetivo comum (1992:182).* No sociodrama os papéis que representam idéias e experiências coletivas são chamados de papéis sociodramáticos. Moreno afirma que *o sociodrama baseia-se na suposição tácita de que o grupo formado pelo público já está organizado pelos papéis sociais e culturais que , até certo ponto , todos os membros da mesma cultura partilham (1992: 188).*

Concordamos com a opinião de Gonçalves et al ao afirmarem que, *apesar de encontrarem essa divisão clássica, na prática o trabalho do psicodramatista é referido de modo genérico como foi consagrado pelo uso: Psicodrama (1988:43).*

Vale salientar que tanto o Psicodrama como o Sociodrama não devem ser considerados simplesmente como técnicas, mas *instrumentos* de intervenção e tratamento da realidade do *socius*.

Para Moreno os procedimentos sociodramáticos são capazes de exteriorizar e objetivar os fenômenos de uma comunidade, da cultura de um povo. Assim, no Sociodrama o sujeito da ação é o grupo. Neste caso, é possível trabalhar, através do desempenho de papéis relacionais, como por exemplo pais-filhos, buscando clarificar os padrões interacionais que se encontram pautados pela cultura e padrões da sociedade.

Para Alfredo Naffah Neto (1979), a diferença entre o Psicodrama e o Sociodrama não se deve ao fato de se trabalhar dramaticamente com o indivíduo ou com o grupo, mas realizar o trabalho numa perspectiva coletiva em que o tema e os papéis, nele envolvidos, são vividos e propostos pelo grupo. No Sociodrama o terapeuta centra-se nos aspectos sociais e coletivos, nas dinâmicas e interações inter e intragrupais, muitas vezes, institucionais.

Nesse sentido Moreno desenvolveu o tratamento psicodramático dos problemas conjugais e familiares. Em seus escritos aparecem indicadores do foco dado à relação (Moreno, 1975), à existência de protocolos de atendimento a casais (Moreno, 1974) e à intervenção terapêutica no drama das famílias (Moreno, 1974).

As vantagens do trabalho em grupo são apontados por Moreno (1992) conforme se percebe:

- a) possibilidade de interação;
- b) jogo de papéis: que leva ao desenvolvimento da espontaneidade e criatividade, proporcionando o envolvimento emocional e afetivo entre as pessoas;



c) troca de experiências.

Entre os métodos de interação ressaltamos o *role-playing* que consiste em criar situações para o desenvolvimento de determinado papel. Mostra-se bastante útil, na medida em que permite colocar o indivíduo frente à reação muito semelhante àquelas vividas no cotidiano. O *role-playing* é, pois, um método de interação humana que implica o comportamento realista em situações imaginárias.

É importante salientar o aspecto educativo que o *role-playing* apresenta, enquanto promove o desenvolvimento da espontaneidade e o aprendizado de tarefa. Trata-se, portanto, de um recurso psicodramático que funciona no "como se", permitindo que a pessoa "jogue" todos os aspectos de seu papel, vislumbrando as possibilidades criativas.

A finalidade do *role-playing* é a percepção objetiva dos sentimentos e das atividades dos outros que desempenham o "contrapapel" e a resposta mais apropriada à situação.

Existem diversos trabalhos de psicodramatistas brasileiros que evidenciam a utilização do método psicodramático na área pedagógica, mediante treinamento do papel de educador (Oliveira e Freire, 1992); treinamento do papel de médico (Kaufman, 1978, 1980, 1982, 1992; Abdo, 1990).

Moreno não se limitou a aplicar o psicodrama no campo terapêutico. Utilizou seu método em outros campos como no plano pedagógico.

Clovis Garcia, citado em Monteiro (1993), utiliza a seguinte divisão, quanto à aplicação prática do psicodrama:

- psicodrama terapêutico;
- psicodrama pedagógico;
  - técnicas psicodramáticas aplicadas ao ensino
  - *role-playing*
  - sociodrama

Entende-se como "técnicas psicodramáticas aplicadas ao ensino" a utilização da dramatização para a compreensão ou aprofundamento de conceitos no ensino das escolas de 1º e 2º graus e no ensino universitário.

Já o *role-playing* objetiva o desempenho do papel. Neste caso, o foco são os sentimentos e as atitudes das pessoas que desempenham o contrapapel (por exemplo: papel de mãe, contrapapel filho) e a resposta

mais apropriada à situação. O role-playing pode ajudar a explicitar os conflitos do papel, ao mesmo tempo que ajuda a resolver expectativas contraditórias de papéis.

Sendo assim, o role-playing proporciona oportunidade de uma pessoa colocar-se no papel de outra, de jogar o “ser o outro”, como pode ser o caso do pai que se coloca no papel do filho numa sessão de psicodrama. A partir desse acontecimento, podem-se apontar condutas inadequadas por parte do pai, sendo propostas mudanças na relação com seu filho. O jogo de papéis passa a ser utilizado como uma forma para facilitar a percepção do próprio papel. Os conflitos, as dificuldades e as complementariedades passam a ser conhecidas e reconhecidas pelos participantes de um grupo mediante situação propiciada pelo jogo dramático existente no psicodrama.

A fim de explicitar como se dá a prática psicodramática apresentaremos, a seguir, alguns conceitos fundamentais para sua compreensão.

A prática psicodramática opera levando em consideração três contextos, cinco instrumentos fundamentais e três etapas. Vale ressaltar que o psicodrama não pode ser reduzido ao emprego de técnicas, elas são utilizadas a fim de que o protagonista se expresse, podendo servir para nortear a ação deste na concretização do seu drama.

### **Contextos:**

contexto social - corresponde ao extra-grupo, à "realidade social" assim denominada por Moreno. Cada comunidade ou sociedade possui características próprias: culturais, econômicas, políticas. Muitas informações e vivências referem-se ao meio social de onde provêm os clientes;

contexto grupal - é constituído pela realidade grupal, tal "como é". Os elementos que compõem esse contexto são os clientes e os terapeutas, suas interações e o produto das mesmas;

contexto dramático - é constituído pela realidade dramática no "como se". Esta circunstância acentua a separação entre o contexto grupal e dramático, entre realidade e fantasia, entre indivíduo enquanto pessoa privada e papel.

### **Instrumentos**

protagonista - é a pessoa que emerge para ação dramática, simbolizando os sentimentos comuns que permeiam o grupo;

diretor ou terapeuta - é responsável em coordenar a sessão. Tem três funções: a) diretor de cena, b) terapeuta c) analista social;

ego - auxiliar - é o terapeuta ou elemento do grupo que interage em cena com o protagonista;

cenário - é o espaço onde se realiza a dramatização de acordo com as necessidades. Na prática, uma linha traçada imaginariamente pode significar uma parede, uma porta; uma almofada pode representar uma mesa etc,

público ou auditório - corresponde ao conjunto dos demais participantes da sessão psicodramática. É importante para o protagonista por sua função de compartilhar e dos comentários, após a fase de dramatização.

### **Etapas**

aquecimento - este é o momento em que se dá a escolha do protagonista e a preparação para a dramatização. Existem dois tipos de aquecimento: inespecífico (pode ser verbal ou corporal conduzindo para o surgimento do protagonista, que poderá ser uma pessoa ou o próprio grupo); específico (aquecimento do protagonista que o prepara para a ação dramática);

dramatização - momento em que se dá a ação dramática propriamente dita. O protagonista representa no contexto dramático as figuras de seu mundo interno concretizando seu conflito no cenário;

compartilhar - nesta etapa cada pessoa do grupo pode expressar os sentimentos despertados pela dramatização e sua vivência de conflitos semelhantes .

### ***As técnicas básicas do psicodrama***

As técnicas são um conjunto de processos que possibilitam a instauração da situação psicodramática, sendo:

inversão de papéis - consiste em trocar o papel que o protagonista está desempenhando com o de seu interlocutor. Nela cada pessoa desempenha o papel do outro tal como o percebe. É muito importante porque propicia que o personagem A tome lugar do personagem B, e vice-versa, vivenciando papéis diferentes. A inversão de papéis, possibilita, portanto, a análise das necessidades e dificuldades do outro;

Moreno cita o exemplo em que pai e filho trocam de papéis. Para ele, cada um vê o outro com seus próprios olhos e com os olhos do outro. Ele entende a troca de papéis como "vivência interna simultânea" de dois papéis opostos. O filho, ao viver ao mesmo tempo o seu próprio papel e o de seu pai, poderia desempenhar o papel, dando à experiência uma nova compreensão da figura de seu pai, o mesmo podendo ocorrer com este.

a técnica do espelho - essa técnica exige muita preparação e manejo delicado, a fim de que o protagonista não se sinta caricaturado. Ela oferece a oportunidade ao protagonista de melhorar a sua auto-percepção. Consiste em o terapeuta ou ego-auxiliar se colocar na postura física do paciente, como uma fotografia. O objetivo é mostrar: "como em um espelho" o paciente olhando para si, de fora da cena, percebendo os aspectos presentes nela e qual é a sua reação frente a tais aspectos.

a técnica do duplo - é utilizada quando o protagonista encontra-se impossibilitado ou apresenta muita dificuldade de se expressar verbalmente. O terapeuta ou ego-auxiliar adota a mesma postura e expressão corporal do paciente e fala a partir dos sentimentos e das emoções que ele capta;

a técnica da auto-apresentação - consiste na representação das situações de vida do protagonista, representação em que pode, ou não, ser ajudado por um ego auxiliar. O protagonista mostra seu núcleo familiar, seus conflitos, seu trabalho etc;

a técnica do solilóquio - consiste em pedir ao protagonista que "pense alto".

Além das técnicas referidas, existem outras bastante utilizadas no psicodrama dependendo, seu uso, de situações específicas.

O uso de técnicas psicodramáticas adquire, pois, importância fundamental, na medida que serve para aumentar a comunicação entre as pessoas de um grupo, tornando-a mais efetiva e plena. Exemplo disso pode ser o trabalho com grupo de pais, realizado na presente investigação, o que representa um instrumento para a tomada de consciência, por parte dos pais,

dos problemas relacionais no contexto familiar, além de ampliar as possibilidades para a construção de um novo papel.

## 5. UMA PERSPECTIVA DE ARTICULAÇÃO ENTRE TERAPIA FAMILIAR E PSICODRAMA

*"Uma modificação da epistemologia significa transformar o modo como alguém vivencia o mundo."*

*Bradford Keeney*

Como ponto de partida, é importante esclarecer o sentido que se pretende dar aqui a terapia familiar, uma vez que não estaremos necessariamente, nos referindo apenas à técnica psicoterápica.

Segundo Sudbrack *a perspectiva da terapia familiar abrange três dimensões: a dimensão da teoria, a dimensão da técnica e a dimensão do método* (1987:7). Assim, a abordagem da terapia familiar, *além de constituir um novo método de tratamento, apresenta uma importante contribuição à investigação em psicologia social e da personalidade* (1987:9), na medida em que propõe uma nova grade de leitura direcionada ao estudo sistêmico dos processos interacionais.

Esse novo modelo de compreensão das crises, conflitos e do processo psicológico tem como base o estudo de interações familiares. A partir da leitura sistêmica abandona-se a divisão entre o individual e o social, superando-se a famosa dicotomia sobre o que é do indivíduo e o que é da sociedade.

Com o novo paradigma passa a existir uma significativa mudança na forma de pensar, o que irá caracterizar um pensamento integrador, ou seja, um pensamento conjuntivo que conduz à integração da visão científica do mundo diferenciando-se, no dizer de Maria José Esteves de Vasconcelos (1994,1995), das condições de disjunção do pensamento ocidental, caracterizado pelo pensar tradicional: "ou isto ou aquilo".

É importante considerar o que Marcelo Pakmam (1988) diz em relação à epistemologia sistêmica. Para ele, esta epistemologia foi revisada durante sua evolução dando origem a dois períodos de desenvolvimento:

- Período da cibernética de Primeira Ordem - que compreende duas fases: a primeira cibernética ou fase de comunicação e a segunda cibernética ou fase de mudança
- Período da Cibernética de Segunda Ordem.

A primeira cibernética apresenta um sistema familiar em dificuldades como se fosse uma máquina homeostática, sendo que o sintoma desempenha um papel importante na manutenção da homeostase familiar. Esse modelo constituía um progresso com respeito aos modelos de psicopatologia do sec.XIX, mas separava o terapeuta do cliente.

A segunda cibernética conceitualiza a unidade de terapia como um espaço que contém o "observador" e o "observado". Assinala a inclusão e participação do observador no sistema. Esse passo era de se esperar, uma vez que a cibernética começou a ocupar-se dos sistemas auto-organizados viventes.

Esta concepção trouxe a aceitação das noções de organização, sistema, ambiente, ordem, desordem, complexidade, estabilidade, mudança, etc, que antes eram vistas como propriedades dos sistemas observados, os quais estavam na dependência do observador, surgindo a necessidade de dar conta ciberneticamente não apenas dos sistemas observados, mas dos sistemas que observam.

A partir de então ficou patente a noção de auto-referência, que deveria se aplicar ao observador. Todo o sistema ou grupo de sistemas viventes observados é observado por outro sistema vivente. Compreende a circularidade em cada um deles e entre eles.

No observar do observador é fundamental a linguagem. Foi assim que se iniciou a cibernética, também chamada de segunda ordem.

A proposta da terapia familiar atinge, portanto, uma nova concepção, denominada "construtivismo", significando a evolução da cibernética.

Com relação a esse modelo construtivista, na opinião de Sudbrack ele *implica que o sujeito possa ter uma liberdade de escolha que lhe permite face à 'uma realidade' criar leituras alternativas à luz de outros modelos de leitura* (1995:49).

Refere ainda: *o terapeuta construtivista tem por objetivos, pois, resgatar no grupo as possibilidades deste de reinvestir em outros níveis de leitura, de complexificar suas relações com o mundo. A criatividade de um grupo pode se manifestar se ele dispõe de leituras alternativas* (1995:50).

O construtivismo sustenta que vivemos em um mundo produzido por interações lingüísticas e que compreendemos esse mundo a partir de

histórias que evoluem (descrições) e discursos, segundo os quais organizamos e damos significado à nossa experiência. O significado é construído por ação social e diálogo e a inter-relação humana é produto da interação em um campo linguístico. Isto nos leva à crença de que toda realidade é uma construção social. O mundo em que vivemos (não o mundo tal como é) define-se através das descrições que fazemos de nossa experiência.

A epistemologia construtivista tem questionado os conceitos de verdade, objetividade, realidade como fundamento da visão de mundo e do conhecimento do mundo. A verdade e a realidade estão relacionadas com a construção social consensual, que demonstra a viabilidade de práticas que guiam os construtores. Neste sentido, o universo é um multiverso.

Os modelos clínicos participaram da evolução da cibernética. Há um afastamento dos modelos que tratavam os sistemas-pacientes como realidades sobre as quais o terapeuta-observador operava, para modelos em que o terapeuta é parte do sistema co-formado com os pacientes, co-construindo realidades alternativas.

Mony Elkaim (1989) apresenta interessante contribuição a esta concepção: conceitua a realidade como interação de mapas do terapeuta e paciente, desenvolvendo técnicas de ampliação de elementos que podem levar o sistema a novas configurações estruturais. Tanto suas técnicas, como a das perguntas circulares, utilizadas pelo grupo de Milão, enfatizam o questionamento da epistemologia subjacente da família, casal ou rede social, bem como a co-construção de alternativas com os elementos ( linguagem, metáforas) que surgem no sistema terapêutico.

Segundo Dora F. Schnitman, citada em Seixas (1992), a terapia sistêmica construtivista pode ser entendida como uma prática social que oferece à família, casais etc, uma oportunidade para envolverem-se ativamente na construção do desenho da sua própria realidade existencial. A terapia inaugura, assim, um contexto criativo dentro do qual as sessões são eventos em que se exploram novas possibilidades e novos modos de pensar, sentir e atuar.

Da mesma forma que registramos uma tendência à integração de diversas áreas de estudo da psicologia, a leitura sistêmica promove a articulação de diferentes enfoques científicos. Percebemos, assim, um movimento que busca a integração da teoria sistêmica com outras linhas de estudo, como é o caso do psicodrama. Entretanto, ainda são poucos os estudos que procuram estabelecer uma linha de relação direta entre os



princípios da teoria sistêmica sobre família e o psicodrama, enquanto possibilidade de tratamento da família.

Na linha de construção de uma nova epistemologia para o psicodrama, encontramos o trabalho de Maria Rita D'Angelo Seixas (1992) que, ao incorporar as influências provenientes da terapia sistêmica, leva a uma nova forma de pensar, compreender e trabalhar a família.

O trabalho de Maria Rita D'Angelo Seixas expressa uma clara proposição de integrar posições epistemológicas culminando com a criação do Sociodrama Familiar Sistêmico. Este representa concretamente os resultados da junção feita pela autora dos princípios da terapia sistêmica / cibernética com as técnicas de ação próprias do psicodrama de Moreno. Assim se expressa: *a possibilidade de utilizarmos as questões interventivas (técnicas sistêmicas / cibernéticas) como aquecimento para as dramatizações nos parece muito vantajosa porque, ao mesmo tempo que usufruímos de todos os benefícios de aplicação das técnicas de ação na terapia familiar, tornamos as sessões menos diretivas* (1992:192).

A autora ressalta as contribuições da terapia familiar, fundamentais ao seu trabalho em psicodrama. Entende que a circularidade e a linguagem sistêmica enriquecem o sociodrama, proporcionando ao diretor uma nova maneira de fazer uma leitura das sessões, tornando-se uma forma mais consensual no contexto familiar. Aponta também aspecto de convergência entre a teoria sistêmica e o psicodrama no sentido inverso, ou seja, o uso de algumas técnicas da terapia familiar sistêmica que se originaram ou tem seu correlato no psicodrama.

Chama-nos a atenção para o fato de que na literatura da Terapia Familiar, alguns teóricos, tais como Minuchin, Peggy Papp, Andolfi, não reconhecem o uso de técnicas e recursos psicodramáticos que fazem em seus trabalhos, apresentando, portanto, técnicas que são de natureza psicodramática como se fosse criação pessoal.

Com relação aos conceitos da terapia estrutural de Minuchin, Maria Rita D'Angelo Seixas estabelece pontos de contato com o sociodrama. Afirma que a relação é bastante estreita:

- Ambas as teorias entendem a família como uma matriz responsável pelo desenvolvimento psicossocial de seus membros;

- Para Minuchin e Moreno estrutura familiar é o conjunto invisível de padrões relacionais, que vão se constituindo num processo de interação;

- Minuchin afirma que a estrutura familiar é formada e mantida por dois sistemas de repressão. O primeiro é constituído por regras universais e o segundo pelas negociações explícitas entre os membros da família. Contudo, esta estrutura deve ser capaz de se adaptar quando a família muda;

- Moreno, por sua vez, não dá atenção especial à hierarquia; destaca que a espontaneidade do ser humano tem que ser respeitada acima de tudo. Ele fala, entretanto, da noção de "si mesmo" que constitui a representação do espaço interno que cada um tem e que quer ver preservado de qualquer invasão, devendo assim ser reciprocamente respeitado. Esse limite equivale ao conceito de fronteiras de Minuchin;

- A terapia estrutural preocupa-se com o "feed-back" entre a pessoa e suas circunstâncias; o sociodrama, durante a dramatização, também trabalha com "feed-back" ;

- Minuchin fala de reenquadramento, ou seja, toda família, quando vem para a terapia, traz uma pessoa cujos sintomas são apontadas como responsáveis pela dificuldade que a família apresenta. Refere-se, assim, à pessoa como paciente identificado (P.I.). É papel do terapeuta fazer uma releitura do que ocorre na família, levando-a a perceber que o sintoma pode ser a expressão de uma disfunção existente no contexto familiar;

- No sociodrama familiar existe uma pessoa que centraliza o problema que está sendo trabalhado. Trata-se do protagonista, que nem sempre tem que ser o P.I.;

- A questão do diagnóstico, tanto para Minuchin quanto para Moreno, centra-se no aspecto relacional. O terapeuta procura perceber o comportamento do grupo, suas interações de aproximação e rejeição, bem como, suas indiferenças;

- Minuchin (1982) refere que o terapeuta ao escolher um tema aprofunda uma área, dando foco. O mesmo ocorre com Moreno (1975) ao destacar o que ele chama de zona de conflito. Minuchin fala de focalizar e Moreno de definir uma zona e seus elementos.

Tanto na visão sistêmica estrutural de Minuchin (1982) quanto na construtivista, a posição do terapeuta varia desde a concepção de que o mesmo é um "expert" responsável pela mudança do sistema familiar, até à concepção em que o terapeuta familiar tem duas funções: a de observador participante e a de diretor de conversa. A primeira apresenta o terapeuta

numa posição igualitária no sentido de que não estabelece metas a serem atingidas; na segunda é um "expert" não mais em sistema familiar, mas no sentido de ser capaz de criar espaço para manter a conversação e o diálogo. É parte de um sistema circular interativo.

O diretor do sociodrama constitui-se em um observador participante, portanto difere da postura dos terapeutas sistêmicos estruturais na medida em que não se assentam na preocupação de formular hipóteses, procurando testá-las nas sessões. Ao contrário, o sociodramatista não objetiva dirigir a família para um desfecho pré-determinado, tendo em vista que os conteúdos que surgem nas dramatizações são imprevisíveis e que as outras pessoas da família (ego-auxiliares) são co-criadores e observadores participantes como o diretor .

Uma outra contribuição que trata da terapia familiar e psicodrama pode ser apontada. Trata-se de Antony Williams (1994), autor da obra *Psicodrama Estratégico - a técnica apaixonada*. Ele apresenta uma visão do psicodrama moreniano a partir da teoria sistêmica, com particular enfoque à abordagem estratégica de família, enfatizando as possibilidades dos métodos de ação.

Williams lembra que a cibernética de primeira ordem enfatizou as propriedades homeostáticas e adaptativas dos sistemas, enquanto na cibernética de segunda ordem o observador estabelece distinções, incluindo-se no sistema, co-construindo realidades. Propõe, assim, o "psicodrama estratégico" como um encontro entre dois sistemas - o sistema familiar e o sistema terapêutico.

É interessante observar que o autor estabelece em algumas ocasiões uma diferenciação entre o psicodrama moreniano, denominado por ele de convencional, e o psicodrama estratégico. Isto ocorre na medida em que adota técnicas para examinar a situação (problema), sua evolução e resolução, bem como, as alianças e coalizão que são estabelecidas pelo grupo.

**Para Williams, os psicodramatistas estratégicos propõem que, se a interação entre os membros de um sistema social constitui o principal fator de formação do comportamento, a alteração do comportamento de um membro de um sistema pode levar à alteração correspondente de outros membros do sistema (1994:100).**

Uma contribuição singular da teoria de Williams refere-se à inclusão, no psicodrama estratégico, das lealdades invisíveis, conceito de Ivan Boszormenyi- Nagy, criadas por uma família ou por um sistema. Focaliza

então os laços que influenciam os membros da família por várias gerações. O diretor ajuda os protagonistas a estabelecerem distinções que poderão desemaranhar a rede de lealdades invisíveis .

Outros pontos importantes no psicodrama estratégico, citados por Williams (1994):

1- As fronteiras e coalizão, os sistemas e os subsistemas são abstrações da mesma forma que os papéis, no psicodrama.

2- A terapia estrutural da família se direciona para alteração da estrutura familiar, de tal modo que a família possa resolver seus problemas .

3- Um dos objetivos da terapia estratégica da família é ajudar as pessoas a atravessarem uma crise e caminharem para o estágio seguinte da vida em família .

4- O psicodrama estratégico sugere uma abordagem mais profunda da espontaneidade, baseada na cibernética.

5- Os papéis não podem ser inteiramente compreendidos a não ser no contexto do outro . Refere Williams: *o conceito de papel já é sistêmico. Ele abre a construção interpessoal do eu ao fluxo e refluxo do outro, de tal modo que a definição do eu deve sempre ser mutuamente construída* (1994: 158).

6- Tanto o psicodrama tradicional (Moreno) quanto o psicodrama estratégico têm como objetivo criar em conjunto com o protagonista uma realidade social positiva.

7- A espontaneidade se encontra tanto na base do psicodrama estratégico quanto do psicodrama clássico.

8- O psicodrama estratégico aceita o desafio do paciente que está impedido de avançar, às voltas com o ciclo de solução de problemas, tentando desenvolver uma técnica que o ajude a crescer, dar forma e reformar seus problemas.

Postos tais aspectos, percebemos que a articulação da teoria sistêmico/cibernética e da teoria do psicodrama moreniano mostra-se como uma forma extremamente eficaz de tratamento das relações familiares, possibilitando a co-construção de uma nova realidade, quer seja no espaço privado de um consultório, quer seja onde se encontre o sistema familiar.

## CAPÍTULO II :

### *A CONSTRUÇÃO DA INVESTIGAÇÃO*

*“ Gostaria muito de prosseguir e de mostrar aqui toda a cadeia de outras verdades que deduzi dessas primeiras.”*

Descartes, Discurso da Método, V

#### **1. O PROBLEMA E AS QUESTÕES NORTEADORAS DA INVESTIGAÇÃO**

A abordagem do funcionamento familiar evidencia que a família constrói a sua realidade a partir da história compartilhada por seus membros. Neste aspecto, chama-nos a atenção a forma como os vários subsistemas se relacionam no cotidiano. É o caso dos subsistemas pais, filhos, expressando padrões interacionais, que muitas vezes são trazidos das famílias de origem. Nessa linha de pensamento, as dificuldades que aparecem entre os pais e filhos geram um fenômeno o qual se interliga pelas influências emanadas dos próprios membros da família. Ao se relacionarem, exercem suas influências uns sobre os outros. O que pensar então da família que abriga, em seu interior, filhos adolescentes?

Sabemos que a adolescência ocupa um grande contingente da população brasileira, assim sendo, é considerável o número de famílias que possuem filhos na faixa etária que compreende a adolescência.<sup>3</sup>

Em 1990, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - o Brasil tinha uma população, entre 10 e 19 anos de, aproximadamente trinta e dois milhões de adolescentes, dos quais 71,4% vivem na zona urbana e 28,6% na zona rural.

Em Goiânia, o censo demográfico de 1991 acusa um quantitativo de 96.981 adolescentes do sexo masculino, e 105.335 adolescentes do sexo feminino, na faixa etária entre 10 e 19 anos.

---

<sup>3</sup>- Consideramos adolescentes as pessoas na faixa etária de 10 a 20 anos, seguindo o critério da OMS (Organização Mundial de Saúde)

A família contemporânea vive numa sociedade em constante mutação, cujos valores antigos convivem com os novos. E não é de se estranhar que ela empreenda uma luta para preservar seu espaço, como um lugar seguro, para o crescimento e desenvolvimento de seus filhos. Exercita-se, nesse papel, frente às normas que lhe são estabelecidas, confrontando-se com a cultura, procurando se diferenciar através de um comportamento de contestação. Todo esse movimento se justifica, na medida que assume com intensidade a conquista de sua individualidade.

Aspectos da conduta dos adolescentes, como irresponsabilidade, instabilidade e a tendência permanente à autonomia, são expressos, com frequência, nos contextos familiar e escolar. Atitudes consideradas inadequadas nesses espaços da família e da escola refletem mudanças que, por vezes, chegam a assumir um caráter de visível protesto.

Para uns, tais condutas podem chegar a configurar uma verdadeira crise no desenvolvimento do adolescente. Contudo, é preciso enxergar, com mais clareza, o real significado desse movimento.

Uma leitura mais crítica do sistema social nos lançará, com certeza, à indagação: não será a crise do adolescente a forma de defender-se contra o mundo que ele não pode aceitar, já que ele (adolescente) é o depositário de uma herança imposta?

O adolescente hoje vive as contradições do momento histórico, originadas da sociedade, que permeiam os espaços próprios da família. Na ânsia de existência plena, ele se vê "dragado" pelos meios de comunicação, como é o caso da televisão. Sem pedir licença, esta penetra no aconchego dos lares, ditando normas de conduta, não importa se se trata do consumismo ou das idéias veiculadas quanto à aceitação da violência, do individualismo, preconceitos sociais e comodismo.

Os pais se questionam, tentando encontrar as causas que possam justificar suas falhas no processo de educação de seus filhos .

A escola, por sua vez, não consegue viabilizar seu projeto educativo, recorrendo cada dia mais à família. Cobra desta uma maior participação.

Não é de se estranhar que a escola se queixe do adolescente, afirmando que ele estuda cada vez menos, mostra-se preguiçoso e, quando faz uso de droga, "foge da realidade".

A escola nem sempre arma-se de coragem, para enfrentar uma análise do processo que vem desenvolvendo. Este poderá espelhar a má qualidade de seu projeto educativo que, dificilmente, inclui o desenvolvimento da competência interpessoal de seu corpo docente e técnico administrativo.

O nosso contato com adolescentes, seus pais e suas famílias, quer seja em atendimento clínico ou mediante contato feito em escola, através de palestras, cursos, tem revelado grande distanciamento entre pais e filhos. O atendimento em terapia familiar realizado no NECASA<sup>4</sup> vem contribuindo para aumentar, cada vez mais, o nosso interesse em realizar atividades que visem o desenvolvimento das pessoas no papel de pai e mãe.

Por outro lado, a nossa experiência enquanto professora de Psicologia na área de educação tem apontado, constantemente, para a importância do educador aprofundar-se nos estudos da dinâmica existente na díade pais-filhos. Dessa forma, poderá tornar-se um elemento capaz de realizar efetivamente a ligação entre escola-pais-família. Acreditamos que ao educador cabe, entre outras, a tarefa de construir novos padrões relacionais entre a escola e a família.

Por acreditar que o trabalho do psicólogo não deve restringir-se aos espaços do consultório ou às demandas de uma instituição, apresentamos a proposta desta investigação, oriunda das constatações, em nossa prática profissional, da existência do mito de que ter um filho adolescente torna-se tarefa árdua e desafiadora, passando este a ser visto como fonte de problemas, abalando assim as certezas da família. Desse modo, os padrões transacionais que operam na família do adolescente são caracterizados por uma verdadeira luta entre os processos próprios do jovem adolescente e as questões advindas do mundo interno de seus pais.

A díade pais-filhos adolescentes se transforma ocasionando, na maioria das vezes, perplexidade, desnorteando os mais velhos, alterando os padrões de conduta, até então estabelecidos no contexto familiar. As mudanças da fase da adolescência igualmente desafiam os educadores no cotidiano da sala de aula, uma vez que os remete à confirmação da necessidade de se articularem com a família de forma que possam, efetivamente, realizar uma tarefa educativa conjunta, bem como aprimorar-se nos estudos concernentes à referida temática.

Embora a bibliografia acerca das questões que tratam dos adolescentes e da família seja vasta, poucos são os estudos sistematizados

---

<sup>4</sup>- NECASA (Núcleo de Estudos e Coordenação de Ações para a Saúde do Adolescente) é um serviço de assistência integral ao adolescente, com funcionamento no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás.

no tocante à intervenção junto aos pais. No nosso entender essa ausência de trabalho com pais tem origem na própria posição dos profissionais que não investiram na família, como contexto educativo a ser trabalhado.

A partir daí, sentimos necessidade de produzir um estudo referente ao tema em questão, preenchendo essa lacuna na área da Psicologia e da Educação.

Propomo-nos a investigar formas de trabalho com os pais, que favoreçam a sua tarefa educativa. Nesse sentido, o estudo visa trazer subsídios para o delineamento de uma proposta de investigação junto aos pais de adolescentes, objetivando uma maior compreensão dos aspectos relacionais entre pais e filhos.

Num primeiro momento, como ponto de partida na investigação desta vasta temática, formulamos as seguintes questões :

- Como se expressa a adolescência enquanto etapa do ciclo vital familiar?
- Quais os conflitos mais freqüentes na relação pais-filhos adolescentes do ponto de vista dos pais?

De acordo com a concepção da teoria sistêmica a adolescência é uma fase do ciclo vital familiar que exige mudanças estruturais e a renegociação de papéis dentro do contexto familiar. A partir dessa hipótese teórica, o presente estudo propõe investigar, através de material empírico, as referidas questões.

No modelo de ciclo vital a adolescência surge como uma preparação para deixar o lar, onde aparecem questionamentos a respeito das formas que os pais vêm adotando com seus filhos, com constantes tentativas de não perder a autoridade. Os pais impedem a tão almejada autonomia dos jovens, o que estabelece significativas diferenças na vivência do papel de pai/mãe e filho. Isso suscita uma problemática específica, a qual deve, no nosso ponto de vista, ser melhor conhecida. Por esse motivo, dentro das diferentes dimensões possíveis de estudo optamos em privilegiar os subsistemas pais, levando-nos a estudar quais as dificuldades mais freqüentes no exercício do papel de pais de adolescentes.

Destacamos diversos trabalhos na literatura existente sobre família no que diz respeito às transformações sociais, culturais, econômicas e éticas. Heloisa Szymanski (1987) muito tem contribuído sobre o significado da



família, propondo reflexões aos trabalhadores sociais (1992), bem como, discorrendo sobre as teorias de família, através da articulação das idéias que tratam o assunto e o seu papel no desenvolvimento de modelos (1995).

A questão dos direitos no convívio familiar também surge como ponto de reflexão nos estudos de outros autores: Gomes (1994), Genofre (1995) e (no âmbito da antropologia) Fonseca (1987) que discute o papel da mulher no desenvolvimento da família brasileira.

Dessa forma, amplia-se cada vez mais o debate em torno das questões vinculadas à família. Contudo, os estudos e investigações sobre família com filhos adolescentes ainda são escassos. Na maioria das vezes, estão citados em trabalho na área da Psicologia Clínica, sob forma de terapia breve, desenvolvidos, na grande maioria, em ambulatórios de hospitais Swift (1993), Zannetti, Junior, Dino e Pires, Terezinha G.A. (1988), Dal Fabbro, Maura Ramos S; Horikoshi, Cristina T; Ishara, Sergio (1993).

Por outro lado, registramos a existência de estudos que focalizam o tratamento de adolescentes com desordens mentais, atendidos em hospitais, visando objetivos eminentemente curativos. Idêntica situação pode ser percebida ao tratar-se da abordagem sistêmica em terapia familiar. Os trabalhos não alcançam uma dimensão preventiva/educativa.

O atendimento de famílias ocorre, na maioria das vezes, caracterizando o trabalho numa dimensão estritamente terapêutica Ingber, A.L.; Oliveira, E.R. (1983), Brent, D.A; Poling K, Kckain Baugher M. (1993).

No âmbito do psicodrama brasileiro, apesar da escassez de trabalhos, registram-se, mais recentemente, nos periódicos, alguns estudos destinados a pais, mediante o treino do papel de pai/mãe Pawel (1990), Carvalho, Angela M. e Barbosa, Sulymar (1988); Silva, Marisa S. (1992).

No que se refere à abordagem da criança e do adolescente, já se constata um movimento de expansão, consolidando-se com a criação dos Encontros Brasileiros de Psicodrama da Infância e Adolescência. Entretanto, ainda há uma verdadeira lacuna no que tange a estender essa proposta de trabalho, mais especificamente, aos pais de adolescentes.

A partir de tais constatações, passamos a direcionar nossa atenção para a possibilidade de trabalho com pais de adolescentes num caráter educativo/preventivo.

A fim de resgatar a teoria psicodramática e a essência da proposta de Moreno, de que uma intervenção se dê basicamente em grupo, levantamos as seguintes questões:

- Quais as possibilidades de se abordar pais de adolescentes no contexto grupal ?
- Como operacionalizar uma proposta de trabalho grupal com pais de adolescentes no âmbito da escola ?
- Quais os aspectos educativos possíveis de serem desenvolvidos no estabelecimento de um programa de intervenção junto a pais de adolescentes ?

Sendo assim, constroem-se dois eixos principais de questões de investigação: um referente à dinâmica interacional entre pais e filhos, com ênfase na experiência dos pais, e o outro com relação às possibilidades de trabalhar com pais em uma instituição educativa.

## 2 . PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

### 2.1 - *Orientação metodológica*

Esta investigação visa analisar as interações entre pais e filhos adolescentes e elaborar uma proposta educativa para os pais, construída a partir da intervenção junto aos mesmos. A escolha dessa metodologia prende-se ao interesse em desempenhar *um papel ativo na própria realidade dos fatos observados* (Thiollent, 1988 : 16). Faz-se aqui uso da pesquisa-ação enquanto uma estratégia onde ocorre, no dizer de Thiollent :

- *Uma ampla e explícita interação entre os pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada .*
- *O objetivo (da pesquisa-ação) consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada.* No caso, dificuldade dos pais em lidar com filhos adolescentes.
- *... pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o "nível de consciência" das pessoas e grupos considerados.*

Peter Spink refere: *na sua expressão mais simples, a Pesquisa-Ação é um termo aplicado à pesquisa corrente com o duplo e explícito propósito de auxiliar a reflexão, formulação ou implantação da ação e de desenvolver, enriquecer ou testar quadros referenciais teóricos ou modelos relevantes ao fenômeno em estudos* (1979:31).

Acrescenta ainda o autor: *aonde a Pesquisa-Ação difere de outros métodos é na sua preocupação explícita de trabalhar lado a lado com aqueles que estão tentando lidar com os problemas que emergem para os quais ambos os lados já contribuíram através de tentativas frustradas* (1979: 41-42).

Dessa forma, são objetivos da presente investigação: obter informações sobre as especificidades do relacionamento entre pais e filhos adolescentes e sobre as possibilidades de desenvolver ações educativas com os pais, contribuindo para o equacionamento da problemática interacional entre os pais e filhos, auxiliando assim os pais na sua atividade transformadora dos padrões de interação.

No contexto desta pesquisa-ação, a ação implica, por um lado, uma estratégia que exige a participação ativa dos pais, refletindo seu desempenho no papel de pai/mãe. Por outro lado, como resultado dessa estratégia, buscamos a elaboração de uma proposta de trabalho e de uma metodologia de intervenção educativa a ser realizada no contexto de uma escola.

Vale salientar que o intuito da pesquisa-ação não se caracteriza apenas pela ação ou pela participação. O objetivo é *principalmente voltado para a produção de conhecimento que não seja útil apenas para a coletividade considerada na investigação local. Trata-se de um conhecimento a ser cotejado com outros estudos e suscetível de parciais generalizações no estudo de problemas sociológicos, educacionais ou outros de maior alcance* (Thiollent, 1988 : 18-19) .

## 2.2 - Contextualização da pesquisa

### 2.2.1- A instituição escolar onde ocorreu a pesquisa-ação

A investigação aconteceu no CEPAE<sup>5</sup> - Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação - uma instituição de ensino e pesquisa de 1o. e 2o. graus da Universidade Federal de Goiás, localizada no Campus II (saída para Nerópolis).

A escolha desse local apoiou-se em dois aspectos : primeiro, por acreditar que esse espaço reúne pais de níveis sócio-econômicos representativos de diversas classes sociais e, segundo, por tratar-se de unidade de ensino da Universidade que favorece assim uma interação dessa instituição com a sociedade.

O CEPAE - é uma unidade de ensino ligada à Pro-Reitoria de Graduação da Universidade Federal de Goiás. Funciona em prédio próprio, desde 1980. O corpo docente conta com 57 professores da carreira do magistério superior. O colégio possui 32 funcionários técnico-administrativos, para apoiar as atividades de ensino, pesquisa e extensão.

O CEPAE mantém o Ensino Fundamental e Médio, num total de 740 alunos, com duas turmas de cada série, funcionando no período matutino e vespertino, de 2a. a 6a. feira.

---

<sup>5</sup>- Os estudos relativos ao CEPAE foram retirados de documentação fornecida por essa instituição.

O perfil sócio-cultural dos alunos expressa uma clientela de diferentes estratos sociais. Predominam alunos cujas famílias são de classes menos favorecidas, com uma renda mensal na faixa de 1 a 6 salários mínimos. A predominância de escolaridade dos pais distribui-se entre 1o. grau incompleto e 2o. grau completo. Contudo, existem filhos de professores universitários, ou filhos de pessoas com escolaridade de nível superior. Os alunos são provenientes de diferentes regiões da cidade, mas há predominância de residentes em bairros próximos ao Campus II. As famílias dos alunos constituem-se, em sua maioria, de três a seis pessoas.

O sistema adotado para seleção dos alunos para preenchimento das vagas se dá mediante sorteio entre os interessados da comunidade em geral. O sorteio segue a forma de sorteio de loteria.

Os projetos do CEPAE compreendem:

A - Ensino - articulados com a pesquisa e a extensão

- Ensino Fundamental e Médio
- Ensino de Graduação - atua nos cursos de licenciatura, promovendo estágios para os vários setores da U.F.G.
- Prolincen - U.F.G. - aprofundamento das ligações do CEPAE com os Institutos da U.F.G. (Matemática, Física, Química, Francês, Educação Artística)

B - Pesquisa - compreende dois tipos: de natureza individual e de equipe

C - Extensão - são decorrentes das atividades de ensino e/ou de pesquisa

- Projetos de articulação da Universidade com a Sociedade.
- Projetos de integração da Universidade com o Ensino Fundamental.

### 2.2.2- A pesquisadora na instituição

O ingresso da pesquisadora no referido colégio foi facilitado, não só por tratar-se de instituição onde anos atrás fora seu local de trabalho, como também, por ter recebido total aceitação pelo setor de Psicologia do

CEPAE, através de umas das psicólogas, elemento integrante do contexto pesquisado.

### 2.3 - Os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos foram 12 (doze) pais de adolescentes, enquanto integrantes de um grupo.

Como fonte secundária, utilizaram-se dados fornecidos pelos respectivos filhos.

A psicóloga do CEPAE realizou a triagem dos pais dos adolescentes que apresentavam dificuldades escolares, tendo como critério as queixas sobre o rendimento escolar e os problemas interacionais na família. Ela convocou os pais para uma reunião, informando a todos a possibilidade de participarem da pesquisa. Mais de 30 (trinta) pais, presentes à reunião, mostraram-se interessados .

Não foi utilizado portanto critério de seleção dos pais. Houve adesão espontânea à proposta da pesquisadora. O primeiro encontro do grupo foi marcado mediante convocação (vide anexo 1). Compareceram inicialmente 8 pessoas, aumentando esse número a partir da 2a. sessão para 12 pessoas, alcançando, assim, o número ideal para o grupo de pais, pois consideramos que esse número é satisfatório na formação de um grupo. A intervenção centrou-se nos pais, através do contexto grupal.

O quadro a seguir expõe a caracterização dos sujeitos do grupo:

Caracterização dos sujeitos que integraram o grupo de pais						
Idade	Sexo	Número de filhos	Sexo / Idade dos Filhos		Grau de Instrução dos Pais	Profissão/Ocupação dos Pais
			M	F		
32	F	3	12	9 - 13	1º grau inc.	Comerciante
33	F	3	9	14 - 8	2º grau inc.	Prendas Domésticas
33	F	3	11 - 12	9	1º grau comp.	Bordadeira
35	F	3	1 - 10	12	1º grau inc.	Costureira
36	F	3	5 - 10	11	Superior	Auxiliar de Biblioteca (UCG)
37	F	3	16	15 - 12	1º grau inc.	Costureira
40	F	2		13 - 10	2º grau comp.	Prendas Domésticas
43	M	4	3 - 13	15 - 11	1º grau comp.	Func. Público - Ass. Administ.
49	F	2	14	12	Superior	Aposentada (Profª. Universitária)
55	F	3	15 - 18	20	Superior	Médica
58	M	3	15 - 18	20	Superior	Aposentado (Contador)
58	F	1	12		Superior	Profª. Universitária

- O grupo era formado de pais de adolescentes na faixa etária de 32 a 58 anos, sendo 10 pessoas de sexo feminino e 2 do sexo masculino (uma delas é o cônjuge de uma das mães integrantes do grupo; a outra pessoa do sexo masculino compareceu sozinha pois é separada da esposa, estando os filhos sob sua guarda).
- O nível de instrução dos pais varia do I grau incompleto até o nível superior.
- Dez famílias possuem filhos de ambos os sexos (masculino e feminino).
- Apenas uma família tem filhos do mesmo sexo (sexo feminino).
- Constata-se a existência de apenas uma família com um único filho (sexo masculino).
- Observa-se a existência de filhos crianças e filhos adolescentes em seis famílias.
- Constata-se a existência de quatro famílias, cujos pais são separados. Apenas em uma delas os filhos moram com o pai.
- Em dois casos do grupo, além da família nuclear (pais e filhos), moram na casa as avós maternas.

Apresentamos a seguir, alguns dados mais específicos relativos aos filhos adolescentes.

- As idades dos filhos variam de 1 a 20 anos de idade. O maior número de filhos encontra-se na faixa etária de 9 a 15 anos, com maior concentração na idade de 12 anos.
- Do número total de filhos dos pais da pesquisa (N=33) 17 são adolescentes entre 10 e 15 anos, e são alunos do CEPAE.
- Dez adolescentes são do sexo feminino e sete do sexo masculino.
- Um adolescente cursa a 2ª série do I grau (Idade: 10 a)
- Um adolescente cursa a 3ª série de I grau (Idade: 11 a)

- Dois adolescentes cursam a 4ª série do I grau ( Idades: 11a e 13 a)
- Seis adolescentes cursam a 5ª série do I grau - Idades: 11a(1); 12 a (4); 13a (1)
- Um adolescente cursa a 6ª série de I grau ( Idade: 12a)
- Três adolescentes cursam a 7ª série do I grau (Idade: 12a, 13a, 15a)
- Três adolescentes cursam a 8ª série do I grau (Idade: 13a, 14a, 15a)
- Maior número de adolescentes (6) encontra-se com a idade de 12 anos, seguido de 4 adolescentes com idade de 13 anos. O restante de adolescentes, portanto, 7 adolescentes se distribuem nas idades de 10, 11, 14 e 15.
- A maior concentração de alunos (6) encontra-se na 5ª série

#### ***2.4 - Procedimentos de coleta de dados***

O processo metodológico utilizado na coleta de dados compreendeu duas etapas:

##### ***2.4.1 - A primeira etapa***

A primeira etapa de coleta de dados refere-se ao conteúdo do material das entrevistas semi-estruturadas, realizadas com pais e as realizadas, separadamente, com os filhos adolescentes.

As entrevistas constituíram, concomitantemente, fonte inicial de informação como forma de conhecimento dos participantes e fonte de dados do primeiro eixo da investigação.

Segundo afirma Kandel, em Thiollent, *a entrevista (de pesquisa) não é simplesmente um trabalho de coleta de informações, mas, sempre, uma*



**situação de interação, ou mesmo de influência entre dois indivíduos** (1985: 178).

Considera-se que a entrevista realizada neste primeiro momento da pesquisa atendeu às características de uma entrevista clínica, pois, de acordo com *a entrevista é um instrumento fundamental do método clínico e, portanto, uma técnica científica em psicologia. Como técnica tem seus procedimentos ou regras empíricas com as quais não só se amplia e verifica como também, se aplica o conhecimento científico (...) a técnica é o ponto de interação entre a ciência e as necessidades práticas; é assim que a entrevista alcança a aplicação de conhecimento científico e, ao mesmo tempo, obtém ou possibilita levar a vida diária do ser humano ao nível do conhecimento e da elaboração científica* (Bleger, 1980:9) .

As entrevistas com os pais e as com os filhos adolescentes foram todas realizadas pela própria pesquisadora que seguiu um roteiro previamente estabelecido na condução das entrevistas (vide anexo 2). Esse roteiro foi construído pela pesquisadora, especificamente para os objetivos dessa investigação.

O motivo da padronização das entrevistas (Marconi, 1988) é obter, dos entrevistados, respostas às mesmas perguntas, de forma que elas sejam comparadas com o mesmo conjunto de perguntas. Para tanto, foram abordados os vínculos entre pais e filhos adolescentes, as características do relacionamento familiar, as dificuldades em ser pai/mãe de adolescentes, as dificuldades no papel de filhos, a questão dos limites e a expectativa que pai e filhos têm um do outro, no contexto familiar.

Dessa forma, foi permitido à coordenadora aproximar-se do conhecimento dos filhos, enquanto objeto real e não apenas enquanto objeto internalizado pelos pais. Tal aspecto adequa-se aos princípios da abordagem sistêmica.

Foram feitos registros das entrevistas através da gravação em fitas K-7, transcritas na íntegra pela pesquisadora. A gravação foi feita com aquiescência dos sujeitos .

Apesar da pesquisadora seguir o roteiro estabelecido, as pessoas entrevistadas discorriam sobre as questões familiares, solicitando orientação para as situações consideradas problemáticas. Naquele momento, a pesquisadora esclarecia a natureza e objetivos da entrevista, informando que, após a investigação concluída, poderia ser estabelecido um momento

para entrevistas individuais, com os pais que sentissem necessidade de orientação.

Os filhos adolescentes foram convocados para uma reunião mediante ofício entregue aos pais, enviado pela pesquisadora (vide anexo 3). Durante a reunião com os adolescentes foi explicado o objetivo da pesquisa e combinados os horários para as entrevistas. No caso de filhos de uma mesma família, este subsistema foi entrevistado na mesma ocasião.

Tanto as entrevistas com os pais, quanto as realizadas com os filhos, tiveram a duração de 60 minutos, variando o tempo de acordo com as características individuais de cada sujeito, ao expor, com maior ou menor emoção, os aspectos solicitados.

O conteúdo das entrevistas em sua íntegra se encontra no anexo 4.

#### 2.4.2 - A segunda etapa

Essa etapa correspondeu à intervenção grupal num total de 17 sessões que, por sua vez, compreendeu três momentos.

A intervenção no grupo durou 6 meses. As sessões ocorriam uma vez por semana, no período da tarde, com duração de duas horas. Cada sessão foi planejada segundo as etapas de uma sessão psicodramática.

O local onde foram realizadas as sessões era uma sala de aula pequena, que dispunha de um quadro negro, uma mesa e o número de carteiras suficiente.

O extremo calor e o barulho proveniente da construção de uma parte nova do colégio foram fatores ambientais que, em certas ocasiões, dificultaram a comunicação dos participantes do grupo, por não se ouvir bem o que era falado.

A pesquisadora (coordenadora do grupo) contou com a colaboração de 6. uma auxiliar de pesquisa (estudante do 3.º ano do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação /UFG), que realizou os registros cursivos de todas as sessões. A psicóloga do CEPAE participou do grupo, desempenhando, em muitas ocasiões, o papel de ego-auxiliar.

## 2.5 - Procedimento de análise de dados

Os dados foram analisados em três níveis diferentes.

O primeiro nível de análise apresenta os resultados obtidos sobre o primeiro eixo de investigação, em resposta à questão “Como se expressa a adolescência enquanto etapa do ciclo vital familiar ?” Mostra assim quais os conflitos mais frequentes na relação pais-filhos, apresentados no capítulo III que intitulamos: “Pais e filhos vivem suas diferenças”.

A análise realizada refere-se aos aspectos específicos investigados, agrupadas em oito categorias temáticas. Tal categorização é apresentada na íntegra no anexo 4. As categorias estão assim distribuídas:

Categoria I: Relacionamento pais/filhos  
(questões 1 e 3)

Categoria II: Relações Familiares e adolescentes  
Relação do casal e adolescentes  
- alianças, afinidades  
(questões 8, 9 e 12)

Categoria III: Diálogo pais - filhos  
(questões 4, 6 e 7)

Categoria IV: Expectativas dos pais sobre os filhos e dos filhos sobre os pais  
(questões 14 e 15)

Categoria V: Demanda dos pais  
Demanda dos filhos  
(questão 16)

Categoria VI: Estabelecimento de Limites / Regras  
(questões 5 e 13)

Categoria VII: Percepção dos Pais e dos Filhos  
Sobre Adolescência  
(questão 11)

Categoria VIII: Vivência no papel de pai/mãe de adolescentes  
Vivência no papel de filhos adolescentes  
(questões 2 e 10)

O segundo nível de análise dos dados refere-se ao segundo eixo de investigação que propõe responder a questão “Como operacionalizar uma proposta de trabalho grupal com pais de adolescentes no âmbito de uma escola?”

A fim de realizar esse nível de análise de dados efetivou-se a intervenção grupal - o ponto chave da investigação-denominado “Do drama à ação - possibilidades de construção de novas relações entre pais e filhos através do contexto grupal.”

Essa análise passou por um trabalho inicial de relato de cada sessão apresentando os conteúdos verbal e não verbal, na sua cronologia, incluindo planejamento e comentários da pesquisadora (coordenadora do grupo). Tal material destaca-se sendo relatado na íntegra no capítulo III.

Realizou-se ainda um terceiro nível de análise, buscando integrar os dados obtidos, apresentando uma reflexão em torno das reais possibilidades do trabalho com pais no contexto da escola. Esse nível de análise originou o capítulo IV que integra a discussão realizada nos dois eixos da pesquisa. O conteúdo apresentado e discutido nos capítulos anteriores sintetizam-se à luz da literatura específica sobre o tema estudado, sendo retomado no momento conclusivo sobre o que se denominou “Concluindo um ciclo de descobertas das possibilidades no trabalho com pais.”

### CAPÍTULO III:

#### ***APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS***

*“... tendo achado um caminho que, na minha opinião, quem o seguir deverá infalivelmente encontrar a ciência (...) julgava que (deveria) comunicar fielmente ao público todo o pouco que eu descobrira e convidar os bons espíritos a que procurassem ir além contribuindo cada qual segundo sua inclinação e seu poder para as experiências que seria necessário fazer.”*

( Descartes, 1965)

#### ***1. PAIS E FILHOS ADOLESCENTES - COMO PERCEBEM E VIVEM SUAS DIFERENÇAS***

Os dados apresentados referem-se ao 1º. eixo da investigação que foram obtidos mediante o conteúdo expresso pelos pais e seus filhos nas entrevistas, realizadas separadamente, evidenciando como se dão as relações entre esses dois subsistemas.

Foram relatos extremamente significativos que apontam para a diversidade de opiniões, a natureza das diferenças existentes entre pais e filhos, e traduzem fielmente como a família vive em seu ciclo a fase com filhos adolescentes.

Todo esse material inicial foi de grande valia, na medida que nos facultou também o conhecimento dos filhos, como eles pensam e como são na relação com seus pais. Essa etapa nos aqueceu para o trabalho com o grupo de pais, além de oferecer subsídios para o plano de trabalho a ser desenvolvido.

Assim, a análise que segue é a mais forte expressão de que pais e filhos vivem num mesmo contexto, rico de diferenças, complementando-se e dando sentido à vida em família.

#### ***As diferenças na vivência dos pais e dos filhos***

A análise do material obtido evidencia que os conflitos mais frequentes na díade pais - filhos adolescentes encontram-se relacionados, da parte dos pais, ao fato destes sentirem que não mais conseguem direcionar a vida de seus filhos, da forma como estavam acostumados a fazer, antes dos filhos entrarem na fase da adolescência.

A adolescência é percebida pelos pais como uma fase em que os filhos estão vivendo um período de crescimento, uma fase de transformação que desencadeia nos pais sentimentos diversos. Sentem-se confusos, angustiados e apreensivos . (Categoria VIII - Vivência do papel de mãe/pai de adolescentes - questões 2 e 10.) Assim se expressaram <sup>6</sup>:

*“Estou muito confusa ... quando pequenos, a gente coloca as coisas. Não sei se porque não questionam; é mais fácil. Agora ... eu sei que têm direitos, que é legítima a busca deles, mas por outro lado fico pensando : será que deve, será que pode?”*

*“ Olha, sinto assim. muito preocupada, apreensiva com a chegada da adolescência”.*

*“ É uma responsabilidade muito grande. Quando eles eram crianças era mais fácil.”*

Essa fase é vivida pelos pais como imprevisível, conduzindo inevitavelmente a um profundo questionamento sobre a forma de educar, gerando dúvidas com relação às posturas assumidas até então como pai/mãe. Tal questionamento conduziu algumas pessoas a refletirem sobre a dimensão do seu papel junto ao filho, percorrendo um caminho de indagação sobre a qualidade de suas ações no contexto familiar, levando assim a um movimento de introspeção. (Categoria VIII -Vivência do papel de mãe/pai de adolescentes - questões 2 e 10.)

Cabe ressaltar a riqueza desse momento, que permitiu o afloramento das mais íntimas emoções, muitas vezes, sofridas , fazendo com que os pais entrassem em contato com aspectos internos, conforme registramos :

*“... tem hora que me interrogo . Será que compensa ter filhos com essa complexidade de acontecimentos.”*

*“ ... uma balança. A gente tem que voltar e tem que reavaliar toda hora, todo dia.”*

---

<sup>6</sup>- As falas apresentadas foram transcritas como foram verbalizadas.

Quanto à percepção que os adolescentes têm dessa fase de sua vida, as respostas variaram desde a sensação de estarem bem, até a constatação de um distanciamento entre eles e os pais. Percebe-se, por outro lado, a existência de nítidas contradições nos relatos dos filhos:

*"Não me sinto bem, não. Prefiro ser criança ... tenho vontade de chegar logo aos 18 anos. Ficar maior logo."*

*"Não sei responder. Acho que é difícil ser adolescente ."*

Interessante foi observar que, para alguns adolescentes, há necessidade de se por "um freio". Reconhecem ainda que, em ocasiões, se sentem donos da própria vida e que a revolta se instala entre eles freqüentemente. Em geral, têm consciência da natureza de suas ações :

*"Acho ... eu apronto demais ."*

*"Os pais têm que arranjar um freio para segurar ."*

*"... a maioria dos adolescentes não quer obedecer os pais. Acha que é dono da vida."*

Pais e filhos falam das mudanças que geram dificuldades. Para os primeiros, as mudanças e transformações que vêm operando nos filhos constituem um fator que aumenta a complexidade da tarefa de serem pais. Os filhos conseguem perceber os problemas que causam aos pais , mas ... por vezes, sentem-se impelidos a combater os impedimentos que possam vir a ofuscar a tão almejada liberdade.

### ***Estabelecimento de limites - o direito de proibir***

Os pais consideram infrutíferas as tentativas de deter a rebeldia e a desobediência dos filhos adolescentes. Para os pais é fundamental que os filhos sigam as normas estabelecidas, que, indubitavelmente, garantiriam o bom andamento das atividades dentro de casa. Na maioria das ocasiões o estabelecimento de limites fica a cargo da mãe . Esta desempenha tal tarefa com dificuldades, uma vez que os filhos resistem em cumprir suas determinações. Em geral, é a mãe que fica mais insatisfeita ao ver que os

filhos não cumprem suas ordens. Atribui a ela própria a falha na condução das situações, apontando como a causa de suas dificuldades a forma como foram criadas e gostariam de educar seus filhos. Fica patente aqui a questão da lealdade às figuras de sua família de origem. São expressões dos pais:

*"As dificuldades são os costumes da gente. O jeito que a gente foi criado e a gente quer criar os filhos."*

Os adolescentes, por sua vez apontaram um conjunto de dificuldade no relacionamento com seus pais, advindas dos impedimentos que lhes são impostos. Identificaram a figura da mãe como a representante máxima dos impedimentos e do estabelecimento de normas no contexto familiar, o que leva a um permanente desgaste nas relações dentro de casa . Os filhos gostariam de se sentirem livres para escolher o momento em que fariam suas coisas, e de não serem interrompidos em suas horas de lazer. Para eles, tanto a mãe quanto o pai são os detentores do poder no estabelecimento de normas, regras e limites, que são expressos mediante realização de tarefas, as mais diversificadas, como: arrumar a mesa, levar o cachorro para passear, arrumar o quarto, seguir um horário fixo para estudar, para brincar, não sair na hora que pretender, ter que observar o horário para chegar em casa. (Categoria VI: Limites e Regras.)

Os filhos identificaram várias formas dos pais exigirem o cumprimento de regras e limites. Referiram que há ocasiões em que os pais improvisam na hora, dando-lhes a impressão que não conseguem analisar previamente a questão. Os adolescentes também fizeram referência ao modo como seus pais agem ao perceberem que as regras e os limites não foram cumpridos: tanto buscam conversar com os filhos, como aplicam castigos, punições, inclusive batendo nos próprios filhos. Com relação ao fato de ocorrer transgressão das regras estabelecidas, os adolescentes foram unânimes em afirmar que todos os filhos costumam transgredi-las, independente da idade e do sexo:

*" Eles (pais) parecem que improvisam na hora ..."*

*"Eu não gosto de regras. Aí eles brigam comigo. Bate, briga."*

*" Os dois colocam limites. Em casa, faço as coisas mais ou menos. Desobedeço também ."*

*"Antes eles batiam. Agora, minha mãe conversa, põe de castigo."*



De uma maneira geral, estabelecer regras e limites mostrou ser uma prática nitidamente desgastante, tanto para os pais quanto para os filhos.

Muitas vezes os pais, sentem emergir o sentimento de culpa por não permanecerem em casa, o que dificulta o cumprimento de condutas a serem desenvolvidas pelos filhos. Acreditam que foram muito maleáveis em suas ordens, quando os filhos eram pequenos, permitindo que fizessem coisas ao bel-prazer, como por exemplo, no caso da alimentação, do horário para estudar em casa, etc. (Categoria VI: Limites e regras - questões 5 e 13). Segue a ilustração:

*"... na minha casa, quando eu era pequeno, minha mãe deixava ... a gente não foi educado como deveria, ter um horário de alimentar. E isso eu não preoquei. Isso é um ponto negativo. Falha minha. Eles (filhos) não tem disciplina com a alimentação. Isso eu falhei."*

### ***Como se dá o relacionamento entre pais e filhos***

Os filhos se encontram na fase de busca da própria autonomia se ressentindo diante da maneira como os pais procedem em casa. Eles se sentem propensos a não aceitarem as exigências, o que os levam a desobedecer, criando, dessa maneira, pontos de atrito com seus pais.

Outro aspecto declarado pelos filhos diz respeito à dificuldade que os pais demonstram em entender seus pensamentos e vontades, como é o caso do namoro. Há proibições e exigências vistas pelos filhos como inadmissíveis. Há também, um constante desejo de liberdade que se contrapõe às idéias dos pais. (Categoria I - Relacionamento pais-filhos - Questões 1 e 3.) Como ilustração desse aspecto citamos trechos de suas falas nas entrevistas:

*"Ah, fica mandando a gente fazer as coisas. Vou fazer quando eu quiser."*

*"... eu brigo com minha mãe porque ela começa a implicar comigo, com minhas roupas, meus cabelos. Fala da minha preguiça."*

*"Tem muitas brigas, muitas exigências, confronto de idéias. Tenho as minhas idéias, meus pai, as deles."*

O que se encontra na base de tais dificuldades ?

Os pais experimentam um sentimento de impotência que se vincula, claramente, à perda do papel de pais dos filhos crianças .

Knobel e Aberastury (1984) referem lutos fundamentais pelos quais o indivíduo deve passar em sua transição para a adolescência, ao mesmo tempo chamam a atenção para o processo que transcorre com os pais . Segundo os autores, os pais sentem dificuldades também em fazer a passagem para um outro estágio em suas vidas - o de pais de adolescentes. Assumir esse novo papel implica conseguirem apreender os desejos, vontades e as exigências dos filhos e se reconhecerem em um outro estágio de sua própria vida.

Na realidade, um grande descompasso existe entre as idéias dos adolescentes e aquelas apresentadas por seus pais.

A adolescência caracterizada por grandes mudanças, inicialmente no nível corporal, chega a assustar os pais. A sexualidade irrompe , mostrando novas pautas de conduta. Pais e filhos discordam e ficam apreensivos com as descobertas oriundas das transformações vividas no plano sexual. Estas, passam a ser o foco de sua atenção, servindo como pano de fundo para o drama que se instala no contexto familiar. (Categoria I - Relacionamento pais-filhos - Questões 1 e 3.)

Vejamos como isso aparece no relato das entrevistas:

*"Quando o assunto é namoro, idade de namorar, meu pai é muito machista."*

*"A minha mãe de vez em quando fala que ainda não sou adolescente. Não estou na fase de namorar."*

### ***Existe diálogo entre pais e filhos ?***

O diálogo entre os pais e filhos vai ficando comprometido, à medida em que as opiniões dos pais divergem da dos filhos. (Categoria III- Diálogo pais- filhos - questões 4, 6 e 7.) Os filhos apontam a possibilidade de existência de diálogo, mas enfatizam que isto depende da forma como as coisas são conduzidas pelos pais. Eles assim se expressaram :

*"É ... há diálogo sim, com muita discordância, mas há, dependendo do assunto."*

*"Depende do caso. Se ele (pai) vier com esse negócio de namorado. Não agüento isso não. Não dá pra ter diálogo, não."*

O conjunto de opiniões expressas pelos pais e filhos sugere que as dificuldades na díade pais - filhos adolescentes giram em torno de duas forças opostas. De um lado existiria o desejo explícito dos pais em continuar exercendo controle sobre seus filhos, limitando suas escolhas, pretendendo estabelecer o momento ideal para que estes iniciassem determinadas escolhas em suas vidas, tais como, o namoro. Por outro lado, encontraríamos os adolescentes que sentem, intensamente, crescer dentro de si o enorme desejo de liberdade. Eles não se esquivam de situação que tendem a conduzi-los ao confronto de opiniões, à busca de autonomia, expressa muitas vezes mediante a tentativa de preservar suas escolhas, como é o caso do namoro.

Há, pois, uma tentativa dos pais em continuar oferecendo proteção aos filhos, com constante necessidade de mantê-los perto de si, buscando dessa forma negar que agora seus filhos encontram-se em um outro estágio do desenvolvimento humano.

### ***O papel de pai/mãe e o de filho - onde reside a diferença?***

Com relação às dificuldades mais freqüentes no exercício do papel de pais de adolescentes, eles apontaram vários fatores, tais como: as condições externas oriundas da sociedade, cujos valores vêm sofrendo mudanças, o liberalismo reinante e os estímulos circundantes ao adolescente. Não menos importantes foram citados o envolvimento com o grupo de amigos dos filhos, a influência da mídia ( em especial a televisão) impondo padrões de conduta e as drogas. Ainda arroladas nesta lista, figuram a violência e agressão. (Categoria VII- Percepção dos Pais e dos filhos sobre a adolescência - questão 11.) Assim se expressaram os pais:

*"... os valores estão mudando muito. As ofertas são muitas. Há muitas agressões , violência . Não se tem muita certeza ... "*

*"Eles (filhos) gostariam de levar a vida como manda televisão e a maioria dos coleguinhas deles vivem ."*

Os filhos não seguiram numa linha de pensamento totalmente diferente da dos pais. Eles reconheceram que existem vários fatores

contribuindo para que o período da adolescência seja percebido como um período repleto de dificuldades. Também aqui, os fatores externos foram incluídos entre as causas que tornam a adolescência uma fase difícil. Como exemplo citaram o grande acúmulo de informações que lhes são oferecidas, maior permissividade na área da sexualidade, o que os levaria a encarar o sexo de forma mais liberal, como pode ser percebido nos comentários que se seguem:

*“Hoje está tudo muito bagunçado.”*

*“O sexo está muito liberal. Os rapazes estão muito avançados.”*

Mediante tais aspectos percebemos que a fase da adolescência é vivida por pais e filhos como uma etapa do desenvolvimento, bastante difícil, caracterizada, mais uma vez, por conflitos inter-pessoais com constante presença de confrontos, gerados pela diferença de opiniões que habitualmente se dá no contexto familiar. As influências que emanam da sociedade fazem-se nítidas a todos os dois subsistemas.

Enquanto os adolescentes mostram-se visivelmente voltados para o mundo externo, cheio de diferentes e atraentes estímulos, os pais sentem-se propensos a realizar um movimento de retorno a uma outra época : aquela em que viveram sua adolescência, cujos padrões de condutas foram firmados como corretos e socialmente adequados. (Categoria VII - Percepção dos pais sobre adolescência - questão 11.)

No decorrer das entrevistas individuais, foi nítida a necessidade que os pais sentem em estabelecer uma relação com a própria adolescência vivida. Sendo assim, não evitaram fazer referências à história pessoal, estabelecendo comparação desta com o momento vivido pelos adolescentes hoje. Compararam a maneira como foram adolescentes e a maneira como seus filhos vivem a fase da adolescência, no presente momento, concluindo que nada tem a ver uma com a outra.

Percebemos assim a tendência dos pais em se pautarem pelos valores de sua época, buscando explicações e justificativas para a não aceitação das condutas de seus filhos adolescentes.

*Expectativa dos pais, expectativa dos filhos ...*

Outro aspecto que nos chama a atenção, com relação às opiniões emitidas pelos pais, diz respeito às expectativas destes, relativas a seus filhos, em termos do crescimento pessoal. Nutrem desejo de que os filhos consigam ser pessoas independentes, que evitem situações embaraçosas e perigosas, como é o caso do uso de drogas. Esperam dos filhos lealdade para com o sistema de valores que lhes foram transmitidos, o que, segundo suas opiniões, garantiriam uma conduta correta.

Ficou patente a grande preocupação que os pais têm no sentido de que os filhos atinjam o desenvolvimento de uma personalidade madura, responsável, socialmente aceita e reconhecida. Nutrem ainda a esperança de que os mesmos consigam se tornar pessoas produtivas, mediante a aquisição de um trabalho, de uma carreira profissional. (Categoria IV - Expectativas dos Pais com relação aos filhos - questões 14 e 15.)

Eis algumas respostas:

*"A expectativas que eu tenho é que eles consigam, ser pessoas independentes, que sigam a vida dele."*

*"Eu espero que os valores que eu plantei, na hora das decisões, tudo o que eu plantei prevaleça."*

*"Espero que os filhos nunca desviem do caminho certo."*

Os filhos por sua vez imaginam que a expectativa dos pais se concentra, essencialmente no aspecto dos estudos, que culminará com a entrada no mercado de trabalho:

*"A gente imagina que os pais esperam da gente uma boa carreira profissional ."*

*"Meu pai e minha mãe esperam que a gente chegue na faculdade."*

No que se refere ao que os pais imaginam que os filhos esperam deles, as suas respostas abrangem desde a necessidade de manutenção dos vínculos afetivos até o desconhecimento do que consiste a expectativa dos filhos. Percebemos também que existe um desejo de continuar sendo o (a) amigo (a) de seu filho, dando-lhes sempre segurança. Sem dúvida esse desejo retrata a necessidade dos pais de prolongarem o tipo de vínculo característico da fase da infância.

Os filhos concentraram todas as suas expectativas em torno de um só aspecto - a necessidade de serem compreendidos, enquanto pessoas que vivem a fase da adolescência . Em decorrência disso, almejam serem ajudados nessa fase "complicada da adolescência". Percebemos um forte desejo da parte dos filho, de que seus pais entendessem certos pontos de suas vidas. (Categoria IV - Expectativas dos filhos com relação aos pais - questão 15.) Interessantes as colocações dos adolescentes, que dizem muito dos seus anseios:

*"Espero que eles me ajudem nessa fase complicada da adolescência . Eu estou sozinha aqui. Eles já aprenderam . Eles sabem mais do que eu. Espero que eles me ajudem."*

*" Que eles procurem entender a adolescência da gente."*

*"Uai ... que eles entendam o que eu quero."*

*"Que minha mãe seja liberal e me entenda."*

De uma forma geral, a análise das respostas mostra que os pais encontram-se mais voltados para a necessidade de verem seus filhos crescerem e se tornarem adultos responsáveis, com atitudes de adequação social e que sejam pessoas felizes.

Os filhos, entretanto, imaginam que a grande expectativa dos pais repousa basicamente nas questões dos estudos, com conseqüente aquisição de um papel profissional:

*"A gente imagina que os pais esperam da gente uma boa carreira profissional."*

*"Meu pai e minha mãe esperam que a gente chegue na faculdade."*

*"Acho que eles esperam o melhor. Que eu passe de ano, que eu me forme."*

Tal aspecto chama-nos a atenção. Embora os pais desejem a formação de uma personalidade madura, os filhos referem que os pais preconizaram a temática dos estudos . Surge uma pergunta: Não estariam os pais emitindo mensagens de ordem estritamente direcionada para aquisição de uma profissão, como possibilidade primordial de realização pessoal ?

Os pais desejam poder continuar representando uma figura significativa na vida de seus filhos, mediante a manutenção de certas condutas.

*" Eu espero que os valores que eu plantei, na hora das decisões ... tudo o que eu plantei prevaleça."*

Contudo, o que os filhos deixaram patente é que eles querem que seus pais entendam o momento que atravessam, tenham paciência e que consigam ser liberais. Assim as opiniões emitidas pelos pais e pelos filhos refletem um distanciamento entre os anseios dos pais e as reais necessidades típicas da fase adolescente.

### ***Relacionamento familiar - as várias dimensões.***

O item relativo ao "Relacionamento familiar nuclear e família extensa" (Categoria II - questões 8 e 9), trouxe a evidência de maior estreitamento nos vínculos entre os filhos e a figura da mãe, seguindo a figura do pai, apacerendo ainda outras figuras do contexto familiar. Exemplos:

*"Ele é mais próximo comigo (mãe)."*

*" Creio que comigo mesmo. Era mais distante com o pai, agora melhorou."*

Segundo percepção dos pais, a mãe estaria em primeiro plano no que tange à proximidade com os filhos. Contudo, estes apontam o pai como sendo a figura mais próxima afetivamente. Tal fato não é de se estranhar uma vez que, estando a mãe mais presente em casa, torna-se muitas vezes o elemento disciplinador por excelência, causando incômodo aos filhos.

Os filhos, por sua vez, enumeravam por ordem de prioridade, aproximação com pai e mãe indistintamente, seguindo-se outras figuras da família, como: tia, primos, irmã. *"Sou mais ligada a minha mãe". "Com meu pai. Minha mãe não pára quase em casa."* *"Mais próximo, acho com minha irmã."* É interessante observar que, para os pais, a mãe seria a figura mais ligada ao filho, enquanto este amplia a rede de relações para outras pessoas dentro de casa, ou mesmo fora do contexto da casa.

No tocante às dificuldades dentro da família que possam estar influenciando na vida dos filhos, os pais reuniram vários fatores, tais como: a

interferência de pessoas que moram na mesma residência dos pais; as características pessoais de um dos pais; os problemas financeiros que atingem a família; a qualidade da convivência entre os familiares e o vínculo afetivo com outras pessoas.

A fim de ilustrar o item analisado, selecionamos algumas opiniões dos pais e dos filhos:

*“Ah, tem a influência da avó. O caráter da avó é aquele de mandona” (mãe).*

*“Tantas pessoas numa casa só ... a coisa mudou” (filho).*

*“ ... a questão difícil é a divergência entre nós, na maneira de educar” (mãe).*

O padrão interacional na família evidencia interferências, em alguns casos, da figura da avó, nem sempre aceita, geradora de obstáculos em função das intervenções que realiza, quer seja mediante opiniões emitidas, quer seja pelo papel que representa dentro da família. As relações entre o casal também foi outro ponto mencionado pelos pais.

Da parte dos adolescentes foram referidos problemas decorrentes da existência de várias pessoas numa mesma casa, a desunião da família, existência de conflitos entre os pais, existência ainda de problemas financeiros e psicológicos. Há constatação, por parte dos filhos, de que os problemas da família afetam os pais, que entram num processo de discussão, levando-os a se afastarem dos próprios filhos: “Dificuldades com meus tios. Problemas financeiros, psicológicos. Os problemas da família afetam os pais, que começam a discutir e se afastam da gente.”

Interessante observar que embora os pais acreditem que as questões de sua família extensa possam interferir na educação dos filhos, não conseguem identificar uma relação direta das questões do próprio casal, as questões conjugais e a educação dos filhos. Contudo, fica patente que os pais percebem as divergências existentes entre o subsistema conjugal, esforçando-se, na maioria das vezes, para não deslocarem seus problemas para a tarefa de educar:

*“Dizem que consigo separar, não sei. Tento racionalizar.”*

*“... eu chego em casa arrebatada, cansada, cheia de problemas, na hora de falar alguma coisa eu não tenho paciência, como nos dia em que chego bem.”*



Tal intento parece ser reconhecido pelos filhos que afirmaram não perceber interferência da vida conjugal dos pais, na vida deles:

*"Acho que eles conseguem separar bem."*

*"Consegue. Não há interferência da vida deles."*

### ***Pais e filhos - o que esperam do trabalho de grupo***

No tocante à demanda dos pais e dos filhos frente à intervenção proposta - grupo dos pais - as respostas apresentadas pelos pais mantém uma estreita relação com o conjunto de respostas pelos adolescentes. (Categoria V- Demanda dos pais / Demanda dos filhos - questão 16.)

Os pais verbalizaram que gostariam de ter oportunidade de serem informados sobre a adolescência, o que seguramente os levaria a compreender mais seus filhos. Acreditam que os momentos de convivência no grupo propiciariam troca de opiniões. O relato da própria experiência em ser pai/mãe de adolescente poderia acarretar uma diminuição do sentimento de insegurança que os aflige ao desempenharem a tarefa de serem pais . Foram suas palavras, com relação a participarem do grupo :

*"Um meio de entender meus filhos."*

*"Vou para o grupo na esperança de conseguir ajuda para compreendê-lo (filho) melhor e ajudar a passar essa fase - a adolescência."*

*"Acho que posso aprender a mudar alguma coisa em casa ."*

Os filhos, por sua vez, expressaram um conjunto de opiniões que demonstram a vontade de que os pais aprendam como lidar com eles, resultando assim atitudes mais compreensivas. Por outro lado, esperam que os pais deixem de criar obstáculos frente às suas necessidades de autonomia e independência. Assim, falaram :

*"Ah, acho que queria, que esse grupo ajudasse meu pai a se abrir com a gente ."*

*"Espero que consiga ver a outra parte (referindo-se a mãe) . Não só a parte dela."*

*"Espero que minha mãe aprenda como lidar com a gente."*

Da parte dos filhos, ficou evidente que eles nutrem a esperança de que o trabalho de grupo possa chegar a se constituir um elemento importante no processo de sensibilização de seus pais, e possa abrir um caminho à franca negociação de suas necessidades, permitindo que eles passem a ser os autores de sua própria história, sem muitos impedimentos e restrições, o que implicaria maior flexibilidade nas condutas adotados pelos pais.

As respostas apresentadas pelos pais e seus filhos adolescentes apontam para a necessidade veemente de mudanças. Tais mudanças não se referem aos pais, enquanto pessoas isoladas. Da mesma forma, não se entende que as mudanças deveriam ocorrer, enfaticamente, nos filhos adolescentes. Trata-se de mudanças na esfera das relações entre pais e filhos.

Não entendemos que os pais sejam os grandes protagonistas do drama familiar e que a eles, e só a eles, caiba a grande tarefa de modificar as formas como se relacionam com os membros da família.

Por outro lado, seria bastante pesado atribuir ao adolescente a total responsabilidade de mudar e, com isso, alterar a rede de relações existentes, uma vez que ele reúne tantas qualidades, como a tendência a ser espontâneo e estar sempre disposto a viver enfaticamente cada instante de sua vida.

A questão, reafirmamos, centra-se na possibilidade de mudanças na relação entre pais e filhos. Assim, a questão básica com a qual nos deparamos, o relacionamento pais - filhos adolescentes, remete-nos às questões de pesquisa, formuladas anteriormente.

A adolescência, do ponto de vista do ciclo vital, expressa-se como uma fase de dificuldades no relacionamento entre pais e filhos, que exige mudanças estruturais e a renegociação de papéis dentro do contexto familiar.

Pais e filhos são co-autores do processo de mudanças. Entretanto, percebemos, mediante os dados dessa etapa da investigação, que a ansiedade sempre encontra-se permeando as ações dos pais. Em geral, o peso da responsabilidade de serem pais, por vezes, obnubila o entendimento de que a adolescência constitui uma etapa do desenvolvimento de seus filhos, logo, não é permanente. Não se pode negar a existência das emoções que brotam nesse momento, mas não se deve perder de vista o carácter de transitoriedade dessa etapa.

Os filhos, o outro lado, que vivem o complementar de seus pais, não conseguem tornar essa experiência relacional menos sofrida. Centralizam-se em suas necessidades e desejos, não conseguindo vislumbrar também que as intempéries desse momento serão dissipadas com o tempo.

## *2 - DO DRAMA À AÇÃO - POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DE NOVAS RELAÇÕES ENTRE PAIS E FILHOS ATRAVÉS DO CONTEXTO GRUPAL*

O segundo momento de análise descreve pormenorizadamente as sessões de grupo. Traz, assim, a essência do trabalho desenvolvido com o grupo de pais.

A metodologia psicodramática utilizada apresenta-se com clareza através do relato de cada sessão, possibilitando avaliar a vivência do grupo e descrever o processo grupal.

Cada sessão recebeu um título, tendo em vista a temática abordada conforme pode-se perceber:

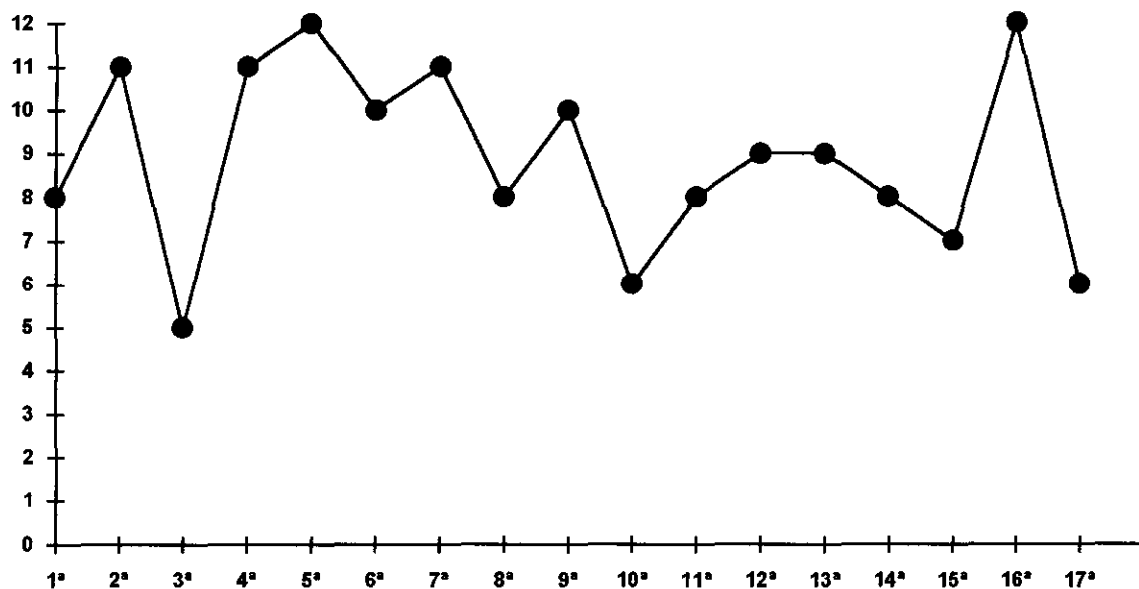
- 1a. sessão: “O começo do convívio”
- 2a. sessão: “Os problemas de serem pais de adolescentes hoje”
- 3a. sessão: “Revedo a própria educação quando se educa o outro”
- 4a. sessão: “Falando de limites entre pais e filhos”
- 5a. sessão: “Inverter com o outro - tarefa reveladora”
- 6a. sessão: “Adolescência - mundo novo de exigências”
- 7a. sessão: “O retorno à adolescência”
- 8a. sessão: “Como nos parecemos e somos diferentes”
- 9a. sessão: “A coragem de ser o outro - meu filho”
- 10a. sessão: “Conversando e mudando”
- 11a. sessão: “Álbum de família”
- 12a. sessão: “Sem muito jeito para falar sobre sexo”
- 13a. sessão: “Os dilemas das mudanças”
- 14a. sessão: “Estar cada vez mais próximo”
- 15a. sessão: “Temas da adolescência: o ‘ficar’ e os atropelos entre pais e filhos”
- 16a. sessão: “E por falar em saudade...”
- 17a. sessão: “Pais e filhos companheiros de uma mesma viagem”

A riqueza do material pode ser percebida na sua totalidade, conforme o conteúdo expresso em cada sessão, em anexo, seguindo a cronologia das mesmas.

Do ponto de vista da participação dos elementos do grupo, pôde-se notar alto índice de participação dos pais, haja vista a frequência às sessões, o que pode ser constatado nas representações gráficas:

Número de elementos nas diferentes sessões do grupo.		
Sessão	F	P
1ª	8	66%
2ª	11	91%
3ª	5	41%
4ª	11	91%
5ª	12	100%
6ª	10	83%
7ª	11	91%
8ª	8	66%
9ª	10	83%
10ª	6	50%
11ª	8	66%
12ª	9	75%
13ª	9	75%
14ª	8	66%
15ª	7	58%
16ª	12	100%
17ª	6	50%

O gráfico a seguir demonstra, por sua vez, a frequência de participação dos elementos do grupo:



Analisando o gráfico precebemos que :

- A 3a. sessão teve menor número de participantes. Não houve aula no período vespertino, o que levou os pais a imaginarem que a sessão seria suspensa.
- As sessões de n.º. 2,4,5,7,9,12,13 e 16, portanto 8 sessões (66%) do total de sessões realizadas, apresentaram frequência de participação em torno de 75% a 100% o que indica, no cômputo geral, alta frequência dos participantes.
- Após a 7a. sessão, a frequência caiu para 66% de participantes contra 91% da sessão anterior. É interessante verificar que na 7a. sessão o grupo vivenciou a técnica "retorno à adolescência" que os remeteu às experiências pessoais expressas com grande emoção. O mesmo ocorreu após a 9a. sessão em que a frequência caiu de 75% para 50% da 10a. sessão. Naquela sessão foi trabalhado em especial o caso de um pai com seu filho adolescente. Novamente o fator de mobilização em nível emocional apresenta-se, levando-nos a deduzir que isso possa ter ocasionado a diminuição da frequência na sessão seguinte. Ocorria um movimento de afastamento das situações que remetiam cada um às suas histórias familiares. Assim, tanto na 7a. como na 8a. sessão, o grupo adentrou mais nas próprias questões, mediante a técnica psicodramática.
- Interessante também é verificar que, mesmo a 15a. sessão tendo um índice de 58% de frequência, a 16a. sessão consegue recuperar o número total dos participantes, atingindo assim 100% de frequência . O grupo todo se fez presente na última sessão (16a.). Nessa ocasião os pais decidiram que não seria necessária a presença de todos na sessão conjunta com os filhos que ocorreria na semana seguinte. Retiraram uma representatividade (50%) entre eles, que repassaria aos filhos as impressões sobre a experiência vivenciada conjuntamente. Esse dado chamou-nos a atenção. A frequência maciça reflete o bom nível de compromisso, bem como a vinculação dos participantes entre si e destes com a pesquisadora.

### **2.1- As sessões do grupo**

A escolha da modalidade grupal como técnica de intervenção fundamenta-se na crença de que a vivência relacional em grupo oferece a oportunidade das pessoas compartilharem, umas com as outras, experiências

emocionais, cujo caráter terapêutico e educativo estão presentes, na medida em que possam conduzi-las a re-criação de papéis desempenhados.

Partindo deste pressuposto entendemos que todos os elementos no grupo de pais puderam funcionar como agentes terapêuticos. O encontro fundou-se na experiência do vivido pelo grupo, possibilitando uma comunicação mútua que não se esgotou no intelectual. A integração livre e espontânea foi uma regra fundamental para que ocorresse a integração entre as pessoas.

A intervenção realizada com os pais ilustra o que o método psicodramático de Moreno postula como o valor do "encontro", o compartilhar das pessoas, num mesmo contexto social e tempo histórico. Cada pessoa teve um papel ativo para questionar e juntos descobrirem novas verdades. À medida que se interrelacionaram, passam a ser reciprocamente significativas.

Buscamos no psicodrama, tanto a técnica como a postura preconizada por seu fundador. Assim, dois princípios foram fundamentais no desenvolvimento do grupo: o princípio da interação terapêutica pelo qual uma pessoa é agente terapêutico de outra e o princípio da espontaneidade, pelo qual se permite a participação livre de todos os membros do grupo.

Conquanto o grupo pesquisado no contexto deste trabalho - grupo de pais - não possa ser caracterizado como um grupo terapêutico, não se pode negar que a vivência desse grupo teve um cunho terapêutico, na medida em que os conflitos das pessoas foram exteriorizados e estabelecidos os núcleos de afeto vinculados a seus problemas.

Ao lançarmos mão do jogo dramático, tal como é utilizado no Psicodrama, efetivou-se o "como se" simbólico, onde se consegue escapar do determinismo de certas condições da realidade, onde o imaginário e o real coexistem no cenário, trazendo oportunidade para o surgimento de papéis novos ou respostas novas a situações conhecidas.

Neste contexto pode-se afirmar que os pais realizaram uma aprendizagem nova, assimilando novos padrões de interação. Todos viveram situações que propiciaram o exercício de seu pensamento, integrando emoções, percebendo as contradições das ações e de seus argumentos.

A aprendizagem obtida pelo grupo foi possibilitada mediante a rede vincular criada entre os participantes. Registram-se dois níveis da relação vincular: um primeiro nível refere-se ao vínculo dos pais com a

coordenadora (pesquisadora). Com esta, os pais encontraram uma referência para a aquisição de conhecimento sobre a adolescência e sobre a família com filhos adolescentes. Um outro nível da relação vincular refere-se às relações de reciprocidade entre os participantes do grupo, permitindo a cada um expor suas histórias pessoais, cujas emoções denotavam a continência de sentimentos.

Ao interagirem uns com os outros, tiveram a oportunidade de construir um novo conhecimento a respeito das características de seu filho adolescente, à medida que puderam elaborar suas próprias idéias em relação aos movimentos peculiares que se dão no contexto familiar.

O movimento que o grupo percorreu demarcou, nitidamente, as três etapas: aquecimento, dramatização e compartilhar (sharing) cada uma com objetivos diferentes, conforme pode ser percebido no quadro que se segue:

Fase	Sessão	Título	Objetivo
A Q U E C I M E N T O	1o.	O começo do convívio	Integração dos elementos do grupo. Conhecimento da proposta de pesquisa.
	2o.	Os problemas de serem pais	Integração do grupo. Levantamento dos interesses.
	3o.	Reverendo a própria educação quando se educa o outro	Integração. Focalizar aspectos da relação pais-filhos.
	4o.	Falando dos limites entre pais e filhos	Proporcionar condições para o favorecimento das relações dentro do grupo. Incrementar o desejo de aprofundamento das temáticas relacionais com os filhos.
D R A M A T I Z A Ç Ã O	5o.	Inverter com os outras tarefas reveladoras	Proporcionar aos pais oportunidade de inversão de papéis com os filhos.
	6o.	Adolescência - mundo novo de exigência	Sensibilizar os pais sobre as diferenças de papéis (pais-filhos)
	7o.	O retorno à adolescência	Através de imagens mentais - perceber os pontos de contato da vivência pessoal e a adolescência hoje.
	8o.	Como nos parecemos e somos diferentes	Estabelecer ligações dos processos vividos na adolescência/relação do passado com o papel atual de pais.
	9o.	A coragem de ser o outro - meu filho	Dramatizar uma cena do contexto familiar para elucidar relação de conflito
	10o.	Conversando e mudando	Conscientizar acerca das tramas relacionais com os filhos.
	11o.	Álbum de família	Ao explorar uma cena passada da família, identificar o lugar dos filhos adolescentes



	12o.	Sem muito jeito para falar sobre sexo	Entrar em contato com as questões da sexualidade através da modelagem de material
	13o.	Os dilemas da mudança	Abordar pontos conflitantes das mudanças que ocorrem no contexto familiar.
	14o.	Estar cada vez mais próximo	Aumentar a confiança interpessoal de modo a se tornar mais fácil de se falar sobre sexo
	15o.	Tema da adolescência do 'ficar' e dos atropelos entre pais e filhos	Trocar idéias e experiência promovendo a ajuda dentro do grupo sobre a questão de educar
C O M P A R T I L H A R	16o.	E por falar em saudade ...	Avaliar a vivência das pessoas enquanto um grupo de pais dentro do contexto escolar
	17o.	Pais e filhos companheiros de uma mesma viagem	Reunir pais e filhos para compartilharem e comunicarem suas visões da experiência dos pais.

A intervenção grupal seguiu, portanto, uma trajetória marcada por diferentes momentos agrupados em três fases distintas: aquecimento, dramatização e compartilhar.

### Primeira etapa - aquecimento

A primeira etapa vivida pelo grupo equivale a uma grande fase de aquecimento para a ação psicodramática. O estabelecimento de sistemas de comunicação que ocorreu entre a coordenadora (pesquisadora) e o grupo visou facilitar os canais de relação interpessoal, favoráveis ao desenvolvimento do trabalho. O momento inicial teve como objetivo a integração entre os participantes do grupo, bem como a vinculação destes com a pesquisadora. O aquecimento constituiu-se, assim, na criação de um "clima" necessário para que a ação se desenvolvesse. O aquecimento *é o momento em que o diretor entra em seu primeiro contato com o grupo e se propõe com este realizar um trabalho em conjunto* (Monteiro, 1990: 530).

Moreno (1975) ressalta que o aquecimento é um desencadeante dos aspectos afetivos, um sinal externo pelo qual sabemos se a espontaneidade começou a atuar. Assim, as sessões iniciais proporcionaram, além do conhecimento, por parte dos integrantes do grupo, da proposta de trabalho, o conhecimento recíproco entre os participantes, a interação psicológica dos membros e a vinculação destes com a pesquisadora (coordenadora).

As quatro primeiras sessões caracterizam a fase do aquecimento grupal. Essa etapa compreendeu também os momentos em que a coordenadora preparou o grupo para a dramatização, criando condições para que os pais se sentissem à vontade e com disposição para discutirem um determinado tema ou assumirem um papel.

Dessa forma, além de proporcionar a integração dos elementos do grupo, buscou-se despertar nos pais o desejo de aprofundar as questões relacionadas com a educação dos filhos, oportunizando a livre expressão de todos.

À medida em que as pessoas se expressavam, suas falas conseguiam ressonância, pois, aos poucos, descobriam que não estavam sozinhas em suas angústias vividas enquanto pais de adolescentes. Ao colocarem suas expectativas as pessoas deixaram transparecer, nitidamente, o nível de preocupação existente com a educação dos filhos, bem como a insatisfação que vinham mantendo com os filhos adolescentes. A partir deste sentimento de incompetência, desespero e também de abertura para o crescimento, os pais comunicaram com clareza que esperavam receber uma boa orientação que viesse sanar suas dúvidas e amenizar suas angústias.

Por outro lado esperavam receber ajuda, aprender como lidar com os filhos, acreditando que a possibilidade de troca de opiniões pudesse ajudar a entender seus filhos, tornando menos árdua a tarefa de serem pais.

Já se evidenciava um certo alívio ao perceberem que ter problemas com os filhos é algo que ocorre com muitas pessoas. O grupo começou a adentrar em suas dificuldades, compartilhando idéias e angústias, através da comunicação e da interação que passava a existir entre os participantes. Tal aspecto pode ser constatado nas falas dos pais, conforme depoimentos emitidos na 1a. sessão do grupo:

*“Fiquei feliz quando soube que não era só eu que tinha problema com meu filho.”*

*“Acho que talvez o problema é mais dos pais do que dos filhos.”*

*“Também perco a calma.”*

*“Temos que pensar várias vezes para não perder a calma e bater. É melhor conversar.”*

Algumas falas retiradas da 2a. sessão (vide anexo 5) expressam também esse momento, vivido pelo grupo:

*“Tenho as mesmas dificuldades com meus filhos.”*

*“Tenho que ser enérgica com eles. Isso provoca o choque entre nós.”*

*“Também perco a calma, mas não bato, pois preciso é de firmeza.”*

*“Sou muito nervosa e meu filho é levado demais.”*

*“... quero conversar, mas meu filho não quer.”*

*“... quando sinto que um fato oculta algo, não sei como resolver.”*

As queixas dos pais apontavam para a dificuldade de diálogo com seus filhos, conforme seus relatos:

*“Eles não querem ouvir, acham que é uma provocação.”*

*“Se gritar não se consegue nada. Com diálogo se consegue o que quer. Tem que haver diálogo, em casa e na escola.”*

*“Gostaria de ser calma, poder ter diálogo com meus filhos.”*

Por outro lado, fica evidente a necessidade que os pais sentem em mudar suas condutas:

*“Quero mudar, mas não consigo.”*

E o sentimentos que brotam diante das situações:

*“Falo com meus filhos mas eles não prestam atenção. Quando alguém de fora da família fala, eles escutam. Sinto raiva dessa situação!”*

Outro ponto importante que surgiu liga-se ao fato de que os pais começaram a entrar em contato com aspectos provenientes da educação recebida de seus antecessores. Iniciaram um processo em que começavam a perceber as formas que vêm utilizando na educação dos próprios filhos. Alguns trechos da 3a. sessão (vide anexo 5) retratam tais aspectos :

*“Agi como os meus pais.”*

*“Minha mãe era severa, mas carinhosa. Meu pai não deixava a família rir alto. Se eu fosse seguir essas atitudes, os filhos sairiam de casa.”*

Alguns pais apontaram como positivas determinadas maneiras adotadas por seus progenitores:

*“Queria ser tão severa quanto meus pais. Tive vantagem no fato de ter tido pais severos. Caso isso não tivesse acontecido, eu poderia ser outra pessoa.”*

*“Eu gostaria de passar aspectos de religiosidade para meus filhos, que recebi de minha família.”*

Alguns pais reconheceram que a proximidade muito grande com a família nem sempre representa uma ajuda:

*“Morar junto da família não é bom, ela interfere muito.”*

Foi iniciado, portanto, um processo cuja tônica apoiava-se numa estreita relação entre a maneira como os pais foram educados e as formas que vêm utilizando na educação de seus filhos. Isto os remete às questões de suas experiências pessoais em suas famílias de origem.

Os pais constataram que, a cada dia, perdiam o próprio referencial pautando-se nas vivências que tiveram em suas famílias. As relações no contexto familiar mostram que as certezas do passado, se por um lado constituem referências valiosas, por outro, já não servem como referência na educação dos filhos no momento atual. No entanto, em seu lugar não conseguem criar novas atitudes nem novas referências.

Os membros de uma família adquirem um conjunto de expectativas e um código de responsabilidade uns em relação aos outros (Boszormenyie-Nagy e Spark, 1983). Nessa perspectiva, torna-se importante e necessário entender a família em termos de "lealdades invisíveis", de forma que se possa impedir uma repetição de seqüências disfuncionais com as quais pessoas, neste caso os pais ou uma família, estão envolvidos.

Percebemos aqui um ponto fundamental quanto às possibilidades geradas a partir do contexto grupal, experienciado pelos pais. A vivência em grupo mostrou-se, evidentemente, como um desafio, à medida que procurava dar aos pais a chance de re-formular seus problemas, suas dificuldades, já que se encontravam numa rede de relacionamentos.

Nesse sentido era fundamental que as "lealdades invisíveis" se tornassem visíveis e que eles (pais) se encontrassem livres para serem leais de outro modo às suas famílias de origem, sem culpa e sem se sentirem falhando em sua função de educar.

A partir de então, algo novo se produz: começa a delinear um sentimento que traduz intensamente a necessidade de melhorar a qualidade das relações, intercambiadas no contexto familiar. Esta condição ou movimento promove a motivação rumo à mudança, que permite e leva a questionar o antigo. Percebe-se assim o quanto a transmissão cultural dos valores, de pais para os filhos ou entre as gerações, se processa através da existência de uma grande lealdade à família de origem.

O desejo de compreender as nuances do comportamento dos filhos passou a ser um indicador de que os pais começavam a perceber a existência de diferenças entre o papel de pai e o papel de filho. Ainda nestas primeiras sessões também ficou patente o reconhecimento - a partir das trocas entre elementos do grupo - dos desafios decorrentes da tarefa de educar, surgindo então tentativas de ajuda mútua, mediante a livre expressão de opiniões no grupo.

As informações veiculadas pela coordenadora sobre as características da fase da adolescência foram iniciadas, focalizando a questão dos limites vividos pelos adolescentes. Estes oscilam entre o desejo de se tornarem adultos e a vontade de prolongar certas condutas infantis como pode ser visto no exemplo que segue:

*“Meu filho conta muita vantagem, gosta de inventar histórias. Às vezes, ele fica sem saber se vai em algum lugar ou não. Fica esperando minha resposta.”*

Os pais se colocaram abertamente quanto às dificuldades em determinarem limites ( 4a. sessão - vide anexo 5):

*“Quando um filho quer sair, tem de pedir. Quando eu falo não, meu filho diz que vai mesmo assim. Entramos em atrito. Se pedir com jeitinho, eu acabo deixando.”*

*“Quando digo não, não adianta insistir.”*

*“... falo para os meus filhos ‘isso eu posso, você não’, quando tiverem idade certa, poderão.”*

*“Minha filha não aceita limites.”*

A primeira etapa - aquecimento - mostrou que cada participante interatuava uns com os outros, redescobrando possibilidades de se sentirem apoiados, mostrando-se cada vez mais espontâneos em seus relatos.

Os pais trazem, assim, as questões vinculadas ao estabelecimento de limites dentro de casa e a necessidade de firmar impedimentos diante de determinadas condutas dos filhos. Os pais adotam determinadas condutas a fim de definir regras dentro de casa e procuram estabelecer critérios, hierarquias no sistema familiar. Muitas vezes, os limites são rígidos levando a uma verdadeira disputa entre " isto você não pode fazer " (dos pais), contra " mas eu sei o que eu estou fazendo " dos adolescentes . A autonomia tão desejada pelos filhos pode parecer aos pais uma grande ameaça. Nessa ocasião o contexto familiar deve se adaptar às necessidades de mudanças de seus membros ( Carter e Mcgoldrick, 1980). É imperativo, por parte dos pais, a renegociação de padrões interacionais de forma que permita o desenvolvimento do filho, sem necessariamente irromper em conflitos com gerações precedentes.

No intento de que ocorra um funcionamento adequado da família, os pais anseiam que os filhos aceitem as regras estabelecidas, sem questioná-las.

As primeiras sessões foram bastante significativas, com procedimentos que serviram para estabelecer canais de comunicação que possibilitaram a emergência de relações vinculares entre o grupo e a coordenadora.

Segundo Moreno (1975) o aquecimento é um desencadeante dos aspectos afetivos, um sinal externo pelo qual sabemos se a espontaneidade começou a atuar. Dessa forma o aquecimento proporcionou: a) que fossem facilitadas as interações dentro do grupo, desenvolvendo sentimentos de confiança e de pertencimento ao grupo, mediante situações que favoreceram as interações entre as pessoas (por exemplo, o compartilhar dos nomes, de experiências etc); b) auxílio aos membros de forma a focalizar problemas da díade pais-filhos, sendo encorajados pela coordenadora e pelos outros membros do grupo a buscar o desenvolvimento do próprio potencial enquanto pais de adolescentes .

A fim de ilustrar a primeira fase vivida pelo grupo, escolhemos a terceira sessão que passaremos a apresentar na íntegra:

### **3ª sessão - *Reverendo a própria educação quando se educa o outro***

Planejamento da sessão (objetivos):

- 1) Aquecimento - pensar nos assuntos discutidos anteriormente.
- 2) Focalizar aspectos da relação pais-filhos .
- 3) Continuar a exposição sobre a adolescência

Participantes: Antônia (esposa do Eduardo), Eduardo, Clara, Otilia,  
Thereza - Wilma e Neide

O colégio não teve aulas no período da tarde. Vários pais não compareceram ao encontro.

Eduardo (iniciou referindo-se à última reunião). Andei pensando e notei que meu filho não está tão ruim, como eu pensava.

Antônia : Os problemas do meu filho de 15 anos faz parte de sua idade, mas é difícil entender. Ano passado tive muitos problemas com ele, pois começou a mudar de comportamento. Saía muito de casa, vivia com amizades ruins, chegava bêbado de madrugada. Só vestia roupas pretas, cabelos compridos Não

estudava. Um dia quando chegou bêbado, o pai falou que iria bater nele. Quando amanheceu entrei em seu quarto e retirei todas as roupas pretas do armário. Falei que não iria mais agüentar aquilo. Ou ele mudava ou saía de casa. Não iria mais usar roupas pretas. Falei com muita firmeza. Depois dessa conversa, ele mudou. Parou de sair de casa. Não brigava mais. Ficou quieto, cortou o cabelo porque o pai dissera que iria comprar um som se cortasse o cabelo.

Coordenadora: Como é lidar com um filho rebelde? Quem gostaria de dizer algo sobre isso?

Antônia: Sinto-me agoniada com meu filho que é rebelde.

Otilia: Durante esta semana aconteceu uma coisa grave com minha filha de 12 anos. Ao entrar num ônibus me deparei com ela. Não falei nada, mesmo sabendo que era o horário de aula. Ao chegar em casa, dei-lhe um castigo. Ficaria um mês sem assistir TV. Caso isso não resolvesse, disse que não gostaria mais dela, iria tirá-la do colégio (a mãe não relatou para o grupo o que ocorreu de tão grave).

Eduardo: Porque que você não conversa em particular com a coordenadora?

- Pausa

Clara : Não tenho nada de novo para relatar.

Coordenadora: As atitudes dos pais desencadeiam respostas nos filhos. Se falamos de um jeito, teremos respostas da mesma forma. Por exemplo: o filho está no quarto incomunicável. Com essa atitude ele se comunica, mas como fica esse comportamento para os pais ?

Antônia : Agi igual aos meus pais.

Coordenadora: Você quer realmente isso ?

Antônia: Na realidade não, mas tem momentos que não agüento.

A Coordenadora juntou três cadeiras, pedindo para que todos imaginassem estar diante de um baú, colocando sobre estas várias folhas de papel em branco. Solicitou a todos que imaginassem que no baú existiam coisas boas, que gostariam de aproveitar para a educação de seus filhos.



Imaginassem também coisas que não queriam, e gostariam de deixar de lado. Exemplo: objetos, costumes, etc.

As pessoas foram até o "baú" e retiraram as folhas simbolizando as coisas que pensaram. Escreveram nestas folhas o significado do que pensaram. Em seguida, foi solicitado que dependurassem suas folhas no quadro negro, de forma que todos pudessem visualizar.

Coordenadora: Tudo que vocês pegaram, era realmente o que queriam?

Antônia: Queria ser tão severa quanto meus pais. Tive vantagens no fato de ter tido pais severos. Caso isso não tivesse acontecido, eu poderia ser outra pessoa.

Otilia: Só meu pai era severo; a mãe era diferente.

Clara : Morar perto da família não é bom, ela interfere muito. Tirei do baú coisas que não gosto.

Otilia: Minha mãe era severa, mas carinhosa. Meu pai não deixava a família rir alto. Se eu fosse seguir essas atitudes, os filhos sairiam de casa.

Coordenadora: Há coisas nas atitudes dos pais que influenciam nossa educação e que, não conseguimos esquecer.

Eduardo: gostaria de passar os aspectos de religiosidade para os meus filhos, que recebi de minha família.

Coordenadora : Há coisas que não gostaríamos de repetir. (Dirigindo-se a Otilia) Você age com a filha, do mesmo jeito que seu pai agia com você.

Otilia: Já dei muitas oportunidades para minha filha.

Coordenadora: Você já deu todas as oportunidades e já comparou sua filha com outras meninas da mesma idade ?

Otilia: Ela é diferente de outras garotas da idade.

Coordenadora: É preciso que contextualizemos a situação de cada adolescente. Alguns exemplos são citados, como é o caso do uso da cor preta pelos adolescentes. O preto significava antigamente o luto pela perda de alguém;

tristeza. E para os adolescentes? O que estariam perdendo? Perdem a proteção dos pais, da infância, o corpo de criança e a identidade infantil, mas é claro que eles não têm consciência disso. Adotam o preto como a cor da moda.

Thereza: Pedi a meu filho que guardasse seus carrinhos, pois ele já estava grande para brincar.

Coordenadora: Deixar de ser criança é perder muita coisa. Existem momentos, nessa fase, que se caracterizam por movimentos de progressão e de regressão. Há momentos em que os filhos falam que não são mais crianças, há outros momentos que dizem ser ainda pequenos, portanto crianças. Ocorre, entretanto, que há mães que "jogam" na cara do filho essa situação. Ele fala que não vai pedir mais nada e fica sofrendo. Tem vezes que o filho se senta no colo da mãe, há outras vezes que não agüenta ficar perto da mãe. Cita o caso de um casal que viajava, deixando seus filhos sozinhos, por achar que não havia necessidade de proteção.

Coordenadora dirigindo-se a Antônia: Se seu filho quisesse ir embora você o deixaria?

Antônia: Sim, o mundo o faria voltar.

Antônia: Tenho outra filha, com 21 anos, estudante de medicina, muito responsável. Mesmo assim, não durmo enquanto ela não chega.

Thereza: Porque só a mãe é que se preocupa ?

A Coordenadora incrementa uma discussão sobre aspectos culturais de nossa sociedade. O papel da mulher, da mãe na educação dos filhos. As mudanças que vêm ocorrendo, gerando mudanças também dentro de casa.

Otilia volta a falar sobre a filha.

Coordenadora: Você (mãe) sabe porque a filha está assim ?

Clara: Temos que pensar várias vezes para não perder a calma e bater. É melhor conversar. Bater seria a última coisa a fazer.

Otília: Já fiz tudo, mas não adiantou nada. O pai deu uma bicicleta para o irmão, ela queria também. Ganhou a bicicleta do pai, mas isto não resolveu nada.

Thereza: Meu filho está chegando em casa com cigarros, porque ele (que é gordo) se acha inferior às outras pessoas. Falaram para ele que cigarro emagrece. Preocupo-me com isto, mas não consigo fazer nada.

A Coordenadora refere-se à importância de entender o adolescente dentro do contexto social em que vive, qual o significado de determinadas atitudes. Se é porque gosta ou por curiosidade. É preciso verificar os valores do grupo de amigos.

Antônia: O comportamento do meu filho é de provocar. Quando pedi-lhe para que cortasse o cabelo, o fez, cortando bastante curto.

Coordenadora: No momento a moda é bem curto mesmo, não podemos esquecer isto.

Eduardo dirigindo-se a Thereza : Eu estava fazendo um comentário com meu filho sobre a revista "Nova Era". Bastou que eu criticasse para que meu filho respondesse que era o livro que iria seguir agora.

Thereza: Houve situação em que meu filho me pedira para que nada contasse para o pai, mas eu não agüentei e contei tudo. Ele ficou com muita raiva.

A Coordenadora: Parece não ter ocorrido lealdade da sua parte para com seu filho.

Otília: Vi meu filho fumando, não contei para meu marido, mas fiz com que contasse ele mesmo.

### Segunda etapa - dramatização

Esta etapa privilegiou a ação dramática, desenvolvida efetivamente a partir da quinta sessão. Uma comunicação mais intensa passa a ocorrer, proporcionando uma nova aprendizagem no papel de pai/mãe de adolescentes, rompendo assim com os estereótipos decorrentes da conserva

cultural e dos mitos familiares com relação a ser pai e ser filho em nossa sociedade.

Assim sendo, a segunda etapa configurou-se pela exploração de questões expressas através de situações em que os pais se desnudaram ao trazer a angústia característica do momento especial vivido pela família - o de ter em seu interior filhos adolescentes. A coordenadora incluiu também, de forma mais densa, informações sobre a dinâmica psicológica do adolescente e a explicitação das formas como se dão as relações no sistema familiar.

É importante destacar aqui não somente as técnicas psicodramáticas utilizadas, mas a postura adotada pela coordenadora, caracterizando o método de Moreno.

Dentre as diversas técnicas psicodramáticas foram utilizadas: a inversão de papéis, a técnica do duplo, solilóquio e a técnica do espelho, em dramatização de situações específicas.

Na sessão n.º 5 (vide anexo 5) a técnica inversão de papéis possibilitou, imaginariamente, aos pais “trocarem” de papel com seus filhos, viabilizando assim uma via de compreensão das atitudes dos pais e dos comportamentos assumidos pelos filhos. Tal aspecto foi fundamental para o desenvolvimento da capacidade de se auto-perceberem enquanto pais, como figuras nem sempre agradáveis, rotuladas por seus filhos como “xarope”, exigente, “meio devagar”, repetitivos, super-mãe, etc.

A referida sessão (n.º 5) também proporcionou a oportunidade dos pais começarem a ter um entendimento acerca de : a) algumas características peculiares da dinâmica do adolescente; b) as dificuldades decorrentes das transformações psíquicas e corporais do adolescente e sua repercussão no núcleo familiar; c) as ligações que os adolescentes mantêm com os outros sistemas e subsistemas, como é o caso do grupo de amigos.

Ao ser proposto que os pais “trocassem” de papel com seus filhos, objetivou-se assim, fundamentalmente, uma maior compreensão da fase em que os filhos estão vivendo - a adolescência - e a oportunidade de se auto-perceberem enquanto pais. Estes foram encorajados a vivenciarem no “como se” psicodramático o papel dos filhos. Cada mãe/pai escolheu, imaginariamente, ficar no papel de um dos filhos, passando a apresentar-se e apresentar os pais (eles mesmos). Vide anexo 5 - sessão 5.

A compreensão por parte dos pais do modo como os filhos os percebem trouxe a constatação de que “ficar no lugar” do filho é extremamente difícil, e que isso raríssimas vezes ocorre.

A experiência proporcionou vários elementos para a reflexão sobre a forma como os pais vêm conduzindo a educação dos seus filhos, como pode ser visto em algumas falas, durante a referida sessão:

*“... reclamamos e não temos o hábito de elogiar.”*

*“Não é fácil trocar de lugar com os filhos, pois sempre achamos que estamos certos.”*

*“Às vezes, me coloco no lugar deles e vejo que fomos tudo que eles são e que, seus filhos também serão iguais.”*

O momento experienciado pelos membros do grupo caracterizou-se também por um maior estreitamento dos vínculos, mediante a expressão de sentimento e percepções:

*“Temos dificuldades de falar porque não ouvimos.”*

*“... cada caso é um caso à parte. Não devemos tratar todos (filhos) iguais.”*

O desejo de mudanças instala-se intensamente entre os elementos do grupo por volta da sessão de número 6 (vide anexo 5), como podemos perceber:

*“Vivo pensando em mudar meu jeito com eles (os filhos). Ser mais calma.”*

*“A melhor forma é conscientizar os filhos e não proibir.”*

*“Perguntei a eles no que eles gostariam que eu mudasse.”*

*“Pensei que gostaria de ser mais paciente com meus filhos.”*

Os estudos apresentados por Aberastury (1983); Knobel (1984); Osório (1989) apontam para a experiência de movimentos progressivos e regressivos no comportamento dos adolescentes.

Podemos afirmar que existe movimento semelhante com relação às atitudes dos pais. Estes expressam, em suas condutas, uma contradição

causada pelas dificuldades em elaborarem a perda do papel de pais de crianças e a assunção do novo papel - o de serem pais de adolescentes. A vivência no grupo favoreceu uma melhor compreensão da dimensão do mundo dos adolescentes, a forma como se dá a ligação com os pais e a importância da negociação de regras no contexto familiar. A ação dramática mostra-se presente facilitando, cada vez mais, o entendimento, por parte dos pais, das características próprias da fase da adolescência.

Ao ser proposto na sessão 6 (vide anexo 5) que as pessoas escolhessem um lugar na linha do tempo - infância, adolescência e fase adulta - foi facultada a todos a possibilidade de entenderem os diversos momentos vividos no ciclo de vida e a diversidade de papéis que dão significado especial a cada fase da vida.

Vejamos alguns depoimentos dos pais:

(Mãe na linha do tempo, ocupando o lugar da fase da adolescência)

*“Eu acho que ser jovem é bem melhor.”*

*“Amanhã eu faço a tarefa, antes da aula.”*

*“Quando juntamos para estudar, tudo vira brincadeira.”*

Ainda na mesma sessão, outras opiniões:

“Em todas as fases (infância, adolescência e fase adulta) têm pontos positivos e negativos.”

“Quando somos crianças queremos crescer, quando crescemos queremos voltar a ser crianças.”

Cada vez mais os pais assimilavam a complexidade que constitui ser adolescente, admitindo que hoje os adolescentes podem ocupar um espaço na sociedade. A eles são dadas inúmeras oportunidades de exercerem suas opções.

As constatações trouxeram de forma implícita um sentimento que se aproximava de inveja desse ser que tem um tempo a seu favor, pelo entusiasmo e pela disposição com que se lançam à situação. Nesse aspecto distanciam-se dos pais, que se encontram numa fase em que nem sempre conseguem a vitalidade e a disposição física dos jovens adolescentes. Acrescente-se a esses outros aspectos, como por exemplo, a dificuldade do

adulto em admitir que não sabe ou que tem dúvidas sobre como agir, ou sobre um assunto que lhe é indagado pelo filho.

O grupo avançava na compreensão dos processos próprios da adolescência. Mediante a ação psicodramática as pessoas passam a adquirir uma clara percepção do seu papel (pai/mãe), podendo a partir daí repensá-lo, assumindo uma nova compreensão dos padrões relacionais dentro do contexto familiar.

A técnica “o retorno à adolescência”, utilizada na 7a. sessão (vide anexo 5), possibilitou o resgate de imagens do passado trazendo à conscientização de que ocorrem grandes e profundas modificações na fase da adolescência. A técnica permitiu o resgate de muitas lembranças conectadas às mudanças pelas quais os pais viveram, enquanto adolescentes. Surgiram imagens relativas ao conjunto de transformações: corporais, mentais e em nível das interações sociais.

Sem dúvida alguma, o “retorno à adolescência” foi experienciado com muita emoção, já que para algumas pessoas aquela fase transcorreu com sofrimentos, motivados por diferentes causas: desde as atitudes autoritárias e repressivas dos pais, até a necessidade de começar a trabalhar cedo, inaugurando papéis profissionais no mundo dos adultos, em geral, por necessidades econômicas.

Muitas lembranças estavam relacionadas com as famílias de origem e a família extensa. Dessa forma, ligavam-se a imagens dos pais, avós, tios e primos, como percebemos:

*“Minha mãe me faz uma pessoa forte, mas às vezes, quero caminhar mas não tenho pernas.”*

*“Meus tios e avós controlavam minha vida.”*

A ocasião também trouxe “insights” que permitiram um melhor entendimento da forma de interagir com os filhos. Exemplo desse aspecto pode ser percebido através das seguintes passagens:

*“Gostava muito de ler, mas não tinha muitos livros, então procurava ler todas as revistas que minha mãe tinha. Ah ... acho que é por isso que quero que meu filho estude muito!”*

*“Pensei e comparei minha filha. Senti que há algo em comum entre nós duas.”*

*“Também pensei e vi que minhas atitudes com meus filhos são as mesmas que eu tive quando era adolescente. Tudo o que eu não podia fazer, hoje também não deixo meus filhos fazerem.”*

*“Vejo meus filhos brigarem como eu no passado.”*

A fim de ilustrar com detalhes a fase do grupo, cujo trabalho psicodramático trouxe indubitavelmente uma nova compreensão dos processos relacionais entre pais e filhos adolescentes, apresentamos na íntegra as sessões 9 e 11:

### **9ª sessão - *A coragem de ser o outro - meu filho***

Planejamento da sessão (objetivos):

O grupo encontra-se num momento em que já é permitida maior verticalização do conteúdo exposto. Sendo assim, será proposto que cada pessoa pense numa situação (cena) em que esteja com seu filho(a) adolescente. A situação poderá ser a expressão, ou não, de um momento de conflito entre pais e filhos. Assim o aquecimento serão as lembranças da cena com o filho. A dramatização da cena trará a dimensão emocional e os significados da situação.

Presentes à sessão: Antônia, Eduardo, Aparecida, Elisabete, Emília, Otilia, Sandra, Clara, Madalena, Francisca.

Faltaram: Jorge e Thereza

A Coordenadora inicia indagando como foi a semana para todos.

Sandra: Estou chocada. Todos os adolescentes que conheço, estão sendo agressivos.

Será que é influência da T.V.?

Antônia: Quando eu falei alto com meu pai, várias vezes, ele me tocou a mão na boca. Naquele tempo não tinha T.V.

Madalena: Na semana passada eu não vim porque estava muito gripada.



Coordenadora: Porque sentimos mal quando os filhos são agressivos conosco?

Madalena: Em minha casa os dois filhos só falam alto comigo. Também um não combina com o outro.

Coordenadora: Hoje vamos fazer algo diferente. Todos fiquem de pé e comecem a caminhar no meio da sala, pensando nos filhos, em vocês como pais, no relacionamento com eles. Pensem em situações como: uma conversa, briga, desentendimento ou algo diferente.

Todos andam em silêncio.

Coordenadora: Lentamente vão parando, permanecendo de pé em algum lugar da sala. Vocês pensaram em alguma cena com seu filho? Não importa que cena seja.

Agora, vocês podem se sentar. Pensem na cena com seu filho.

Todos ficam em silêncio, com os olhos fechados, durante alguns instantes.

Coordenadora: Agora olhem para os colegas e escolham uma pessoa para formar uma dupla, de preferência alguém que você não tem muita proximidade.

As duplas foram assim formadas:

Sandra e Aparecida.

Madalena e Antônia.

Eduardo e Emília.

Elisabete/Otília/Clara.

Coordenadora: Agora vocês vão conversar entre si sobre as coisas que pensaram.

(Todos conversam, demonstrando estarem à vontade.) Otília fala pouco.

Coordenadora: Vocês percebem algo em comum a partir dos assuntos que conversaram?

Eduardo: Falamos de um ponto comum, que são os filhos.

Coordenadora: Tem alguma cena que chamou a sua atenção?

Eduardo: Me interessei quando ela (Emília) falou que tem que ter momentos certos para os assuntos.

Clara: Achei interessante o ciúme da filha com o papagaio da Elisabete.

Coordenadora: Alguém falou de uma cena difícil com o filho?

Sandra: A Aparecida contou que sua filha arrumou umas amigas. Ela reagiu violentamente, falando para a filha que não seria mais sua amiga.

Coordenadora: Alguém falou de conflito?

Emília: Quando o filho do Eduardo chega em casa, o conflito começa no portão.

Madalena: O meu filho briga muito com a irmã. Esses dias eu fui buscá-lo na locadora e ele ficou bravo comigo. Fiquei muito chateada.

Coordenadora: O que você sentiu?

Madalena: Incompetente para cuidar dele.

Clara: Tudo que falo para minha filha, ela não aceita. Eu falo que faça melhor de um jeito ele fala que não.

Coordenadora: Vamos falar do conflito do Eduardo com o filho, se ele permitir.

Emília: Todos os dias quando o filho (aqui está se referindo ao filho do Eduardo) chega do colégio, Eduardo abre o portão e já começam a discutir.

Antônia: Eu fico tensa com essa situação e tento cortar.

Coordenadora: Qual é a situação realmente?

Antônia: Quando meu filho dorme durante o dia, fico com medo que o pai veja e isso me incomoda.

Coordenadora: A partir do que ouviram vamos escolher uma determinada situação, que poderá ser vista aqui, com mais detalhes.

Francisca: O filho que dorme durante o dia.

Outras pessoas do grupo apontaram como sendo de interesse focalizar a situação de Eduardo com o filho.

Coordenadora: Tudo bem, agora vamos só falar, vamos procurar o que falamos. Como todos parecem ter escolhido a situação trazida por Eduardo, vamos dar um foco a esta situação. Eduardo, faça um resumo.

Eduardo: A minha casa tem dois pavimentos. Temos dificuldade em descer quando a campainha toca. Quando meu filho chega da escola, vou abrir o portão, a empregada (Judite) fala: "Seu Eduardo, manda ele limpar os pés porque eu já limpei a casa". Então, isso fica na minha cabeça, todos os dias são as mesmas coisas.

Coordenadora (dirigindo-se a Eduardo): Quem poderia, aqui do grupo, ser seu filho Samuel?

Eduardo escolhe Madalena, acha que ela é bem nutrida igual ao filho.

Coordenadora: Quem poderia ser Judite, a empregada?

Eduardo escolhe Elisabete, porque é a mais calada.

Coordenadora (Explica o que vão fazer): dramatizar a cena trazida por Eduardo. Se for preciso eu posso sugerir a troca de lugar entre as pessoas, mudando assim de papel.

### Cena

- Samuel toca a campainha
  - Eduardo vai abrir a porta, ouve Judite dizer para o Samuel limpar os pés
- Eduardo (no papel de Samuel) mostra uma cara ruim.

Coordenadora entrevista Samuel: "o que está acontecendo?"

Samuel: nada.

Coordenadora (dirige-se a Eduardo - no papel de pai): "Você gostaria de falar com seu filho?"

Eduardo: Gostaria de cumprimentar.

Madalena (no papel de Samuel) ouve Judite (no papel da empregada dizer): "Você não limpou os pés."

Eduardo (no papel de Samuel): "Estou cansado, o sol está quente e o meu pai está com cara feia".

Coordenadora: "Você não quer falar com seu pai?"

Samuel: "Não, vou esperar minha mãe chegar."

Eduardo: "Filho, como foi a escola?"

Madalena no papel de Samuel (não responde).

Coordenadora (dirigindo-se a Samuel): "Seu pai quer falar com você."

Madalena no papel de Samuel: "Depois do almoço."

Coordenadora dirigindo-se a Eduardo: "Ele ficou a manhã querendo falar com você."

Samuel: "Meu pai é careta."

Neste momento Francisca entra na sala. Chegara atrasada. Avisara que estava conversando com um professor.

Coordenadora: Coloca Eduardo no lugar de Madalena (vivia o papel de Samuel) e diz: "não suba a escada, seu pai quer falar com você."

Eduardo: Oi como foi a escola?

Eduardo no papel de Samuel: Tudo bem.

Coordenadora (para o grupo): Alguém pode ajudar o pai a falar com o filho?

Sandra: Porque você não pede um favor a ele, como ir ao banco?

Eduardo ( no papel de Samuel): "Não posso, vou estudar."

Coordenadora (dirigindo-se a Eduardo no papel de filho): "Você não quer ajudar seu pai?"

Eduardo no papel de Samuel: Não vou fazer nada. Quero subir.  
Eduardo voltando ao seu papel - de pai : Está bom.

Coordenadora (dirigindo-se a Eduardo): Você desiste assim, tão fácil?

Eduardo: Sim.

Coordenadora: E aí o que acontece depois?

Eduardo: Depois do almoço vamos para a sala de T.V. eu falo para ele não dormir, por causa da digestão.

Coordenadora: Você gostaria de se deitar no sofá?

Eduardo: Me incomoda porque tem mais quatro pessoas querendo sentar. E ele toma conta do sofá.

Coordenadora propõe uma troca de papel. Coloca Madalena no papel de Eduardo: "Não suporto ver ele assim."

Coordenadora: Seu pai se deita aí?

Eduardo: (no papel de Samuel): Não.

Coordenadora: Será que ele não queria estar no seu lugar, mas você está bem aí, deitado.

Eduardo: (no papel de Samuel): Estou.

Coordenadora: Parece que teu pai te pediu um favor?

Eduardo: (no papel de filho): Não sou acostumado a fazer. Faço tudo para não ser mandado.

Coordenadora: Aqui, em sua casa, sua mãe é melhor?

Eduardo: (no papel do filho): É.

Coordenadora: Você queria outro pai?

Eduardo: (no papel do filho): Não.

Coordenadora: Está bom aí, não é, deitado? Você gosta de sua vida?

Eduardo: (no papel de filho): Sim.

Coordenadora: E a vida de seu pai?

Eduardo: (no papel de filho): Não, ele é muito preocupado.

Eduardo volta para o próprio papel de pai.

Coordenadora: O que o incomoda no seu filho?

Eduardo: Sua passividade.

Coordenadora: Como é essa passividade?

Eduardo tenta explicar, fala depois de intolerância.

Coordenadora: Passividade, intolerância, são coisas insuportáveis. O que mais você não está agüentando?

Eduardo: Ele ser estudante e não estudar.

Coordenadora: Existe outra coisa?

Eduardo: Sim. Sua alimentação.

Coordenadora: Agora, quero saber dessas coisas insuportáveis.

(Dirigindo-se ao grupo) Alguém pode ajudar com esse filho insuportável? Quem poderia fazer o papel de Eduardo?

Sandra: Quero ajudar. (Sai de seu lugar e senta-se em frente a Samuel - vivido por Eduardo) diz: "Samuel, eu preciso dar um presente para o filho de um amigo. Você pode me ajudar?"

Eduardo (no papel do filho): Mas ... que dia?

Sandra: O aniversário é a semana que vem.

Eduardo (no papel do filho): Depois eu vejo.

Sandra. Quando você quiser eu te dou o dinheiro.

Eduardo (no papel do filho): Eu prefiro não mexer com isso. Vai dar trabalho.

Coordenadora dirigindo-se a Samuel: Você não quer ajudar, só para ser do contra?

Eduardo no papel de Samuel: É porque estou sem tempo.

Sandra: Então eu vou comprar e você dá uma olhada para ver se é bom.

Eduardo (no papel do filho): Agora não.

Sandra: Eu trago mais tarde.

Eduardo: Está bem.

Seguiram-se os comentários sobre a dramatização

Coordenadora (dirigindo-se a Madalena): Quando você entrou no papel do pai, o que sentiu?

Madalena: Autoritário.

Coordenadora (dirigindo-se a Eduardo): Qual foi o papel mais difícil, ser o filho ou o pai?

Eduardo: O de pai.

Coordenadora: Como você se sentiu no lugar de Samuel?

Eduardo: Um cidadão tranqüilo.

Coordenadora: Como se sentiu no papel de Samuel quando conversava com Sandra?

Eduardo: Senti que um incomoda o outro.

Coordenadora (dirigindo-se ao grupo): Teve algo que incomodou vocês, com relação aos dois?

Sandra: Fiquei agoniada, não gostaria de ser nenhum dos dois.

Coordenadora: Alguém se viu no lugar de Eduardo?

Francisca: Eu só abro o portão brigando, com cara feia.

Otilia: Eu vejo isso, no meu esposo com o meu filho.

Emília: Quando a minha filha chega eu pergunto como ela está. Ela responde que está tudo bem. E não fala mais nada.

Coordenadora: Alguém mais viu em Eduardo autoritarismo?

Emília: Sim.

Aparecida: Isso também acontece comigo. Às vezes, não sei se deixo ou insisto.



Emília. Eu acho que, quando somos autoritários é porque somos inseguros.

Francisca (dirigindo-se a Eduardo): Como seria o ideal para você?

Eduardo: Gostaria que ele sentasse direito, ele incomoda todos da família. Só a mãe é que não vê isso.

Coordenadora: Então vamos voltar a essa situação que nunca se resolve. Eduardo, você achou difícil trocar de papel. Eu senti que lhe incomoda muito quando você vê a passividade dele. Tem gente que se sente incomodado ao ver algo de si no outro. Às vezes, encontramos umas pessoas com as mesmas coisas que nós, algo meu é projetado nela. É importante termos consciência sobre essas coisas, ver o pontos cegos nos nossos relacionamentos.

Vimos aqui um distanciamento entre pai e filho. Talvez esteja faltando uma aproximação, parece que gostam um do outro, mas falta um empurrão.

Otília: Isso não dá certo. Ele só faz por persistência.

Coordenadora: Você está sendo pessimista.

Antônia. Gostaria de falar uma coisa. A palavra: "Vai estudar", tinha que sair de dentro de nossas casas.

Coordenadora: Quando falamos isto, parece que eles se irritam. Aí pensamos , mando ou não. O melhor seria usar a negociação.

Sandra: Eu faço isso, mas não ofereço nenhum prêmio. Procuro conversar e explicar como é o futuro

Coordenadora: Concordo com você. Mas eles querem tudo ao mesmo tempo. Não seria adequado perguntar se eles já cumpriram as tarefas? Às vezes, temos que deixar eles resolverem sozinhos certos problemas, certas tarefas, como lavar o tênis, o uniforme. Por outro lado, parece que se torna mais fácil reclamar do que elogiar. Nem sempre temos essa vivência, de saber elogiar. Para concluir pediria ao Eduardo que refletisse sobre tudo que aconteceu aqui. Gostaria de dizer ainda que, só pelo fato dele vir aqui, isso já demonstra sua motivação em querer fazer alguma coisa.

### Comentários:

O modelo dramático possibilitou que fosse dado um foco especial à situação de conflito existente entre um pai (Eduardo) e seu filho (Samuel).

Através da técnica inversão de papéis, espelho e duplo foi dada a chance a Eduardo de perceber como tem ocorrido a sua relação com seu filho.

- Pontos levantados na situação:
- Pai exerce seu papel sob forma autoritária.
- Dificuldade do pai em inverter com o filho retratando a dificuldade de perceber os conteúdos/necessidades próprias do filho adolescente.
- Percepção de aspectos da dinâmica do filho (passividade) que incomodam o pai. Tomada de consciência, por parte do pai, da relação existente entre a situação do filho e sua dinâmica, no presente momento de sua vida.
- O grupo identifica aspectos pessoais mediante a situação dramatizada. A situação serviu de espelho, remetendo as pessoas às próprias vivências pessoais.

### 11ª - sessão - *Álbum de família*

#### Planejamento da sessão (objetivos):

O grupo trabalhará com imagens mentais - será solicitado:

- 1) Que procurem mentalmente fotografias com situações onde esteja a família. O objetivo é explorar alguma cena passada da família, procurando identificar onde se encontra o filho adolescente na situação.
- 2) Projeção de uma fotografia de um cena escolhida pelo pai ou mãe. Como os pais vêem a relação futura com seus filhos.

Participaram: Thereza, Madalena, Emília, Otília, Jorge, Aparecida, Eduardo e Antônia.

Faltaram: Sandra, Elisabete, Francisca.

Coordenadora (dirigindo-se a Jorge): O grupo sentiu a sua falta. Qual o motivo de sua ausência na últimas reuniões?

Jorge: São coisas da vida. Tive de levar meu filho ao médico e trabalhar no boteco.

Coordenadora: Gostaria de ter notícias de todos, como as coisas estão andando?

Thereza: Eu gostaria de avisar que tem algumas exposições sobre adolescentes aqui no colégio. No jornal Folha de São Paulo, também teve uma matéria sobre os adolescentes nos feriados prolongados. Eles estão falando que não gostam de feriados porque os pais falam muito e cobram o tempo todo

Coordenadora: Em geral, adolescentes adoram feriados para não irem à escola. Com relação às opiniões deles sobre os pais, estas não mudam muito, mesmo de condição social diferente.

Coordenadora faz comentário sobre palestra que dera em escola de Goiânia, para adolescentes de 5<sup>a</sup> a 6<sup>a</sup> séries, sobre as transformações na adolescência. Refere ainda que tem percebido que existe uma temática constante entre adolescentes: eles falam que os pais são caretas e chatos e os pais falam que não agüentam as atitudes dos filhos.

Thereza: O caderno de Bruno está cheio de desenhos de mulher pelada, ele fala que são os amigos que desenham. Fico pensando, será que o professor aceita isso?

Coordenadora: Quando os adolescentes desenham ou escrevem bilhetes, geralmente fazem isso no final do caderno. O professor dificilmente folheia o caderno do aluno. Há colégios que pedem agenda. Os alunos fazem uso da agenda não só para as anotações sobre tarefas, mas para passar bilhetes e recados para os colegas.

Aparecida: E as camisas que eles costumam cortar as mangas e golas?

Coordenadora: Cortar as camisetas está na moda.

Thereza: Ontem uma menina quase me agrediu só porque eu perguntei se o colégio estava permitindo usar uniforme dessa maneira; ela respondeu que o diretor deixou e que eu não tinha nada com isso.

Aparecida: Eu deixei a minha filha cortar.

Coordenadora: Com relação aos filhos, quais as notícias?

Eduardo: Deixei o Roberto dormindo, a mãe não fala nada.

Antônia: Quando entrei na sala de estudos o Roberto falou que estava com sono, pois havia acordado muito cedo.

Coordenadora: Eduardo, você já voltou a trabalhar?

Eduardo: De manhã, à tarde e de noite, em nível de mutirão.

Thereza: Meu filho é inconstante, quer comer tudo o que não pode; eu falo para ele comer certas coisas e evitar outras, comer o que temos.

Coordenadora: Nós adultos, às vezes, também não queremos comer o que temos em casa, até devido o calor, ou outro motivo.

Thereza: O problema é que ele quer comer só ovos fritos e pizza, omelete; só comidas que engordam. Ontem eu escrevi para a empregada fazer peixe, ele riscou e escreveu embaixo filé.

Eduardo: Falando em comida, lembrei-me que na Universidade de Recife serviam sanduíches natural na hora do almoço, eu achava bom.

Coordenadora. Bom, estamos falando de características dos adolescentes. Gostaria de ressaltar que ser inconstante e inseguro é uma característica básica do adolescente. Nesta fase há um grande questionamento, principalmente sobre a própria identidade. A grande dúvida para a célebre pergunta "quem sou eu". Há adolescentes muitas vezes que ficam "doidos" para irem a uma festa, falam muito sobre isto, e quando chegam próximo ao dia não querem ir mais. Nós adultos planejamos as coisas, os adolescentes mudam de opinião com bastante frequência. O humor do adolescentes muda, é instável. Há entretanto alguns casos de adolescentes de humor estável, alguns são deprimidos, não gostam de sair, de lugar com muita gente; gostam de ficar sozinhos. Isso não é muito comum para a idade.

Coordenadora: Jorge e seus filhos, normalmente pedem para sair? Eles pedem?

Jorge: Sim, eles sempre pedem, principalmente a Fernanda.

Coordenadora: Antônia e Eduardo e os filhos de vocês?

Antônia: Eles sempre querem sair, ainda pedem o carro.

Coordenadora: Otília, sua filha também gosta de sair?

Otília: Ela não é muito de sair, só sai de casa, se for comigo.

Obs.:

No começo da reunião Otília estava preocupada com o comportamento da filha que estava matando aula para ir a outros lugares.

Coordenadora: E sua filha, Emília?

Emília: Ela quer viver na rua, quando não deixo, ela fica olhando para a rua.

Coordenadora: Madalena, e seus filhos?

Madalena: A menina é mais quieta, já o menino pula até o portão para fugir para rua.

Thereza: O Bruno adora levar os amigos para nossa casa, mas não gosta de ir para a casa deles.

Coordenadora: Isso é normal, quando o filho é único, tende a ser egoísta com suas coisas. Se ele for para a casa dos amigos terá que aceitar as determinações dos outros. Em sua casa, tudo é só dele.

Coordenadora: Vamos trabalhar agora um pouco diferente, com novas idéias. Para isso vou pedir que fechem os olhos. Cada um deve se imaginar em sua casa procurando uma fotografia da família. Procure-a num álbum, gaveta, no baú. Escolha apenas uma. Examine bem a fotografia, olhe os detalhes, a fisionomia das pessoas, onde estão, o que fazem. Lentamente abram os olhos. Cada um procurará falar sobre a sua fotografia. Quem quiser pode começar.

Aparecida: Procurei, mas foi difícil encontrar. Achei uma da minha filha. Estávamos viajando e paramos em um lugar bonito, tiramos a foto de minha filha Gisele, da Letícia e do meu marido. Todos estavam satisfeitos, sorrindo.

Coordenadora: Qual a sua foto Otília?

Otília: É uma foto muito antiga. É a única que tem nós cinco, a família toda. Tiramos na Praça Cívica. Peguei a máquina da minha irmã e fomos tirar fotos dos meninos. Estava passando um menino na praça e meu marido pediu para ele tirar uma foto de todos nós. Meus filhos eram todos pequenos. Não me lembro da posição que cada um estava na foto.

Jorge: Eu não tenho nenhuma foto com minha família, nunca gostei de tirar fotos.

Coordenadora: Mas, você não se lembra de nenhuma fotografia de seus filhos?

Jorge: Quando eles eram pequenos eu tirava muitas fotos deles. Lembro dos semblantes inocentes que tinham. Hoje as fotografias deles são puras brincadeiras, fazem caretas, chifrinhos, etc.

Coordenadora: Você tem saudades?

Jorge: Sempre tenho saudade de quando eles eram pequenos. Naquele tempo eu ficava "doido" por que eles crescessem rápido, pois davam muito trabalho. Eu tinha que trazer a Fernanda de bicicleta ou nos braços. Hoje, vejo que apesar do trabalho era muito melhor naquele tempo.

Emília: Lembrei de uma fotografia de cinco anos atrás na casa da minha irmã. Na foto estão meus filhos e meus sobrinhos. Era final de ano. Eu não tenho muitas fotos de mim mesma; nunca gostei de tirar fotos; sempre fico feia nas fotografias.

Antônia: Achei uma foto de 1985, quando toda a família foi ao Rio. Fomos passear no Corcovado, ventava muito e todos estavam com medo, pois eram crianças. Eu não saí nessa foto porque foi eu quem bateu a foto; por isso, saiu só o pai e as crianças.

Eduardo: Célia, a Antônia dormiu o tempo todo quando você mandou fechar os olhos. Lembrei-me de uma festa em Guarapari, que tem Antônia com os meninos. Ela estava com a boca aberta.

Coordenadora: Você estava na fotografia?

Eduardo: Não, porque foi eu quem tirou.

Coordenadora. E você, Madalena?

Madalena: No ano passado fomos em Guapó, passear em um rio. Os meninos estavam cansados, podiam ficar o dia todo dentro do rio. Nesta foto, o meu marido ainda estava comigo.

Coordenadora: Então foi uma lembrança boa.

Thereza: Eu adoro fotografia e o Bruno também. Na minha casa tem foto para todo lado. Achei uma fotografia de muito tempo atrás. Naquela época eu fazia mestrado em São Paulo e vinha a Goiânia de 15 em 15 dias. Meus cabelos eram longos. Tirei uma foto com o Bruno nos meus braços, ele era pequeno.

Coordenadora: Agora, eu quero saber qual foi a lembrança que mais chamou a atenção de vocês?

Eduardo: Parece que regredimos de 8 a 10 anos, nas lembranças.

Coordenadora: E se eu perguntar: qual seria a foto que vocês gostariam de tirar, como seria? Imagina alguém tirando essa foto ou você mesmo?

Antônia: Vou tirar algumas fotos, agora no dia 28 de outubro, no aniversário do meu filho.

Coordenadora: Com os amigos?

Antônia: É, lá em casa já é tradição. Ele pediu uma guitarra, eu falei que era com o pai. Não quer festa, só os tios para comemorar. Eles são muitos, no final acaba virando festa.

Eduardo: Eu, já gostaria de tirar uma foto na praça, pois é muito difícil reunir todos.

Thereza: Gostaria de tirar um foto do Bruno com os amigos e depois, nós dois juntos.

Coordenadora. Jorge, você disse que não tinha nenhuma foto com seus filhos, não gostaria de tirar uma, junto com eles?

Jorge: Eu até imaginei alguém tirando uma foto de mim com os três, pois não tenho nenhuma.

Coordenadora: Otilia, qual seria sua foto?

Otilia: Não faço muita questão de tirar fotografias, mas se voltasse atrás, iria tirar do meu filho que nasceu muito pequeno e doente. As pessoas falavam que ele não iria agüentar por muito tempo. Quando a minha filha nasceu, eu realmente vi que ele era muito pequeno mesmo.

Emília: Gostaria de ter uma foto dos meus filhos comigo.

Madalena: Eu gostaria de tirar só dos três filhos.

Aparecida: Eu queria tirar uma foto da minha filha com o namorado, para guardar de lembrança porque é o seu primeiro namorado.

Coordenadora: Comparando todas as fotografias que vocês falaram e trouxeram de suas lembranças, notei que só a Madalena que pensou numa foto atual. Ela sempre vive o presente. Qual foi o sentimento que cada um teve ao se lembrar da foto: alegria, tristeza, saudade?

Antônia: Para mim foi de saudades. Eles não eram muito pequenos, mas vivíamos sempre juntos.

Coordenadora: Parece que todos vocês falaram que naquele tempo era mais fácil. As lembranças foram mais do passado. Agora, vamos falar das fotos que vocês gostariam de tirar. Thereza, quer dos amigos de seu filho. Emília, quer uma bem natural dela com os filhos. Otilia gostaria de voltar ao passado para tirar do filho que era doente, para poder comparar agora. Vimos que o filho de Otilia sofreu uma doença e melhorou, mudou para melhor. Será que você também não poderia mudar com sua filha?

Thereza: Posso fazer uma pergunta (dirigindo-se a Otilia) por que você não tirou essa foto?

Otilia: Naquele tempo minha situação financeira era muito ruim; eu era mais pobre do que sou hoje.



Eduardo: Hoje, quando tiramos foto de filhos crescidos parece que são as mesmas do ano passado. Eles também não gostam mais de ser fotografados. Até eu não gosto, pois antigamente eu tinha 12 Kg a mais, quando tiro uma foto agora, meu filho fala que eu estou com o pé na cova.

Madalena: Minha filha fez aniversário e eu queria tirar algumas fotografias dela, mas, ela não deixou, falou que depois tirava.

Coordenadora: Tem adolescentes que não gostam de tirar fotos, todo arrumadinho Acham careta.

Madalena: Um dia fomos ao Mutirama, o perfeito Darcy estava lá. O Júnior pediu para tirar uma foto junto com ele, quando o fotógrafo bateu a foto ele pôs um chifre no prefeito.

Coordenadora: Também lembrei-me, quando fiz a primeira comunhão. Tirei uma foto com meus irmãos. Um deles ficou todo torto. Quando minha mãe viu ficou furiosa. As lembranças das fotos, sempre trazem recordações.

Eduardo: Quando eu era pequeno minha mãe tirou uma fotografia minha pelado, no meio do mandiocal (Todos riram). Todo mundo que via ficava rindo. Eu queria sumir com a foto, mas não teve jeito.

Coordenadora: Para os adultos é muito engraçado. Para as crianças pode ser um horror Antigamente tiravam fotos, até de pessoas mortas.

Antônia: Tinham até de levantar o caixão. Eu tinha medo do defunto cair.

Aparecida: Uma foto que me chocou muito foi quando minha cunhada tirou do marido que tinha sofrido um acidente, ele estava todo enfaixado; achei um horror.

Thereza: Depois que surgiu a filmadora, quase não tiramos mais fotos juntos.

Coordenadora: Agora, eu quero que vocês tirem uma foto do futuro, daqui há 5 anos. Vou distribuir folhas de papel para vocês desenharem sua fotografia.

(Madalena reluta um pouco antes de começar, sempre fazendo perguntas como desenharia. Ria o tempo todo.)

Coordenadora: Pode ser qualquer foto. Você é que escolhe.

Madalena: (Não pára de rir, fala o tempo todo) Ela, não pode ver, coitadinha da minha filha, vou emagrecê-la mais. Olha o tamanho das pernas dela e o meu filho, não consigo colocar seu cabelo para trás.

Otília, Thereza e Emília acham graça de Madalena.

Coordenadora: Você precisa se concentrar.

Todos riam com as coisas que Madalena falava.

Após terem terminado.

Coordenadora: Agora, cada um vai mostrar a sua foto e explicá-la. Quem quer começar?

Jorge: Eu desenhei o meu retrato, só que coloquei um boné, par melhorar um pouco a aparência.

Coordenadora: Deu vontade de eu tirar uma fotografia do grupo.

Antônia: Desenhei a minha família na mesa de refeição.

Eduardo: Lá em casa, o povo só pensa em comer.

Coordenadora: Estão todos aí?

Antônia: Falta a minha mãe que não senta mais conosco. Eu é que estou tirando a foto, mas meu prato está na mesa.

Coordenadora: Mas será que daqui há 5 anos todos vão estar juntos? Ninguém vai casar? Não haveria outras pessoas?

Antônia: Eu até que pensei nisso, mas acho que não.

Eduardo: Eu desenhei a mãe e o três filhos. É uma foto de parede, as duas mulheres estão na ponta e os homens no meio.

Thereza: Estou parecendo uma roceira, daqui há 5 anos, o Bruno vai estar bem alto e magro, muito elegante. Na foto estou abraçada com ele.

Otília: O retrato é da minha filha maquiada e com o cabelo enrolado, porque o sonho dela é enrolar o cabelo e eu não deixo.

Antônia: Meu pai não deixava eu vestir calças cumpridas, a primeira que eu usei foi na minha formatura.

Coordenadora: Tem pai que manda nos filhos, até quando são rapazes e moças.

Otília: Eu só cortei meus cabelos quando casei, meu pai nunca deixou cortar curto.

Emília: Meu desenho é da minha filha, mas ela ficou muito criança. Eu não quero ela sim, porque ela é muito agitada e independente. Vai participar de todo o movimento estudantil; acho que ela vai ser hippie.

Coordenadora: E isso te assusta?

Emília: Acho que não.

Coordenadora: Estou perguntando, porque na fotografia você a vê como criança.

Aparecida: Desenhei a família crescendo. Eu e meu esposo juntos e os meus três filhos mais longe. O mais velho, já fazendo vestibular. Quanto mais os filhos crescem mais eles afastam dos pais.

Coordenadora: É interessante, você colocar duas situações da família: o casal e os filhos.

Madalena (rindo): O retrato do futuro são os meus três filhos, Cibele, no meio, Júnior e Sabrina.

Coordenadora: Nessa foto, eles estão bem?

Madalena: Estão.

Coordenadora: Há uma fotografia que me chamou atenção, da Thereza abraçada ao filho, mas este parece distante.

Aparecida: Concordo com a Célia, pois eles estão sozinhos (dirigindo-se a Thereza). Você é separada de seu marido?

Eduardo: Eu também achei a da Thereza muito interessante.

Emília: Eu também

Coordenadora: Se todos concordam, vamos falar da fotografia da Thereza. Já que todos concordam, Thereza venha aqui na frente e escolha uma pessoa para ser o filho, Bruno.

Thereza: Eu escolho o Eduardo, porque quando o Bruno crescer quero que ele seja magro e alto.

Coordenadora: Agora você escolhe uma pessoa para ser você.

Thereza: Pode ser a Antônia. Ela é baixinha igual eu.

Coordenadora: Agora, Thereza você vai olhar a sua fotografia.

Coordenadora: Coloca Eduardo e Antônia (no papel de Bruno e Thereza), na posição que Thereza desenhou na fotografia.

Thereza (olhando os dois): Ficou ótimo.

Coordenadora: Agora Thereza fique no lugar de Eduardo (propõe a inversão de papel). Fique no lugar de Eduardo, portanto no papel do filho Bruno.

A Coordenadora pede a Antônia, no papel de Thereza, que fale com o Bruno.

Coordenadora (dirigindo-se à Thereza no papel de Bruno): Bruno você está com 18 anos, não quer mais tirar fotografia? Não está faltando ninguém nessa foto?

Thereza (no papel de Bruno): Está faltando meu pai.

Coordenadora: É porque ele não gosta de tirar fotografias?

Thereza (no papel de Bruno): Não.

Coordenadora: Pede para Thereza sair do papel de Bruno. Eduardo assume o papel de Bruno.

Coordenadora (dirige-se a Antônia que está no papel de Thereza): Você quer tirar fotografia com seu marido?

(Thereza fora de cena, observa o que acontece.)

Antônia: Você já perguntou para ele?

Antônia (no papel de Thereza): Bruno você quer chamar seu pai?

Eduardo (no papel de Bruno): É você que sabe.

Coordenadora: Agora, vamos tirar uma fotografia dos dois e vamos dar um nome. Jorge você poderá ser o fotógrafo?

Thereza, qual seria o seu nome?

Thereza: "Nós dois"

Coordenadora: O que vocês acharam? O que pensam dessa situação?

Antônia: Eu achei que ela (dirigindo-se a Thereza) está anulando o filho, encostando o pai e priorizando o filho, tenho a impressão que o pai viaja muito, nunca está presente.

Coordenadora: Como é que o Bruno se sente?

Eduardo que ficara no papel de Bruno: Nesse momento eu aceitaria o meu pai.

Aparecida: Parece que ela é separada do marido.

Emília: Parece que ela tem medo de perder o espaço que ela tem; não cabe o marido. A idéia que passa é que o filho está com a mãe ou com o pai; os três nunca podem estar juntos.

Otília: Parede que o Bruno está sendo forçado a tirar essa foto, eu acho que ele também poderia abraçar a mãe.

Coordenadora (dirigindo-se a Jorge): por que será que ele não abraça a mãe?

Jorge: Talvez seja porque ela forçou ele a tirar essa foto .

Otília: Pelo menos o filho dela aceita; o meu nem isso.

Coordenadora: Madalena, você gostou da foto?

Madalena: Gostei, sei lá. Não quero falar agora.

Coordenadora: Por que? Você se lembrou de alguma coisa?

Madalena: Não.

Coordenadora: Thereza, como você está se sentindo?

Thereza: Na realidade, meu marido está sempre ausente. Quando chega, fica tudo diferente. Eu e o Bruno temos uma relação. O Bruno e o pai, tem outra. Eu é que assumo a casa, quanto à fotografia, ele não gosta.

Coordenadora: Gostaria de comentar o que percebi. A foto retrata que não tem espaço para o seu marido. O filho cresceu e o pai continuou sem espaço com o filho e com a esposa. O filho fica com o pai, ou com a mãe. O que falta ou o que precisa para mudar essa situação?

O que me chamou a atenção foi o fato dele não estar satisfeito (Bruno). A mãe força o relacionamento, formando uma diáde, um casal. Uma união muito forte, onde marido não entra

Thereza: Mas quando o pai fica com Bruno também não sobra lugar par mim.

Coordenadora: Eu fico pensando o que você tem feito para reparar essa situação. Posso até dar a impressão de estar colocando você na parede. Mas, gostaria que você pensasse sobre tudo que ocorreu aqui. Muita gente pensou que você não tivesse marido.

Otilia: O que devemos fazer?

Coordenadora: Estamos dando elementos para ela pensar e resolver.

Jorge: Acho que a Thereza fez esse desenho num momento de solidão.

Wilma: Ela traz o filho para o colégio e fica aqui, todo o tempo, andando.

Coordenadora: Bom, para o próximo encontro, tragam qualquer foto que encontrar, fiquem à vontade.

Comentários:

A sessão teve 3 momentos diferentes:

- 1) A lembrança de uma foto que poderia ser antiga ou mais recente;
- 2) Uma foto que gostariam de ter da família;
- 3) Projeção de uma foto - daqui há 5 anos, desenho de uma fotografia.

O primeiro momento - a lembrança de uma fotografia - permitiu aos participantes resgatar um momento do convívio familiar. Em geral as pessoas apresentaram fotos onde se encontravam todos os familiares e onde os filhos eram pequenos; até de colo. Otilia, Jorge, Emília, Antônia, Thereza. Jorge fala que foi uma lembrança que trazia uma fase de mais tranquilidade exatamente pelo fato de os filhos serem pequenos.

Madalena foi a única que trouxe a lembrança de um fato recente.

O segundo momento - a fotografia que gostariam de tirar - oferece a oportunidade das pessoas, ao imaginarem uma situação, poderem "reparar" alguma situação. Sendo assim, apresentam algumas mudanças.

Jorge mencionara que não tinha nenhuma foto da família. Neste segundo momento, imaginava alguém tirando uma foto sua, com seus filhos.

Otília gostaria de ter uma foto do filho que havia sido desenganado pelos médicos, mas que sobrevivera.

Emília, que antes se lembrara de um foto dos filhos com sobrinhos, gostaria de uma foto sua com seus filhos.

Madalena desta feita queria uma foto só de seus filhos (diferente de foto real anterior onde estava com os filhos e o ex-marido).

Aparecida pensa na possibilidade de uma foto do namorado da filha, inclui, portanto, um outro elemento no grupo familiar.

Antônia quer uma foto de um momento de festa, do aniversário do filho (Roberto).

Eduardo, que tivera sua pessoa excluída, foto antiga, pensa numa foto que possa incluir todos os elementos da família, inclusive ele próprio.

Thereza inclui neste segundo momento amigos do filho, mas permanece com a idéia de tirar uma foto só com o filho.

O terceiro momento - uma foto com projeção daqui há 5 anos -

Madalena disfarça sua ansiedade através de comportamento - risos, durante toda a tarefa.

Jorge desenhou a sua própria fotografia de boné.

Antônia - foto da família na mesa, numa refeição, onde aparecem todos menos ela que está tirando a foto - ainda não inclui a possibilidade de outros no contexto da família, continua excluindo a figura da mãe.

Eduardo desenha a foto de toda a família.

Thereza tira uma foto sua com o filho, expressando a estreita relação que mantém com o filho; exclusão da figura do marido.



Otilia traz a fantasia de como sua filha gostaria de estar, "curtindo" a aparência.

Emília escolhe fazer o desenho da foto da filha, que tanto a preocupa. Estranha o fato de tê-la feito ainda criança. Retrata portanto o desejo de vê-la ainda criança. Fica satisfeita com seu trabalho.

Aparecida estabeleceu dois subsistemas: pais e filhos, estes últimos expressando a imagem de estudantes.

Madalena não se coloca na foto, apenas os filhos.

O trabalho psicodramático, realizado a partir de fotografia da Thereza e do filho, oferece-lhe elementos para pensar. A díade mãe-filho, expressa na foto, reflete a forte vinculação que a mãe tem com o filho. É um desejo mais seu do que de seu filho, ficar junto da mãe. Mostrou também o grande temor de Thereza - ser suplantada no afeto pelo filho.

O trabalho com a protagonista, embora tenha atingido a dimensão terapêutica, centrou-se na dimensão relacional do papel de mãe e o complementar - o filho. O role-playing (jogo psicodramático de papéis) proporcionou a protagonista - mãe - o esclarecimento dos "pontos cegos" no seu relacionamento com o filho. Possibilitou, assim, compreensão do vínculo que estabelece com o filho e com o marido.

Nas sessões n.º 12 e n.º 14 (vide anexo 5) foram trabalhados temas ligados à sexualidade do adolescente, focalizando a maneira como os pais lidam com a temática. Foi utilizada a modelagem com a massa, como um "objeto intermediário"<sup>7</sup>. Os pais expressaram que, em geral, sentem dificuldades em tratar do assunto no contexto familiar. Ficou evidente que enquanto os filhos eram crianças havia ausência de inibição frente ao sexo, mas com o advento da adolescência os pais passaram a evitar o tema, em função da dificuldade em abordar essa questão.

Vejamos alguns trechos da 12a. sessão (vide anexo 5), que expressam as dificuldades dos pais em lidarem com o tema sexualidade:

---

<sup>7</sup>- O termo "objeto intermediário" foi usado inicialmente nas experiências realizadas como marionetes no trabalho com psicóticos. Também pode ser usado como estímulo para evidenciar aspectos inconscientes ou condutas conflituais evitadas de acordo com os papéis que são postos em funcionamento (BERMUDEZ, J.G.R. - *Introdução ao Psicodrama*. São Paulo: Meste Jou, 1987.)

*“Parece que na nossa idade é mais difícil falar sobre sexo.”*

*“Nessa idade é.”*

*“Por mais que trabalhemos essa questão, fica difícil quando temos de falar com os filhos.”*

*“Geralmente eu converso isso com eles em tom normal e é essa a crítica que eu me faço.”*

*“É muito difícil, mas também eles nunca perguntaram nada.”*

*“Eu não estou preparada para esse assunto de sexo.”*

*“Eu não conseguia conversar sobre sexo com meus pais.”*

Na sessão n. 14 (vide anexo 5) o grupo já começa a referir sentimentos relacionados ao momento da separação, que ocorrerá por ocasião do encerramento das atividades do grupo, como podemos verificar:

*“Célia, não tem possibilidade de continuar com as reuniões no ano que vem?”*

*“Eu gostaria de ter endereço e telefone de todos.”*

*“Eu acho difícil continuarmos juntos (sem a coordenadora) enquanto grupo. Podemos nos perder.”*

*“Nós viemos aqui para conhecer sobre adolescência e ampliar os nossos conhecimentos sobre os filhos... eu acho que não conseguiria ter uma liberdade que eu tenho agora com o grupo.”*

O silêncio toma conta dos elementos do grupo no início da sessão 15 (vide anexo 5). Qual o seu significado? Falta de disposição ou uma forma de expressarem o momento que está por vir - a separação?

A terceira etapa - o grande compartilhar - caracterizou os momentos em que o grupo expressou as suas percepções e sentimentos em relação ao vivido e aprendido conjuntamente.

A sessão 16 teve como objetivo conduzir as pessoas ao momento de avaliação da experiência vivida no contexto grupal. Marcadas por forte emoção, na medida que chegava o final do tempo de convivência, as pessoas verbalizaram os aspectos relevantes desse encontro. Foi a ocasião do grande compartilhar.

As colocações das pessoas retratavam o real significado da experiência vivida no grupo, descrevendo seus sentimentos com relação à separação e à perda do próprio grupo:

*“Vim pensando que hoje seria um dia especial, pois é o último dia.”*

*“Eu vim meio triste pensando em como manter o grupo, pois ele me ajudou muito em relação aos meus filhos.”*

Misturavam-se sentimentos diversos nessa fase final. Havia tristeza por sentirem que perderiam o contato com as pessoas do grupo, ao mesmo tempo que levavam um forte sentimento - o de terem pertencido ao grupo. Os instantes finais da intervenção grupal tornou-se um grande compartilhar que se mostrou parte de um processo onde cada pessoa, enfocando diferentes situações, trouxe suas realidades e fantasias para serem exploradas.

Foram apontados pelos pais aspectos relevantes, tais como: a necessidade do estabelecimento de limites dentro de casa; a necessidade de estarem mais próximos dos filhos; a constatação de que os filhos se encontram em um outro estágio do ciclo de vida. Cresceram não só fisicamente. Operou-se uma grande mudança em seus interesses e em suas idéias. A constatação pelos pais de que também foram adolescentes e, como tal, viveram conflitos, levou-os a ampliarem a percepção de que seus filhos vivem também momentos de conflitos. É preciso, então, compreendê-los e dar apoio.

A coordenadora teve, também, a oportunidade de verbalizar seus sentimentos frente ao grupo - através de um pequeno documento entregue a todos (vide anexo 6), que retrata o significado da investigação para ela, e de poder ter tomado um lugar junto a essas pessoas, como um novo membro de suas famílias.

A fim de melhor ilustrar essa fase apresentamos na íntegra a 16ª. sessão.

16ª sessão - *E por falar em saudade ...*

Planejamento da sessão (objetivos):

Proporcionar momento de avaliação:

- a) qual o significado da vivência em grupo para cada participante?
- b) quais os benefícios que as pessoas obtiveram, como resultado da experiência.

Participantes: Madalena, Francisca, Emília, Sandra, Elisabete, Aparecida, Thereza, Jorge, Antônia, Eduardo, Otilia e Clara.

A Coordenadora iniciou o encontro dirigindo-se a Aparecida, referindo que sentira sua falta, na sessão passada.

Aparecida: Eu estava com dor de barriga e depois foi difícil eu vir porque tinha um primo lá em casa.

Coordenadora: Hoje é um dia muito especial, pois é o último dia de nossas reuniões. Iremos dividi-lo em duas partes.

Gostaria de saber agora em que vocês vieram pensando quando estavam vindo para cá.

Todos permaneceram em silêncio.

Jorge: Já saí atrasado; não deu nem tempo de pensar no caminho.

Eduardo: Eu pensei uma coisa, mas não posso falar.

Coordenadora: Por que?

Eduardo: Porque a mulher (Antônia) é o meu freio de mão.

Todos riram.

Clara: Vim pensando que hoje seria um dia especial, pois é o último dia.

Eduardo: Eu também acho.

Sandra: Eu vim meio triste pensando em como manter o grupo, pois ele me ajudou muito em relação aos meus filhos. Tomei a liberdade de passar uma lista perguntando o endereço de cada pessoa.

Pausa.

Coordenadora: Inicialmente vamos fazer uma leitura sobre um material, que trouxe para vocês sobre nutrição, que havia prometido na reunião passada, lembram-se? O texto foi retirado do módulo sobre nutrição utilizado no NECASA.

A seguir a coordenadora distribuiu uma cópia para cada participante e fez a leitura do conteúdo, que trata da nutrição do adolescentes.

Após a leitura e discussão sobre nutrição na adolescência, a Coordenadora lembra aos participantes que estes fariam um documento sobre a vivência no grupo.

Coordenadora: Ao final do encontro de hoje, eu passarei uma folha onde procurei expressar como senti e percebi essa nossa experiência. Gostaria de saber de vocês como gostariam que fosse o encontro entre pais e filhos, conforme combinamos que ocorreria, após o encontro de hoje. Como vocês imaginam que pode ser, uma reunião com todos os filhos e todos os pais, ou seria retirado daqui uma comissão, ou melhor, representação de pais?

Emília: Eu quero estar junto com minha filha!

Clara: A minha filha é muito tímida, eu acho que ela não iria gostar.

A Coordenadora volta a falar sobre a possibilidade da reunião com pais e filhos. Após alguns momentos de discussão pede para que todos fechem os olhos e procurem relaxar.

(Enquanto isso a coordenação coloca uma música suave.)

Agora, vocês vão prestar atenção e verificar quais os ruídos, barulhos que vocês identificam lá fora. Procurem identificar cada barulho.

Comecem a pensar em vocês mesmos. Como foi a manhã de hoje, a hora do almoço, a vinda para esse encontro.

Cada um, agora, pense nas nossas reuniões, nas discussões, nos assuntos, nas dificuldades expressas, no desejo de ser boa mãe, bom pai. Pense nos filhos.

(Thereza chega neste momento.)

Coordenadora: Pense nos filhos dos seus colegas aqui do grupo. Comece a pensar no que você e os colegas do grupo gostariam de comunicar aos filhos sobre nossos encontros. O que gostariam de falar. Pense no que seus filhos gostariam de ouvir e vocês também. Na medida que as ideias já estiverem claras, cada um pode começar a abrir os olhos. Gostaria que escrevessem qualquer coisa: uma frase, um texto, uma palavra que expressasse as suas idéias sobre a vivência do grupo. Agora que todos já terminaram passaremos a ouvir as idéias de cada um, mas, antes quero saber como vocês querem passar essas coisas para os filhos.

Antônia: Falar e ouvir, você expõe a maneira de começar.

Coordenadora: Pensei em apenas começar, explicar um pouco o que fizemos, o resto é com vocês. Vamos ver o que escreveram. Cada um pode falar o que escreveu.

Madalena: Para que serve esse papel que escrevi?

Coordenadora: Vamos ver o que você gostaria de dizer para os filhos. Fica a critério de vocês. Quem quer começar a falar?

Antônia: Eu gostaria que o Roberto soubesse que, quando falamos muito e brigamos com ele é porque gostamos muito dele. O tempo passa e depois não podemos voltar atrás.

Emília. É mais ou menos a mesma coisa que Antônia falou. Gostaria que meus filhos compreendessem os limites de cada um.

Coordenadora: Isso é quase um apelo.

Emília. É isso mesmo.

Coordenadora: E você Madalena, o que escreveu?

Madalena: Nada de importante.

Coordenadora: É claro que é importante, leia!

Madalena: Eu acho que não é. Este grupo me ajudou a compreender melhor meus filhos, pois a vida tem sido muito cruel com eles. Também aprendi a confiar mais na Cibele.

Coordenadora: Muito bem, fico feliz com isso.

Clara: Esse encontro foi muito bom para que os pais. Procurei ter mais amizade com os filhos.

Sandra. Com esses encontros eu voltei à minha adolescência, com situações boas e ruins. Com isso aprendi que é impossível querer evitar que nossos filhos passem o que já passamos em determinadas situações.

Jorge: Eu queria que os meus filhos parassem de pensar que o mundo vai acabar daqui a 6 anos. Pois eles só querem aproveitar o tempo. Aí eu perguntei a eles, e se não acabar, como fica?

Eduardo: O que eu escrevi mais ou menos foi o que o grupo falou, mas, ainda tenho uma dúvida sobre a autoridade de um pai; até onde ela pode ir?

Coordenadora: Não dá para negar que o pai é uma autoridade dentro de casa, pois a sociedade exige isso. Na escola é o professor; em casa, são os pais. A questão é como exercer essa autoridade. Na realidade os adolescentes gostam que os pais sejam autoritários, assim eles se sentem mais amados e amparados. No fundo, sentem necessidade de autoridade.

Antônia. Tenho o caso de uma menina que falou para mim, que a mãe tinha de ter mais presença em casa.

Otília: Esse grupo me fez pensar melhor.

Francisca: Foi gratificante, pois percebi melhor a fase que os meus filhos estão. Eles estavam crescendo e eu estava tratando eles como bebê. Foi uma maravilha

Coordenadora: Você estava com dificuldade em elaborar a perda dos filhos crianças. Há pessoas que têm dificuldade em aceitar isso, em ver os filhos crescerem e ficar adultos.

Francisca: Temos de pensar melhor antes de dar opinião.

Coordenadora: Esta é uma outra constatação. E você, Thereza?

Thereza: Vou falar como os adolescentes. Valeu! Hoje eu compreendo mais as coisas. Valeu a pena.

Aparecida: Após todos esses encontros percebo melhor a fase da adolescência. Nós vivemos também esses conflitos quando éramos adolescentes. Eles também vão viver essa fase. Temos que dar apoio e compreensão.

Elisabete: Essas reuniões foram de muito valor. Encontrei vários pontos que pareciam falar de minha família.

Coordenadora: Voltando ao assunto da reunião de vocês com os filhos, o que vocês acham de mostrar como trabalhamos aqui. Vocês falaram coisas muito importantes hoje.

Clara: Além deles ouvirem, estarão vendo o que fizemos.

Coordenadora: Poderia se mostrar a eles que não foram aulas. Pode-se até combinar quem gostaria de falar.

Antônia: Mas tem um "porém". Se falarmos das coisas que foram ditas aqui, sobre os problemas dos filhos, eles poderão sentirem-se ofendidos

Coordenadora: Você tem razão. Não podemos fazer isso.

Madalena: Mas se não definir agora, ninguém irá falar nada no dia do encontro.  
Pausa.



Coordenadora: Agora, vou distribuir para vocês um texto que escrevi sobre minhas impressões sobre este grupo. Intitula-se "Reflexões sobre o grupo de pais".

(Faz a leitura do texto; as pessoas parecem ficar emocionadas ao ouvir o texto. Após instantes, a coordenadora passa para outro momento. )

Coordenadora: Vou distribuir uma folha em branco. Vocês devem cortá-la ao meio, dividindo a folha em duas partes. Numa parte vocês vão escrever coisas que gostariam de jogar fora, tais como: dificuldades, temores, preocupações, etc. Coisas que incomodam, dificultam o seu relacionamento com os filhos. Na outra folha as coisas que gostariam de levar dessa vivência grupal.

(Enquanto os participantes escrevem a Coordenadora coloca várias folhas de papel ofício no chão, formando um caminho. Ao término deste, coloca 2 potes - recipientes de vidro, um com pedras e o outro sem nada dentro.)

Coordenadora: Agora que todos terminaram eu gostaria de chamar um por um. Cada pessoa irá caminhar, ou seja, percorrer este caminho, colocando no recipiente com pedras a folha que contém as coisas que gostaria de deixar, de jogar fora. Dentro do outro pote, as coisas que gostariam de levar do nosso encontro. Quem gostaria de ser o primeiro?

Eduardo: Eu gostaria de ser o primeiro.

A coordenadora acompanha Eduardo, andando a seu lado, até o final do caminho e no percurso de volta.

Coordenadora: Agora que chegamos no final do caminho leia o que você escreveu.

Eduardo: Levo mais conhecimentos: como não se deve agir com os filhos, mais equilíbrio e sobriedade no enfrentamento de diversas situações do cotidiano.

Coordenadora. A segunda pessoa a Wilma vai levar, pois espero que ela dê continuidade a esse trabalho.

Sandra, levanta-se e diz: Deixo as brigas com meus filhos e minha impaciência. Levo as trocas que tivemos, a reflexão do meu passado ou contribuição do meu passado no futuro deles. A reflexão sobre mim mesma. Algumas descobertas e algumas pistas sobre certas questões (porque a lembrança da infância e da adolescência sempre me emocionam). Mais pessoas com as quais senti prazer em me relacionar. Mais admiração e respeito às pessoas que estudam e tentam levar suas experiências a outras pessoas.

Eduardo: Mas a senhora está parecendo um manequim. Sabe desfilas na passarela!

(Todos riem da maneira como Eduardo falou.)

Jorge: Gostaria que meus filhos escutassem meus conselhos, os meus pedidos, as minhas ordens. Vejo com muito pesar e tristeza que meus filhos não valorizam os meus esforços. Certo: me senti tão bem participando deste grupo de pais, que gostaria que no mundo todo deveria haver reuniões assim. Levo uma boa imagem do grupo.

Clara: Deixo preocupações, medo, insegurança. Levo o contato com outros pais, levo comigo experiência muito boa com compreensão, ser mais amiga; procurar dialogar mais com os filhos, procurar entender as dificuldades de ser adolescente. Procurar estar mais junto com eles; sair para tomar um suco.

Antônia: (emociona-se, quase chora) Deixo: deixo minha preocupação com os estudos dos meus filhos, gostaria que esse problema acabasse de uma vez por todas. Quero esquecer que meus filhos não têm normas para se alimentarem. Levo angústia pela pressão em que vivemos em casa., incapacidade de solucionar problemas. Senti um certo alívio por sentir que o problema do adolescente é mais ou menos generalizado e semelhante; amizade de todos do grupo, que foi muito importante para mim

Emília: Deixo agressividade com meus filhos. Levo muitas coisas boas daqui, a amizade dos companheiros do encontro. Consegui ser mais paciente com os filhos. Vou levando conhecimentos sobre a conduta do adolescente, vou levando saudades de todos, vou levando o companheirismo da turma.

Francisca: Deixo falar demais, deixar de ser enjoada, muita cobrança em tudo, deixar de irritar por pouca coisa. Levo estou levando mais confiança, informação

e facilidade em expressar. Através da troca de experiências estou levando comigo mais confiança e entendimento para as novas situações.

Deixo preocupações, brigas com os filhos.

Levo mais segurança, mais compreensão, saudades. Desejo de conhecer mais, de aprofundar mais nos relacionamentos e nas questões tratadas. Mais confiança no papel que cada um desempenha na construção de uma sociedade mais saudável, mais amiga ..

Aparecida. Deixo a falação com as coisas deles. Levo o que levo deste encontro dos quais participei, é que todos nós, pais, temos dúvidas e que, assim como os adolescentes, estamos caminhando para um amadurecimento. Nós também amadurecemos dia-a-dia; com tudo que vivemos pude fazer uma avaliação de minha adolescência procurando passar para minha filha tudo aquilo que vivi. Bom ou ruim para que ela compreendesse que tudo que vivi na adolescência, mesmo sendo em outra geração, fui uma adolescente como ela.

Thereza: Deixo deixar de falar o que eu já falo e ensino há 13 anos, deixar de brigar por coisa pequena. Deixar de programar a vida de meu filho. Deixar as implicâncias. Deixar as impaciências. Deixar de implicar com a alimentação dele. Levo troca de experiência. A certeza que eu não estou só, muito dos problemas que eu tenho com o filho, os outros pais também têm. Dividir os problemas comuns foi um alívio para mim. A tranquilidade de que a adolescência é uma fase necessária e que, como tal, vai passar. Um desejo de acertar cada dia mais na orientação ao meu filho. Conhecer mais de perto outros pais.

Otília: Deixo cobrança e desconfiança. Levo: a certeza de que não sou a única a ter problemas com os filhos, já pensei muitas vezes que meus filhos eram muito problemáticos, ou então que eu sentia um fracasso como mãe, com estes encontros descobri uma maneira de como sentir mais capaz, e também a amizade de vocês todos, espero. Obrigado.

Madalena: Deixo de ser enjoada, de ser nervosa, de ser menos faladeira, de ser impaciente, de ser muito ciumenta. Levo, estou levando muitas coisas boas deste grupo, muitas experiências, ótimas recordações, pois, aqui conheci várias pessoas maravilhosas.

Coordenadora: Agora vou acompanhar a Wilma no trajeto. Deixo o compromisso para ela continuar o trabalho.

Wilma: Levo experiência muito rica do grupo.

Todos pedem para que a Coordenadora também caminhe.

Coordenadora Deixo preocupações caso tenha faltado algo, cansaço.

Levo uma coisa muito boa, o sentimento de que vale a pena trabalhar com as pessoas. Levo também as experiências que eu ouvi de vocês. Agradeço a todos por sua participação.

Todos davam a impressão de estarem emocionados. Madalena só demonstrou descontração ao final da reunião. Seus olhos ficaram vermelhos enquanto a Coordenadora falava.

Thereza nesse último encontro só emitiu palavras quando solicitada.

Os momentos de avaliação nessa sessão trouxeram a viva expressão do real significado da vivência em grupo.

Na fase em que colocavam, nos recipientes de vidro, o que levavam e o que deixavam havia grande emoção. Deixaram: vontade de que os filhos escutassem, preocupações, medo, insegurança, agressividade para como os filhos, falar demais, de se irritar por pouca coisa, brigas, de programar a vida do filho, desconfiança. Levaram: mais conhecimento, como se deve agir com os filhos, trocas que fizeram; reflexão de vivência passada ou contribuição do próprio passado no futuro dos filhos, a experiência de que dialogar é importante; alívio por sentir que outros também têm problemas com os filhos, sentimentos de maior confiança e maior facilidade de expressão, a constatação de que a adolescência é uma fase inevitável e que vai passar; vontade de conhecer outros pais, saudades.

Os pais foram autores, dando novos significados às experiências compartilhadas com os outros membros do grupo. Foi-lhes permitida conscientização de suas semelhanças e de suas diferenças.

Por outro lado, as situações vividas pelos pais os conduziram ao entendimento de que é função da sociedade oferecer um meio organizado por ela mesma, através das gerações anteriores. Estas, sofrem o impacto das novas gerações que anseiam por transformações expressas, muitas vezes, por suas ações. É aqui, que se inserem muitas questões que retratam os desencontros no meio familiar, traduzidos pelos conflitos, pela busca de autonomia e pela dificuldade no estabelecimento de limites.

Os conflitos existentes entre pais e filhos, em decorrência das barreiras relacionais, foram redimensionados a partir das situações vividas no grupo. Poder falar de limites rígidos, de distância afetiva, do medo de perdas e de separações dos filhos, foram temas trazidos, acompanhados não somente de uma forte carga emocional, mas de um real interesse na descoberta de formas relacionais que imprimem um novo significado à tarefa de serem pais.

Embora saibamos que não constitui tarefa fácil o relato de uma experiência psicodramática, as situações que ocorreram no grupo de pais retratam o envolvimento das pessoas. Os comentários, ao final da intervenção grupal, mostraram o significado do processo vivido, permitindo novas aprendizagens ao se ampliar a capacidade de compreensão dos pais no contexto familiar.

O grupo tornou-se, portanto, um espaço privilegiado para a relação com o outro, e para o processo de aprendizagem. É neste sentido que lembramos Pichon-Rivière (1994) ao abordar a aprendizagem como *uma apropriação instrumental da realidade para modificá-la*. A acrescenta ainda o mesmo autor que *toda aprendizagem é aprendizagem social, aprendizagem de papéis* (1994:116).

Cada pessoa do grupo teve, portanto, um papel ativo, complementando-se à medida que, juntos, descobriam nuances de seus comportamentos com os filhos, passando a elaborar um novo conhecimento através da experiência compartilhada.

A avaliação do significado da intervenção e do processo grupal, mostra-se claramente mediante os depoimentos dos pais. Selecionamos algumas falas, que indubitavelmente são expressões das constatações, das esperanças, e das revelações originadas no contexto grupal e do significado dessa vivência:

*“Eu gostaria que meu filho soubesse que quando falamos muito e brigamos com ele é porque gostamos muito dele.”*

*“Gostaria que meus filhos compreendessem os limites de cada um.”*

*“Este grupo me ajudou a compreender melhor meus filhos...”*

*“Foi gratificante, pois percebi melhor a fase que os meus filhos estão. Estes estavam crescendo e eu estava tratando eles como bebê. Foi uma maravilha.”*

*“ Vou falar como os adolescentes. Valeu! Hoje eu compreendo mais as coisas.”*

*“Essas reuniões foram de muito valor. Encontrei vários pontos que pareciam falar de minha família.”*

*“Levo mais conhecimento: como não se deve agir com os filhos, mais equilibrado, e sobriedade na enfrentamento de diversas situações do cotidiano.”*

*“ Senti um certo alívio por sentir que o problema do adolescente é mais ou menos generalizado e semelhante...”*

*“ A certeza de que não sou a única a ter problemas com os filhos. Já pensei muitas vezes que meus filhos eram muito problemáticos, ou então que eu sentia um fracasso como mãe. Com estes encontros descobri uma maneira de como sentir mais capaz...”*

*“ Deixo aqui no grupo preocupações, medo e insegurança.”*

*“ Falo demais, quero deixar de ser enjoada, cobrar muito e deixar de irritar por pouca coisa.”*

*“ Quero deixar de falar o que eu já falo e ensino há 13 anos, deixar de brigar por coisa pequena. Deixar de programar a vida do meu filho.”*

*“ Acho que a fase em que mais crescemos é na adolescência, é a fase de crescimento dos filhos.”*

*“ Os filhos têm uma fase que, se não formos maleáveis, criamos um atrito muito grande com eles.”*

*“Temos dificuldades de falar porque não ouvimos.”*

*“ Não é fácil trocar de lugar com os filhos, pois sempre achamos que estamos certos.”*

*“ Às vezes, me coloco no lugar e vejo que fomos tudo que eles são e que seus filhos também serão iguais.”*

*“ Há uma discriminação com os adolescentes...”*

*“A melhor forma é conscientizar os filhos e não proibir.”*

*“ Sinto que está havendo uma mudança comigo, pois parei de mandar um pouco. Eles (filhos) pararam de reclamar.”*

A partir de tais depoimentos podemos afirmar que a experiência no grupo oportunizou a todos o desenvolvimento do papel de mãe/pai de adolescentes. É de se esperar, pois, que os pais atinjam mudanças progressivas, vencendo os desafios e contradições inerentes ao próprio papel.

O “sharing” psicodramático permitiu, portanto, a todos do grupo repartirem suas expectativas, passando cada um a ser companheiro na dificuldade, na frustração, na possibilidade de esclarecimento e resolução dos conflitos. Momento rico, o compartilhar fez com que os pais verificassem as diferenças e semelhanças em suas histórias.

É nesse sentido que encontramos as bases fundamentais do projeto de Moreno, a de se tratar um maior número de pessoas, baseando-se no princípio da expansão terapêutica. O psicodrama com pais abriu a cada um a possibilidade de expandir a sua catarse para o grupo. Nesse sentido, a necessidade premente de se sentir acompanhado, igual a todos, fez com que a solidão anterior cedesse lugar à troca de experiência, apontando para o grande efeito do trabalho grupal.

No gesto, na palavra, nas emoções manifestadas havia um grande desejo de tornar a tarefa de serem pais algo essencialmente significativo onde há lugar para os pais e para os filhos: da constatação de diferença entre pais e filhos, ao desejo de mudança; da angústia à tristeza de não conseguirem se fazer entender; da responsabilidade em saber nortear o crescimento do filho à percepção de que eles cresceram e anseiam poder se experimentar no mundo. Tudo isso foram temas de grandes discussões vividos em grupo, levando as pessoas a estabelecerem uma relação de reciprocidade, com franca expressão de sentimentos.

O trabalho realizado com o grupo remete-nos a uma passagem em que Moreno refere-se à finalidade do Psicodrama: *Um de seus objetivos é ensinar as pessoas a resolver seus conflitos num microcosmo do mundo (o grupo), livres das restrições convencionais, através da atuação de seus problemas, ambições, sonhos e medos* (Moreno, 1963).

Consideramos que, além de investigar como se dá a relação entre os pais e filhos adolescentes, esse estudo teve uma função maior, a de ajudar as pessoas a atravessarem um momento crítico e caminharem para o estágio

seguinte da vida em família, sem medos, resgatando os sentimentos mais puros que confirmam aos pais a grande função de educar numa sociedade que não consegue negar as possibilidades de ensinar e de aprender em família.

A vivência em grupo levou os pais a acreditarem na capacidade humana de mudar o contexto no qual vivem e de transformarem a si próprios, num movimento que pode acompanhar as mudanças que se operam na própria história de suas vidas e nas mudanças da sociedade da qual fazem parte.



## CAPÍTULO IV:

### **CONCLUINDO UM CICLO DE DESCOBERTAS DAS POSSIBILIDADES NO TRABALHO COM PAIS**

*“Não cessaremos de explorar  
E o final de toda exploração  
Será chegar onde começamos  
E conhecer o lugar pela primeira vez.”*

*( T.S. Elliot, 1943)*

A interpretação do material coletado pautou-se na abordagem da família, com destaque para o subsistema pais e o subsistema filhos adolescentes, dentro da perspectiva sistêmica e do referencial psicodramático de Moreno. Três eixos teóricos foram contemplados: Família, Adolescência e Grupo.

As contribuições de diversos autores proporcionaram um maior entendimento dos aspectos concernentes à família e das relações existentes neste contexto habitado por pais e filhos, considerando a intersecção dessa instituição com a sociedade.

A análise do material expresso nas entrevistas e o modelo de intervenção grupal adotado na presente investigação evidenciaram uma série de situações do cotidiano que expressam a dinâmica relacional da díade pais - filhos adolescentes, cuja tônica centraliza-se nos desencontros de cada momento vivido e nas buscas de formas de convivência.

O enfoque sistêmico permitiu o entendimento da dinâmica específica na etapa do seu ciclo de vida familiar com filhos adolescentes, mostrando que a família vive um momento especial; nem sempre consegue vivenciá-lo com tranquilidade, mas a expensas de grande desgaste afetivo - emocional.

Os pais, sujeitos dessa investigação, evidenciaram que ao se relacionarem operam como subsistemas que fazem parte do sistema maior - a família - exercendo e recebendo influência do subsistema filhos. Os pais, contudo, encontram-se fortemente presos à matriz familiar, fazendo com que se repitam padrões interacionais semelhantes aos vividos em suas famílias de origem, imaginando que isto possa assegurar o êxito na educação dos filhos. Nesse aspecto, inserimos a presente análise na ótica da abordagem

transgeracional de Boszormenyi-Nagy - na repetição de modelos relacionais - e também na ótica psicodramática - perda da espontaneidade.

Os pais demonstraram suas angústias e conscientizaram-se de que vivem um momento crítico, percebendo que é difícil entender o processo no qual o adolescente se encontra. Prepará-lo para a vida adulta inevitavelmente coloca os pais noutra perspectiva. Nem sempre eles conseguem este momento, preparando o filho para novos investimentos afetivos. Os dados evidenciaram grandes dificuldades ao prepararem seus filhos para a “saída” do lar. O que é visto como algo inevitável em nível do próprio desenvolvimento do ciclo de vida familiar, é vivido pelos pais como algo ameaçador. Ser adolescente é dismantelar os padrões já existentes, exigindo tomada de novas direções.

A adolescência é vista então como exemplo da contraposição dialética de gerações. Embora o adolescente tenha, simultaneamente, características infantis e adultas, ele não é nem criança nem adulto. Os movimentos compreendidos, de progressão e regressão, são na verdade a demonstração de busca de autonomia, mas também do desejo de permanecer ligado às figuras que o protegem e o abrigam. Nesse sentido, os pais pesquisados deixaram a marca clara da confusão que se instala dentro deles próprios, à medida que sentem não estarem mais à frente do filho criança, nem tão pouco do adulto.

O adolescente vive um momento singular, ao tentar efetivar uma tarefa fundamental em seu processo de desenvolvimento - a separação. Crescer implica em separar-se.

Os pais apontaram dificuldades em lidar com seus filhos, à medida que estes oscilam em suas condutas, ora desejando total autonomia, ora mostrando-se dependentes. Vivem pois um processo difícil, uma vez que assumem características em seus comportamentos que denotam também instabilidade e dúvidas perante o novo papel: o de pais de adolescentes. Ademais, não podemos negar a realidade dos fatos, isto é, vivem um momento muito especial - a crise da meia idade. Isso, certamente, remete-os com maior frequência à sensação de estarem ficando velhos, ultrapassados, desencadeando um “inexplicável” sentimento de perda, chegando por vezes a atingir a configuração de um quadro depressivo.

Os pais, ao compartilharem seus dramas, foram concluindo que não estão sozinhos, sentindo-se menos perdidos. Entenderam que os processos vividos por eles, enquanto adolescentes, guardam certas semelhanças com os dos jovens de hoje. Assim, pode-se afirmar que as famílias repetem-se a si mesmas. As questões que aparecem numa geração podem passar à

geração seguinte sob outra forma. Nesse aspecto, há de se ressaltar o significado dos mitos familiares e da herança própria de determinada cultura.

Não é de se estranhar que os pais da pesquisa vivenciam o mito de que ter um filho é algo extremamente difícil, cuja tarefa requer uma conduta em que os acertos devam figurar muito mais que as incertezas e os erros. Com isso, colocam a família numa dimensão de pura idealização. Fantasia-se sobre o mundo do adolescente e sobre o que se deve fazer para “chegar perto”, sobre como “estar por dentro” das coisas da vida do jovem. Mas, esquecem de que a via de acesso a tais coisas pauta-se numa relação direta, real, reveladora.

A grande dificuldade sentida pelos pais no estabelecimento de limites e cumprimento de regras ocorre em função da dificuldade de haver negociações entre o subsistema pai e o subsistema filhos. Constatamos a existência, na maioria dessas famílias, de fronteiras rígidas entre os pais e os filhos. Isto levaria a utilização de triangulação, ou seja, poderia ocorrer tanto o aspecto de aliança (proteção), como o de coalizão estável (contra alguém), o que conduziria a uma disfunção no sistema conjugal. Não é de se estranhar que a casa chegue a representar, muitas vezes, o palco dos grandes confrontos. A questão dos limites encontra-se no cerne de todas as polêmicas geradas no contexto familiar. Quem não foi treinado para saber viver os limites, não saberá identificar os momentos em que se deve exigir limites mais rígidos ou não.

Em todas essas famílias, ficou clara a existência de hierarquia que define relações de poder entre seus membros. O poder e a hierarquia encontram-se conectados à diferenciação de papéis entre pais e filhos, bem como às fronteiras entre gerações.

A partir disso é freqüente os pais procurarem, fora da família, ajuda de profissionais, quer seja da área da psicologia ou mesmo educadores com os quais mantêm uma relação de confiança.

Os pais, ao se queixarem, deixaram nítido o sentimento de fracasso no desempenho do seu papel, além de se sentirem culpados em dizer não aos filhos. Estes, por sua vez, quase nunca conseguem inverter papéis com os pais, a fim de perceberem as posições adotadas. Tal dificuldade gera padrões interacionais considerados disfuncionais. Assim, as dificuldades no relacionamento chegam a atingir proporções gigantescas. Cresce nos pais a idéia de que têm um filho problema e que não possuem recursos internos para lidarem com a situação. Brota uma enorme sensação de incompetência, associada à idéia de que não há saída para a situação.

O contato com os filhos possibilitou-nos conhecer algumas dificuldades, como é o caso das exigências provenientes de seus pais. O comportamento dos adolescentes contém uma característica que retrata a emergência da condição de ser separado e diferente da família, ameaçando e senso de adequação dos pais. Suas exigências variam desde a possibilidade de namorar até a permissão em manter o cabelo longo.

Na experiência grupal ficou claro o quanto pais e filhos vivem suas diferenças, de forma que não conseguem enxergar a riqueza que cada estágio de suas vidas pode encerrar.

Os pais, no desenvolvimento desta pesquisa, perceberam a necessidade de modificarem o relacionamento com os filhos, de forma que permitisse a estes últimos movimentarem-se para dentro e para fora do sistema familiar. Importante ainda é verificar que os adolescentes, por se sentirem impedidos em seus desejos, reagem com comportamentos que denotam raiva, tentam permanecer fechados em seus quartos ou, então, lançam os exemplos dos amigos que têm mais liberdade. Tudo isso nos mostra um quadro bastante característico do mundo do adolescente, contudo, para os pais, tal aspecto pode assumir dimensões bastante amplas, na medida que esses comportamentos escapam à sua compreensão.

O estudo evidenciou que as questões concernentes à autonomia, autoridade e sexualidade dominam a vida familiar. A dificuldade dos pais, em abordar a temática da sexualidade, expressa claramente a confusão e, até mesmo, o receio ao ouvirem seus filhos demonstrarem seus novos interesses sexuais, o que aumenta mais ainda as incertezas dos pais quanto à forma de educar.

Nem sempre os pais que estão à vontade com sua própria sexualidade conseguem aceitar melhor a sexualidade dos próprios filhos adolescentes, transmitindo-lhes a sua aceitação. Isso proporciona ao adolescente oportunidade de se expressar e experimentar este novo aspecto de suas vidas. Se a crescente sexualidade dos adolescentes for negada, ignorada ou rejeitada pelos pais aumentará a possibilidade de não se desenvolver um auto-conceito sexual positivo.

Muitos pais participantes do grupo mostraram-se angustiados e inseguros quando à maneira de lidar com as questões educativas que envolvem a sexualidade, desconhecendo o benefício que teria a conversa aberta sobre mudanças, tais como: a primeira menstruação; a ejaculação do filho; o significado desses eventos para o adolescente e para sua família.

Percebe-se a necessidade de revisarem suas atitudes em relação aos valores, costumes e padrões estabelecidos por suas famílias de origem, numa dimensão ampliada na sociedade da qual fazem parte. Trata-se, sem dúvida, de uma tarefa muito difícil, especialmente se suas condutas estão edificadas em padrões de outra geração. Como consequência, percebemos a existência de determinadas dificuldades, em especial no que tange à relação pai - filhas. Será que o desabrochar da sexualidade das filhas constitui um fator de distanciamento por partes dos pais?

O contato com os adolescentes permitiu também o conhecimento de que as adolescentes percebem mudanças no relacionamento com seus pais. Referiram a existência de ciúmes, por parte do progenitor, o que acarreta em comportamento hostil; os pais mostram-se possessivos e punitivos. Isso demarca o momento de transformação nos papéis sexuais, provocando conflitos, uma vez que os pais se encontram presos aos padrões das gerações passadas.

Consideramos que a vivência no grupo de pais promoveu experiências que favoreceram a de-construção do que era bom com seus pais (família de origem), para pensar no que é bom para seus filhos. Acrescente-se também a mudança no entendimento das diferentes formas de perceber o mundo. Se os pais tendem a se remeter ao passado, cujos fatos são conhecidos, os filhos contrariamente anseiam por experiências futuras, que os fascinam, como é o caso da liberdade, inclusive na esfera da sexualidade. Não se trata de romper os vínculos com a geração passada, desprezando seus valores, pois o antigo e o novo podem co-existir. Trata-se, fundamentalmente, de conseguir realizar a integração do jovem adolescente - impaciente e ávido por novas experiências - com os pais, pessoas adultas cujos papéis já cristalizados podem ter conduzido à perda de sua espontaneidade e da crença nas possibilidades de novos arranjos familiares. Tentam, pois, superar o estado de insegurança e o medo decorrente do desafio de seu papel, buscando através das conservas culturais, assegurar a continuidade dos princípios e valores da família.

Outro ponto, considerado importante na investigação, trata-se da necessidade de compreender o sistema familiar inserido na história da sociedade.

É preciso entender que os padrões tradicionais da família vêm sofrendo a influência da vida urbana de hoje. Sendo assim, a vida moderna tem se caracterizado por substituições, tais como a cooperação que cedeu lugar à competição; a noção de comunidade familiar que cedeu lugar ao individualismo. A família tradicional brasileira vivia uma divisão de

hierarquia, cujo poder centrava-se na figura do chefe de família, e existia uma rígida divisão de tarefas que delimitava, claramente, a rede de relações no contexto familiar. Contrastando com esse quadro, encontramos hoje uma família onde nem sempre são os laços legais que unem um casal. O papel da mulher se modificou podendo ser encontradas, em certos lares, as mulheres chefes de família.

No grupo pesquisado havia mães que se queixavam de seu papel de única responsável pela educação dos filhos, em decorrência de ser o único elemento do casal que vive com os filhos, assumindo, portanto, atribuições que seriam do marido, não só no que diz respeito à educação, mas à sustentação econômica da casa.

A mulher vive, portanto, uma autonomia em relação à figura masculina, sofrendo os efeitos de uma sociedade que se transforma a cada instante .

É pois, nesta linha de mudança, de modernização que passa a incorporar a necessidade de mudanças nos padrões comunicacionais dentro da família, uma vez que esta se encontra numa relação direta e dialética com a sociedade .

Mudança nos papéis do homem e da mulher, espelhando as transformações das relações sociais, também são fatores que atingem a rede de interação entre pais e filhos. Muitos pais referiram que a educação de seus filhos vêm sendo afetada pelas transformações sociais e culturais. Estas chegam ao convívio da família, ditando padrões de consumo, com exigências que colocam pais e filhos contrapondo-se em idéias e necessidades. Os filhos solicitam coisas materiais que estão além das possibilidades econômicas de seus pais e de sua família.

A transformação nas relações da educação, em especial, no plano da autoridade, reflete-se não só no contexto da família nuclear, mas chega ao âmbito da escola, onde educadores e educandos vivem mudanças na forma de se relacionarem. A busca de um relacionamento igualitário e o confronto com regras estabelecidas estão sempre presentes na conduta dos adolescentes, em suas vivências familiares e escolares.

Não é raro o fato do professor, ao ser confrontado com o aluno que desacata sua autoridade, remetê-lo ao setor de psicologia ou serviço de orientação da escola. Com isso, ele se desautoriza, estigmatizando o aluno como problema, perdendo, assim, a ocasião de contribuir para mudanças no processo inter-pessoal.

Família e escola vivem as conseqüências da ação transformadora da sociedade, que enfatizam padrões de conduta considerados “normais” e aceitáveis. Embora comportem relações do tipo igualitário, família e escola implicam autoridade com decorrência de sua função de socialização.

Acreditamos que o grupo de pais assumiu um significado de extrema importância, na medida que eles traziam à discussão temas geradores de conflitos, como é o exemplo da questão da igualdade de condições e deveres no contexto familiar.

A intervenção grupal na perspectiva do trabalho psicodramático constituiu uma tarefa de relevância. A ação do grupo sobre o indivíduo e deste no grupo evidenciou a essência do método de ação criado por Moreno. O trabalho com pais remeteu todos os participantes às suas narrativas, permitindo que as dramatizações proporcionassem *insights* que poderão conduzi-los a uma nova visão, uma nova forma de pensar e de ser diferente da habitual, muitas vezes geradora de conflitos inter-pessoas no contexto familiar. Soma-se, ainda, a oportunidade dada aos pais de “quebrarem” as conservas que os impediam de serem mais espontâneos, distanciando-se do padrão estabelecido pelas gerações anteriores.

Os participantes do grupo funcionaram como verdadeiros agentes terapêuticos. Moreno (1975) tornou evidente a capacidade terapêutica de uma pessoa sobre outras, por meio de conversas, discussão e inter-relação. Foi possível constatar isso no grupo.

As situações vividas pelos pais, mediante o método de ação, promoveram a catarse, ou seja, a conquista de sentimentos de alívio, relaxamento, liberdade, através da compreensão de sua situação real. Tudo isso conduz a re-definição de seu papel enquanto pais, evidenciando a idéia de que o homem é capaz de re-criar suas relações com o mundo.

A experiência vivida pelo grupo de pais não só serviu para reacender, em cada um, o desejo de continuar desempenhando a tarefa de ser mãe/pai de adolescentes, com espontaneidade, buscando desprender-se das amarras de suas famílias de origem, bem como, re-afirmou para nós o valor que o grupo tem para o indivíduo.

A crença de que o homem é um ser em relação e que o grupo supre as necessidades de sua existência leva-nos a afirmar o valor e a riqueza da experiência no contexto grupal.

No momento em que ser pai/mãe de adolescente pressupõe a necessidade de compreender o movimento realizado pelo filho, no sentido de diferenciação e de separação, é mister o entendimento do significado desse ato. Para tal, é premente no filho adolescente a necessidade de realizar trocas com outras pessoas. Cabe aos pais entender esse processo evolutivo que traz para o sistema familiar sua marca indelével.

Aos pais foi concedida a chance de perceberem a urgência de mudanças dentro do contexto familiar, favorecendo o discernimento de que a adolescência constitui um momento especial no ciclo de vida familiar.

É importante pontuar aqui que os pais desfrutaram momentos preciosos na medida que tomaram conhecimento de que pode ocorrer maior rigidez ou, contrariamente, flexibilidade nos padrões de interação, de acordo com a fase em que a família esteja vivendo. Puderam entender que ter filhos crianças consiste em uma experiência bastante diferente da experiência de ter filhos adolescentes. Assim ser pai/mãe de adolescentes exige níveis diversos no estabelecimento de limites e na necessidade de negociação de regras.

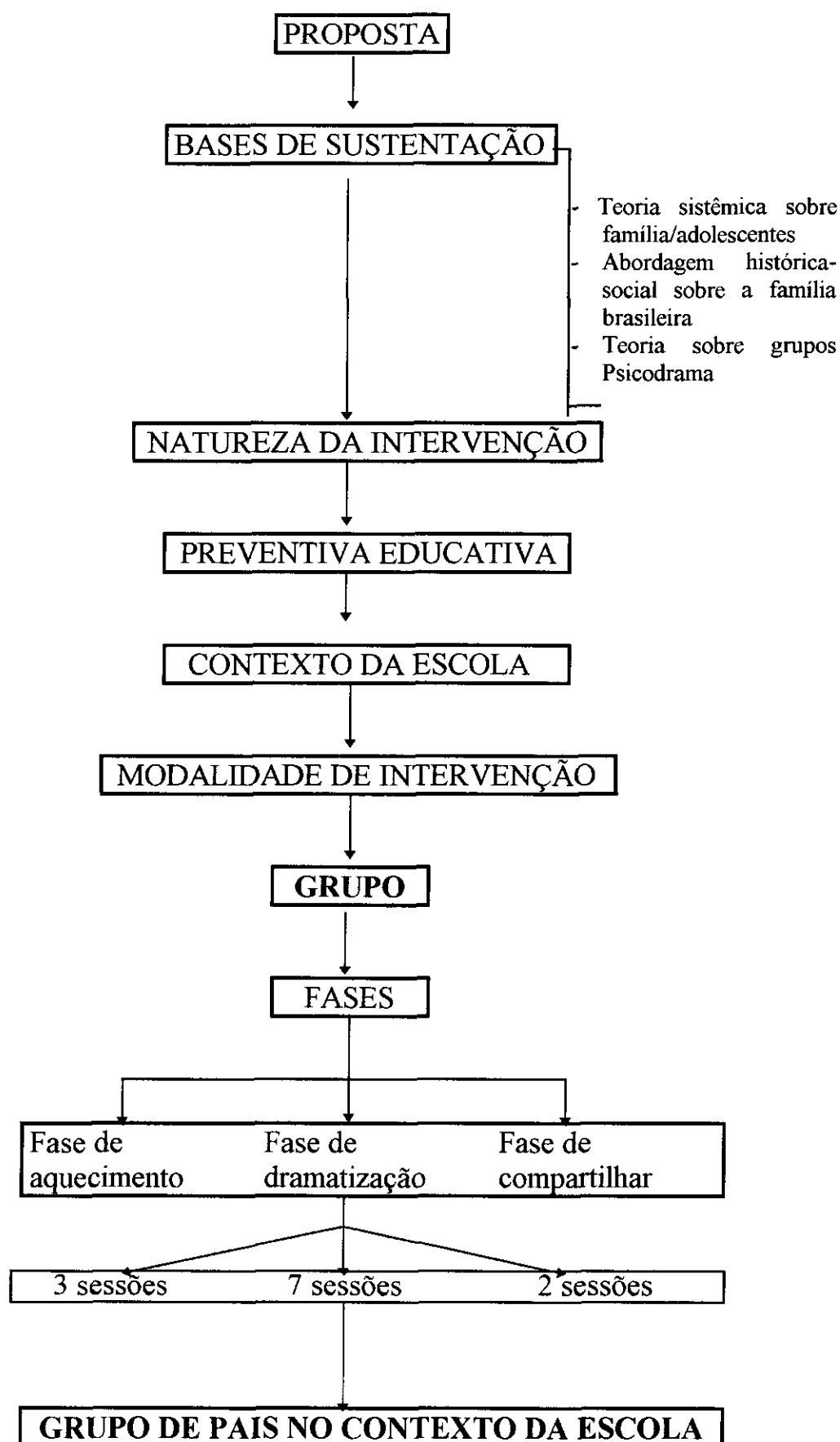
Nessa linha de raciocínio, vislumbramos a possibilidade de construção de um novo relacionamento dentro da família. Os pais tiveram a possibilidade de viverem a de-construção do antigo, em dois níveis: o pessoal e o da família. Isso nos leva à convicção da possibilidade de surgimento de um novo papel (psicodramático), de uma nova linha de ação que permita aos pais construir uma nova realidade, “quabrar” as conservas até então existentes.

A quem caberia a tarefa de promover tais experiências? Seria preciso um espaço especialmente reservado para o seu desenvolvimento ?

Com certeza pensaríamos nós profissionais “psi”, em seus contextos de trabalhos. Contudo, nossa proposta é estendermos esse conhecimento aos profissionais da Educação, a fim de que, devidamente treinados, possam figurar como elementos integradores entre Escola - Pais - Família.

Em decorrência da experiência tão rica e significativa ocorrida no grupo, lançamo-nos à construção de uma proposta de intervenção junto a pais, no contexto de uma escola conforme se apresenta no quadro a seguir, com posterior explicitação.





*As bases de sustentação teórica* - estas se fundam nas concepções sobre família e adolescência, segundo a teoria sistêmica. Somam-se a esses conhecimentos alguns elementos histórico-sociais sobre a família. E, no terceiro eixo teórico, os fundamentos sobre o trabalho de grupo, com destaque para a metodologia psicodramática.

O *contexto da escola* mostra-se como um espaço privilegiado para a consecução do trabalho. A escola entendida como uma sistema aberto abriga, em seu interior, vários subsistemas que se entrecruzam e se comunicam entre si, como por exemplo: alunos, professores, diretores e, como sistemas abertos, possuem as propriedades de intercambiarem informações.

É no contexto da escola que, com freqüência, registram-se pedidos dos pais para que alguém da escola faça alguma intervenção, quando particularmente existem casos de adolescentes com baixo rendimento escolar e dificuldades relacionais (na escola ou na própria família); e quando há necessidade de orientação sobre a forma de educar, em especial quando se trata de temas relativos à adolescência e ao papel dos pais na educação dos filhos.

Fica patente assim a importância da articulação entre os dois sistemas: escola e família, fundamentais ao desenvolvimento do adolescente. Juntos - escola e família - podem criar novas formas de responder às demandas constantes e desafiadoras geradas pela sociedade.

É possível transformar as diferenças entre esses dois contextos (escola-família) numa complementaridade saudável e necessária. A escola pode resgatar o potencial educativo da família e esta pode tornar-se mais consciente dos desafios vividos pelo professor, face à complexidade do processo de educar nos tempos atuais.

*A natureza da intervenção* - a presente proposta de intervenção contém uma dimensão que abrange os seguintes aspectos:

- busca promover a educação preventiva, à medida que o uso de recursos pode prevenir a instalação de problemas. Isto quer dizer a

ação direta do trabalho com pais, na abordagem de manifestações geradoras de dificuldades nas interações familiares.

- a capacitação do corpo docente e pessoal técnico (psicólogo, orientadores educacionais, assistente social) da escola, através de treinamento que visa a aprendizagem de aspectos que embasem o trabalho com grupo de pais. Insere-se aqui a proposta metodológica do psicodrama, que chega ao contexto da escola como uma possibilidade de ação transformadora, da mudança de consciência e redefinição de problemas. O método psicodramático através do treinamento de papéis (role-playing) promove aprendizagem mediante à ação e interação, permitindo à pessoa expressar o que sabe e, num processo partilhado em grupo, construir e re-construir o conhecimento.

Assim, busca-se o crescimento da pessoa no papel de pai/mãe de forma que possa ocorrer uma aprendizagem crescente. Este papel precisa ser entendido dentro de uma dinâmica flexível que facilite as mudanças e o crescimento. É comum, em nossa cultura, os pais procurarem compreender o período de crescimento e desenvolvimento de seu filho adolescente a partir da auto-referência.

Com base na compreensão de como os pais se vinculam com seus filhos e como desempenham seu papel, ser-lhe-á possível o entendimento do processo evolutivo do filho, cujas características expressam a necessidade de autonomia, separação e independência que acarretam na aquisição de novos papéis no contexto familiar e social.

- a possibilidade de um trabalho em rede social, que coloque os pais como multiplicadores. Isto, sem dúvida, mostra-se como uma alternativa dentro do panorama de nossas comunidades carentes. A escola seria o espaço para o desenvolvimento da aprendizagem que daria aos pais o conhecimento necessário para o desenvolvimento dessa modalidade de interação junto a outros grupos.

*Local de realização da intervenção* - para realização do trabalho com pais, sob a modalidade grupal, não é necessário um espaço físico especial, nada diferente de uma sala de aula com os recursos habituais (cadeira, mesa, quadro giz). É preciso, contudo, que o *local* tenha uma certa privacidade, ou seja, que a sala não seja próxima a locais barulhentos, como pátio de recreio, evitando-se interrupções e entrada de outras pessoas alheias ao processo desenvolvido.

*Enquadramento do grupo* - o trabalho com o grupo inclui os papéis de mãe/pai e o de filho e não todos os papéis, como caracteriza o psicodrama terapêutico. É preciso ter clareza desses aspectos, a fim de não penetrar em áreas que não se relacionam com a atividade educativa. Contudo, são utilizados no grupo os mesmos contextos, instrumentos, etapas e técnicas psicodramáticas do psicodrama terapêutico.

*Critério de formação do grupo* - o grupo será formado a partir da demanda: 1) da escola - a intervenção pode atender a solicitação feita por parte do pessoal técnico e/ou docente da escola, frente aos casos de alunos com dificuldades escolares e familiares; 2) dos pais - casos dos filhos com problemas relacionais em casa e na escola.

*Objetivos* - o trabalho com o grupo de pais no contexto da escola visa oferecer ao subsistema pais a oportunidade de elucidarem as formas relacionais existentes no contexto familiar, ampliar a compreensão da dinâmica psicológica do filho na fase da adolescência e promover condições para o re-estabelecimento do diálogo.

*Contrato* - uma vez formado o grupo, cabe ao coordenador estabelecer algumas regras mínimas para o funcionamento do grupo. Junto às normas de trabalho devem ser dadas explicações do funcionamento do grupo.

- *Característica do grupo* - Trata-se de um grupo fechado, ou seja, estabelecido o número de 12 pais de alunos adolescentes - não será permitida a entrada de outros elementos durante o desenvolvimento das atividades do grupo.
- *Sigilo* - É de fundamental importância os pais entenderem a necessidade de manter sigilo do que ocorre dentro do grupo, a fim de que se possa criar um clima de confiança, onde as pessoas se sintam à vontade ao exporem suas histórias familiares.
- *Regras de funcionamento* - as pessoas podem manter contato fora da situação do grupo, tendo em vista algumas habitarem próximas, contudo devem evitar comentários sobre o que acontecer no grupo. Deverá ser evitado, também, solicitar à coordenadora orientação, informação ou atendimento individual, durante o período de funcionamento do grupo. As questões devem ser trazidas para o contexto grupal.
- *Coordenação do grupo de pais* - será realizada por uma unidade funcional formada por dois profissionais devidamente treinados para

esse tipo de intervenção. Isso implica que ambos detenham conhecimentos embasados na eixo teórico-metodológico da proposta.

*Fases do processo de grupo* - o quadro que segue apresenta o detalhamento das fases do trabalho grupal, contendo os objetivos de cada sessão.

## Fases do processo do grupo

Objetivos	Fase de aquecimento	Fase de dramatização	Fase de compartilhar
<p>*Integrar os elementos do grupo</p> <p>*Estabelecer de vínculos</p> <p>*Levantar de expectativa do grupo</p> <p>*Oportunizar a inversão de papel com o filho adolescente.</p> <p>*Perceber os pontos de ligação entre os processos pessoais do próprio adolescente e o papel de pai/mãe .</p> <p>*Conscientizar acerca das mudanças no ciclo da vida familiar.</p>	<p><u>1a. sessão</u> - livre expressão: apresentação dos participantes (foco ao papel de pai/mãe)</p> <p><u>2a. sessão</u>: Levantamento de necessidades do grupo. "Técnica dos Recortes."</p> <p><u>3a. sessão</u>: Focalizar as relações Pais-Filhos . "Técnica do Baú"</p>	<p><u>4a. sessão</u>: Cada pai/mãe mostra-se no papel do filho(a) para o grupo. Técnica: "Inverter com o outro".</p> <p><u>5a. sessão</u>: Verificar os pontos de contato da experiência pessoal e do desempenho de seu papel de pai/mãe. Técnica: "O retorno à adolescência"</p> <p><u>6a. sessão</u>: objetivando oferecer informações sobre o desenvolvimento bio-psicossocial do adolescente será trabalhando o esquema gráfico</p> <div style="text-align: center;"> <p>M C A</p> </div> <p>(mente, corpo, ambiente). Focalizar as diferenças de papéis de-correntes da faixa etária. Técnica: "os diversos níveis: Ser criança /adolescente/ adulto".</p> <p><u>7a. sessão</u> - através de uma cena familiar detectar situações de conflito interpessoal, mediante a</p>	

<p>*Compartilhar sentimentos e descobertas. *Avaliar o significado da intervenção.</p>	<p>Total de sessão na fase: 03</p>	<p>inversão de papéis. Técnica: "Uma cena familiar"</p> <p><u>8a. sessão</u> - Explorar de cenas da família, buscando identificar a rede de relação em três tempos: passado, presente e a projeção no futuro. Técnica "Álbum de família."</p> <p><u>9a. sessão</u> - Propiciar ao grupo entrar em contato com as questões de sexualidade educação sexual. Técnica: "Modelando o corpo" (uso de massa como forma de entrar em contato com aspecto da própria sexualidade).</p> <p><u>10a. sessão:</u> Discutir alguns temas específicos da adolescência que afligem os pais na educação dos filhos. Técnica: "aulinha" dos textos lidos (o grupo pode utilizar a ação dramática para explorar o tema)</p> <p>Total de sessão na fase: 7</p>	<p><u>11a. sessão</u> - Avaliar a integração do grupo. Técnica 1: "A máquina" Técnica 2: "A quem eu daria o que" (utilização de 2 almofadas pequenas que simbolizariam o que oferecer e o que pedir aos elementos do grupo).</p> <p><u>12a. sessão:</u> Avaliar o significado da vivência grupal - aprendizagem significativa. Compartilhar dos elementos do grupo e da coordenadora. Técnica: "O que eu deixo e o que eu levo".</p> <p>Total de sessões na fase: 02</p>
--	------------------------------------	--	--

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Deixa a agulha imantada  
apontar o teu norte  
e terás a direção encantada,  
no todo ou num recorte,  
de todos os ventos,  
de todas as tendências,  
de todas as tangências,  
de todos os alentos...”*

*(Sérgio Perazzo, Rosa-dos-Ventos, 1994)*

As luzes se apagam, os bastidores, os cenários e as personagens dessa investigação saem de cena, mas deixam os ecos de suas falas acompanhadas de expressivas imagens reveladoras, que não se diluirão com o tempo.

Encerrando esse ato criador, outras cenas poderão surgir a partir de reflexões, pois o último momento do processo de intervenção está centrado na consolidação de alternativas.

A investigação evidencia a excelência do método e postura psicodramática, ao se pretender, efetivar uma intervenção que conduziu à tomada de consciência dos fenômenos inerentes ao contexto das famílias com filhos adolescentes.

A partir dessa realidade, fica patente que os filhos adolescentes serão beneficiados com um novo entendimento adquirido por seus pais. Estes podem perceber que cada pessoa tem um papel e responsabilidade na manutenção da dinâmica familiar.

Um dos pontos altos do trabalho grupal vincula-se à possibilidade dos pais perceberem o processo de separação que é próprio da adolescência, e que também ocorre como um movimento de separação mútua dentro da estrutura familiar, e a emergente necessidade de mudança na rede de comunicação entre pais e filhos. A questão nem sempre repousa em ter um filho problema, mas em conseguir enxergar que pode haver a disfunção, a perturbação no próprio sistema familiar.

O role-playing do papel de pais alcançou a dimensão educativa-preventiva, construídas a partir do trabalho desenvolvido numa perspectiva

coletiva, onde os pais resgataram as possibilidades de reinvestir em outras formas de leituras da realidade e poderem enxergar a família como um sistema capaz de alterar sua estrutura interna, incorporando novas informações, inclusive aquelas provenientes da escola.

A escola capacita-se na construção de um contexto que consiga articular com a família novos saberes, visando o processo da educação de seus filhos adolescentes.

É hora de abandonarmos uma velha tradição: a de criar uma linha divisória rígida entre escola e família. Uma teme a outra, vivendo, por vezes, o sentimento de desconfiança ou, pior ainda, delegando a uma ou outra a carga de atribuições e expectativas que traduzem uma incomensurável idealização do papel de cada uma.

Numa sociedade em plena transformação, a escola encontra-se também insegura, sem saber re-definir o seu papel, desconhecendo que a família pode, em certas circunstâncias, funcionar como ego-auxiliar de suas ações.

Do ponto de vista da família são formulados questionamentos sobre a competência da escola ou, contrariamente, nesta é depositada cada vez mais a responsabilidade da educação dos filhos. Delega-se frequentemente à escola a tarefa educativa que deveria ser compartilhada com o sistema familiar.

A não definição de como deve se dar a intersecção Escola- Família, não deixa de ser a reprodução do movimento característico que se dá na relação dialética entre família e sociedade.

Como enfrentar tal desafio? Seguramente, não será através do movimento de distanciamento ou, até mesmo, do desconhecimento das funções e significados do papel da família no contexto da vida de cada um.

Para vencermos esse estágio de coisas, torna-se presente em nós, psicólogos educadores, a consciência de que a família e a escola têm, ambas, a responsabilidade de construir novos horizontes em termos de idéias, valores e metas para a educação dos jovens de hoje.

Se há uma crise na família, na sociedade, haverá no âmbito da escola. Tudo isso pode significar, ao invés de incertezas e angústias, a grande oportunidade de se exercitarem num trabalho de troca e de crescimento para ambos os segmentos sociais.



É preciso acreditar no potencial criativo de cada pessoa dentro da escola, na sua capacidade de empreender um projeto que vise a construção de formas mais diretas que possam acolher os pais, oferecendo-lhes a oportunidade de troca, de inversão de papéis: de quem ensina e de quem abriga, na intimidade da família, o adolescente.

Novas mudanças devem ser operadas, a começar pelos cursos de formação de educadores. Há uma verdadeira lacuna nos currículos dos referidos cursos, no que diz respeito ao conhecimento das teorias de família e, com raridade, apresentam adequação de informações sobre a dinâmica do adolescente. Frequentemente, primam em não realizar uma interface dos processos vividos pelo adolescente e o grupo familiar, em seu ciclo de vida.

Defendemos a inclusão das teorias sobre família no currículo dos cursos de Formação de Educadores, na disciplina de Psicologia. Não se concebe uma formação de profissionais que lidam diretamente com crianças, adolescentes e jovens negligenciando a matriz de todo o desenvolvimento da pessoa - a família, contexto de prevenção e tratamento.

Finalizando, acredito que o modelo dessa investigação possa ser adaptado para outras situações específicas, como nos contextos clínico e comunitário.

A aprendizagem em grupo viabiliza a construção de novos territórios, ao mesmo tempo que faz com que se abandone a restrição da prática a uma especialidade ou setor. Modificando-se a maneira de pensar, re-organiza-se o fazer, o que incide num trabalho onde se possa produzir algo novo, atingindo, assim, a proposta de Moreno: o homem um ser em movimento, recriando e transformando suas relações com o outro, com o mundo.

### ***Bibliografia***

ABDO, Carmita H.N. Ensino de Psicopatologia nas Instituições. In: *Cadernos de Psicodrama* - Psicodrama nas Instituições. São Paulo: Ágora, 1990 p.113-7 v.1.

ABERASTURY, Arminda e KNOBEL. *Adolescência Normal*. Trad. Suzana M.G. Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

- ADORNO, T.W., HORKHEIMER, M. *Temas básicos da Sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- ARIÈS, Phillipe. *História Social da criança e da família*, Trad. de Dora Flasman. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BERMUDEZ, Jaime G.R. *Introdução ao Psicodrama*. São Paulo: Mestre Jou, 1977
- BLEGER, J. *Temas de Psicologia: entrevista e grupo*. Trad. Rita Maria M. de Moraes. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- BERTALANFFY, L.von. *Teoria Geral dos Sistemas*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BOSZORMENYI-NAGY, Ivan, SPARK, Geraldine M. *Lealtades Invisibles*. Buenos Aires: Talleres Gráficos Edigraf, 1983.
- BUCHER, Julia S.N.F. Dos Estudos da família à Terapia familiar no Brasil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v.4, n.1/2, p. 43-58, 1989.
- CALIL, Vera L.L. *Terapia Familiar de Casal*. São Paulo: Summus Editorial, 1987.
- CANEVACCI, Massimo (org.) *Dialética da família*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho: São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CARVALHO, Angela M., BARBOSA, Sulymar S. Relatos de uma abordagem psicodramática de role-play com pais. In: **CONGRESSO DE PSICODRAMA**, 6º, 1988, Salvador. Anais ... Salvador: Febrap, 1988. p.56-65, v.2.
- CARVALHO, Maria do Carmo B. (org.) *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC, 1995.

- CARTER, Betty G., MCGOLDRICK, Mônica et al. *As mudanças no Ciclo Vital Familiar*. Trad. Mário Adriano V. Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CERVENY, Ceneide M.O. *A família como modelo desconstruindo a patologia*. Campinas (S.P.): Editorial Psy II, 1994.
- CORREA, Mariza. Repensando a família patriacal brasileira. In: *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*, 2 ed. São Paulo: Unicamp, 1993. p.15-42 (Coleção Momento).
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e norma familiar*. 3 ed/ Rio de Janeiro: Graal, 1989. (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências, v. n.5)
- DABAS, Elina N. A Intervenção em Rede. *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*. Rio de Janeiro: Publicação do Instituto de Terapia Familiar, v.4, n.6, Jun.1995.
- DAL FABBRO, et al. Psicoterapia de grupo de tempo limitado com adolescentes. *Medicina*, Ribeirão Preto, v.26, n.4, p.609-18,out/dez., 1993.
- D'INCAO, Maria Angela. *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.
- \_\_\_\_\_. O amor romântico e a família burguesa. In: *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. p. 57-71.
- DONZELOT, Jacques. *A Polícia das Famílias*. Trad. M. T. da Costa Albuquerque. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986. (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências, v. n. 10)
- EIGUER, Alberto. *Um divã para a família*. Trad. Leda Mariza V. Fisher. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

- ELKAIM, Mony. *Se você me ama, não me ame*: abordagem sistêmica em psicoterapia familiar e conjugal. Trad. Nelson da Silva Junior. Campinas (S.P.): Papyrus, 1990.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Trad. Leandro Konder. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- ERIKSON, Erik H. *Identidade, juventude e crise*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FIGUEIRA, S.A. (org.) *Uma nova família?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- FISHMAN, H. Charles. *Tratamiento de Adolescentes con problemas*: un enfoque de terapia familiar. Buenos Aires: Paidós, 1989.
- FONSECA, Cláudia. Mulher chefe-de-família? *Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v.1 n.2, p.261-8, 1987.
- FREITAG, Barbara. *A teoria Crítica*: ontem e hoje. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- IBGE. Departamento de Estatística e Indicadores Sociais. *Crianças e adolescentes: indicadores sociais*. Vol.1 - Rio de Janeiro, 1989.
- GENOFRE, R.M. Família: uma leitura jurídica. In: *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC, 1995. p.97-104.
- GOLDANI, Ana M. As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 91, p.7-22, nov.1994.
- GONÇALVES, Camila S. et al. *Lições de Psicodrama*: introdução ao pensamento de J.L. Moreno. São Paulo: Ágora, 1988.
- GULDNER, Claude A. Multiple Family Psychodramatic Therapy. *Journal of Group Psychotherapy, Psychodrama and Sociometry*, v.34, p.47, 1982.

- \_\_\_\_\_. Strutting and Staging. *Journal of group Psychotherapy, Psychodrama and Sociometry*, v.35, p.141-154, 1983.
- HALEY, Jay. *Terapia no Convencional* - Las Tecnicas de Milton H. Erickson. Buenos Aires: Amarrortu, 1986.
- HONORATO, Carlos Eduardo et al. Encontro de Pais e Adolescentes: uma proposta de atendimento em Saúde Mental. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v.34, n.5, p. 341-348, 1985.
- INGBER A.L. et al. Uma experiência institucional com um grupo de mães. *Informativo Psiquiátrico*. v.4, n.2, p.43-4, 1983.
- KEENEY, B. *Estetica del Cambio*. Buenos Aires: Paidós, 1987.
- KAUFMAN, Arthur. *Teatro Pedagógico: bastidores da iniciação médica*. São Paulo: Ágora, 1992.
- KALOVSTIAN, Silvio M. (org.). *Família Brasileira: a base de tudo*. Cortez; Brasília, D.F.; UNICEF, 1994.
- LEHNEN, Lacette M. *A toxiocamania na adolescência como um sintoma nas interações familiares*. Brasília: Universidade de Brasília, 1991, p.251. Dissertação: ( Mestrado em Psicologia Clínica) Instituto de Psicologia.
- LUDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MARCONI, Marina A., LAKATOS, Eva M. *Técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1988.
- MARCELLI, D, BRACONIER A. *Manual de Psicopatologia do Adolescentes*. Trad. Alceu Edir Filman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

MENEGAZZO, Carlos M. et al. *Dicionário de Psicodrama e Sociodrama*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Ágora, 1995.

MIERMONT, Jacques et al. *Dicionário de Terapias Familiares: Teoria e Práticas*. Trad. Carlos Arturo Molina Loza. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MINUCHIN, Salvador. *Famílias: funcionamento e tratamento*. Trad. Jurema Alcides Cunha. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MORENO, Jacob Levy. *Reflections on my methods of group psychotherapy*. Ciba Symposium, 148-57, 1963.

\_\_\_\_\_. *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. Trad. Dr. Antônio C. Mazzaroto Cezarino Filho. São Paulo: Mestre Jou, 1974.

\_\_\_\_\_. *Psicodrama*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1975.

\_\_\_\_\_. *Quem Sobreviverá?* Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama. Trad. Denise L. Rodrigues e Maria A. Kafuri. Goiânia: Dimensão, 1992.

\_\_\_\_\_. *El Psicodrama*. Terapia de acción y principios de su práctica. Buenos Aires: Lumen - Hormé, 1995.

MONTEIRO, Regina. Aquecimento: significado teórico e técnicas. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICODRAMA*, 7º, 1990, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Febrap, 1990. p.530-39.

\_\_\_\_\_.(org.). *Técnicas fundamentais do psicodrama*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

NETO, Alfredo Naffath. *Psicodrama: Descolonizando o imaginário*. São Paulo: Brasileinse, 1979.

- OLIVEIRA, Maria Bernadete Z., FREIRE, Paula. Psicodrama na Escola. **CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICODRAMA**, 8º, 1992, Anais... São Paulo: Febrap, 1992. p.52.
- OSÓRIO, Luiz C. *Adolescente Hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- PACCOLA, Marilene K. *Leitura e Diferenciação do Mito*. São Paulo: Summus, 1994.
- PAKMAN M. Una Atualización Epistemologica de Las Terapias Sistemicas. *Psyche* Buenos Aires: n. 21, 1988, p.34-37.
- PAWEL, Cláudio. Sociodrama com pais e professores de adolescentes com deficiência mentais. *Congresso Brasileiro de Psicodrama*, 7º, Rio de Janeiro, Anais ..., Rio de Janeiro, 1990 p. 413-419.
- PICHON-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. Trad. Marco Aurélio Fernandes Velloso. 5 ed. São Paulo. Martins Fontes, 1994.
- \_\_\_\_\_, *Teoria do Vínculo*. Trad. Eliane Toscano Zamikhowsky. 5 ed. São Paulo. Martins Fontes, 1995.
- POSTER M. *Teoria Crítica da família*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- RIBEIRO, Ivete e RIBEIRO, A.C.T. *Família e Desafios na Sociedade Brasileira*: valores como um ângulo de análise. Rio de Janeiro: Loyola, 1994.
- SARQUIS, Clemencia. La familia: Dimensiones y predicciones de su futuro. *Psiche*. Santiago, v. 2, n. 1, jul 1993, p.25-32 .
- SEEMAN, Howard, WINER, Daniel J. Comparing and using Psychodrama with Family Therapy: some cautions. *Journal of Group Psychotherapy, Psychodrama and Socimetry*, v.37, 1985, p.143-156.

SEIXAS, Maria Rita D'Angelo. A terapia familiar psicodramática e a instituição. *Cadernos de Psicodrama: psicodrama nas instituições*. São Paulo: Ágora, 1990 p. 139-42.

---

\_\_\_\_\_. *Sociodrama Familiar Sistêmica*. São Paulo: Aleph, 1992.

SILVA, Marisa Schmidt. Des-envolvimento das relações entre pais e filhos: o jogo da dependência/independência na busca da autoria da trama familiar. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICODRAMA, 8º*, São Paulo, 1992, Anais... São Paulo: Febrap, 1992. p. 190.

SIMON, F.B., et al. *Vocabulário de Terapia Familiar*. Buenos Aires: Gedisa, 1988.

SUDBRACK, M. Fatima Olivier. Contribuição da Abordagem de Terapia Familiar na investigação em Psicologia Social e da Personalidade. *Psico - Revista da Instituto de Psicologia da PUC-RS*. Porto Alegre, v. 14, n.2, p.7-15, 1987.

---

\_\_\_\_\_. Da ética da mudança à ética da escolha. *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*. Rio de Janeiro: Instituto de Terapia Familiar. ano 4, v. 7, nov.1995.

---

\_\_\_\_\_. *Construindo redes sociais: metodologia de prevenção da drogadição em famílias de baixa renda*. Relatório de pesquisa - Cnpq, Projeto AI, 1994-1995. Brasília, 1996.

SUDBRACK, M. Fatima Olivier, COSTA, Liana Fortunato. A contribuição da abordagem sistêmica no trabalho com famílias, sobre problemas com crianças e adolescentes. *Cadernos da C.B.I.A.*, n. 4, dez. 1992.

SWIFT, W.J. Brief psychoterapy with adolescents: individual and family approaches. *American Journal Psychotherapy*, v. 47, n.3, 1993, p.373-86.

SZYMANSKI, Heloísa. *Trabalhando com famílias*. C.B.I.A., São Paulo: 1992. ( Cadernos de Ação, 1.)



TEIXEIRA, Célia M.F.S. *Tarefa difícil: ser pai de adolescente*. Diário da Manhã, Goiânia, 21/ maio/1995, DM Revista, p.1 .

THIOLLENT, Michel J.M. *Crítica Metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1985. (Coleção Teoria e História, 6).

\_\_\_\_\_. *Metodologia da Pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1988.

TIBA, Içami. *Puberdade e Adolescência*. São Paulo: Ágora, 1986.

\_\_\_\_\_. *Adolescência: o despertar do sexo*. São Paulo: Gente, 1994.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves. A cibernética como base epistemológica da terapia familiar sistêmica. *Nova Perspectiva - Sistêmica*. Rio de Janeiro: Publicação do Insituto de Terapia Familiar, ano 4, nº6, p.37-43, jun 1995.

VITALE, Maria Amália Faller. Socialização e Família: uma análise intergeracional. In: *A Família Contemporânea em Debate*, São Paulo: EDUC. 1995. p. 89-96.

WATZLAWICK, Paul et al. *Pragmática da Comunicação Humana*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1973.

WILLIAMS, Antony. *Psicodrama Estratégico: a técnica apaixonada*. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Morua. São Paulo: Ágora, 1994.

ZANETTI, Junior et al. Atendimento conjunto: uma experiência multiprofissional em Instituto. *Boletim do Centro de Estudos e Pesquisas Psiquiátricas*, v.6, nº1/2, p.51-2, 1988.

## ANEXOS

- 1 - Convocação para reunião com pais
- 2 - Entrevistas com pais/adolescentes
- 3 - Convite para reunião com adolescentes
- 4 - Registro das entrevistas
- 5 - Registro das sessões
- 6 - “Reflexões sobre grupo de pais”

## **Anexo 1**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO  
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADOS À EDUCAÇÃO**

Goiânia, 08 de agosto de 1994.

Srs. Pais ou Responsáveis,

Gostaríamos de convidá-los (as) para nosso 1.º encontro de “Orientação aos Pais de Adolescentes”, que acontecerá no dia 11/08, 5ª.feira, às 14 horas no auditório deste Centro. Nesta oportunidade contaremos com a colaboração da Psicóloga Célia Maria Ferreira da Silva Teixeira da Faculdade de Educação.

Sua presença neste momento será de grande importância.

Atenciosamente,

Wilma Coelho Magalhães Rios  
- Psicóloga -

Visto:

Professora Marialzira Cavalcanti Ziller  
Diretora do CEPAE/UFG

Recebi o convite dia \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Assinatura do pai ou responsável : \_\_\_\_\_

Nome do aluno: \_\_\_\_\_

Série/ Turma: \_\_\_\_\_

## **Anexo 2**

## Roteiro de entrevista - Pais

Nome : \_\_\_\_\_ Estado civil : \_\_\_\_\_

Idade : \_\_\_\_\_ Profissão/atividade : \_\_\_\_\_

No de filhos : \_\_\_\_\_ Idade em que teve os filhos : \_\_\_\_\_

Pessoas que residem em casa : \_\_\_\_\_

Quem trabalha fora do lar : \_\_\_\_\_

## Perguntas :

1) De que modo geral , como percebe o seu relacionamento com seus filhos adolescentes atualmente ?

2) No momento , como se sente sendo mãe / pai de adolescentes ?

3) O que você considera mais difícil na relação com seus filhos ?

4) Como você percebe o diálogo entre você e seus filhos adolescentes ?

5) Como são estabelecidas as regras ( os limites ) dentro de sua família ?

- Como são estabelecidas as regras entre vocês, pais e os filhos adolescentes ? (quem estabelece )

- Qual a participação dos filhos adolescentes no estabelecimento das regras ?

- Quem transgride as regras ?

- Quem obedece as regras ?

- Quem pode mudar as regras ?

- Quais as dificuldades em se estabelecer as regras ?

- Como o casal se organiza para definir e por em prática as regras ? ( pai ou mãe )

- Essa forma funciona ?

6) Existe assuntos difíceis de conversar com seus filhos ? Quais ?

7) Quais os assuntos você imagina que seu filho (a) tem mais dificuldade em falar com os pais?

8) Com quem você percebe seu filho mais próximo na família ?

- com quem percebe seu filho mais distante ?

- o que provoca o afastamento ?

- que soluções você tem pensado para melhorar ?

9) Você considera que existem dificuldades na família , que estejam influenciando em outros aspectos da vida de seus filhos ?

- 10) É difícil ser pai / mãe de adolescente ? Por quê ?
- 11) Você acha que é difícil ser adolescente hoje ? Em que ?
- 12) Você considera difícil separar as questões do casal , das questões de educação do filho adolescente ?
- 13) Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa ?
- 14) O que você espera de seu filho adolescente ?
- 15) O que seu filho adolescente espera de vocês ?
- 16) O que você espera alcançar neste grupo ( grupo de pais ) ?

## Roteiro de entrevista - Adolescentes

Nome : \_\_\_\_\_ Escolaridade : \_\_\_\_\_

Idade : \_\_\_\_\_ Posição na ordem de nascimento : \_\_\_\_\_

Nome do pai : \_\_\_\_\_

Nome da mãe : \_\_\_\_\_

Profissões / ocupações dos pais : \_\_\_\_\_

Pessoas que residem em casa : \_\_\_\_\_

Quem trabalha fora do lar : \_\_\_\_\_

## Perguntas :

- 1) De um modo geral , como percebe o seu relacionamento com seus pais ?
- 2) Neste momento de sua adolescência , como se sente enquanto filho ?
- 3) O que você considera mais difícil na relação com seus pais ?
- 4 ) Como você percebe o diálogo entre você e seus pais ?
- 5) Como são estabelecidas as regras (limites ) dentro de sua família ?
  - Como são estabelecidas as regras entre você adolescente e seus pais ?
  - Qual a participação de vocês filhos no estabelecimento das regras ?
  - Quem transgride as regras ?
  - Quem obedece as regras ?
  - Quem pode mudar as regras ?
  - Quais as dificuldades em se estabelecer as regras ?
  - Com os pais se organizam para definir e por em prática as regras ?
  - Essa forma funciona ?
- 6) Existe assuntos difíceis de conversar com seus pais ? Quais?
- 7) Quais os assuntos , você imagina que seus pais tem mais dificuldades em falar com você ?
- 8) Com quem você se sente mais próximo na família ?
  - com quem se percebe mais distante ?
  - o que provoca o afastamento ?
  - que soluções você tem pensado , para melhorar ?
  - com quem gostaria de se aproximar mais na sua família ?
  - no seu entender o que poderia mudar na sua relação com sua família ? Como ?
- 9) Você considera que existem dificuldades na família , que estejam influenciando em outros aspectos da vida de vocês ?



- 10) É difícil ser pais de adolescente hoje ? Por que ?
- 11) Você acha que é difícil ser adolescente ? Em que ?
- 12) Você acha que seus pais conseguem separar as questões do casal das questões da educação dos filhos adolescentes ?
- 13) Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa ?
- 14 ) O que você imagina que seus pais esperam de você ?
- 15) O que você espera de seus pais ?
- 16 ) O que você gostaria que seus pais alcançassem no grupo de pais ?
- 17) O que você gostaria de acrescentar neste final , relacionando às questões ligadas ao Relacionamento Pais e Filhos ?

### **Anexo 3**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO  
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO**

Goiânia, 15 de setembro de 1994.

Como deve ser de seu conhecimento, seus pais estão participando do “Grupo de Pais”, todas às quintas-feiras, momentos em que conversamos à respeito das questões ligadas a pais e filhos adolescentes.

Este trabalho faz parte de uma pesquisa, que busca estudar as relações entre pais e filhos de adolescentes.

Procurando conhecer como se dão as relações pais e filhos, consideramos importante conhecer tanto as opiniões dos pais, quanto as dos filhos.

Agora, é o momento de conhecer vocês, os filhos. Assim, queremos reunir todos na próxima \_\_\_\_\_, dia \_\_\_\_\_, às \_\_\_\_\_, na sala \_\_\_\_\_.

Conto com sua presença na reunião para podermos continuar nosso trabalho.

Até lá !

Célia Maria Ferreira da Silva Teixeir  
Psicóloga/ Fac. Educação/ UFG

## **Anexo 4**

## **Entrevista com Pais**

CATEGORIA I.

RELACIONAMENTOS PAIS-FILHOS - QUESTÕES 1 E 3

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus filhos adolescentes atualmente? (1)	Sandra	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A gente ... eu tento levar a educação dessas crianças sempre na base do diálogo, desde criança. Agora, isso traz um choque, por exemplo, quando eu vim morar com minha mãe. A gente não morava junto. Ela é um esquema mais antigo, em que a criança não é ouvida. A criança tem que obedecer. Isso gera um choque muito grande. E aí, entra nesse esquema minha mãe, minha irmã e a empregada</li> <li>• Quatro anos</li> <li>• Conduta diferente. Maneira de pensar diferente inclusive não aceitam muito meu método de educar os filhos. Sabe ... (pausa baixa a cabeça)</li> <li>• Muitas vezes acham que a criança tem que apanhar; tem que ser castigada. Eu já acho que não é por aí. Acho que eles têm que entender o "porque" das coisas. Como eles cresceram assim, eles não aceitam outro método. Aí eles acham que é falta de respeito.</li> <li>• Ela é mais conservadora do que minha mãe, por incrível que pareça.</li> </ul>	<p>Há quanto tempo vocês estão morando juntas?</p> <p>Você fala em choque. Isto é em função de condutas diferentes?</p> <p>Mesmo a irmã que é mais jovem?</p> <p>Há 4 anos vocês estão juntas. Você é que veio para a casa de sua mãe?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>O que você considera mais difícil na relação com seus filhos? (3)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• É ... a situação era a seguinte. Eu vivia no estado de casada e depois de 7 anos a gente se separou. Nesta época eu morava em Brasília. Tinha minha casa lá, tudo mais. Depois eu retornei à Goiânia e como a minha mãe morava na minha casa e era uma pessoa já idosa, trabalhava o dia todo, eu não quis partir para uma outra casa porque eu não teria como atender - o trabalho, crianças e ela. Então ficamos juntas na mesma casa, desde 90. Ai as coisas ficaram mais pesadas. Mudou muito nosso ritmo de vida em função disso. As crianças, as vezes ficam mais irritadas, eu mesmo. Confesso que eu também fico.</li> <li>• (fala pausadamente) Olha, tem uma coisa que me incomoda muito. Eles brigam demais da conta. E por esta situação de eu ser mais de idade e o pai viver mais de lado. Não contam com o pai. Então, eu me preocupo muito em estimular a amizade entre eles, não só entre eles, mas com os irmãos mais velhos. É uma preocupação que eu tenho. Então, quando esses dois pequenos brigam, eu fico assim; muito preocupada. E essa preocupação não sei se está comprometendo. Meu filho diz que é um objetivo que eu não vou alcançar nunca, porque tem raiva da irmã. Eu não sei se é coisa de adolescente, me preocupa realmente. Ele também morre de ciúmes dela. Olha as roupas dela. Me corrige, se eu não estou olhando as roupas da menina. Ele diz: "mãe, não dá mais para ela usar. Olha isso, tira isso". E quando um viaja o outro fica, a conta do telefone sobe muito porque eles têm que falar um como o outro.</li> </ul>	



Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus filhos adolescentes atualmente? (1)	Emília	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É ... os outros frequentam minha casa. Os filhos deles me chamam de vó, sabe. A gente frequenta a casa um do outro. O relacionamento é muito bom. O problema é que o pai ... realmente ele é um problema meio sério. Só para você ter uma idéia, a mãe dele é minha amiga. A gente se relaciona bem, se frequenta.</li> <li>• Olha, eu não sei, eu não tive uma adolescência bem resolvida, eu estou muito confundida, Não sei se faz muito tempo que eu tenho tentado, voltando, principalmente quando meu pai morreu há 2 anos. Desde a doença dele, assim, tentando dar uma volta. Parece que a coisa assim, não foi muito bem resolvida comigo. E agora, está muito difícil.</li> <li>• Eu tenho medo assim ... por um lado eu sei que eu tenho que soltar. Tipo assim ... eu prefiro que eles não voltem da aula sozinhos. Eu acho que é uma tentativa de crescer, de conquistar a liberdade. Mas, por outro lado, até quando isso é bom ou se ... há também a violência na mesma hora que eu quero soltar, eu vejo que de repente pode ser um abandono. Toda a vida eu tinha segurança do que ia fazer. Quando ficava com febre, ficava aquele transtorno, mas até certo ponto era tranqüilo. Agora, estou com muito medo.</li> </ul>	<p>Voltando a falar dos outros irmãos, você diz que sempre estimulou o relacionamento com os outros irmãos mais velhos?</p>
			<p>Por que está muito difícil?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>O que você considera mais difícil na relação com seus filhos? (3)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• A questão da sexualidade. Ao mesmo tempo que eu acho que não tem nada de mal, eu não sei se posso mostrar esse lado, que não tem nada de mal. Por outro lado, eu não sei ... Muita gente fala beijar é feio, eu não tenho coragem de mostrar a coisa por esse lado. Mas, eu não tenho tanta segurança de mostrar o lado bom da coisa, mas que tem a hora certa, o momento com que isso é considerado. Não sei até que ponto eu tenho condições de mostrar desse jeito.</li> </ul>	
<p>De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus filhos adolescentes atualmente? (1)</p>	<p>Eduardo</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realmente os dois, realmente não andam muito bem. Ou eu é que tenho que mudar de rumo, ou ... o jeito de tratar, fazer qualquer coisa. Agora mesmo, sábado, corri atrás do mais novo, porque falou palavras prá mim. O que estudava no Colégio de Aplicação.</li> <li>• Correu, pulou o muro e eu fiquei. Descobri que o meu preparo físico não dá ... neste período a gente vai constatando uma coisa que a gente fazia e não faz mais.</li> <li>• Ele saiu. Depois a mãe tinha saído para um casamento. Quando chegou, apaziguou tudo, mas eu corri, mas não senti aquela raiva que sentia antes. Aquele confronto.</li> <li>• Não, engraçado. Alguma coisa de benéfico, pelo menos.</li> </ul>	<p>Correu, e aí?</p> <p>E aí, ele saiu?</p> <p>Não sentiu a raiva igual?</p> <p>Quando correu atrás dele, qual era a sua intenção?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>O que considera mais difícil na relação com seus filhos? (3)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pegar e bater porque parece que está dentro da gente. Como eu apanhei da minha mãe, então é a maneira que eu acho. O diálogo está ficando difícil, porque nós vamos para o confronto quatro, cinco palavras que a gente troca. Uma vez por mês dá briga, ainda mais quando vai mal nos estudos.</li> <li>• Não, raramente eu bato, mas acho que eu ameaço, ameaço.</li> <li>• Olha, eu ... eu ... a gente havia planejado um sistema de educação que não foi o que a gente foi criado. Por exemplo: minha mãe reprimia muito, bastante. Aquela pessoa que, quando chegava alguém, a gente não podia falar e castigava a gente. O meu padrasto me batia, então ... Achava que o papel de educador era dela mesmo. Mas, no início a gente... não deixei a minha esposa trabalhar muito. Tirei de dois empregos para sobrar tempo para cuidar dos filhos, mas, ela estava no ritmo que não era aquilo que a gente pensava. Mas ... (pausa) a gente tomava banho junto, trocava idéias. Falava inclusive, sobre sexo. Mas, na medida que eles foram crescendo eles foram se afastando. Não sei se o diálogo meu não foi correto, a abordagem. Eu sei que hoje, ele conversa com todo mundo, mas não conversa comigo sobre sexo. Todos os dois. Sabem tudo. Essa parte de disciplina eu consegui um pouco, na maneira que a gente achou que era correto.</li> </ul>	<p>Toda vez, mesmo uma vez por mês, termina nessa coisa de bater?</p>
			<p>Tem coisas que você recebeu da educação da mãe, mas que não quer para seu filho?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus filhos adolescentes atualmente? (1)	Otília	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eu não condeno minha mãe. Achei que ela estava certa, mas achei que poderia existir uma maneira mais amena, principalmente a espontaneidade. A gente respeita a deles, a maneira de cada um. Mas, à medida que vão crescendo, eles vão para um lado e a gente para outro. Aí começa o conflito.</li> <li>• Não, não volta a forma da mãe. Só a maneira de educar assim, de castigar, porque todas as vezes que eu consigo bater, nunca espanquei, não ter aquela raiva, quando a gente perde o controle, faz qualquer coisa. Só que, ultimamente, há aqueles repentinos. Se eu tiver com uma coisa na mão, ... aí me preocupo depois, quando a gente vai raciocinar. Todo o tempo de Universidade tinha diálogo. Trabalhar com funcionários eu achei que era muito mais difícil. Pensava que era, mas a convivência ... Eu senti depois que eu me aposentei, que tive contato direto com eles (filhos). Aí ... a situação piorou bastante. Ao invés ... eu comecei a sentir que não estava correto muitas coisas e ... vem o conflito com a mãe, às vezes. A mãe é um anteparo; vai escondendo as coisas, minimizando. E eu sou ... um inútil.</li> <li>• Como assim? Tá bom não. A gente não é muito de se comunicar.</li> <li>• As pessoas não me entendem muito bem. Eu não entendo elas também. De um modo geral, eu não sei me explicar. Com eles também.</li> </ul>	<p>Aí volta aquela forma da mãe?</p> <p>Por que?</p> <p>E só você? E o marido?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>O que você considera mais difícil na relação com seus filhos? (3)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ele também.</li> <li>• Ah, eu acho que é a comunicação mesmo.</li> <li>• O que ele pensa eu não sei não. Ele não é muito de falar, é mais grosso, mais severo.</li> <li>• Muitos.</li> </ul>	<p>Seu marido também pensa assim? Isso traz problemas?</p>
<p>De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus filhos adolescentes atualmente? (1)</p>	<p>Thereza</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• (Fala em tom de voz baixo, pausadamente) .Olha, como mãe eu acho que eu faço o melhor, o que uma mãe, uma educadora deve fazer. Procuro ter diálogo com ele, orientar, prever, antecipadamente para que ele tenha mais segurança. Agora em relação a ele, reclama que eu falo demais, que sou chata. Falo demais as coisas para ele. Agora, no mais, acho que ele tem um relacionamento aberto comigo, porque ele se abre, todos os problemas dele. Ele conversa comigo às claras, seja em relação à escola, à identidade dele, dificuldades. Tudo ele põe para mim. Se abre para mim, e eu tentando ajudar. Agora ... eu não consigo. Atualmente, no estágio em que ele está, até o ano passado eu conseguia ter uma direção. Eu direcionava. Agora, não que ir a lugar nenhum comigo. Vai se ele quiser, se tiver vontade. Eu não tenho mais ascensão sobre ele.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>O que você considera mais difícil na relação com seus filhos? (3)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• É conseguir fazer com que ele tenha um projeto de vida, né. Eu acho que ele deveria ter interesse, levar a vida com seriedade. Por exemplo, eu quero que ele se dedicasse a um esporte. Não quer música, não quer. Tudo é "paia". Quer ficar em casa. Agora mesmo, antes de vir para cá, estava tentando convencê-lo a retomar o estudo, no sentido de fazer um trabalho. Ele está com notas baixas no colégio, coisa que ele nunca teve. O ano passado, era mais fácil eu conseguir. Estou tentando fazer um contrato com ele, fazer ele assinar, prá ver se ele leva as coisas prá frente. Para conseguir as coisas dele, tem que ser com muita conversa. Quando tem interesse, ele faz. Mas, quando não há ..</li> <li>• Ele se omite. Não tem preocupação nenhuma com os estudos. Eu é que estou desgastando sempre.</li> <li>• Foi, sempre eu trabalhando com o filho.</li> </ul>	<p>Isso é só com você? E com seu marido?</p> <p>Sempre foi assim?</p> <p>Ele nunca entrou participando?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus filhos adolescentes atualmente? (1)	Aparecida	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ele entrou o ano passando, há pouco tempo, né. Antes, não sabia nem onde o menino estudava. Ficava lá no sítio, vinha só no fim de semana. Às vezes, pegava a gente, A gente ia prá lá. Então, esse ano é que esta aí, mas está havendo muito desentendimento, choque, porque eu acho que tem que ser de uma maneira; ele acha que tem de ser de outra. Então, o menino sente isso. Ele prefere estar com o pai. Toda a vida o pai foi um ausente. Agora o pai tá. Tinha horário para estudar. Agora está havendo obstáculo, com o pai aí. Eu estou tentando, eu corrijo, com o pai, não. Ele fala "não tem tarefa de casa". O pai acha que eu tenho de acreditar nele. Eu sei que ele tem tarefa. Aí ele fala: "por isso, eu gosto do meu pai, porque meu pai acredita em mim. Ele me respeita." Acontece que eu convivo com ele, sei qual é a verdade. Ele mente muito. Ele despista. Deixei as coisas acontecer. Quando chegou a 1ª escala, disse: "Tá bom, sei que você tem tarefas. Quando vier o resultado eu confiro". Quando veio, tudo vermelho. Aí ele disse: "Tá bom, você ganhou. Vou estudar". Não é questão de aprendizagem. É fazer as tarefas de casa, os trabalhos solicitados, fazer com mais empenho.</li> <li>Bom, eu considero assim. A gente tem bastante unidade. Eu converso muito com ela. Até aproveito o que ela fala. Teve época que tava difícil, ficou rebelde. Virou contra mim. Eu chorei nessa época. Falei que eu não queria perder sua amizade. Ela ficou assim. Passou ... agora parece que normalizou. Principalmente agora, depois da última conversa.</li> </ul>	
			Você se refere à questão do namoro?

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>O que você considera mais difícil na relação com seus filhos? (3)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>Fui analisando, pensando, porque eu namorei com 14 anos. Ela está perto dos 14. Conversei com o pai dela. Expus o problema dela, aí ele falou: "olha, aceitar eu não aceito. Vou deixar, mas não que eu aceite que ela namore agora." Aceitar pelo fato dela estar namorando escondido de mim. Aí, tudo isso ele expôs para ela. Eu disse: olha, é melhor que diga para ela que aceita que ela namore, para ela tomar consciência de que agora ela tem a responsabilidade de assumir para, ela mesma, as conseqüências.</li> <li>No momento acho que não tem um mais difícil. Parece que ela ficou um pouco rebelde. Me chocou muito, parece que eu senti muito. Principalmente pela amizade que a gente tinha. Ela fala o que ela pensa.</li> </ul>	
<p>De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus filhos adolescentes atualmente? (1)</p>	<p>Jorge</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Com dificuldades. Com dificuldades porque eles estão ... eles se sentem ... Às vezes, ficam rebeldes, principalmente os mais velhos, principalmente o Pedro. Conseguiu até um vício</li> <li>Disse ele que foi aqui no Colégio. Um colega dele, insistiu em fumar. Insistiu, então ele passou a fumar. Já castiguei lá em casa, nunca mais eu percebi. Mas, aqui o pessoal diz que ele continua fumando.</li> <li>A questão do namoro da minha filha. Falei para ela que não aceite, que isso não traz benefício nenhum. Mas, descobri que ela estava namorando escondido.</li> </ul>	<p>Vício?</p> <p>E aí, o que aconteceu?</p>



Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• É ... uai, não bati nela, nem deixei de castigo, mas eu, fiz ameaça até! Se alguma coisa grave acontecesse com ela, não aceitava ela mais em casa. E quando ela quizesse namorar, se servisse para ela, eu deixava, desde que fosse lá em casa, na minha presença. Ela disse que tinha os rapazes aqui, no colégio. Não adiantava proibir. Aí eu disse para ela: "se você namorar escondido, as mentiras são sempre descobertas, mais cedo ou mais tarde. E se pintar alguma coisa ... é ..." Conversei com você, pode sair da minha casa. Eu não digo que faço isso, mas é uma ameaça para que a intimide.</li> </ul>	
<p>De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus filhos adolescentes atualmente? (1)</p> <p>O que você considera mais difícil a relação com seus filhos? (3)</p>	<p>Elizabeth</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bom, mas tem brigas. Eu tenho que chamar muito a atenção dos filhos, eles são muito desobedientes</li> <li>• Acho mais difícil ficar falando, dizendo para eles fazerem as coisas e eles não fazem.</li> </ul>	
<p>De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus filhos adolescentes atualmente? (1)</p>	<p>Clara</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acho que é bom. Eles são obedientes. Eu procuro ser compreensiva. Meu marido é muito calado, mas o relacionamento é bom.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>O que você considera mais difícil a relação com seus filhos? (3)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• A parte do namoro. Como somos evangélicos, creio que não teremos dificuldades com bebida, festas. Tudo que é vício não agrada Deus. A gente procura evitar o vício.</li> </ul>	
<p>De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus filhos adolescentes atualmente? (1)</p>	<p>Madalena</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ah, eu acho ... não sei. Tenho procurado... Com as meninas consigo contornar a situação. Com o filho é mais difícil, é rebelde. Não sei se é porque ele era muito próxima do pai ... Ele (filho) é super nervoso. Tem dia que dorme chorando, pensando no pai. O pai é desligado.</li> </ul>	
<p>O que você considera mais difícil a relação com seus filhos? (3)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ah, eu não sei te falar, como é mesmo. Parece que eu quero confiar, mas não consigo. Neles confio, mas... os outros, os amigos, não confio. Não sei o que fazer.</li> </ul>	
<p>De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus filhos adolescentes atualmente? (1)</p>	<p>Francisca</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É ... tá bom, mas eu sempre... me sentindo em falta.</li> <li>• Porque eu acho que deveria dedicar mais a eles; ter mais tempo para eles.</li> </ul>	<p>Por que?</p> <p>Mesmo trabalhando em casa, você sente isso?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>O que você considera mais difícil a relação com seus filhos? (3)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• É, ultimamente tenho percebido quando me dirijo a eles, é só para chamar a atenção, cobrar. Mas, eu sinto assim ... Quando eles eram pequenos, era tudo para eles. Eu sinto falta agora, no momento ... uma religião, nos temos nossa religião. Fazemos o culto no lar, todas as quintas feiras. Somos católicos. Uma evangelização lá fora, já começou, já parou.</li> <li>• (Demora a responder a pergunta) Como, escola?</li> <li>• Fazê-los acatar, né, o que sempre tenho falado com eles. Não querem obedecer. Tarefas de casa. Eu não sou de lavar chinelos, não sou de arrumar cama. Deixo para eles fazerem.</li> <li>• É ... não fazem na hora certa. Sempre à custa de muita exigência.</li> </ul>	<p>Não, de maneira geral</p> <p>Eles não obedecem?</p>
<p>De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus filhos adolescentes atualmente? (1)</p>	<p>Antônia</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• (Ao ouvir a pergunta indagada) .Com meu esposo?</li> <li>• Você quer dizer, eu diretamente?</li> <li>• Olha, o relacionamento é muito conturbado, muito, muito atualmente. Antes até que era mais ...</li> </ul>	<p>Não, com os filhos.</p> <p>Sim.</p> <p>Antes quando?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>O que você considera mais difícil a relação com seus filhos? (3)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Antes de entrar na adolescência. Sempre foi assim, muito ... A gente muito exigente com eles. Acho que a gente pecou muito nisso, sabe.</li> <li>• É ... tanto eu quanto o pai. O pai principalmente, muito minucioso. Ele é muito perfeccionista, então, qualquer deslize, ele já exige muito, já começa a brigar. Muito perfeccionista.</li> <li>• Ah .. muito mais difícil</li> <li>• Autoridade</li> <li>• Eu carrego comigo. Não sei se é arcaico. Acho que quando o pai fala uma coisa, o filho tem que obedecer. É obediência hoje em dia, está muito difícil. Filho nunca aceita de bom grado obediência. Então, você sempre está em conflito com o filho. Acho difícil. Esse conflito de autoridade.</li> </ul>	<p>Os dois, você e o esposo?</p> <p>Atualmente está mais difícil?</p> <p>Você se refere ao exercício da autoridade? Como é isso?</p>

**CATEGORIA II:**

**ELACIONAMENTOS - ALIANÇAS  
SUBSISTEMAS - AFINIDADES - QUESTÃO 8**

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
Com quem você percebe seu filho mais próximo na família? (8)	Sandra	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comigo. Segundo nessa linha, tenho a impressão que a empregada; terceiro a tia e depois a avó, nessa linha de relacionamento. A avó é a figura mais distante. O menino não quer visitar o pai. A menina não, já preocupa mais com o pai. Eu noto que, se o menino deixar ... não vai ver. Por exemplo, o irmão que mora longe, vem pegar os meninos. Quando ele percebe que vão visitar o pai, ele corta, não vai. Mais distante é o pai, em termos de rejeição</li> <li>• Nove anos. Mas o menino pequenino presenciou determinadas coisas. É difícil!</li> <li>• Pensado eu tenho, mas eu não tenho a solução. Não sei. Uma delas, foi a participação nesse projeto foi uma mudança de coisas que pensei; como lidar com isso, porque para eu separar a casa, minha irmã trabalha o dia todo. Minha mãe caiu duas vezes. Já é uma pessoa que não enxerga quase. Tenho procurado outra alternativa, mostrar para eles que, pelo menos devemos ficar mais unidos. E é com essa, que eu tenho conseguido alguma coisa.</li> </ul>	<p>Quanto tempo de separação?</p> <p>Tem tentado fazer alguma coisa para melhorar esse relacionamento?</p>
	Emília	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ela (filha) gosta muito do pessoal do pai. Gosta da minha irmã, do meu cunhado.</li> </ul>	<p>E na sua casa?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Lá em casa ... depende do assunto. Tem muitos pontos que ela domina muito. Há certa cumplicidade entre os três filhos. Tipo esses dias descobri que ela estava matando aula. Aí, perguntei para onde estava indo. Uma vez foi para o centro, as outras voltou para casa. Ele (menino) disse que realmente ela voltava. Ele disse: "a gente tem um pacto". Falei: "é uma coisa boa a sua lealdade com ela, mas por outro lado é uma coisa perigosa". Ele falou: "realmente você tem razão, mas eu tinha prometido para ela que não ia contar."</li> </ul>	
	Eduardo	<ul style="list-style-type: none"> <li>A sogra mesmo. Com os irmão. Os meus irmãos e os primos acho que dentro de casa é com a mãe. Mais distante comigo. Quer uma coisa ... há o afastamento ... talvez pela maneira mais liberal da mãe, mais acessível. Eu, às vezes, contesto mais. Não admito por exemplo, ter que comprar um roupa, tem que ser de grife. Tem que ser a marca. Ele quer aquela marca. Não precisa disso. a minha preocupação é que eles se acostumem e adotem um padrão. Depois eles não vão dar conta de ... continuar. Tem problemas também de alimentação. A gente insiste que coma verduras. A gente fala, crítica, briga. Mas, nisso aí, a mãe não ajuda, não.</li> <li>Eu achava que deveria ser aquilo que agente comprasse, né, dentro de um certo limite. Talvez seja a minha formação, mais pobre. Acaba prevalecendo a idéia dela, eu é que sempre cedo.</li> </ul>	<p>Que soluções você apontaria?</p>
Otilia		<ul style="list-style-type: none"> <li>Os três ou individualmente?</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• A mais nova se relaciona mais com a prima. A de 15 é comigo mesmo. O de 16 é com um primo da mesma idade.</li> <li>• É igual, eu já falei. A mais nova, ela sempre foi amiga da mais velha. Depois desse problema é que se distanciaram. Comigo está normal, como sempre foi. O mais velho não dá certo com o pai. Desde pequeno ele era muito custoso, aí meu marido não era muito chegado a menino. Ele diz é porque ele era muito custoso. Mas, eu não sei.</li> <li>• Foi o problema que houve.</li> <li>• Não. Meu marido é muito difícil.</li> </ul>	<p>Como quiser</p> <p>E dentro de casa?</p> <p>O que provocou o afastamento da menina com o pai?</p> <p>Tem pensado em alguma solução para aproximar os dois?</p>
	Thereza	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ele é mais próximo comigo. Ele está mais comigo e os problemas são resolvidos comigo, mas ele se sente alegre com o pai. Eu sou a chata, que faz cobranças. Da minha família, é mais chegado com a minha mãe.</li> </ul>	
	Aparecida	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Creio que comigo mesmo. Era mais distante com o pai, agora melhorou. O que provocava o desentendimento era a falta de comunicação.</li> </ul>	<p>Que soluções você apontaria para a situação?</p>



Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Ela está vendo a mudança no pai. Gostaria que fosse uma mudança espontânea, livre. Parece que está acontecendo. Está tentando. Por isso que eu quero que a gente faça terapia. Achei um órgão a SOGEP (Sociedade Goiana de Psicodrama) que o horário dá. Particular fica caro demais, nem sei o quanto é.</li> </ul>	
	Jorge	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ah, eles não são apegados a ninguém na família da mãe. Na época ninguém da família quis ajudar, cuidar dos meninos. Eles não são apegados a nenhum deles. Acho que nem a mim.</li> </ul>	
	Elizate	<ul style="list-style-type: none"> <li>Elas são mais próximos com a tia e a avó paterna. Em casa, a mais nova é mais próxima a mim e a mais velha ao pai.</li> </ul>	
	Clara	<ul style="list-style-type: none"> <li>Mais próximos comigo, a mãe, apesar de ser calada. Dentro da família, eles são mais com, uma tia - minha irmã (40 anos). O pai quando chega, só quer descansar.</li> <li>A solução para aproximar, em primeiro lugar é melhorar o diálogo. Sair com as crianças. Eu insisto, mas ele não sai.</li> </ul>	Qual a solução para melhorar essa situação?
	Madalena	<ul style="list-style-type: none"> <li>Com minha irmã de 25 anos. Comigo eles tem dificuldades.</li> </ul>	
	Francisca	<ul style="list-style-type: none"> <li>Lá de casa, os avós, os tios. Porque nós moramos só nós no Setor, não temos muito contato com a família de meu esposo e nem com a minha. Eles gostam <u>demais</u> de minha família, que mora no interior. Minha menina quando era pequena falava que gostava mais da minha irmã, do que de mim.</li> </ul>	Como você reagia?

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Olha, eu não ficava com ciúmes porque parece que a família toda tem um amor tão grande por ela.</li> <li>• Estão comigo o dia todo. Quando o pai chega, nós dois não conversamos, deixo eles conversar com o pai, até para dar um tempo para mim. Porque antes, quando chegava, ele tinha de erguer um por um. Agora não dá ... (Risos)</li> </ul>	<p>E em casa, com quem eles são mais próximas?</p>
	Antônia	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Roberto - comigo, menos com o pai. Mais distante um pouco</li> <li>• Tenho a impressão que é pela maneira que o Eduardo (pai) fala com eles. Sempre fala com muita autoridade. Isso provocaria um certo distanciamento, entre eles.</li> <li>• Eu conversei com o Eduardo. Falo: "bem, olha, você deveria ser ...". Ele diz: "Ah, mas não tem jeito". Tem que ser mais maleável. Tem momentos que a gente tem que sair pela tangente e deixar as coisas acontecerem. E o Eduardo, não. Falou, tem que fazer, pronto, acabou. É muito duro, assim. Às vezes, tem hora (ri) fico na dúvida se é eu que sou muito mole, ou ele é muito duro (ri). Ai eu penso, será que eu estou falhando, ou é o Eduardo.</li> </ul>	<p>Você acha que essa distância, acontece em função de que?</p> <p>Você já tentou alguma coisa para aproxima-los?</p>

CATEGORIA II:

RELACIONAMENTOS FAMILIARES/ADOLESCENTES  
RELACIONAMENTO CASAL/ADOLESCENTE  
QUESTÕES 9 E 12

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de seus filhos? (9)</p> <p>Você considera difícil separar as questões do casal, das questões de educação do filho adolescente? (12)</p>	<p>Sandra</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Olha, alguma coisa sim. Porque, se por exemplo eu falo, trabalho no lado da responsabilidade. Quanto mais eu fico em cima deles, brigam. Fica um clima insustentável, na medida em que você cobra uma responsabilidade e um produto eles já assumem as coisas e melhoram. Mas, é uma coisa difícil.</li> <li>• Dizer para você que consigo separar, não sei. Tento racionalizar. Uma coisa que não sou nada racional é quando eles brigam, eu perco ... rodo a baiana.</li> <li>• Tem hora que falo, saio de perto, bato na mesa, ponho um em cada quarto. Eu não dou conta. É uma situação, que realmente ... outras situações eu contornei melhor, mas essa de briga, eu dou conta. Não sei se é alguma coisa ligada ao meu marido. Ele tinha uma mania de brigar. Inclusive, eu deixei de levar os meninos para a casa dele, deixei de falar com ele. Ele briga comigo, mesmo separados. Ai, realmente eu cortei, me relaciono bem com os outros filhos, com a mulher do 1º casamento, com a atual. Com ele, não consigo. Não aceito uma pessoa gritar comigo, talvez seja um trauma meu, de onde eu não sei. Eu fui criada em casa de avós. Meu avô, uma pessoa extremamente calado. Meu filho se parece com ele. Uma pessoa culta, que gostava de ler, pessoa amiga. Nenhum filho</li> </ul>	<p>Como é mesmo que você reage?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de seus filhos? (9)</p>	<p>Emília</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• podia bater nos netos. Uma pessoa muito especial. Minha avó era mais relizante, mas muito amorosa. Só eu nesse caminho, mas é aquele amor possessivo, sabe. Aquele de querer sempre juntos. Não sei até que ponto eu estou reproduzindo ou rejeitando a minha educação o modelo deles. Eu acho que essa raiz sempre vai estar aí presente.</li> <li>• Não sei se porque é que estou muito envolvida e, mas não percebo.</li> </ul>	
<p>Você considera difícil separar as questões do casal, das questões de educação do filho adolescente? (12)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ah, eu não sei. Tem muita coisa, dia que chego em casa, que acontece um monte de coisa errada no serviço. Chegar em casa é complicado. A gente ... fica, não é que eu acho que eu seja culpada. Tem gente que diz: "se eu não tivesse filho". A coisa não é por aí. Eu tenho muita clareza. Tem muita gente que o filho é a solução. O que é problema hoje é solução depois. Eu nunca pensei que eu vivo isto ou aquilo por causa deles. Isto eu tenho muito claro, que não é. Mas por outro lado, eu chego em casa arrebatada, cansada, cheia de problemas. Na hora de falar alguma coisa eu não tenho paciência, como nos dias em que chego bem. Eu não sei se é consciente ou inconsciente. Muitas vezes, eu vejo que a culpa não é tão deles, que eles não estavam fora, tão fora da normalidade; que eu estava muito mais fora do normal do que eles.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de seus filhos? (9)</p>	<p>Eduardo</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ah, tem. Tem influência da avó. O caráter da vó é aquele de mandona. Todo mundo obedece. Os filhos obedeciam, o marido, as irmãs. Mora conosco desde quando os filhos são pequenos. Ele interfere demais. Tem hora que a gente recebe um telefonema, ela quer saber quem é. Se tocam a companhia, ela quer saber quem é.</li> <li>• Ora, eu sei do Exército e vim morar em Goiânia. Morei em república até me casar. Isso me deu uma liberdade de ação. Para você ter uma idéia, minha esposa, já depois de formada, nunca tinha usado uma calça jeans, shorte porque não podia usar, dentro de casa. E quando a gente casou, quando chegou do serviço, a primeira coisa que fazia era calçar um chinelo e vestir um shorte. E a sogra criticava. Foi uma batalha, viver a vida da gente. A sogra interfere demais, mas é extremamente dependente da minha esposa. Ao mesmo tempo interfere em tudo, na criação dos meninos.</li> <li>• Não, nós separamos. A questão difícil é a divergência entre nós, na maneira de educar. Acho que ela deveria ser mais rígida, ela acha que eu deveria ser mais liberal.</li> <li>• De certa maneira eu acho que sim.</li> </ul>	<p>E como fica?</p>
<p>Você considera difícil separar as questões do casal, das questões de educação do filho adolescente? (12)</p>	<p>Otilia</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• De certa maneira eu acho que sim.</li> </ul>	<p>Como assim?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Você considera difícil separar as questões do casal, das questões de educação do filho adolescente? (12)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eu acho que a maioria é financeira, né. Eu acho que é.</li> <li>• Em geral, a gente fala tudo na frente deles. Tem assuntos que a gente fala mais escondidinho.</li> <li>• Dos dois.</li> </ul>	<p>É assunto da educação de filhos, ou coisa de vocês dois?</p>
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de seus filhos? (9)</p> <p>Você considera difícil separar as questões do casal, das questões de educação do filho adolescente? (12)</p>	<p>Thereza</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eu acho que sim. A questão da adoção. Eles (família) não aceitam. Meu marido reclamou. Ele já era acomodado. A gente foi ficando muito sozinho.</li> <li>• Demais. Aliás, eu acho que são inseparáveis. Quando tenho problemas, eu chamo e falo. Ele me conhece, enquanto eu não calo, ele não desiste. A gente tem uma abertura total.</li> </ul>	
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de seus filhos? (9)</p>	<p>Aparecida</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dentro dessa família? Bom, no momento não. Mas já passei problema de doença da mãe. De 3 anos para cá, começou a decair. Não agüentava mais. Deu vontade de jogar tudo para cima e sair. Depois que ela faleceu, parece que eu pude respirar. A gente sofreu muito. Entrei depois numa depressão, mas superei rápido.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Você considera difícil separar as questões do casal, das questões de educação do filho adolescente? (12)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eu pessoalmente não tenho essa dificuldade. Isso aí está me gerando uma dúvida. Às vezes, eu não sei, se o certo é eu compartilhar, até certo ponto o que eu e meu marido passamos um com o outro, ou se eu devo separar as coisas.</li> </ul>	<p>O que realmente você acha?</p>
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de seus filhos? (9)</p>	<p>Jorge</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bom, atualmente eu tenho compartilhado com ela (filha), mas eu tenho medo que ela se sinta insegura.</li> <li>• Tem sim. Em relação ao Pedro, diz que aprendeu a fumar aqui no colégio. Mas eu tenho um sobrinho que é um grande malandro. Largou a escola. Eles eram muito amigos. Não interessa por nada. E tem o vício de fumar. Eu acho que isso influenciou. Eles andavam muito juntos.</li> <li>• Eu acho difícil porque inclusive eu até já testei Fernanda um dia. Eu vou deixar uma semana por sua conta. Você sabe que é melhor para você. Teve um feriado, foi para a casa da tia (irmã minha). Na 2ª feira tem aula. Domingo fui lá, à tarde buscar. E lá arrumou um namorado, contra minha vontade. Os irmãos contaram. Falei: “quer dizer que arrumou namorado nestes dias.” Quando foi à tardezinha não queria vir. “Que é que tem perder aula.” Disse ela. Eu procuro separar meus problemas. Tenho um problema meu, eu não envolvo eles.</li> </ul>	
<p>Você considera difícil separar as questões do casal, das questões de educação do filho adolescente? (12)</p>			



Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de seus filhos? (9)</p> <p>Você considera difícil separar as questões do casal, das questões de educação do filho adolescente? (12)</p>	<p>Elizabeth</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acho que não.</li> <li>• Não. Não temos problemas de brigas.</li> </ul>	
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de seus filhos? (9)</p> <p>Você considera difícil separar as questões do casal, das questões de educação do filho adolescente? (12)</p>	<p>Clara</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não. A única dificuldade é essa (refere o fato de o marido não gostar de sair). Criança gosta de passear. Eles sentem vontade, vê os colegas passeando e não sai.</li> <li>• Procuo não consertar alguma coisa dos filhos na frente do marido ou como deveria ser com os filhos. Quando o marido faz menção de falar alguma coisa, eu pisco, faço gesto para ele não falar.</li> </ul>	
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de seus filhos? (9)</p>	<p>Madalena</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O que mais tenho medo é que o pai vive falando que jogo tudo em cima dos filhos. Já fracassei como esposa e agora ... se e u fracassar como mãe</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Você considera difícil separar as questões do casal, das questões de educação do filho adolescente? (12)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tento separar. Acho que no fundo ... ficou aquela revolta. Parece que sou fraco neste ponto.</li> </ul>	
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de seus filhos? (9)</p>	Francisca	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não. Eu gostaria que os meninos ficassem mais em companhia do pai.</li> </ul>	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• É a distância, né. Até eu falei. A gente conversando, eu falei para a gente mudar para melhor prá ele, sobre a alimentação. Ele tem problema de varizes, já fez cirurgia na perna, nas duas. Eu falo, se a gente mudar para Campinas, onde é o trabalho dele, seria bom prá ele e também para os meninos que ficaria mais em companhia dele.</li> </ul>	<p>O que está acontecendo?</p>
<p>Você considera difícil separar as questões do casal, das questões de educação do filho adolescente? (12)</p>	Antônia	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não, só eu.</li> <li>• Não. Quando ... a gente sempre conversa todos juntos. Não há discussão, brigas.</li> </ul>	<p>E eles reclamam?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de seus filhos? (9)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• .Algum problema? Olha, eu acho que um ponto gritante, sempre foi o relacionamento da minha mãe em casa. Esse sempre foi um ponto extremamente negativo.</li> <li>• Tem, tem, inclusive pelo fato de exigir demais. Prece que é uma pessoa carente como toda vida foi. Mas, ela quer carinho, mas da maneira que exige, já perdeu a autoridade com os meninos. E os meninos já tomaram aversão pela minha mãe. Não respeitam mais. Falam palavrão. É um desrespeito. Mas, tem hora que eu não tenho nem como corrigir meus filhos diante dela porque eu vejo que o comportamento dela também está errado. É ... então eu não tento corrigir ... Procuro ficar distante. (Pausa)</li> </ul>	<p>Seus filhos têm dificuldades com a avó?</p>
<p>Você considera difícil separar as questões do casal, das questões de educação do filho adolescente? (12)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não, eu mais o Eduardo até que a gente se entende. Nós dois nos entendemos. Agora, atualmente, principalmente agora, sinto que o comportamento do Eduardo está muito agressivo, eu não sei porque existem dois fatos negativos para ele. Aposentou. fica em casa percebendo tudo, dia e noite, porque ele é muito caseiro. E segundo, ele está com diabetes. O fato dele estar aposentado, em casa e a própria doença põe ele mais agressivo. Se bem que toda a vida ele teve um (ri) um tique nervoso. Mas, ele tentava contornar, se equilibrar, mas atualmente, não. Ele bate porta, quer bater nos filhos com um pau (ri).</li> </ul>	<p>Como você reage?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Olha, eu não sou de interferir muito. fico de lado. Mas, quando eu percebo que pode acontecer uma tragédia, eu interfiro. Às vezes, eu penso: gente eu estou tirando a autoridade dele, mas, como é que eu vou deixar? Não é só ele que erra . O Eduardo também. Chamou ele de "fio da puta" (ri). Nessa hora eu interfiro; eu vou deixar?!</li> </ul>	

CATEGORIA III:

DIÁLOGO PAIS-FILHOS - QUESTÕES 4,6 E 7

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Como você percebe o diálogo entre você e seus filhos adolescentes (4)?</p>	<p>Sandra</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Olha, eu acho bom, não sei com relação aos outros. Entre nós há uma certa cumplicidade. Tem hora que a gente discute, a gente fala; mas, eu noto que, quando eles tem alguma coisa, eles procuram a mim. Aí, a gente entra pro quarto, fecha a porta e mantém uma certa reserva.</li> <li>• Sim. Os dois.</li> <li>• Olha, com minha filha a gente fala abertamente, tudo. O menino, também, mas eu noto na questão de sexo, ele fica inibido. As vezes, conversa comigo, a gente precisava consultar um médico. Determinadas informações, ele acha que é mais seguro, se ouvir de um profissional.</li> </ul>	<p>Tanto o filho quanto a filha?</p>
<p>Quais os assuntos você imagina que seu filho(a) tem mais dificuldade em falar com os pais? (7)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tudo bem. Conforme alguma coisa, eu marco. Chego no consultório, pergunto se quer que eu entre ou fique fora. Às vezes, espero de fora. Às vezes, ele fala: "dá um tempo". Procuo respeitar. Desde pequenos, respeito as decisões deles. Por exemplo, eu nunca joguei um brinquedo fora, nunca dei, por estragado que fosse, ou joguei fora, nunca dei para os outros, sem consultá-los. Sempre perguntei: "Vamos dar para uma creche?" Aí, eles mesmos faziam a seleção, gritando, quero. Agora isso também eu cobro deles. Quando avançam o sinal, pegam minhas coisas sem me consultar, eu cobro. "Eu respeito vocês, também quero respeito."</li> </ul>	<p>O que você diz?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Quais os assuntos você imagina que seu filho(a) tem mais dificuldade em falar com os pais? (7)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• O ano passado eu recebi um afilhado (17 anos) para estudar. Meu filho começou a andar com ele e os meninos mais velhos. Aí, eu notei que ele deu um salto, sabe. Os amigos com quem normalmente ele andava, deixou de se interessar, inclusive os da escola, da mesma faixa etária. Então, ele passou a se interessar mais por essa turma de 17 anos. Meu afilhado ficou 1 ano e voltou para casa, mas o menino não voltou aos hábitos antigos. Continua com os mesmos amigos. É uma coisa que eu me preocupo. Descobri que meu filho está fumando.</li> </ul>	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cigarro até onde eu soube era cigarro. Aí, eu ... ele gosta muito de conversar comigo principalmente à noite. A gente entrou para o quarto e conversamos. Quando eu fumava ele dizia que fazia mal. Fui retomando aquele diálogo. "Você sabe todos os malefícios do fumo, é mais jovem." Ele me disse que deixou. Outra coisa é a bebida.</li> <li>• Quando estava andando com meu afilhado, ele bebeu. Conversei com ele. Nunca mais bebeu, mas é uma coisa que preocupa. Ele está saindo, andando com jovens mais velhos. Isso me preocupa. Outra coisa que eu fico preocupada. Eu tive uma educação que minha mãe desconfiava muito de mim.</li> </ul>	<p>Cigarro?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Isso me deixava louca da vida. Quando eu dizia uma coisa para ela, não acreditava em mim e ia atrás. Odeio fiscalizar. Então, eu procuro não fazer isso com ele. Quando ele percebe qualquer coisa nesse sentido, fica chateado. Tenho a preocupação de não cortar o vínculo de amizade com meus filhos, para eles poderem chegar em mim, expor alguma coisa. Senão, eu acho que eu perco a vez e fica só o laço normal.</li> <li>• Olha, em determinada situação eu não sei. Tenho a impressão que tem alguma coisa que ele possa sentir, porque ele é mais fechado. Conversa comigo mais coisa de política. Coisas de namorada, ele não fala. Por exemplo, ele às vezes, a amiguinha entra no quarto, minha mãe não aceita esse tipo de coisas. Fica falando. Ele fica muito bravo. Sento com ele, "meu filho o que está havendo?" "Isso é paranóia de minha avó!"</li> </ul>	<p>Tem assuntos que ele tem muita dificuldade em falar com você?</p>
<p>Como você percebe o diálogo entre você e seus filhos adolescentes (4)?</p>	<p>Emília</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Melhorou muito.</li> </ul>	<p>A partir de que?</p>



Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Parece que ela acredita que depois que a gente começou a conversar... Depois da conversa que a gente teve, eu perguntei o que precisava mudar. Ela disse: "ah, tá tudo bem. Gosto de você desse jeito." "A gente vê que não é tão honesta. Agora, depois perguntei na cama (ela dorme comigo)". Tá tudo bem. Gosto de você desse jeito." É só parar com essa implicância com o meu cabelo. Parando de implicar o resto está tudo bem."</li> <li>• Ela tem o cabelo comprido e não aceita cortar. Agora, que eu parei de falar para cortar, ela quer cortar. O pai prefere que não corte, eu prefiro que corte, porque assim não dá conta de cuidar direito. Ela fica com aquela cabeleira solta. Toda hora que eu chego perto, mando ela amarrar o cabelo. Agora ela diz que quer cortar o cabelo, igual ao cabelo do Bagio. Agora é muito cedo para essas coisas de modismo. Depois, digo, até acho que tem o direito, mas quando tiver certeza do que está querendo. Assim, como mudar o estilo da roupa. É muito cedo. Ai, ela começa a xingar. Não vou repetir. Agora ela concordou.</li> <li>• Já foi melhor. Antes, achava que ele era um Deus. Agora, parece que ela não tem aquela confiança.</li> </ul>	<p>Como é essa implicância com o cabelo dela?</p> <p>E o diálogo com o pai?</p> <p>Por que?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Existe assuntos difíceis de conversar com seus filhos adolescentes? Quais? (6)</p> <p>Quais os assuntos você imagina que seu filho(a) tem mais dificuldade em falar com os pais? (7)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Porque parece que antes era muito seguro. Agora, parece que está percebendo, ele é muito liberal. Quando vem, cuida de todo mundo; é raro sair só com meus filhos. Acho que ela não tem sentido tanta segurança. Vou ter que respeitar o que ele fala, mas vai ter que ser mais do meu jeito. Se lá é melhor, se acha que há liberdade. Só que eu quero que vá e não volte. Agora, ela não fala mais. Gosta muito de passar as férias.</li> <li>• O que eu acho mais difícil é a questão da sexualidade mesmo. As outras coisas mesmo que não fique muito claro, não é tão difícil. Não acho tão difícil.</li> <li>• Eu não sei. Eu nunca sei. Agora que eu despertei. Em relação ao pai deles. Eles falam muito, em relação ao que penso, nunca perguntaram. Nunca tocaram no assunto. Nunca falam de quando moravam lá'.</li> <li>• Não sei. Entre eles, eu tenho certeza que eles conversam</li> <li>• Porque um dia ele passou lá em casa e estava com uma mulher no carro. Eu estava deitada. Eles chegaram. Ele desceu do carro. Sinceramente eu nada tinha pensado. Estava deitada no sofá. Eles perguntaram: "está triste?" Eu disse: "não". Aí, ela disse: "não mexe com ela não, que ela viu meu pai com a mulher." Assim, deu para ver que eles conversam.</li> </ul>	
			<p>Será que eles conversam com alguém sobre você?</p> <p>Como você sabe?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Como você percebe o diálogo entre você e seus filhos adolescentes? (4)</p>	<p>Eduardo</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acho que eu ... parece que eu deveria encaminhar esse diálogo. Parece que eu estou falhando aí, eu não sei. Porque a gente começa a dialogar, passa um pouquinho, começa a criticar, não é ... Vem as comparações, está discutindo. E não é isso que eu queria.</li> <li>• Entre os filhos, entre os irmãos.</li> <li>• Os assuntos ... os assuntos, agora mesmo. Os assuntos giram em torno de educação, escola, educação sexual. Essas coisas a gente se preocupa, porque não estão aprendendo dentro de casa. Talvez eles tenha mais acesso à mãe do que a mim.</li> <li>• Não sei. Talvez pelo fato de ser médica.</li> </ul>	<p>As comparações entre os filhos, surgem muito?</p>
<p>Existe assuntos difíceis de conversar com seus filhos adolescentes? Quais? (6)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Olha ... parece que não tem assunto difícil. O assunto que tenho dificuldade é esse (sexo). Religião também, porque eles não querem. Eu acho que a parte sexual eles têm dificuldades de conversar comigo, porque todo jeito que a gente aborda, ele sai fora. Porque eu não sei. Virou um tabu dentro de casa. Não era assim. A gente tomava banho até os 8 anos juntos. Aprendi a conviver, de forma natural. A questão da religião. A mãe acha que tem que acompanhar mais de perto a Igreja. Como eu tenho uma formação evangélica e ela é extremamente católica... A gente ... talvez esses conflitos.</li> <li>• É, de formação evangélica. Agora, não estou sendo nada.</li> </ul>	<p>Por quê?</p>
<p>Quais os assuntos você imagina que seu filho(a) tem mais dificuldade em falar com os pais? (7)</p>			<p>Você é evangélico?</p> <p>E os filhos?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Antes, aceitei que a mãe encaminhasse. Fizeram a 1ª comunhão. O mais velho vai à missa. O do meio, não. Falei que próximo domingo, nós temos que ir com ela. Não sei se é bom isso</li> </ul>	
<p>Como você percebe o diálogo entre você e seus filhos adolescentes? (4)</p> <p>Existe assuntos difíceis de conversar com seus filhos adolescentes? Quais? (6)</p> <p>Quais os assuntos você imagina que seu filho(a) tem mais dificuldade em falar com os pais? (7)</p>	<p>Oflíia</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bom, vou explicar, esse tipo de conversa, assim, natural; isso aí não tem problemas. Mas acontece assim, quando é um assunto que a gente vai ... uma coisa errada. A gente não tem comunicação. Eu ainda tento explicar. Agora, meu esposo, já é mais severo. Dá mais problema é com meu esposo e o mais velho. Agora, com a outra, já é outro tipo de problema.</li> <li>• Já. Mas, não entrei em detalhes.</li> <li>• Não. Ele jamais participaria.</li> <li>• Prá mim não.</li> <li>• Sim.</li> <li>• Bom, comigo só a mais nova é que tem essa dificuldade. Agora, já meu esposo, não tem intimidade com certos tipos de assuntos.</li> <li>• Os problemas dela.</li> </ul>	<p>Você já falou com o marido sobre esse trabalho (grupo)?</p> <p>Já pensou em convidá-lo?</p> <p>Qualquer assunto você conversa?</p>
			<p>Quando você falou a mais nova tem dificuldade, qual o assunto que imagina, que ela tem dificuldade em falar com você?</p> <p>Que tipo de problema?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• As coisas que eu e meu esposo não concordamos que ela faz, ou já tem feito né. Também não sei se ela continua fazendo. Ela fez. Então, a gente fica de marcação por muito tempo. Agora, eu não sei se ela faz.</li> <li>• Observando, vigiando, cobrando. Pelo menos aparentemente, a gente não sabe se ela continua.</li> <li>• Sim. Há mais de um ano que agente não sabe nada.</li> <li>• De tudo. Castigo. Conversa. Meu marido bateu, cobrou. Bater, eu não. Não gosto, deste tipo de coisa. Tudo, tudo que a gente passou pela cabeça, a gente fez. Não sei se funcionou. Não sei se ela parou, porque é um tipo de coisa que só a pessoa pode saber. Para mim e meu esposo, ela não falou. Agora, para o irmão dela, ela contava tudo. Peço a irmã dela, a mais velha para conversar, investigar se ela ... eu não tenho conhecimento que ela fez mais nada não.</li> </ul>	<p>Como é essa marcação?</p> <p>Foi algo grave?</p> <p>Como reagiram?</p>
<p>Como você percebe o diálogo entre você e seus filhos adolescentes? (4)</p> <p>Existe assuntos difíceis de conversar com seus filhos adolescentes? Quais? (6)</p>	Thereza	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eu acho que nos temos diálogo, até de mais. A gente conversa muito. Agora, não com meu marido. O pai tem todo assensão sobre ele. O pai é novidade e eu, já estou desgastada.</li> <li>• Para mim, até hoje, não teve. Ele (filho) é que fala "não quero falar sobre isso." Por exemplo, sobre sexo. Teve uma época que teve interesse.</li> </ul>	Da sua parte?

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Quais os assuntos você imagina que seu filho(a) tem mais dificuldade em falar com os pais? (7)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Você, sabe que ele é adotado. Sobre a adoção, talvez. Sempre que eu toco nisso, me afeta. Eu me lembro, que ele não é meu filho. Eu falo quando precisa. Ele mesmo sabe disso, mas ... outro assunto é falar do desentendimento entre meu marido e eu, para não dar mais problema. Ele é muito inseguro, isso para mim é muito pesado, porque ele já perdeu os pais.</li> <li>• Sim. Conhece a mãe, mas não quer saber dela. Não sabe nada sobre o pai.</li> <li>• Olha, quando faz coisas erradas tenta esconder de mim. Eu sou muito presente, então, eu acabo descobrindo. Ai ele evita, fica escondendo. Até que chega uma hora, a gente aperta. Ele se dispõe a não fazer mais.</li> </ul>	<p>Ele sabe de sua história?</p>
<p>Como você percebe o diálogo entre você e seus filhos adolescentes? (4) Existe assuntos difíceis de conversar com seus filhos adolescentes? Quais? (6)</p>	<p>Aparecida</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ela fala o que ela pensa. Eu falo o que penso e aí a gente se entende.</li> <li>• Não. Até hoje, não. Geralmente vai aparecendo as coisas por etapa. Esses dias mesmo ela descobriu que eu engravidei antes de me casar. Ela disse: "mãe, se a senhora casou em setembro e eu nasci em fevereiro ..." Ela foi fazer as contas. "Conte esse negócio direito." Foi lá buscar a certidão. Ela pegou a minha e pegou a dela. Não achei necessidade de falar para ela. Chegou a hora, tudo bem. Falei. Foi até bom descobrir agora, não é problema.</li> </ul>	<p>Você tem alguma preocupação com isto?</p>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não, agora não. Antes eu tinha, quando ... bem a princípio. Vendo a minha vida, ela poderia querer justificar a dela. A senhora não fez isso? O que tem? Poderia dizer.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Quais os assuntos você imagina que seu filho(a) tem mais dificuldade em falar com os pais? (7)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não, ele não tem dificuldade. Percebi que ele é simplesmente fechado, nesta parte afetiva. Ele não se expunha. Mas, assim de orientar, ele fala para ela sobre namoro.</li> <li>• Bom, eu já percebi assim, que ela tem dificuldade de acusar nossas falhas. "As vezes, quero falar uma coisa, a senhora não vai gostar." Eu digo: "Você pode falar abertamente o que você está sentindo, qual é a nossa falha."</li> <li>• Eu creio que sim, creio que vai.</li> </ul>	<p>E seu marido, ele tem dificuldade com a filha?</p> <p>Você acha que depois disso ela irá ter mais abertura em conversar?</p>
<p>Como você percebe o diálogo entre você e seus filhos adolescentes? (4)</p>	<p>Jorge</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É ... não tem não. Uma porque eles não aceitam. O Pedro até fica calado quando eu estou falando. Mas, ele não me responde, se concordou ou não. Não há diálogo. Com a Fernanda, Também não há. Ela não aceita diálogo. Ela é muito esquentada. A Mariana ... ela, graças a Deus, ainda não tem esse problema. Dou uma boneca a ela e ela fica caladinha. Meu problema com ela é que não tem interesse. Não está interessada na escola.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Existe assuntos difíceis de conversar com seus filhos? Quais? (6)</p> <p>Quais assuntos você imagina que seu filho(a) tem mais dificuldade em falar com os pais? (7)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>Assunto difícil? Assunto difícil, chego até ficar magoado. É o vício, o cigarro. Ele também não trabalha. As vezes, pega dinheiro na minha carteira. Tenho dificuldade de falar com ele. Dá logo vontade de bater, de ir apelando logo. Muitas vezes, eu procuro não conversar.</li> <li>Eu acho que a maioria dos assuntos, eles acham difícil conversar comigo porque é ... igual falei, eu ainda escutei deles. Falei se precisarem de mim, poderia falar. Mas, isso não acontece. A minha menina Fernanda ... a gente conversa. Sou seu pai, ela não tem mãe aqui. Mas, ela não fala. Acha difícil, acho que tem medo que eu possa não aprovar. Falei para o Pedro se ele for reprovado, vai morar com a mãe. Ele depois disse que, prometia passar para não ir para a casa dela. A mãe disse: "se eles vierem para cá, porque não querem estudar, não vão estudar. Vão trabalhar. Arrumo um emprego de doméstica para Fernanda, que ela não tem condições de trabalhar noutra coisa, num serviço burocrático. Ou vai trabalhar na roça."</li> </ul>	
<p>Como você percebe o diálogo entre você e seus filhos adolescentes? (4)</p>	<p>Elizabeth</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Não, realmente não. Eu falo isso, mas não gostaria que eles saíssem de casa. Sinceramente eu não gostaria que eles fossem morar com a mãe.</li> <li>Nosso diálogo é bom. Eles contam as coisas que acontecem no colégio</li> </ul>	<p>Gostaria que isso realmente acontecesse?</p>



Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Existe assuntos difíceis de conversar com seus filhos? Quais? (6)</p> <p>Quais assuntos você imagina que seu filho(a) tem mais dificuldade em falar com os pais? (7)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Até agora, não. Quando fazem perguntas, geralmente fazem ao meu marido. Certo dia, minha filha perguntou ao pai a diferença entre hotel e motel.</li> <li>• Sabe que eu não sei ... Elas devem ter alguns.</li> </ul>	
<p>Como você percebe o diálogo entre você e seus filhos adolescentes?(4)</p> <p>Existe assuntos difíceis de conversar com seus filhos? Quais? (6)</p> <p>Quais assuntos você imagina que seu filho(a) tem mais dificuldade em falar com os pais? (7)</p>	Clara	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Meio difícil. todo mundo é calado. Preciso mandar o marido conversar. O temperamento dele é assim</li> <li>• Para mim, puxar assunto, sentar e conversar é difícil, qualquer assunto. Às vezes, a gente conversa um pouco na frente da TV ou quando eles querem ir em algum lugar.</li> <li>• Acho que eles não tem dificuldade de falar sobre os assuntos.</li> </ul>	
<p>Como você percebe o diálogo entre você e seus filhos adolescentes? (4)</p> <p>Existe assuntos difíceis de conversar com seus filhos? Quais? (6)</p> <p>Quais assuntos você imagina que seu filho(a) tem mais dificuldade em falar com os pais? (7)</p>	Madalena	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ah ... mau. Muito pouco. Sou nervosa demais. Perco a calma, falo o que não devia, o que não queria falar.</li> <li>• Não. Eu sempre converso tudo. Não sei especificar bem sobre drogas, mas, sobre outros assuntos a gente conversa numa boa.</li> <li>• Ah ... eu acho ... não se abrem de jeito nenhum comigo. Com o pai falam muito, até de mim. O pai era muito calmo. Quando vêem o pai ficam felizes, mudam, não enxergam mais ninguém. Fico feliz por eles.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Como você percebe o diálogo entre você e seus filhos adolescentes? (4)</p> <p>Existe assuntos difíceis de conversar com seus filhos? Quais? (6)</p> <p>Quais assuntos você imagina que seu filho(a) tem mais dificuldade em falar com os pais? (7)</p>	Francisca	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diálogo aberto</li> <li>• Também.</li> <li>• Não. A gente conversa qualquer coisa.</li> <li>• Eles preferem trocar idéias com o pai, no sentido de conhecimentos gerais porque o pai lê bastante.</li> <li>• Não tenho percebido nenhum.</li> </ul>	<p>Com seu marido também, diálogo aberto?</p> <p>Que assuntos poderiam ter dificuldades?</p>
<p>Como você percebe o diálogo entre você e seus filhos adolescentes? (4)</p>	Antônia	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Há diálogo. Às vezes, a gente entra e conversa. "Olha, você acha que está certo isso, você agindo dessa maneira?" Aí, eles concordam na hora, mas, continua sem obedecer. E aí, a gente começa aquela agonia (ri). Você quer que eles obedecam; eles, ao mesmo tempo fazem o oposto.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Existe assuntos difíceis de conversar com seus filhos? Quais? (6)</p> <p>Quais assuntos você imagina que seu filho(a) tem mais dificuldade em falar com os pais? (7)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Olha, com a Helena parece que o diálogo sempre foi mais fácil, sabe. A conversa entre eu e ela, mais espontânea. Agora com o Samuel ... Às vezes, a gente ... questão de normas, pontos que a gente acha que deveria obedecer. Aí não tinha diálogo, ele era radical. O Roberto também. Ele é assim, principalmente essas questões da adolescência. Começo a entrar na vida dele, vida sentimental. Aí ele não admite (ri). Às vezes, eu falo: "meu filho, e as namoradas?" Ele diz: "Ah, mãe. Não, mãe, deixa ..."</li> <li>• Sobre sexo. Mesmo com a abertura que eu dou eles, não se abrem.</li> <li>• Não. Inclusive tempos atrás, eu, com essa história de aids, eu peguei camisinhas e disse: "Ó meus filhos vocês estão ficando rapazinhos, às vezes, vocês querem transar . vou deixar no armário de cada um, na gaveta." "Oi mãe, que é isso? Deixa disso "A caminha sumiu, de lá para cá (ri). Não sei se pegaram por curiosidade, ou por uso mesmo.</li> <li>• Parece que eles tem abertura comigo.</li> </ul>	<p>O fato de ser médica ajudaria?</p> <p>Com o pai eles tem abertura?</p>

CATEGORIA IV :

EXPECTATIVAS SOBRE : - O FILHO ADOLESCENTE  
- DO FILHO SOBRE OS PAIS  
QUESTÕES 14 E 15

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>O que você espera de seu filho adolescente? (14)</p> <p>O que seu filho adolescente espera de vocês? (15)</p>	<p>Sandra</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A expectativa que eu tenho é que eles consigam ser pessoas independentes, que sigam a vida deles, que tenham uma carreira, que batalhe pela felicidade deles.</li> <li>• Olha, eu acho, isso é o que acho, que eles esperam que eu seja uma pessoa trabalhadora, enquanto eu tiver energia. Inclusive eles estão me dando a maior força para essa questão da advocacia; não querem eu dentro de casa. Querem que eu saia mais, me policiem até em relação a roupas. É a coisa mais engraçada.</li> </ul>	
<p>O que você espera de seu filho adolescente? (14)</p> <p>O que seu filho adolescente espera de vocês? (15)</p>	<p>Emília</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que eles saiam!</li> <li>• Que eles saiam da adolescência interior, tipo mexer com droga, sexualidade mesmo, assim como lidar com isso agora, para não deixar marcas para depois.</li> <li>• Ah ... o menino ainda fala: "quando eu crescer vou arrumar emprego." O que ele quer que eu faça não fica claro.</li> </ul>	<p>Como?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>O que você espera de seu filho adolescente? (14)</p>	<p>Eduardo</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ah, ... a esperança da gente é que eles modifiquem quando atingirem uma idade maior. Mas, tem hora que me preocupa porque não querem, estudar, não sabem fazer nada. O que vai ser, sem estudo? Aí vem a minha formação: eu trabalhava, era responsável. O mais velho tomou bomba duas vezes e o Roberto passou no ano passado porque me sentei com ele para estudar. Agora, esse ano está do mesmo jeito. Sábado, tudo começou porque peguei um caderno dele e vi que não fazia os exercícios. Não aceita isso, foi aí que começou a me xingar e corri atrás dele.</li> <li>Não sei. Francamente, não sei se espera que eu morra para ficar livre de mim. Eu falei uma vez, falei que iria sair de casa, viajar. Eles acharam foi bom.</li> </ul>	
<p>O que seu filho adolescente espera de vocês? (15)</p>	<p>Otília</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>É difícil ... ah, a gente sonhava uma coisa diferente para os filhos.</li> <li>Tudo. Principalmente trabalho, né. Queria arranjar um trabalho que a gente pudesse comprar as coisinhas, que nessa idade eles quer e que, eu e meu marido não pode dar.</li> <li>(Fala rápido) .Ah, isso eu não sei não. Cada um de vez em quando fala uma coisa. De concreto não tem nada não.</li> </ul>	<p>Sonhava diferente? O que?</p> <p>O que falam?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
que você espera de seu filho adolescente? (14)	Thereza	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sempre é ... de pedir as coisas que eles querem. A de 15 anos, a maioria das colegas de escola tá grávida, outras casada. Ela é uma das mais novas. Sempre surge assunto. Ela me conta, aquelas coisas, alguma coisa que quer.</li> </ul>	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eu espero que os valores que eu plantei, na hora das decisões, tudo o que eu plantei, prevaleça. Cuidei até da questão da alimentação. Em função da sua origem. Tentei dar tudo: esporte, alimentação para cercar de todos os sentidos, para que a questão intelectual, não seja a questão que vai impedir ele avançar. Tenho certeza que há potencial. Agora, é questionador, crítico. Ele foi muito sadio, só que hoje eu não consigo, hoje ele é gordo. Diz que o pai o aceita e não é preciso se preocupar. <i>Eu falo que não é assim, que ele precisa cuidar do corpo, fazer exercício, pelo menos não engordar mais. Ele come é nos vizinhos. O 1º refrigerante não foi comigo, a 1ª pizza. Só quer comer sanduíches, refrigerantes. Normalmente, coisas que eu não como, lá em casa. Ele diz: "você me deu demais quando eu era criança e engordei."</i></li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>O que seu filho adolescente espera de vocês? (15)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Bom, financeiramente ele conta comigo. Eu tenho a impressão de que, como mãe eu tenho a obrigação de sustentar ele, o que precisa. Ele sente que eu sou a pessoa que ele me procura, quando tem problemas. Não quer também que nós nos separemos. Eu sinto ... eu sinto muito que ele sabe quais são os meus valores, o que eu gosto. Uma coisa que eu observo é que, quando está falando com alguém ou escreve redação, ele põe as coisas que são valores para mim. Está interiorizado nele, os meus valores. Acho que ele espera essa segurança, apoio em todos os momentos.</b></li> </ul>	
<p>O que você espera de seu filho adolescente? (14)</p> <p>O que seu filho adolescente espera de vocês? (15)</p>	<p>Aparecida</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Uai ... que ela tenha uma profissão e que tenha um bom marido, quando for a hora. E que continue sendo uma boa filha.</b></li> <li>• <b>Eu acho assim ... que eu continue assim. Conversando. Continue sendo a amiga dela e que ela possa me encontrar quando ela tiver dificuldades. Que eu seja uma boa avó para os filhos. Ela gosta muito de crianças.</b></li> </ul>	
<p>O que você espera de seu filho adolescente? (14)</p> <p>O que seu filho adolescente espera de vocês? (15)</p>	<p>Jorge</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Espero que ... eles ainda ... é ... estejam em tempo de seguir um bom caminho. É ... deles evitar os problemas que podem causar um mau futuro, para eles.</b></li> <li>• <b>Eu acho (ri) que eles esperam que eu relaxe a minha vigilância e deixe eles mais à vontade. E deixe de ser chato. A questão é mais liberdade.</b></li> </ul>	



Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>O que você espera de seu filho adolescente? (14)</p> <p>O que seu filho adolescente espera de vocês? (15)</p>	<p>Elizabeth</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Espero que os filhos nunca desviem do caminho certo. Da Igreja</li> <li>• Acho, que a gente continue assim, sendo amigos.</li> </ul>	
<p>O que você espera de seu filho adolescente? (14)</p> <p>O que seu filho adolescente espera de vocês? (15)</p>	<p>Clara</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que cresçam do mesmo jeito, obedientes. Cresçam com a cabeça no lugar, sabendo separar as coisas boas. Acho que eles con-seguem.</li> <li>• Acho difícil responder. É muito difícil eles falarem. Às vezes, eles me comparam com a mãe de outros colegas.</li> </ul>	
<p>O que você espera de seu filho adolescente? (14)</p> <p>O que seu filho adolescente espera de vocês? (15)</p>	<p>Madalena</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Espero ... Não sei ... Quero tudo de bom para eles. Que eles tenham responsabilidade. Desejo tudo de bom.</li> <li>• Não sei ...</li> </ul>	
<p>O que você espera de seu filho adolescente? (14)</p> <p>O que seu filho adolescente espera de vocês? (15)</p>	<p>Francisca</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que tenham bastante juízo. Que tenham juízo, que eu e o pai possamos transmitir segurança, carinho até ... superar essa fase. Eu sei que é uma fase assim ... difícil, até se estabelecerem. Nossa intenção é que eles estudem.</li> <li>• (ri) Sabe, eu falo: "seu pai trabalha demais". Eles dizem que queriam que levassem para passear.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>O que você espera de seu filho adolescente? (14)</p>	<p>Antônia</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Olha, eu espero que eles dêem uma volta de 360° e comece tudo de novo de maneira correta (ri). Eu espero que isso aconteça por milagre de Deus. Eu rezo. Sou católica. Peço a Deus para que essa fase da adolescência ... às vezes, eu penso assim: por que eles não aprendem? Tanto que eu já falei. A gente até peca de falar tanto e eles não mudam um milímetro. Por que? Meus meninos são surdos? mudos? Não é possível, o tanto que eu já falei. Nós já falamos e eles não mudam, em nada. Mas, eu sei que a fase da adolescência é isso, de contradizer. Você fala de um jeito, eles preferem fazer do outro. Então, eu espero que posteriormente eles sintam que tem que mudar completamente de comportamento, para eles pegarem uma linha de conduta.</li> </ul>	
<p>O que seu filho adolescente espera de vocês? (15)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Olha, quanto a isso, eu acho que eles pensam que os pais são obrigados a dar tudo na mão, e que, toda a vida eles vão ter a gente como apoio. Eu tenho a impressão que eles não sentem que, futuramente, eles vão ter que agir por eles. Às vezes, eu até falo: "olha, meus filhos, vocês não vão me ter por toda a vida e vocês vão ter que assumir a autoridade e responsabilidade. Então, vocês tem que começar de agora, para depois assimir de uma vez por todas."</li> </ul>	<p>Como eles reagem a isso?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Indiferente. Às vezes, dizem, não. "Quando eu tiver 18 anos," principalmente Samuel, "ai é outra coisa." Com 18 agora ele já está. A conduta continua (ri) rebelde, preguiçoso, dependente demais. Acha que tem que dar tudo, roupa. Me vence, muitas vezes, pelo cansaço.</li> </ul>	

CATEGORIA V.

DEMANDA DOS PAIS - QUESTÃO 16

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>O que você espera alcançar neste grupo (grupo de pais) (16)</p>	<p>Sandra</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Olha, eu espero que a gente troque experiências e espero apoio exatamente para lidar com essas questões que a gente enfrenta com eles, na adolescência. A minha preocupação é exatamente que eu consiga manter a união entre os meus filhos e a família, né. Eu acho que os maiores problemas da adolescência vem exatamente pelo desajuste dentro de casa. A gente tem que aprender a lidar par não provocar essas coisas.</li> </ul>	
	<p>Emília</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pelo menos um pouco mais de segurança. Acho que isto ... (pausa) muitas angústias que não é exatamente a mesma, tipo de alienação, eu vejo que o limite não é só meu, que tenho os limites. Tem gente que tem o limite maior do que o meu e claro que essa pessoa tem pontos que tem muito mais facilidade. Acho que pelo menos vale para pensar muito.</li> <li>• Muito. Assim ... No sentido de que o problema não é só meu, tipo a questão de que o conflito não é só deles, é meu também.</li> </ul>	<p>Você já começou a se comparar? Isto tem lhe tranquilizado?</p> <p>Perceber isso lhe deu uma certa clareza ou deixou mais angustiada?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não, porque quando a coisa depende ... deixa angustiada porque o limite é meu mas, me dá mais autonomia para agir também. Porque é assim, não adianta querer que o fulano mude. A vida é dele, eu não tenho como impor. Agora, por outro lado, quando a mudança pode partir de mim, a coisa facilita. Claro que é um desafio maior, mas a possibilidade também é maior. A possibilidade, eu não digo, pelo menos a independência de poder fazer.</li> </ul>	
	Eduardo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Olha, esse trabalho de grupo é muito heterogêneo. Deve ser muito pouco centrado nas minhas necessidades, mas mesmo assim é bom. Até agora, eu falei mais do que ouvi. Quem sabe a senhora pode fazer alguma coisa. Ouvir só, não resolve. Ouvir, meditar e concluir. É engraçado, na Universidade eu fui o conselheiro, o mais velho, respeitado, aquele cara comedido. Sou aquele cidadão que 8 a 10 funcionários, eu era quem ouvia, as coisas íntimas deles. Prá mim, eu não sei, como é que vou ajudar. Como é que vou aconselhar, se eu não estou conseguindo, eu mesmo, né. As vezes, eu me preocupo.</li> </ul>	<p>Gostaria de receber do grupo, conselhos, alternativas de atuação?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• É , não importa de quem seja. Na minha vivência profissional eu aprendi a ouvir o cara que fazia limpeza, então, o mais difícil é saber ouvir. Acho que é mais fácil eu me modificar do que eles, dentro de um certo limite. Eu sou aquele cara de cabeça dura. Toda a vida eu fui. Acho que aquilo faz parte da vida profissional. Ouvir e a maioria das vezes, senti que a gente está errado e ... eu tenho pré-disposição para isso. A gente tem que se ... sentir no máximo igual aos outros no grupo. Estar sensível.</li> </ul>	
	Otília	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Um meio de entender mais meus filhos.</li> </ul>	
	Thereza	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Olha, eu sou uma pessoa que tem muito problema. Fui para o grupo na esperança de ajuda para compreendê-lo melhor e ajudar a passar essa fase - a adolescência. Compreender melhor para poder ajudá-lo. Encontrar uma orientação para poder ajudar meu filho.</li> </ul>	
	Aparecida	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma melhoria, mais orientação. Há muita coisa que a gente não sabe, acha que sabe.</li> <li>• Não.</li> <li>• Sim. Gostaria que as coisas continuem melhorando. O relacionamento dela com o pai e com os irmãos. O relacionamento com minha mãe era diferente, a gente não conversava, mesmo ela dando afeto. Eu sei que passava as coisas para ela, quando era adolescente.</li> </ul>	<p>O marido teria condições de vir?</p> <p>Você participando, vai passar as coisas para ele?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
	Jorge	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Espero aprender alguma coisa, algum outro comportamento para mim, que possa passar para meus filhos um comportamento, que, às vezes, <i>ainda não consegui ter para com eles</i>, sem prejudica-los, sem me prejudicar. Aceitar mais esse tipo de comportamento que eu não soube passar para eles.</li> </ul>	
	Elizabeth	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tem coisa que tem servido para mim. Acho que posso aprender a mudar alguma coisa em casa.</li> </ul>	
	Clara	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma informação melhor sobre o adolescente. Muita coisa a gente acha que sabe e não sabe. Pensa que faz uma coisa certa. Dá prá gente aprender. Ver o lado bom e ruim do outro.</li> </ul>	
	Madalena	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Espero aprender a lidar, a compreender mais os filhos.</li> </ul>	
	Francisca	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ah, já está acontecendo, coisas boas. troca de idéias.</li> <li>• Muito. Antes eu pensava que acontecia só lá em casa, filhos adolescentes. Conversando a gente se entende.</li> </ul>	Tem aproveitado?
	Antônia	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Olha, eu acho que tudo isso depende da gente. Queria depois ter uma conclusão individual de você. Você diz o que pode analisar, eu suponho. Eu com o Eduardo</li> </ul>	



Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Repensar, né!</li> <li>• Acho que um ponto negativo no nosso relacionamento é a idade.</li> <li>• É, porque eu e o Eduardo estamos na faixa dos cinquenta e tantos, e os filhos adolescentes. Nós fomos criados numa geração autoritária. Você tinha que obedecer, pronto, acabou. Não tinha aquele diálogo entre pai e filho, antigamente. Não trazemos isso. Fica em nós um conflito entre os pais e os adolescentes (ri). Eu já estou com 50 e tanto e com filho de 15 anos (ri). É muita coisa!</li> </ul>	<p>Estou ouvindo os filhos. Está sendo muito interessante. Há uma proposta de juntar, lá na frente, os pais e os filhos. Agora estou interessada em verificar em que medida o próprio grupo pode levar os pais a pensar diferente.</p> <p>As relações são cheias de contradições, muitas vezes, conflitos.</p> <p>Você coloca como um fator?</p>

CATEGORIA VI:

LIMITES/REGRAS - QUESTÕES 5 E 13

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família ? (5)</p>	<p>Sandra</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Olha, eu tenho trabalhado meus filhos para serem responsáveis. Eles têm que brincar. O divertimento faz parte da vida das pessoas, mas eles não podem descuidar dessa parte. Por exemplo é ... no domingo, fim de semana. Divirtam-se, mas tem que ter um horário mais cedo para dormir, porque na 2ª feira, comecem as aulas. Começa uma série de coisas. Eu procuro estabelecer amizade com os amigos deles para trazê-los para dentro de casa, para que eu possa conhecê-los. E aos poucos poder fazer uma seleção, sem que percebam muito.</li> <li>• Olha, normalmente eu estabeleço. Agora tem um problema que é muito sério que me chateia, que é a intervenção dos outros.</li> <li>• A tia, a avó e a empregada.</li> <li>• Quando eles eram pequenos a gente morava em Brasília. Lá, eu lecionava direito constitucional, na época da constituinte. Como a gente falava muito nisso, eles pediram que se fizesse reuniões, assembleias, em casa. A gente fazia. Havia a empregada também. Os dois e eu ficávamos na mesa e a gente dizia o que estava desagradoando e como a gente podia melhorar. Funcionava bem, sabe.</li> </ul>	<p>Quem estabelece as regras?</p> <p>Quem são os outros?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• A coisa ia bem por um certo tempo. Todos se lembram com saudade desse período. Depois que nós viemos para cá, eu não consegui, só consegui uma vez só. Foi muito desgastante. A minha mãe está numa fase, que tudo está muito fixo nela. Sabe, ela não aceita esse tipo de diálogo. Acha que é desrespeito, que é ingratitude, que é desobediência, que é uma série de coisas. Para eu fazer sem a presença dela, aí ela vai se sentir discriminada porque está velha.</li> <li>• Procuo passar para eles que a época dela é outra, que a gente deve ter carinho para não entrar em atrito. Adolescente nem sempre tem paciência, nem sempre compreende. Ela acha que esse tipo de reunião é besteira. Minha irmã também acha isso. Mas, eu sentia que eles assumiam aquele compromisso, eles se sentiam responsáveis pelas decisões que a gente tomava.</li> <li>• É, era melhor. Agora eu não sei se entrando na adolescência as coisas vão complicar.</li> </ul>	<p>Embora fossem menores</p> <p>Voltando à questão das regras, quem as transgride?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acho que todo mundo. Tem uma coisa que eu acho interessante, pelo menos as mães comentam comigo. Eles transgridem, quando percebem que transgridem, me procuram para pedir desculpa, usando o linguajar deles. Às vezes, tenho que conversar, como é o caso da menina que acha que deve ter direitos iguais. Por que ela não pode fazer as mesmas coisas que o irmão faz? Andar sozinha de ônibus. Às vezes, eu tenho que sentar, contar exemplos. O ponto principal para estabelecer as regras é pode existir, para todas as pessoas dentro de casa. Por exemplo, meu filho, de 14 anos, ele acha que é um absurdo eu não deixar dirigir. Os vizinhos entregam o carro para os filhos da mesma idade. Por que é que eu trato diferente? Se comparam com os outros. Os outros podem, por que ele não? Tem tempo para bem diferente um do outro.</li> <li>• Este é um ponto que eu não soube lidar. Sempre trabalhei o dia todo. A empregada não deixa quase ninguém ir para a cozinha. Eu ponho cada um para cuidar do quarto. Queria que meu filho tomasse conta do carro, lavar, encerar, mas ele nunca tem tempo. É aquela história de preguiça. Não sei como tirar isso, lidar ... superar essa coisa. Ele é mais parado. A menina, não. Além de cuidar do quarto, está na fase de fazer tortas. Ah erra, joga fora, começa tudo de novo. E eu tentando fazer a cabeça da empregada para deixar ela arrumar a cozinha, deixar as coisas no lugar.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família ? (5)</p>	<p>Emília</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Antes eu era do tipo “não faz isso”. Desde o ano passado que eu não tenho mais ninguém lá em casa. Antes a gente pagava alguém para ficar com eles. Mas, não estava obedecendo. Por último, era uma senhora, eles ficavam na rua. Aí eu disse, a parti de agora, a gente não vai arrumar ninguém. Também porque se vocês tiverem menos tempo, não vai sobrar para fazer o que não deve.</li> <li>• Sim. Antes de dispensar eu falei, ou vai assumir a responsabilidade de ficar dentro de casa, de fazer o que tem de fazer. A coisa continuou do mesmo jeito. Não pago mais ninguém e eles trabalham. Faço a comida e eles fazem o resto, também o sobrinho que está lá.</li> <li>• É. Mas, eles acabam falando.</li> <li>• Geralmente acato.</li> <li>• Ela.</li> <li>• Ultimamente, até com violência. Tem hora que muita coisa que ela faz... Tem coisa que sei que não ela tem necessidade de fazer, e ela faz e nessa hora, eu falo demais. Tenho tentado controlar. Eu sei que tenho que mudar muito. Sei que tem que ter uma mudança. Tenho melhorado, mas sei que precisa muito ainda.</li> </ul>	<p>Isso foi conversado com eles?</p> <p>Você é que estabelece?</p> <p>Você acata?</p> <p>Quem transgride as regras então?</p> <p>Como reage?</p> <p>Então há dificuldade de estabelecer regras?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Por um lado ela tem muita certeza do que ela quer. É uma qualidade muito grande, mas ... assim, é a coisa que mais dificulta.</li> <li>• É. Muitas vezes, a coisa não é tão importante, mas ela quer provar que vai fazer.</li> <li>• É, mais ou menos. Mais ou menos não. É só. Ela bate nos meninos. Se eu bater neles, ela toma as dores.</li> <li>• Há distribuição. Ela faz o almoço. O resto do serviço eles dividem. Aí, deixo com eles, do jeito que eles acharem melhor. A critério deles. O pequeno também resolveu que também vai ajudar.</li> <li>• Dá . Às vezes, dá alguma confusão "hoje eu não quero lavar". Aí, quem estava querendo ser beneficiado acaba percebendo.</li> </ul>	<p>A certeza dela é que traz dificuldade?</p> <p>Disputa de poder?</p> <p>Dá certo a divisão deles?</p>
<p>Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família ? (5)</p>	<p>Eduardo</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• . Assim ... como ?</li> <li>• Olha, a mais rígida é a minha esposa. Eu sou mais organizado do que ela, mas ... ela é mais rígida em questão de guardar roupa, organização, higiene. E eu não sou tanto. Agora mesmo, o filho está com meu sapato e meu cinto, sem pedir. Eu apelo, xingo, mas ... depois vou lá e pego.</li> </ul>	<p>Dentro de uma casa existem normas, regras, como são estabelecidas?</p> <p>Qual a participação dos filhos no estabelecimento das normas?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eu não sei quais são as normas deles. Eles contestam tudo. O último diálogo de sábado com a mãe, até sair, disse que eu sou tirano. A gente proíbe. Isso foi o reflexo do ano passado que ele estava envolvido ... quando nós fomos liberando ele. Quando vimos, ele estava envolvido com estes Heavy Metal. Quando nós quizemos resgatá-lo foi um trabalho imenso. E aí tivemos bastante conflito. A mãe guardou a roupa dele, eu peguei os discos dele, como forma de castigar, sem bater. Mas, então... Há esse conflito e a gente acha que ele ainda não participa. À noite já está obedecendo horário. Outra vez, nós observamos com quem ele andava. Andava com um professor homossexual, além de adético. Aí vem a preocupação. Menino de 15 anos com um cara de 40 anos das artes plásticas. Fui lá para a praça. Falei com o policial: "o que eu faço?". Ele disse: "Você não pode espancar aqui. Está sujeito a enfrentar o bando, que é violento". Fui lá e tirei</li> <li>• Reunião na Praça Universitária. Tirei ele meio à força, ninguém fez nada. Daí em diante, não deixamos mais sair. Ele transgride. A gente é tolerante mas, num certo ponto. Eu achei interessante atitude de minha esposa. Ela é mais apegada, abnegada, mais acessível. Ela chegou no ano passado a um ponto que falou para ele, ou mudava de jeito ou saía de casa.</li> </ul>	<p>Qual era o evento?</p>



Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ele estava disposto a deixá-lo sair de casa. fiquei admirado da coragem dela, da renúncia dela . A mesma coisa foi o sábado agora. Ela falou "se não melhorar eu vou ter que sair de casa, vou para o interior. tenho umas propostas no interior". Outro desafio. A gente fica assim. Não sei como os outros pais agem. O mais velho é mais acessível, mas não quer estudar. Diz que não estuda porque eu fico em cima, pego no pé. A moça obedece. Se eu falar que ela não vai sair, ela não sai.</li> <li>• As dificuldades são os costumes da gente. O jeito que a gente foi criado e a gente quer criar os filhos, e às vezes, alguns exemplos que vem de fora.</li> <li>• Ainda bem que nós sempre obedecemos. Depois que alguém fala alguma coisa, mesmo sabendo que está errado, a gente no momento, obedece, respeita. A gente chegou à conclusão que não pode ir contra o outro, na frente deles. Pensamos em bloco, nós dois, mesmo que a gente tenha idéias diferentes.</li> </ul>	<p>Quais as dificuldades em estabelecer as regras?</p> <p>Como o casal se organiza para definir essas regras?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ora, eu tive esse período em que trabalhava. As minhas atribuições eram muito poucas. Ficava quase tudo, quase tudo por conta da minha esposa. Agora que eu me aposentei, que eu quero assumir as coisas, às vezes, ela não deixa. Aí onde está dando um certo conflito. Também está aparecendo a minha figura na educação dos filhos. Isso é de 93 para cá. Não sei até onde eu vou, até onde eu tenho que exigir.</li> </ul>	
<p>Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família ? (5)</p>	<p>Otília</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cada tipo de situação tem sua regra, né. Cada um ... tem coisas que não concordo.</li> <li>• Tipo assim ... a minha filha de 15 anos queria ir numa festa em Nerópolis, com um casal vizinho, de confiança. O pai não deixou porque é norma lá em casa, ela não sair. Eu não concordo. Ela já está na idade de se divertir. Eu já fui moça, também muito presa, tenho revolta com isso. Eu não concordo com isso. Eu sei que isso também pode trazer problema mais tarde.</li> <li>• Não. Só coisas simples. A mais nova não aceita. Quem briga mesmo é ela.</li> <li>• Porque não concorda.</li> <li>• Sempre quando um fala, fala sem pensar. Aí depois, se discorda ou não. Não quero tirar a autoridade dele. Falo, mas não na frente dos filhos.</li> </ul>	<p>Que tipo de coisa?</p> <p>Os filhos participam?</p> <p>Por que?</p> <p>Como o casal se organiza para estabelecer essas regras? Vocês conversam? antes ou na hora, começam a falar?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• A gente não tem nada estabelecido. Eles fazem o que quer. Só o de 15 ajuda.</li> <li>• O mais velho não obedece, está numa idade que não obedece mesmo. Também não tem serviço prá ele, numa casa de setor pobre. Não tem serviço mesmo para três. A de 15 é que ajuda, vai para a feira comigo. No começo ela não ia, ficava fazendo almoço. Ela ficava torcendo para o pai ficar de plantão.</li> <li>• Deixava, eu é que pedia prá ela ficar fazendo o almoço.</li> </ul>	<p>Por que?</p> <p>Ele não deixava ela ir com você para a feira?</p>
<p>Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família ? (5)</p>	<p>Thereza</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Olha nós temos casa aqui e lá. Lá, quem manda é meu marido e aqui, quem manda sou eu. Ele tem um esquema de vida, eu tenho outro. Agora, aqui nós estamos tendo muito atrito, porque há mais de 20 anos que meu marido fica prá lá. O Bruno foi criado, praticamente, sem ele. Agora, está aí direto, está havendo muito atrito, ele está se ressentindo disso. Eu não quero abrir mão de meus valores, daquilo que eu acho importante, como educadora. Ele acha que não deve ser assim. Por exemplo: o menino ir para a Igreja. Agora, ele não vai. O pai fala: "ele já tem 12 anos. Vai para a Igreja se quiser." Eu não acho que deve ser assim, acho que a gente deve orientar. Quem estabelece as regras, os limites sou eu.</li> </ul>	<p>Ele tem alguma participação no estabelecimento de normas, regras?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sim. Atualmente tem. Sempre sentei com ele, para entrar num acordo. A gente conversa, tenta. Ele repete muito o que o pai fala. Diz que eu quero ditar tudo.</li> <li>• Sim. Quando ele transgride, a gente se senta e retorna, a gente conversa. Agora, está tudo no toma lá, dá cá. "Agora, não vou fazer isso para a senhora não fazer aquilo."</li> <li>• Olha, eu fiz uma coisa com meu filho. Acho que estou colhendo os frutos que plantei. Como educadora eu defini que eu queria um filho consciente, que participasse, que questionasse. Não queria um "Maria vai com as outras." Então eu eduquei desde pequeno, ensinando ele a questionar, a conversar. Eu nunca impunha as coisas. Tentava explicar: "você não pode pôr o pé no chão, fica doente." Ele hoje é um menino muito questionador. Tem um senso crítico. Critica demais as coisas, as pessoas, cobra coerência minha. Não posso ter um deslize. Na escola, questiona, não aceita a orientação fácil. Ele é convencido que é bom. O marido impôs a regra de que ele não era para mexer com drogas e não mexer na minha bolsa. Teve uma época que ele mexia.</li> <li>• Não. Ele começou a mexer na minha bolsa. Ficou com medo do pai. Ele obedece o pai, mas não tem certeza do afeto do pai. Quando o pai diz que vai embora ele fica inseguro.</li> </ul>	<p>Transgride as regras?</p> <p>As dificuldades estão ligadas a que, realmente?</p> <p>Ele cumpriu?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atualmente não existe distribuição. Eu que sou responsável por tudo. Tudo eu tenho que resolver.</li> <li>• Ele me tapeia. Cansei de cobrar; ele tinha que levar o cachorrinho lá embaixo no prédio, não fazia isso. Cansei, parei. Agora, eu tentei colocar um esquema, mas com o marido, não consigo. Ele me desautoriza. Ele diz que eu quero controlar a vida de todo mundo.</li> <li>• Porque ele não quer problemas. Não quer saber de nada. Diz: "se vire." Toda a vida eu fui muito dinâmica. Não quer nada que dê problemas para ele, então, vai acumulando para mim. Eu acho que ele tem ciúmes do menino. Diz que eu só penso no Bruno, quando eu vou cuidar dos problemas dele, diz: "Ah, eu tenho cinquenta e tantos anos e sei me virar. Me deixe em paz." Ele me afasta. Aqui, quem mantém a casa sou eu. Eu fui desenvolvendo; ele parou, estacionou e eu continuei.</li> </ul>	<p>O filho não participa nas tarefas?</p> <p>O marido desautoriza você. Por que?</p>
<p>Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família ? (5)</p>	<p>Aparecida</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ela (filha) gosta muito ... ela insiste muito. Acaba me convencendo. Então quase sempre eu deixo. Eu cedo e falo que vou falar com o pai dela. Normalmente eu cedo, mostrando os aspectos positivos. Geralmente ela pede para sair.</li> </ul>	<p>Quando você decide, ocorre seu marido falar que não está certo?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não sei porque razão, mas geralmente é difícil ele negar, discordar. Agora, uma coisa, que eu venho analisando a mim mesma. Parece que me achei. Parece que ia muito pela opinião dos filhos. Parece que eu me amedrontava. Falava não, eu ficava ... estou superando.</li> <li>• Minha Filha faz na medida que ela pode. Não tenho ninguém para me ajudar. Ela ajuda na arrumação da casa. Tenho reclamado porque ela deixa as coisas fora do lugar, quando vai para o colégio. Eu falo, ela deixa ... um dia deixou o material sobre a mesa, eu disse: "Olha, você deixou e vai ficar aí"</li> <li>• Se eu não pedir ela não faz. Parece que ela faz só o que mandar.</li> </ul>	<p>Ela ajuda quando quer?</p>
<p>Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família? (5)</p>	<p>Jorge</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É sempre eu que estabeleço as regras. Mas, não está valendo muito. Estabeleço tal hora para estudar. Mas, eu não fico em casa e eles não obedecem. Mas ... só obedece se eu estou em casa. Se falo e saio de casa, não adianta.</li> <li>• É ... o Pedro. Ele mudou muito de uns tempos para cá. Ele era um dos melhores meninos dos três. Mudou ... desde o ano passado. Esse ano ficou pior.</li> </ul>	<p>Quem transgride?</p> <p>Qual seria a causa?</p>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eu digo que são as más companhias, ambiente. Os bons colegas ele não procura. Está sempre aceitando convites dos maus colegas, tanto da escola como lá da rua, então atribuo a isso aí, a má companhia, influências ...</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estabeleço, mas não cumprem. A não ser que eu esteja presente. Me obedecem quando falo mais enérgico. Se eu sair, eles não fazem.</li> </ul>	
Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família ? (5)	Elizabeth	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Procuo por limites, como no caso da TV, quase não deixo ver, devido os tipo de filmes e às próprias atividades delas: aulas de arte, teclado, além de participar do coral. As regras são estabelecidas por mim e meu marido. Tem vez que a gente não concorda. Meu marido é bom demais com as meninas. Eles conversam muito.</li> <li>• Elas tem tarefas, mas não cumprem. O que eu faço é impedir de sair. Não adianta. Tem hora que deixo o quarto bagunçado até elas arrumarem.</li> </ul>	
Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família ? (5)	Clara	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bem, estabeleço as regras. Dependendo do momento, eles reclamam, mas aceitam. Quando falo firme, eles obedecem, por exemplo: o horário de ir dormir. Às vezes, eu sinto dificuldade em estabelecer os limites, tento impor de maneira mais firme. Acho que deveria ter estabelecido desde que eles eram pequenos.</li> </ul>	
Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nunca coloquei normas, tal dia ... tal hora. Prefiro fazer as coisas, pois então ficar nervosa. Quando é o momento oportuno para fazer tal coisa, aí eu falo.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família ? (5)	Madalena	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sempre sou eu que estabeleço as tarefas de casa. Devida as tarefas: banheiro, terreiro - o Júnior. O resto é das filhas. O Júnior é quem sempre desobedece. Os filhos não dão palpite nas regras da casa, nas normas.</li> <li>• Porque não.</li> <li>• Cada um tem suas tarefas.</li> </ul>	Por que?
Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)	Francisca	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É mais, sou eu. Presente o tempo todo. Eu sempre falo: "quando seu pai chegar, ele vai saber." Às vezes, eu sei que isso não é correto. Falo na presença dos três.</li> <li>• Às vezes, eu preciso falar antes com ele ( marido) para ele poder ser mais enérgico.</li> <li>• Às vezes.</li> <li>• Não, não, mas ele ... tem iniciativa dele também. Quando há um problema que não estou dando conta, peço ajuda prá ele. Quando eu falo, ele vai e reforça. Aí, eles vão ouvir melhor.</li> </ul>	<p>O que acontece?</p> <p>Ele consegue?</p> <p>Isso incomoda a ele, ver você agindo assim?</p>
Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família ? (5)		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Demais, principalmente a caçula. Ela sempre fala que a gente cria os meninos de uma maneira errada, porque põe ela mais para fazer as obrigações de casa, do que os meninos.</li> <li>• O do meio.</li> </ul>	<p>Os filhos participam do estabelecimento de normas?</p> <p>Quem transgride?</p> <p>Como?</p>



Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escondendo. Bom, sobre o colégio. Ele escondia as tarefas. Falava que não tinha tempo de brincar. Também os calçados ele escondia, prá não ter que lavar.</li> <li>• Ficava brava, né. Castigo, às vezes, um punção de orelhas.</li> <li>• É, tem fases. Igual quando nós compramos o vídeo-game. Foi difícil colocar regras. Mas, agora passou aquele entusiasmo que tinham.</li> <li>• Não, não. A gente programa, analisa, vê se está saindo do ritmo. Tenta seguir um método.</li> <li>• Fala, como? Serviços de casa?</li> </ul>	<p>Como você reagia?</p> <p>Você sente dificuldades em estabelecer as regras?</p> <p>Enquanto casal você estabelece regras? Ou vão acontecendo sem planejamento?</p> <p>E, em geral. Quem faz o que?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família ? (5)</p>	<p>Antônia</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Por exemplo encher moringa com água fria do filtro, isso compete ao Guilherme. Ele sempre mantém a geladeira com a água do filtro. Também a estante, a organização das revistas. Meu esposo tem coleção de geográfica e eles estão sempre olhando. Marcelo fica mais é com o quintal e a Ludmila, com a casa. Isso é mais final de semana. O pai trabalha de domingo à domingo. Gosta de chegar fazer suco, chamar as crianças, mostrar uma novidade que ele fez. Isso ele gosta.</li> <li>• . Ah (ri) são as mais variadas. Acho que é um dos pontos negativos lá em casa.</li> <li>• Desde pequenos, pelo fato de eu e meu esposo trabalharmos, essas regras foram divididas por muitas pessoas. Então, é ... eu vejo isso como um ponto negativo.</li> <li>• É ... empregada; a minha mãe que é uma pessoa muito difícil.</li> </ul>	
			<p>Como assim?</p> <p>Muitas pessoas, que pessoas?</p> <p>Ela mora com você há muito tempo?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Toda a vida. Olha, assim que eu me casei fui morar fora, já devido a conflito entre eu e minha mãe. Minha mãe tinha ficado viúva, meu pai falecera. Eu e ela, era difícil demais entrar num acordo. A única saída que eu encontrei foi alugar uma casa e eu me casar. A própria recepção ela não aceitava. Tinha perdido meu pai havia 6 meses, tudo que a gente propunha, não estava certo. Ela queria que meu casamento fosse simplesmente ... um casamento simples, entre eu, meu esposo e os padrinhos, lá na Igreja. E só. E chegasse em casa e pronto. Não ter uma recepção. Não ter nada. Minha mãe é muito inconstante. Ela é muito autoritária, é ao mesmo tempo, muito dependente. São duas coisas opostas. Ela nunca deixou de ser ... nunca me vê como uma pessoa, já com essa idade e com filhos com a idade que já estão. Ele se fez de vítima e isso para os filhos deve ter sido um ponto negativo.</li> <li>• Não, eles participaram não. Às vezes, a gente discutia assim, mas, às vezes, simplesmente, a gente era autoritário.</li> <li>• Ah ... é muito difícil quem. Parece que todo o mundo (ri)</li> <li>• Acho que a Helena, a filha mais velha.</li> </ul>	<p>Os filhos chegam a participar das regras, apesar da interferência da avó?</p> <p>Quem transgredia as regras?</p> <p>Quem tinha uma tendência a obedecer?</p> <p>Vocês tentaram enquanto casal se organizar para estabelecer as regras ou não tinha êxito devido a avó?</p>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não, a gente discutia. Nós dois sempre tínhamos diálogo. A gente sempre discutia, via os pontos negativos, mas, às vezes, a gente mesmo. Não conseguia manter (ri)</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• (Tosse)</li> <li>• Da situação e um pouco de minha mãe. Sempre indiretamente ela tava ali, vinculada (ri).</li> <li>• Olha, eu não sei. Eu acho que eu falhei muito. Se voltasse atrás, com essa experiência que eu tenho, eu teria outra conduta. Pelo fato de a gente ter sempre uma pessoa disponível para os meninos, quando pequenos, então não exigia dos filhos. Brincar, depois guardar os brinquedos. A roupa, tirar e depois guardar. Criança começa a educação nesse sentido, é de pequenino. Mas, eu não sei porque eu achava que, quando chegasse 10, 11 anos, eles por si mesmos, iriam sentir a responsabilidade da organização.</li> <li>• Mas, foi o contrário, eles <u>nunca</u> se acharam na responsabilidade de organização. Sempre desorganização. Não tem organização, disciplina. Atualmente, eu não consigo. O quarto deles sempre que você chega lá, é roupa no chão, coisas fora da gaveta. Isso gera um conflito mesmo. A mesma coisa com a alimentação. Quando pequenos o</li> </ul>	<p>Quando vocês não conseguiam, era em função das interferências da mãe, devido a vocês mesmos? Ou em função da própria situação?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eduardo falava : "Bem, você tem que dar comida na hora certa." E aí, "mãe me dê isso." Dava, ou eles mesmos pegavam, quando maiorzinhos. A gente... eu não sei, porque na minha casa, quando eu era pequena, minha mãe deixava. A gente ia lá, pegava. Principalmente, meu irmão. A gente não foi educado como deveria, ter um horário de alimentar. E isso eu não precepei. Isso é um ponto negativo. Falha minha. Eles não tem disciplina com a alimentação. Isso eu falhei (ri).</li> </ul>	

CATEGORIA VII:

PERCEÇÃO DOS PAIS SOBRE A ADOLESCÊNCIA - QUESTÃO 11

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Você acha que é difícil ser adolescente hoje? Em que? (11)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eu acho que os conflitos são muito grandes. Os conflitos e os confrontos, eu acho. Porque por exemplo: você dá uma orientação em casa, uma simples questão de manter o quarto arrumado, os hábitos à mesa, os hábitos de convivência. Aí, ele vê na TV aquela situação completamente diferente, então a gente ensina. Fica uma coisa muito babaca, muito desgastada. E determinadas coisas que agente, que eu tento passar para o meu filho, que é um rapaz. Eu digo para ele: “um rapaz pode ser viril, mas gentil e educado.” Aí ele acha que é coisa de romantismo. Mulher é muito romântica, diz ele. As questões de dirigir. O discurso é diferente na prática. Cobra a tolerância da gente. Agora, tem uma coisa que eu fico encabulada. A questão do grupo. Tem um grupo que é tão grande que, às vezes, saem em três carros. Os namorados não saem sozinhos. Acho engraçado. Eles trocam de namorados dentro do grupo. Hoje, estão com um, amanhã com outro, numa boa. Só que, de repente, teve um casal que parece estar mais sério. Aí ele viaja, a menina sai com outro rapaz, aí já é motivo de terminar. Outro dia, conversando com um rapaz, ele me explicou porque ela ficou. Ele disse: :Ah, tia, o negócio é assim. A gente é novo, não vai casar. Sabe, a gente fica.” Se fulana brigou não é porque ele gostava dela. Então é muito difícil, saber, o limite.</li> </ul>	<p>Seus filhos têm a mesma turma?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não, ele diz que, quando crescer ele levará a irmã. Ela não tem muitos amigos. Onde a gente mora só tem uma garotinha, os outros são mais novos e os meninos da idade dela são pequenos. Ela quer ir em "shows" eu não deixo.</li> <li>• Não no tamanho, só na idade. Quer fazer implante de seio. As colegas já menstruam. Já levei num ginecologista. Acho que ela é amadurecida, não sei se pelo fato da gente conversar. Acho ela bem mais amadurecida. No colégio, teve uma dificuldade de se enturmar. Conversando, ela me disse que as outras são maiores, todas já tem seios. Conversei com ela, joguei com outra cartada: "Se você está se sentindo inferiorizada, pense por outro lado, você já pensou que eles deveriam estar uma série mais adiantada que você, que você está ganhando delas? Jogue para esse outro lado" Aí, ela se acalmou. Ela é vaidosa! Ela é de uma determinação incrível, desde a concepção. Eu estava fazendo mestrado, não podia engravidar nunca. Nasceu antes da hora. Tem dois determinantes muito fortes: quando quer faz, e só faz quando quer. Outra coisa, desde o jardim é a dispersão. Esse motivo me levou a terapia.</li> </ul>	<p>Ela é pequena?</p>



Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
	Emília	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eu acho muito mais insegurança, nas coisas em que está fazendo. Há insegurança da gente também. Ao mesmo tempo que eu chamo ela de moça, chamo de criança. Muitas vezes falo: "Você sabe muito bem o sentido de um e de outro. Ser moça é ter maturidade para fazer as coisas. Outra coisa é você ser criança quando há coisa de adulto, por exemplo: jogar casca de fruta não chão. Ao mesmo tempo que quer ir para a festa sozinha."</li> </ul>	
	Eduardo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É difícil o seguinte: a maneira que eu fui adolescente e a maneira que eles são, não tem nada a ver. Eu comecei trabalhando aos 15 anos e era responsável pela casa. Meu pai largou a casa, passei a ser responsável pela casa e pelos irmãos menores. Não podia beber nem fumar, senão meu irmão iria aprender. Continuei não bebendo, não fumando. E chega até hoje, todo mundo bebe. Se algum deles bebe, eu chego junto e falo para parar. Parece que eu tenho aquela autoridade até hoje. Aconteceu que eles não obedecem, mas não respondem.</li> </ul>	
	Otilia	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É, né ... porque tá tudo difícil as coisas. Viver tá difícil. Trabalho, dinheiro. Aí de um modo geral, para eles também tá difícil.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
	Thereza	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Olha, acho que deve ser sim. Os valores estão mudando muito. As ofertas são muitas. Há muita agressão, violência. Não se tem muitas certezas. Antigamente você podia prevê o futuro. O futuro é uma incógnita, né. Sempre há muita cobrança do adolescente.</li> </ul>	
	Aparecida	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acho difícil. Talvez, mais difícil do que antes. Parece que tem coisas ruins para a pessoa envolver: drogas; coisas que parecem que aumentam de proporção. Droga, prostituição. Parece que está mais num liberalismo, não como era antes. A tendência é piorar.</li> <li>• Não, eu sinto que ela está orientada. Se houver qualquer deslize, qualquer coisa, ela pode contar com a gente.</li> </ul>	<p>Você se preocupa?</p>
	Jorge	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sei que para eles é difícil também. Pego no pé, não quero vê-los perdidos. Quero ver adquirir um futuro para eles, porque eu não vou está aí para sempre para cuidar deles. E o caminho do mundo é muito mais difícil, mais penoso. Eles gostariam de levar a vida como manda a televisão e a maioria dos coleguinhas deles vivem. Eu sei que para eles, está sendo difícil. Eles dizem que os outros me acham muito ignorante. Ficam comparando porque em relação à menina mulher. Fernanda tem muitas coleguinhas do colégio e vizinha dela, que na idade dela já tem filho. A maioria, os pais não está nem aí. Ela fala que eu encho o saco demais. Quero que pense no futuro.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
	Elizabeth	<ul style="list-style-type: none"> <li>Tava pensando ... acho que não tive adolescência. Não passei o que Érica está passando. Menstruei com 16 anos, Érica com 12. A rebeldia dela em não querer tomar banho ... Eu não tinha preguiça para estudar. Não sei se era porque eu tinha 11 irmãos, o pai era rígido. Acho que será pior quando Érica tiver 13 anos.</li> </ul>	
	Clara	<ul style="list-style-type: none"> <li>Acho que é difícil porque na época da gente, a gente era muito independente. Hoje, eles copiam os colegas. Antes, cada um pensava à sua maneira.</li> </ul>	
	Madalena	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ah ... eu acho que é, para eles também. Deve sofrer, não sabem o que quer.</li> </ul>	
	Francisca	<ul style="list-style-type: none"> <li>É muito difícil. É um perigo lá fora.</li> <li>A gente vê casos no setor. Colegas que pareciam amigos, de repente bate ... machuca. Inclusive aconteceu uns dias atrás, um atirou no outro. Está correndo perigo de vida. Nossa, eles estavam sempre conversando ...</li> </ul>	Em que consiste o perigo?
	Antônia	<ul style="list-style-type: none"> <li>É. Eu acho que sim, porque eu acho que os meios hoje é ... propiciam mais, favorece ao adolescente mais para o mundanismo do que para uma linha mais perfeita, para o perfeccionismo, a honestidade, tudo. Acho que a gente tem que ter um linha porque senão, baderna tudo. É mais difícil. Os meios de comunicação, é... O próprio colega, os colegas que, às vezes, ajuda a levam para um caminho não ideal, para o futuro.</li> </ul>	

**CATEGORIA VIII:**

**VIVÊNCIA NO PAPEL DE FILHO E NO PAPEL DE PAI DE ADOLESCENTE  
QUESTÕES 2 E 10**

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>No momento, como se sente sendo mãe/pai de adolescentes? (2)</p>	<p>Sandra</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apesar de toda a Psicologia da Educação que eu já li e outras coisas, é sempre complicado. A gente fica querendo acertar, quero ver como é que se conduz as coisas. Eu me preocupo muito com o garoto porque é o único homem nesta casa e o pai dele é uma pessoa que repara as outras pelo lado sexual. É homossexual ou heterossexual. É uma preocupação incrível. Então se der qualquer coisa errada com esse menino eu sou a única e exclusiva culpada. Principalmente porque a separação partiu de mim. Na realidade, a gente se uniu. Quando saiu o divórcio dele, aí eu não quis casar, permaneceu a mesma situação. Vi que não daria mais certo, preferi a separação. E é uma coisa que ele não se conforma até hoje, inclusive quando ele está com as crianças, diz que eu sou responsável pela separação. Hoje, as próprias crianças acham que eu devia mesmo parar, que é difícil a convivência. Mas, é uma coisa que fica. Ele tem dois filhos casados, um é delegado. Meu filho foi visitá-lo. Estava com o cabelo grande. Ele cortou o cabelo do menino na marra, levou na barbearia. Isso o irmão mais velho, que é padrinho. O resultado foi uma confusão muito grande. Meu filho ficou magoado, chateado com ele, não queria saber dele e quando chegou em casa, primeira coisa que fez foi ir numa farmácia, furar a orelha. Chegou em casa mostrando a orelha, com brinco e tudo. Era uma época que tinha uma festa de 15 anos na família, estavam reunidas várias pessoas.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>É difícil ser pai/mãe de adolescentes? Por-que?(10)</p>		<p>Ele quis fazer isso para mostrar que estava de cabelo curto, mas em compensação estava de orelha furada. Perguntou a mim: "o que você acha?" Eu disse: "se você tivesse estrutura para usar brinco, tudo bem. Eu não acho que seria o brinco que irá comprometer a sua virilidade". Se tivesse estrutura, tudo bem.</p> <p>Por mim não havia problema. Depois de uma semana, tirou o brinco e não usou mais.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Muito. É muito bom, também. Você vai vendo as conquistas, os projetos, os sonhos. Fazem inclusive projetos, projeções. E eu acho que ver esses sonhos também é muito estimulante.</li> </ul>	
<p>No momento, como se sente sendo mãe/pai de adolescentes? (2)</p>	Emília	<ul style="list-style-type: none"> <li>Muito confusa. Porque é assim: com o pequeno é a coisa de certa forma, a gente co-locando, não sei se é porque não questiona, é mais fácil. Agora, com os outros ... Eu sei que tem direitos, que é legítima a busca deles, mas por outro lado fico pensando, será que deve, será que pode. Tipo comprar alguma coisa perto de casa. Mas, de vez em quando, alguém bate.</li> <li>É difícil, mas é uma fase de crescimento grande. Uma balançada. A gente tem que voltar e tem que reavaliar toda hora, todo dia. Eu acho que a gente fala que ele está em crise, mas a crise é mais da gente.</li> </ul>	
<p>No momento, como se sente sendo mãe/pai de adolescentes? (2)</p>	Eduardo	<ul style="list-style-type: none"> <li>Meio perdido, ainda. Ainda vou aprender.</li> </ul>	
<p>É difícil ser pai/mãe de adolescentes? Por-que?(10)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>Estou sentindo que estou falhando.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ah, me preocupa muito. Eu tenho uma proposta de trabalhar. Talvez eu vou voltar. A universidade está me chamando, me contratar por tempo determinado. Só que não estou querendo mais. Certa vez, viajando daqui para Brasília, conversando com um professor, ele me disse: "Porque você está preocupado, então, em se aposentar e voltar a trabalhar? Você tem que ficar livre um pouco para pensar." Eu disse: "é mesmo." Achei bom. Achei que não ia suportar, porque diziam que, todo mundo que se aposentava, morria. Mas acontece que estou achando bom. Quanto mais o tempo vai passando, mais estou preguiçoso estou ficando.</li> <li>• Não, mas penso devido aos problemas que estou enfrentando em casa.</li> <li>• Eu ficava muito ausente. Quando eu trabalhava na universidade não tinha hora de chegar em casa. Toda vida fui caxias. Fui deixando tudo por conta da minha esposa. Cheguei a um ponto que não carrego talão de cheques. Ela assumiu tudo, paga as contas. Os filhos reclamam que eu vigio tudo. Antes eu deixava tudo para minha esposa.</li> </ul>	<p>Como fica esse sentimento?</p> <p>A idéia de voltar a trabalhar é constante"?</p> <p>Acha que melhoraria?</p>
<p>No momento, como se sente sendo mãe/pai de adolescentes? (2)</p>	<p>Otília</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mal. Tenho dois filhos na idade de trabalhar, não conseguem emprego.</li> </ul>	<p>Eles têm procurado?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>É difícil ser pai/mãe de adolescentes? Por-que?(10)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pelo menos onde empregam nesta faixa de trabalho, tem. Eu procuro. Acontece que o mais velho não tem estudo. A mais nova faz a 8ª série.</li> <li>• Eu acho que ser mãe é difícil, independente da idade. Ou então, eu é que fui uma negação como mãe.</li> <li>• Tô sendo, né.</li> <li>• Bom, no tempo de solteira eu tinha uma maneira totalmente diferente, de como eu ia criar os meus filhos.</li> <li>• Hi ... totalmente diferente.</li> <li>• Acho que depende dos filhos, do marido, de tudo.</li> <li>• Também tá difícil.</li> </ul>	<p>Foi?</p> <p>Você pensa que a mãe nunca pode falhar?</p> <p>Pensou uma coisa e está sendo outra?</p> <p>Você acha que depende de você, se não dá certo as coisas?</p> <p>E para o marido?</p>



Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>No momento, como se sente sendo mãe/pai de adolescentes? (2)</p>	<p>Thereza</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Olha, sinto assim. Muito preocupada, apreensiva, com a chegada da adolescência, porque ele é um menino difícil, né. Tem tido muitos problemas. É um menino rebelde, tem muitos grilos. Intelectualmente, inteligente, mas eu emocionalmente ele não acompanha a idade dele. Acho que ele ainda tem certa dependência. Às vezes, quando ele está muito chateado, até xixi na cama ele faz. Quando ele está com problemas ele descarrega. Ele tem ... é muito carente emocionalmente, talvez pelos problemas que nós temos em casa, marido e mulher. Eu acho que afeta ele, os problemas de nós dois, com relação à educação do menino. Choque de orientação</li> </ul>	
<p>É difícil ser pai/mãe de adolescentes? Porque? Porque?(10)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eu acho porque é um momento imprevisível. Por mais que você tenha a teoria como lhes são, cada um é um. É um jogo no escuro. Você não tem certeza realmente, como as coisas vão caminhar; como você vai contornar os problemas. A adolescência vira um “bicho de sete cabeças”; um bicho papão. Cada um fala uma coisa.</li> </ul>	
<p>No momento, como se sente sendo mãe/pai de adolescentes? (2) É difícil ser pai/mãe de adolescentes? Porque? Porque?(10)</p>	<p>Aparecida</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É um pouco difícil, mas tenho tentado melhorar.</li> <li>• Não, eu não tô tendo dificuldades com a Priscila. Talvez eu esteja tendo mais dificuldade com o meu filho pequeno. Eu sentia que parece que eu estava precisando de uma orientação, quando ele era menor. Mas, superei.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>No momento, como se sente sendo mãe/pai de adolescentes? (2)</p>	<p>Jorge</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma dificuldade, viu Célia. Uma dificuldade porque eu sou muito antigo ainda, minhas idéias em relação ao comportamento. Eu sempre fui ... não que eu esteja me gabando, sempre fui comportado na adolescência em relação aos professores, pais. Sempre me considerei um bom menino. E hoje, eu vejo, os meus meninos, o contrário do que eu era antes.</li> <li>• É, por exemplo: eu não consigo aceitar o sexo entre adolescentes, numa boa. Eu não consigo aceitar, não é porque tenho os meus filhos, não. Eu era solteiro, eu nunca aceitei. Nunca gostei de ver uma moça de mini-saia. Eu sempre gostei de ver uma moça bem vestida. Então, é por isso que eu não consigo aceitar essa mudança, porque ... é ... então, eu tenho problemas com relação á minha filha Fernanda, porque ela sente ... ela sente na carne o desejo. Afinal de contas, ... eu não consigo deixar. Inclusive ela teve umas notas ruins, aí devido a vários ... sentimentos.</li> <li>• É. Apaixonou, mas, escondido, sabe, Célia. Eu falei para ela não aceitar, isso não traz benefício nenhum. Mas, descobri que ela estava namorando escondido.</li> </ul>	<p>São muito diferentes de você?</p> <p>Paixão?</p> <p>E aí, o que aconteceu?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>É difícil ser pai/mãe de adolescentes? Por-que?(10)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• É, uai ... eu passei a entender. Não bati nela, nem deixei de castigo, mas, eu fiz ameaça até ... Se algum coisa grave acontecesse com ela, não aceitaria ela mais em casa. Porque ela não precisava disso. E quando ela quisesse namorar; se servisse para ela, eu deixava ela namorar, desde que fosse lá em casa, na minha presença. Ela disse que tinha os rapazes aqui, no colégio, não adiantava proibir. Eu disse que se namorava escondido, as mentiras são sempre descobertas. Mais cedo ou mais tarde. E se pinta alguma coisa ... é ... conversei, pode sair de minha casa. Eu não digo que eu faço isso, mas é um ameaça para que se intimide.</li>   <li>• Eu acho. Quando eu achava difícil quando eram pequeninos. doido que crescessem. Agora é pior. Agora eu tenho uma opinião. Sei que a maioria das pessoas não concordam. Já comentei, tive experiência de reuniões no CIMPI por causa de Mariana, e aqui também. Eu percebi que cada ... o comportamento de cada criança depende do ambiente dela. A maioria não concordam não. Se meus filhos fossem criados num ambiente melhor, numa classe social mais elevada, de média para cima, eu não teria essas dificuldades, que tenho hoje, porque eu sempre tentei educar da melhor forma possível.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>No momento, como se sente sendo mãe/pai de adolescentes? (2)</p>		<p>No grupo tem aquela senhora que parece de uma classe social melhor, e o filho dela não tem problemas na escola. É o ambiente. Se eu educar meus filhos de um jeito, os outros vizinhos, não está nem aí. E aí, se misturam. Em vez de pegar o bom exemplo, pegam o mau exemplo.</p>	
<p>É difícil ser pai/mãe de adolescentes? Por-que?(10)</p>	<p>Elizabeth</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O que eu acho mais difícil, é minha filha mais velha, é mais lenta. Muito tranqüila. Eu fico impaciente vendo a queda dela no rendimento escolar. Aí eu começo a brigar, mas não bato.</li> <li>• É e não é. Nessa fase agora ... quando elas saem e enquanto não chegam, não fico tranqüila. Quando estão todos juntos é ótimo. Acho que para o meu marido não é difícil. Ele não percebe. Não "esquenta" a cabeça.</li> </ul>	
<p>No momento, como se sente sendo mãe/pai de adolescentes? (2)</p> <p>É difícil ser pai/mãe de adolescentes? Por-que?(10)</p>	<p>Clara</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É um pouco difícil, porque o que está na cabeça da gente, não está na deles. É muito difícil muitas vezes, eles não compreendem as coisas. A menina até procura compreender. Eu receio que fique mais complicado. Os filhos vão querendo ficar independentes.</li> <li>• Até agora não estou achando difícil.</li> </ul>	
<p>No momento, como se sente sendo mãe/pai de adolescentes? (2)</p>	<p>Madalena</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É uma responsabilidade <u>muito</u> grande. Quando eles eram crianças era mais fácil.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
É difícil ser pai/mãe de adolescentes? Por-que?(10)		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eu acho, desde o primeiro dia que me perguntou. Não sei se o erro está em mim.</li> </ul>	(refere-se às reuniões de grupo)
No momento, como se sente sendo mãe/pai de adolescentes? (2)	Francisca	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Um pouco perdida. Vendo eles me passando na altura. Sou baixinha (rí)</li> <li>• Sim, é uma mudança.</li> <li>• Não, não. Me deixa contente.</li> <li>• É mais a preguiça do lado deles. Eles já não são tão obedientes como eram.</li> <li>• É. Parece que a gente não acompanha as mudanças. A gente não consegue acompanhar.</li> <li>• Assustam. (com ênfase)</li> </ul>	<p>Você é a mais baixinha da casa?</p> <p>Te incomoda?</p> <p>Que outras mudanças percebe?</p>
. É difícil ser pai/mãe de adolescentes? Porque? Porque?(10)		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bom, meu esposo fala que eu sempre sofro por antecedência, aí, eu fico analisando. Agora, eles estão obedecendo. Quando chamo eles vêm. Mas ficam observando os colegas que ficam até mais tarde. Também eles já falaram de querer ir em festa. Já perceberam que eu e meu esposo somos parecidos. Às vezes, a gente dá uma saidinha com eles. Com o problema de saúde de meu esposo, é difícil. A gente não tem carro, tem de ir de ônibus.</li> </ul>	<p>As mudanças assustam?</p> <p>Que mudanças estão acontecendo?</p>
No momento, como se sente sendo mãe/pai de adolescentes? (2)	Antônia	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ah, é difícil (risos) idade muito penosa.</li> </ul>	<p>Você poderia explicar esse difícil, penosa?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>• É difícil ser pai/mãe de adolescentes? Porque? Porque?(10)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Olha, tem hora que a gente fica sem saber é ... se a conduta que estou adotando está certa ou tá errada. Aquela dúvida que a gente fica, às vezes ... deixa uma hora pensando: eu errei, mas já se tornou aquela atitude então a gente não tem ... (tosse)</li> <li>• Ah ... é ... (risos) tem hora que me interrogo. Será que compensa ter filhos? Com essa complexidade de acontecimentos.</li> </ul>	

## **Entrevista com Filhos**

**CATEGORIA I :**

**RELACIONAMENTO FILHOS-PAIS  
QUESTÕES 1 E 3**



Pergunta	Sujeito:	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus pais? (1)	Guilherme, 12a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Com pouca liberdade</li> <li>• É, comparando com as minhas coisas. Quero fazer as minhas coisas, depois que eu fizer, aí tenho tempo.</li> <li>• Ah, vai fazer tarefa, vai almoçar. Ah, eu vou almoçar quando eu quiser.</li> <li>• Ah, fica mandando a gente fazer as coisas. Vou vou fazer as coisas quando eu quiser.</li> </ul>	<p>Pouca liberdade?</p> <p>Que tipos de coisas eles mandam fazer?</p> <p>Tudo tem horário?</p>
O que você considera mais difícil na relação com seus pais? (3)	Marcelo, 11a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Com minha mãe tá bom, mas meu pai ... quer que a gente use calça jeans. Quer que a gente use sinto. Não deixa a gente sair, comer um sanduíche. Quer que a gente use sapato social. Eu quer deixar o cabelo grande, ele não deixa. A gente não tem liberdade. Passando dos 14, a gente já tem liberdade.</li> <li>• Sim.</li> </ul>	Quando passa dos 14, o negócio melhora?
De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus pais? (1)	Ludmila, 10a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O meu relacionamento com meu pai e minha mãe é ótimo.</li> <li>• O meu não é bom, eu sou considerado um filho problema.</li> </ul>	
De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus pais? (1)	Marcelo, 11a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bom, minha mãe briga muito. Dá muita bronca, quando dou motivo, fica emburrada.</li> </ul>	Quando acontece isso, como reage?

Pergunta	Sujeitor	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>O que você considera mais difícil na relação com seus pais? (3)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>Quando meu pai está em casa, eu fico com ele. Vou para o clube, quando ele não está, eu jogo vídeo-game. Falar com ela não adianta.</li> <li>Mais difícil ... Meu pai me ensina matemática, mas é difícil.</li> </ul>	
<p>De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus pais? (1)</p>	<p>Maria Paula, 12a (mãe) Sandra)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Converso muito com minha mãe. Quase não briga. Relacionamento normal. Meus pais são separados. Ela é mãe, é pai, é amiga.</li> </ul>	
	<p>Luiz Antônio, 14a (mãe) Sandra)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>No meu ponto de vista o relacionamento é bom. Já com o pai, é pouco. Com minha mãe é super saudável, super legal. Apoia a gente em várias coisas.</li> </ul>	
<p>O que você considera mais difícil na relação com seus pais? (3)</p>	<p>Luiz Antônio, 14a (mãe) Sandra)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Com minha mãe está ótimo. Meu pai anos atrás teve um problema, agravou uma série de coisas. eu não gosto de ir na casa dele. Uma hora ele está legal, outra hora ele coíça a meter o pau no pessoal lá de casa, na minha avó. Eu não gosto disso. Não gosto do que ele fala diz. Diz prá meu irmão agarrar as garotas e deixar por aí. E para mim, diz para namorar só com 18 anos.</li> </ul>	
<p>De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus pais? (1)</p>	<p>Cibele, 13a (mãe) Madalena)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Com minha mãe a gente não tem quase diálogo. Ela não deixa a gente falar. Reclama que não tem diálogo. Ela mesmo manda a gente calar a boca. Fica falando que a gente não fala com ela, mas não dá a chance da gente falar.</li> </ul>	
			<p>Sendo a mais velha você insiste em falar com ela ou a dificuldade é igual para todos?</p>

Pergunta	Sujeitor	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>De vez em quando dá vontade de falar com ela. Mas, é muito difícil. Fico indecisa se converso ou não. Já que não vai conversar fica difícil puxar conversa. Na minha cabeça é assim. Às vezes, acho que é melhor ficar calada.</li> </ul>	
<p>O que você considera mais difícil na relação com seus pais? (3)</p>	<p>Carlos, 12a (mãe Madalena)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ela vê jornal todo dia, só que, quando acaba, fala que é hora de dormir. Não gosta que fique conversando. A culpa de tudo que acontece lá em casa cai prá cima de mim. Acontece alguma coisa, eu é que sou culpada. Ela bate muito em mim, eu tento controlar o máximo. Ela grita.</li> </ul>	
<p>De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus pais? (1)</p>	<p>Patrícia, 12a (mãe Clara)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Bom.</li> </ul>	
<p>O que você considera mais difícil na relação com seus pais? (3)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>Porque nós nos relacionamos bem.</li> <li>(Balança a cabeça negativamente e não responde.)</li> </ul>	<p>Por que?</p>
<p>De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus pais? (1)</p>	<p>Raquel, 11a (mãe Emília)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>É bom. Só que às vezes eu brigo com minha mãe porque ela começa a implicar comigo com minhas roupas, meu cabelo. Fala da minha preguiça. Minha mãe não implica comigo por causa de tarefas.</li> </ul>	
<p>O que você considera mais difícil na relação com seus pais? (3)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>É a implicância dela. Antes implicava com os irmãos. Raramente vejo ele. Adoro ficar lá. Ele mora em Brasília. Não implica de jeito nenhum.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito <sub>F</sub>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus pais? (1)	Érica, 13a (mãe Elizabeth)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Legal</li> </ul>	Você acha que é legal. Por que?
O que você considera mais difícil na relação com seus pais? (3)		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Porque eles me dão tudo. Dão exemplos. Falam porque não devo fazer coisa errada.</li> <li>• Às vezes, minha mãe manda eu fazer muita coisa. Estou assistindo televisão, ela me manda fazer alguma coisa, lavar a cabeça. Ela fica nervosa, também fico.</li> </ul>	
De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus pais? (1)	Fernanda, 15a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O meu relacionamento com meu pai não é muito bom, porque ele tem muito ciúme de mim. Não gosta que eu fique conversando com rapazes.</li> </ul>	
	Pedro, 13a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O meu é até mais ou menos. De vez em quando tem brigas. Tem dia que ele está muito enjoado.</li> </ul>	
O que você considera mais difícil na relação com seus pais? (3)	Fernanda, 15a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eu é porque ele não entende. Não confia muito em mim. Esse "trem" e difícil, não confia de jeito nenhum. Tem ciúmes, não posso conversar com colegas.</li> </ul>	
	Pedro, 13a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sei não.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito <sub>F</sub>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus pais? (1)</p> <p>O que você considera mais difícil na relação com seus pais? (3)</p>	<p>Priscila, 13a (mãe Aparecida)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Assim ... é um relacionamento nem ruim, nem bom. É equilibrado. Eu converso bastante com a minha mãe. Meu pai é fechado com a gente, mas minha mãe conversa bastante, dialoga. Converso muitas coisas que acontecem comigo. Meu pai, de vez em quando, conversa com a gente. Minha mãe conversa com meu pai porque não tem havido apoio dele. Chegava em casa, não conversava com ninguém. Só com a televisão, como minha mãe diz.</li> <li>Mais difícil? É ... eles não entenderem certos pensamentos meus. Às vezes, eles discordam muito. Às vezes, falam uma coisa, muitas vezes eles estão errados e não admitem. A minha mãe já admite, por ela ser do mesmo sexo meu, tem mais liberdade.</li> <li>Quando o assunto é namoro, idade de namorar. Meu pai é muito machista. Mulher tem que ficar em casa. Minha mãe não tinha liberdade de trabalhar, mas ficou grávida. Ela não se realiza, vive reclamando.</li> </ul>	<p>Quando você acha que seu pai está errado?</p>
<p>De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus pais? (1)</p> <p>O que você considera mais difícil na relação com seus pais? (3)</p>	<p>Beatriz, 12a (mãe Otília)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ah, eu não sei, mais ou menos. Existe problemas ...</li> <li>Não quero falar.</li> <li>Não é muito difícil se relacionar com os pais.</li> </ul>	<p>Quais?</p>

Pergunta	Sujeito:	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>De um modo geral, como percebe o seu relacionamento com seus pais? (1)</p> <p>O que você considera mais difícil na relação com seus pais? (3)</p>	<p>Roberta, 15a (pais Antônia e Eduardo)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tem muitas brigas. Muita exigência, confronto de idéias. Tenho as minhas idéias, meu pai, as dele. Brigo mais com o meu pai.</li> <li>• É difícil ... não sei não. Acho que é ... as amizades que ele não deixa eu ter.</li> </ul>	

**CATEGORIA II:  
RELACIONAMENTO ALIANÇAS  
SUBSISTEMAS - AFINIDADE - QUESTÃO 8**

Pergunta	Sujeito <sub>F</sub>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
Com quem você se sente mais próximo na família? (8)	Luiz Antônio, 14a (mãe Sandra)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Com os meus primos, que moram na Bahia</li> </ul>	
	Raquel, 11ª (mãe Emília)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Com a minha mãe.</li> <li>• Meu irmão Homero porque ele é muito implicante comigo.</li> <li>• Estudando com ele.</li> </ul>	<p>Com quem se percebe mais distante?</p> <p>O que pode ser feito para melhorar?</p>
	Beatriz, 12ª (mãe Otília)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sou mais ligada a minha mãe. Não converso com o pai.</li> <li>• Não sei.</li> </ul>	Gostaria de se aproximar do pai?
	Bruno, 12a (mãe Thereza)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Com meu pai. Minha mãe não para quase em casa.</li> </ul>	
	Priscila, 13a (mãe Aparecida)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mais próxima com minha mãe e com uma prima de 15 anos.</li> <li>• Com meu avô. Eu tenho mais relacionamento com um tio do que com meu pai. Sinto falta do relacionamento com meu pai.</li> </ul>	Com quem se percebe mais distante?
	Pedro, 13a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Com meus primos de 18 anos, 13 anos e 12 anos.</li> </ul>	
	Fernanda, 15a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Com minhas primas.</li> <li>• Do meu pai.</li> </ul>	E em casa?
	Pedro, 13a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Do meu pai.</li> </ul>	Com quem se percebe mais afastado?
			O que você acha que poderia fazer para se aproximar?



Pergunta	Sujeito <sub>F</sub>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Ah, eu não sei, depende.</li> </ul>	
	Érica, 13a (mãe Elizabeth)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Com meu pai, com minha mãe, com minha irmã. Mas, não me deu bem com minha mãe e minha irmã. Queria que ela (mãe) tivesse mais paciência.</li> </ul>	
	Patrícia, 12a (mãe Clara)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Com a mãe. Mais distante do meu pai. A gente quase não conversa.</li> <li>Ele é nervoso. Não gosta de conversar.</li> <li>Nunca pensei.</li> </ul>	<p>O que provoca essa distância?</p> <p>O que poderia ser feito para melhorar isso?</p>
	Cibele, 13a (mãe Madalena)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Com minha tia de 27 anos.</li> <li>Com minha irmã mais nova.</li> <li>Com minha mãe.</li> </ul>	<p>E em casa?</p> <p>Com quem gostaria de ficar mais próxima em casa?</p>
	Ludmila, 10a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Em casa é com meu pai. E depois com meu primo e meu irmão.</li> </ul>	
	Roberto, 15a (pais Antônia e Eduardo)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Mais próximo, acho que com minha irmã.</li> <li>Não, quase não conversei com ela. Tô uma pessoa distante do pai.</li> </ul>	<p>Porque ela é a mais velha, conversa mais com ela?</p> <p>O que poderia ser feito para aproximar vocês?</p>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Ah, ... conversar. Podia conversar com ele, debater alguns assuntos.</li> </ul>	<p>Que tipos de assuntos?</p>

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Ah, que é preferência de amizades, o que eu quero da vida.</b></li></ul>	

CATEGORIA II:

RELACIONAMENTO FAMILIARES/ADOLESCENTES  
RELACIONAMENTO CASAL/ADOLESCENTE - QUESTÃO 9 E 12

Pergunta	Sujeito <sup>F</sup>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de vocês? (9)</p>	<p>Luiz Antônio, 11a (mãe Sandra)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tantas pessoas numa casa só. Quando a gente se mudou par cá, a coisa mudou. Minha mãe vive apertada.</li> </ul>	
<p>Você acha que seus pais conseguem separar as questões do casal da questão da educação dos filhos adolescentes? (12)</p>	<p>Maria Paula, 12a (mãe Sandra)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Com minha mãe não tenho problemas nenhum. Agora, com minha tia, minha avó. Se a gente morasse só.</li> <li>• Eles são separados. Acho que conseguem separar bem.</li> <li>• Não.</li> <li>• Consegue.</li> </ul>	
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de vocês? (9)</p>			
<p>Você acha que seus pais conseguem separar as questões do casal da questão da educação dos filhos adolescentes? (12)</p>			

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de vocês? (9)</p> <p>Você acha que seus pais conseguem separar as questões do casal da questão da educação dos filhos adolescentes? (12)</p>	<p>Beatriz, 12a (mãe Otília)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É ... quando eles brigam com a gente tudo.</li> <li>• Separam um pouco.</li> </ul>	
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de vocês? (9)</p>	<p>Fernanda, 15a (pai Jorge)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sim. Dificuldades com meus tios. Problemas financeiros, psicológicos. Os problemas da família afetam os pais, que começam a discutir e se afastam da gente.</li> </ul>	
<p>Você acha que seus pais conseguem separar as questões do casal da questão da educação dos filhos adolescentes? (12)</p>	<p>Pedro, 13a (pai Jorge) Fernanda, 15a (pai Jorge)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acho que não.</li> <li>• Quando tem muitas discussões, como foi da última vez, não sei se foi porque senti na pele. Agora, percebo que os dois estão mais carinhosos.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de vocês? (9)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acho que não.</li> </ul>	
<p>Você acha que seus pais conseguem separar as questões do casal da questão da educação dos filhos adolescentes? (12)</p>	<p>Pedro, 13a (pai Jorge) Fernanda, 15a (pai Jorge)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acho que não.</li> <li>• Ah, de vez em quando meu pai chega lá bravo, na maioria das vezes, briga com meus irmãos e eu é que levo.</li> </ul>	
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de vocês? (9)</p>	<p>Pedro, 13a (pai Jorge) Érica, 13a (mãe Elisabete)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comigo também.</li> <li>• Acho que não.</li> </ul>	
<p>Você acha que seus pais conseguem separar as questões do casal da questão da educação dos filhos adolescentes? (12)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acho que consegue.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito <sub>F</sub>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de vocês? (9)</p> <p>Você acha que seus pais conseguem separar as questões do casal da questão da educação dos filhos adolescentes? (12)</p>	<p>Patrícia, 12a (mãe Clara)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não.</li> <li>• Acho que sim.</li> </ul>	
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de vocês? (9)</p>	<p>Cibele, 13a (mãe Madalena)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Minha família é muito desunida. Quem a gente é mais perto é a tia, tenta conversar com a gente. A minha vó não vai lá em casa.</li> </ul>	<p>Tem problemas na família que interfere n vida de vocês?</p>
<p>Você acha que seus pais conseguem separar as questões do casal da questão da educação dos filhos adolescentes? (12)</p>	<p>Carlos, 13a (mãe Madalena)</p> <p>Cibele, 13a (mãe Madalena)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acho que não.</li> <li>• Eu tento resolver junto com minha mãe. Tem coisas que interfere sim. eu fico preocupada. Entro no problema dela como se fosse meu.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito <sub>s</sub>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de vocês? (9)</p>	<p>Ludmila, 10a (mãe Francisca)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não</li> </ul>	
<p>Você acha que seus pais conseguem separar as questões do casal da questão da educação dos filhos adolescentes? (12)</p>	<p>Guilherme, 12a (mãe Francisca)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Consegue.</li> </ul>	
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de vocês? (9)</p>	<p>Ludmila, 10a (mãe Francisca) Roberto, 15a (pais Antônia e Eduardo)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As coisas ... consegue</li> <li>• Não</li> </ul>	
<p>Você acha que seus pais conseguem separar as questões do casal da questão da educação dos filhos adolescentes? (12)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Consegue. Não há interferência da vida dela.</li> </ul>	
<p>Você considera que existem dificuldades na família, que estejam influenciando em outros aspectos da vida de vocês? (9)</p>	<p>Bruno, 12a (mãe Thereza)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Deixe eu ver ... Minha mãe briga com meu pai. Ele interfere raramente.</li> </ul>	



Pergunta	Sujeito:	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Você acha que seus pais conseguem separar as questões do casal da questão da educação dos filhos adolescentes? (12)</p>		<ul style="list-style-type: none"><li>• Raramente interfere</li></ul>	

**CATEGORIA III:**

**DIÁLOGO PAIS-FILHOS - QUESTÕES 4.6 E 7**

Pergunta	Sujeito <sub>F</sub>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
Como você percebe o diálogo entre você e seus pais? (4)	Luiz 14a Sandra Antônio, (mãe)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Bom com minha mãe, com meu pai não.</li> </ul>	
Existe assuntos difíceis de conversar com seus pais? Quais? (6)	Maria Paula (mãe Sandra) Luiz Antônio, 14a Sandra Maria Paula (mãe Sandra)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Muito bom com minha mãe.</li> <li>Mais ou menos</li> <li>Prá mim é fácil tudo.</li> </ul>	
Quais assuntos, você imagina que seus pais têm mais dificuldades em falar com você (7)	Luiz 14a Sandra Antônio, (mãe)	<ul style="list-style-type: none"> <li>É, uns assuntos não quero conversar, outros assuntos quero guardar.</li> <li>Às vezes, é difícil de falar sobre problemas dela (mãe). Outras vezes, é a questão sexual, precisaria de um pai.</li> </ul>	Tem assuntos que não dá para conversar?
Como você percebe o diálogo entre você e seus pais? (4)	Raquel, 11a (mãe Emília)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Existe ... tem dias que converso muito.</li> </ul>	
Existe assuntos difíceis de conversar com seus pais? Quais? (6)		<ul style="list-style-type: none"> <li>(Balança a cabeça para os lados.) O único assunto difícil, é quando minha mãe começa a falar nesse negócio de namoro.</li> </ul>	
Quais assuntos, você imagina que seus pais têm mais dificuldades em falar com você (7)		<ul style="list-style-type: none"> <li>Não imagino nenhum. Minha mãe conversa tudo comigo.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito <sub>F</sub>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Como você percebe o diálogo entre você e seus pais? (4)</p> <p>Existe assuntos difíceis de conversar com seus pais? Quais? (6)</p> <p>Quais assuntos, você imagina que seus pais têm mais dificuldades em falar com você (7)</p>	<p>Beatriz, 12a (mãe Otília)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não conversamos. Só converso com a minha irmã. Com minha mãe, nunca.</li> <li>• Ah, existe alguns. Não sei ... namoro.</li> <li>• Sobre adolescência.</li> </ul>	
<p>Como você percebe o diálogo entre você e seus pais? (4)</p> <p>Existe assuntos difíceis de conversar com seus pais? Quais? (6)</p> <p>Quais assuntos, você imagina que seus pais têm mais dificuldades em falar com você (7)</p>	<p>Bruno, 12a (mãe Thereza)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tem diálogo com os dois.</li> <li>• Não.</li> <li>• Nenhum.</li> </ul>	
<p>Como você percebe o diálogo entre você e seus pais? (4)</p> <p>Existe assuntos difíceis de conversar com seus pais? Quais? (6)</p>	<p>Priscila, 13a (mãe Aparecida)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É ... há diálogo sim, com muitas discórdâncias, mas, há. Depende do assunto.</li> <li>• Nem sempre. Principalmente esses assuntos sobre sexo, namorado. É difícil, complicado mais com meu pai. Com minha mãe não, porque ela já passou por coisas que passei.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
Quais assuntos, você imagina que seus pais têm mais dificuldades em falar com você? (7)		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Para eles, acho que todos. Para minha mãe não, mas para meu pai, todos os assuntos nessa área de namoro, sexo. É mais difícil para ele. Agora que está se soltando mais sobre assuntos familiares.</li> </ul>	
Como você percebe o diálogo entre você e seus pais? (4)	Fernanda, 15a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Depende do caso. Se ele (pai) vier com esse negócio de namorado. Não agüento isso não. Não dá para ter diálogo, não. Agora, outras coisas, sim. Aí, tudo bem.</li> </ul>	
	Pedro, 13a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dá para ter diálogo quando ele está alegre, não de mal humor.</li> <li>• É, depende dele.</li> </ul>	Depende dele?
Existe assuntos difíceis de conversar com seus pais? Quais? (6)	Fernanda, 15a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Só com relação a namoro (referindo-se ao pai). Com minha mãe não existe nenhum, converso qualquer assunto.</li> </ul>	
Quais assuntos, você imagina que seus pais têm mais dificuldades em falar com você? (7)	Pedro, 13a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acho que é sobre notas.</li> </ul>	
	Fernanda, 15a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Também.</li> </ul>	
Como você percebe o diálogo entre você e seus pais? (4)	Érica, 13a (mãe Elizabete)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bom.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito <sub>F</sub>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Existe assuntos difíceis de conversar com seus pais? Quais? (6)</p> <p>Quais assuntos, você imagina que seus pais têm mais dificuldades em falar com você? (7)</p>	<p>Érica, 13a (mãe Elizabeth)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Existe (r). Ah, na escola. Eu não falo para minha mãe que tenho notas baixas. Eu não falo prá minha mãe. Ela é que tem que descobrir. Ela fica sabendo por minha colega, ou ela vem aqui.</li> <li>• É ... namorado. Minha mãe diz que tenho que conquistar o primo, que é muito legal.</li> <li>• Sobre coisas assim ... Quando as coisas está muito ruim lá, na garagem do meu pai, minha mãe fala: "vocês não ficar pedindo coisas prá seu pai, que as coisas estão muito ruim".</li> </ul>	<p>Existem outros assuntos?</p>
<p>Como você percebe o diálogo entre você e seus pais? (4)</p> <p>Existe assuntos difíceis de conversar com seus pais? Quais? (6)</p> <p>Quais assuntos, você imagina que seus pais têm mais dificuldades em falar com você? (7)</p>	<p>Patrícia, 12a (mãe Clara)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uai ... nós conversamos. É ...é tranqüilo, sem discussão. Eles não são de conversar muito.</li> <li>• É ... na minha casa todo mundo é calado.</li> <li>• Não.</li> <li>• É isso mesmo.</li> <li>• Não.</li> <li>• Bom, eu acho que eles não contam, né. Por exemplo, como vai ser a nossa adolescência. De namorado, como vai ser. Não conversa nada disso.</li> </ul>	<p>Todos são assim na sua casa?</p> <p>Conversam tudo?</p> <p>Existem assuntos difíceis como namorar, falar das notas do colégio?</p> <p>Você tem vontade de que conversassem?</p>

Pergunta	Sujeito:	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>A minha mãe de vez em quando fala que ainda não sou adolescente. Não estou na fase de namorar. De vez em quando ela fala isso.</li> </ul>	
Como você percebe o diálogo entre você e seus pais? (4)	Cibele, 13a (mãe Madalena)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Não há, ela (mãe) bate muito em mim.</li> </ul>	
	Carlos, 12a (mãe Madalena)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ela grita</li> </ul>	
Existe assuntos difíceis de conversar com seus pais? Quais? (6)	Cibele, 13a (mãe Madalena)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Tudo, principalmente sobre sexo.</li> </ul>	
Quais assuntos, você imagina que seus pais têm mais dificuldades em falar com você? (7)		<ul style="list-style-type: none"> <li>Ela (mãe) fala comigo das coisas dela. Tem vez quando ela está muito triste, fala sobre a vida dela.</li> </ul>	
Como você percebe o diálogo entre você e seus pais? (4)	Marcelo, 11a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Mais diálogo com meu pai, com minha mãe também.</li> </ul>	
	Guilherme, 12a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Acho que tem diálogo demais.</li> </ul>	
	Ludmila, 10a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Eu converso muito com minha mãe.</li> </ul>	
Quais assuntos, você imagina que seus pais têm mais dificuldades em falar com você? (7)	Ludmila, 10a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Às vezes pergunto a minha mãe quais foram os namorados dela. Ai diz: "deixa eu trabalhar". Há outros assuntos, escola.</li> </ul>	
Como você percebe o diálogo entre você e seus pais? (4)	Roberto, 15 a (pais Antônia e Eduardo)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Não existe diálogo. Raramente eu converso. Converso mais com minha mãe, quando eu converso.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito <sub>r</sub>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Existe assuntos difíceis de conversar com seus pais? Quais? (6)</p> <p>Quais assuntos, você imagina que seus pais têm mais dificuldades em falar com você? (7)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não. Só que eu não converso com eles não.</li> <li>• Não sei não.</li> </ul>	



**CATEGORIA IV:**

**EXPECTATIVA DOS PAIS - FILHOS  
QUESTÕES Nº 14 E Nº 15**

Pergunta	Sujeito <sub>F</sub>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
O que você imagina que seus pais esperam de você? (14)	Luiz Antônio, 14a (mãe Sandra)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A gente imagina que os pais esperam da gente uma boa carreira profissional e que a gente alcance a felicidade.</li> </ul>	
O que você espera de seus pais? (15)	Maria Paula, 12a (mãe Sandra)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• De minha mãe espero que ela seja feliz com a gente, do jeito que eu sou, do jeito que a gente é. Do meu pai espero que ele tenha uma harmonia com a gente no final da vida. Procure entender a adolescência da gente.</li> </ul>	
O que você imagina que seus pais esperam de você? (14)	Raquel, 11 a (mãe Emília)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acho que eles esperam o melhor. Que eu passe de ano, que eu me forme.</li> </ul>	
O que você espera de seus pais? (15)		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ah, não sei responder.</li> </ul>	
O que você imagina que seus pais esperam de você? (14)	Beatriz, 12a (mãe Otilia)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser estudiosa, que arrume um emprego. Que não arrume bagunça quando crescer.</li> </ul>	
O que você espera de seus pais? (15)		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que meu pai me compreenda e a mãe também.</li> </ul>	
O que você imagina que seus pais esperam de você? (14)	Bruno, 12a (mãe Thereza)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estudar, não roubar nada; drogas, nem pensar. Cigarro e bebida.</li> </ul>	
O que você espera de seus pais? (15)		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Muita comida na mesa. Lazer, clube e esporte.</li> </ul>	
O que você imagina que seus pais esperam de você? (14)	Priscila, 13a (mãe Aparecida)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acho que eles esperam que eu seja uma pessoa que consiga subir na vida, que eu seja uma pessoa digna, que mereça ser respeitada.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito <sub>F</sub>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
O que você espera de seus pais? (15)	Priscila, 13a (mãe Aparecida)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eu? Espero que eles me ajudem muito nessa fase complicada da adolescência. Eu estou sozinha aqui. Eles já aprenderam. Eles sabem mais do que eu. Espero que eles me ajudem.</li> </ul>	
O que você imagina que seus pais esperam de você? (14)	Fernanda, 15a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Meu pai e minha mãe esperam que a gente chegue na faculdade. Que seja uma pessoa na vida.</li> </ul>	
	Pedro, 13a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que eu dedique aos estudos.</li> </ul>	
O que você espera de seus pais? (15)	Fernanda, 15a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Espero que meu pai compreenda mais a gente.</li> </ul>	
O que você imagina que seus pais esperam de você? (14)	Érica, 13a (mãe Elizabete)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que melhore as notas. Acho que minha mãe espera que eu seja mais responsável. Sou muito desligada. Às vezes, meu pai me dá dinheiro, eu nem pego o trôco, esqueço. Meu pai espera também que eu melhore as notas.</li> </ul>	
O que você espera de seus pais? (15)		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Deixe eu ver ... que minha mãe tenha mais paciência. Meu pai, tá bom.</li> </ul>	
O que você imagina que seus pais esperam de você? (14)	Patrícia, 12a (mãe Clara)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que eu seja estudiosa. É ... que eu não seja preguiçosa, teimosa.</li> </ul>	
O que você espera de seus pais? (15)		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que eles não briguem. Que eles tentem compreender certos pontos.</li> </ul>	
O que você imagina que seus pais esperam de você? (14)	Cibele, 13a (mãe Madalena)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bom, agora, não tem nada, nada.</li> <li>• Minha mãe espera que a gente se forme. Ela fala que a gente tem que estudar.</li> </ul>	Que pontos você gostaria que eles entendessem?

Pergunta	Sujeito <sup>f</sup>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
	Carlos, 12a (mãe Madalena)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ela espera que agente estude</li> </ul>	
O que você espera de seus pais? (15)	Cibele, 13a (mãe Madalena)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Que a mãe seja liberal e me entenda.</li> </ul>	
	Carlos, 12a (mãe Madalena)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Que minha mãe arranjasse um carro kart.</li> </ul>	
O que você imagina que seus pais esperam de você? (14)	Ludmila, 10a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Meu pai espera de mim uns bons estudos e uma boa educação.</li> </ul>	
O que você espera de seus pais? (15)		<ul style="list-style-type: none"> <li>Não espero nada.</li> </ul>	
O que você imagina que seus pais esperam de você? (14)	Roberto, 15a (pais Antônia e Eduardo)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Espera que eu me forme.</li> </ul>	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Não, nunca pensei nisso. que eu saia bem na vida.</li> </ul>	Você já pensa em quê?
O que você espera de seus pais? (15)		<ul style="list-style-type: none"> <li>Uai ... que eles entendam o que eu quero.</li> </ul>	

CATEGORIA V:

DEMANDA DOS FILHOS - QUESTÃO Nº 16

Pergunta	Sujeito <sup>f</sup>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
O que você gostaria que seus pais alcançassem no grupo de pais (16)	Maria Paula, 12a (mãe Sandra)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Espero que minha mãe saiba como lidar com a gente. Aproveite essa fase que estamos passando.</li> </ul>	
	Luiz Antônio, 14a (mãe Sandra)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que ela consiga entender a fase que estou passando.</li> </ul>	
	Raquel, 11a (mãe Emilia)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A única coisa que eu queria é que parasse de implicar comigo. Implicância na hora de sair.</li> </ul>	
	Beatriz, 12a (Mãe Thereza)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não sei.</li> <li>• Não sei.</li> </ul>	Você acha que o trabalho do grupo pode ajudar seus pais?
	Bruno, 12a (mãe Thereza)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Me entender mais, me deixar divertir.</li> </ul>	
	Priscila, 13a (mãe Aparecida)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que consiga ver a outra parte. Não só a parte dela, mas a minha, o que eu quero. As dificuldades minhas, como eu reajo às minhas dificuldades.</li> </ul>	
	Fernanda, 15a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ah, acho que queria que esse grupo ajudasse meu pai a se abrir mais com a gente. Ai a gente tinha liberdade também de falar, com minha mãe.</li> </ul>	
	Pedro, 13a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acho a mesma coisa</li> </ul>	
	Érica, 13a (mãe Elizabeth)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ah ... eu não sei.</li> </ul>	
	Patricia, 12a (mãe Clara)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que ela aprendesse ... não sei ...</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito <sub>F</sub>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
	Cibele, 13a (mãe Madalena)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Espero que ela (mãe) aprenda a entender a gente.</li> </ul>	
	Carlos, 12a (mãe Madalena)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que seja mais liberal.</li> </ul>	
	Roberto, 15a (pais Antônia e Eduardo)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Espero que ela (mãe) entenda a gente. Tem que deixar a gente tomar conta da própria vida.</li> </ul>	
	Ludmila, 10a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acho que a minha mãe poderia aprender a orientar melhor o meu irmão porque ele ainda é muito custoso na escola. Acho que ela está aqui para isso.</li> </ul>	
	Guilherme, 12a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aprenda a me dar liberdade</li> </ul>	

**CATEGORIA VI :**

**ESTABELECIMENTO DE LIMITES - REGRAS  
QUESTÕES 5 E 13**



Pergunta	Sujeito <sub>F</sub>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família ? (5)	Luiz Antônio, 14a (mãe Sandra)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Minha mãe, ela pede.</li> </ul>	
Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)	Maria Paula, 12a (mãe Sandra) Luiz Antônio, 14a (mãe Sandra)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Minha mãe estabelece regras. Arrumar a mesa, levar o cachorro para passear, arrumar o quarto.</li> <li>• É para cada um fazer uma coisa.</li> </ul>	
	Maria Paula, 12a (mãe Sandra)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É.</li> </ul>	
Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família ? (5)	Raquel, 11a (mãe Emília)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Todo mundo estabelece limites.</li> </ul>	
Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)		<ul style="list-style-type: none"> <li>• São regras, assim ... na arrumação da casa, minha mãe decide.</li> <li>• Eu (ri).</li> <li>• Meu primo fica "p" da vida comigo.</li> <li>• Hum, hum ... só não gosta que a gente brigue.</li> <li>• Não fazemos as coisas direito, eu enrolo, enrolo para fazer as coisas.</li> </ul>	Como?  Alguém desobedece? dá alguma confusão? Seu pai estabelece regras?

Pergunta	Sujeito <sup>F</sup>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família ? (5)	Beatriz, 12a (mãe Otília)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Os dois colocam limites. Em casa, faço as coisas mais ou menos. Desobedeço também. Antes eles batiam. Agora, minha mãe conversa, põe de castigo.</li> </ul>	
Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)		<ul style="list-style-type: none"> <li>A mãe é que distribui. Manda cada um fazer as coisas.</li> </ul>	
Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família ? (5)	Bruno, 12a (mãe Thereza)	<ul style="list-style-type: none"> <li>A mãe é que estabelece mais. O tempo para ver vídeo-games, para estudar. Gostaria que mudasse, ter mais tempo para jogar vídeo-game.</li> </ul>	
Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)		<ul style="list-style-type: none"> <li>Tem um monte, mas não faço nenhuma.</li> </ul>	
Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família ? (5)	Priscila, 13a (mãe Aparecida)	<ul style="list-style-type: none"> <li>É ... como assim?</li> </ul>	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Minha mãe está tentando fazer um negócio com meu irmão. Chega na hora do almoço, não faz nada. Ela disse que agora tem normas. Disse: "eu não mando e você vai fazer". No primeiro dia, ele fez tudo em 10 minutos. Se arrumou, arrumou a pasta. Quando ela manda, ele demora uma hora. Para mim, não dão muitas normas. Falam que tenho que fazer alguma coisa. Minha mãe acha que estou mais responsável.</li> </ul>	Como são colocados os limites em casa?
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Não discutem, assim ... Eles ... parecem que improvisam na hora, parece que vem com o tempo. Agora, está tendo mais diálogo.</li> </ul>	Vocês participam no estabelecimento das regras?  Quem mais transgride as regras?

Pergunta	Sujeito <sub>r</sub>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Meu irmão e eu. Minha irmã é mais quieta.</li> </ul>	
Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eu tenho que ter mais responsabilidade por tudo, caem mais sobre mim.</li> </ul>	
Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família ? (5)	Fernanda, 15a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Meu pai, ele fala que tem horário de estudos, de brincadeiras</li> <li>• Não, sempre vem dele.</li> <li>• Os três.</li> </ul>	<p>Vocês participam no estabelecimento das regras?</p> <p>Tem alguém que transgride?</p> <p>Quem obedece mais?</p>
Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)	Pedro, 13a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Minha irmã, estuda, arruma a casa.</li> </ul>	
Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)	Fernanda, 15a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É para todos fazerem, só meu irmão não faz.</li> </ul>	
Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família ? (5)	Érica, 13a (mãe Elizabete)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Meu pai estabelece. A gente não pode lavar a boca na pia, quando tem vasilha. É falta de educação, de higiene. Quando ele fala para fazer, a gente faz.</li> <li>• Minha irmã.</li> <li>• Eu tenho que ajudar minha mãe, fazer minhas tarefas.</li> </ul>	<p>Alguém desobedece?</p>
Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)			

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família ? (5)</p>	<p>Patrícia, 12a (mãe Clara)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bom, definidas, não.</li> <li>• É, existe.</li> </ul>	<p>Existem regras?</p>
<p>Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• De vez em quando.</li> <li>• Meu irmão é mais ... mais teimoso. Ele desobedece. Eu, de vez em quando.</li> <li>• Minha mãe põe de castigo. De vez em quando ele apanha.</li> <li>• Lá em casa ... a gente ... tem a menina que ajuda, a que minha mãe trouxe. Mas, eu acho que a responsabilidade lá em casa é mais ajudar, ela também.</li> <li>• Bom, eu ajudo; meu irmão de vez em quando.</li> </ul>	<p>Vocês participam na determinação, dizendo que querem assim ou assim?</p> <p>Alguém desobedece?</p> <p>O que acontece, então?</p> <p>Só você?</p>
<p>Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família ? (5)</p>	<p>Cibele, 13a (mãe Madalena)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A gente não pode sair na hora que quer. E quando sai, tem hora para chegar. Meu irmão chega tarde do colégio. Minha mãe está doídicinha, mas não bate nele. Comigo ela briga até. Não sei se é porque eu sou mais agressiva do que ele.</li> <li>• Quem obedece mais é a irmã mais nova.</li> </ul>	<p>Vocês participa m na discussão das regras? Alguém transgride?</p>

Pergunta	Sujeito <sub>F</sub>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)	Érica, 13a (mãe Elizabeth)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eu é que tenho que arrumar a casa toda</li> </ul>	
Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família? (5)	Ludmila, 10a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Agente conversa com meu pai, à noite. Toda uma norma de chegar, trocar o uniforme, lavar o chinelo.</li> <li>• Meu pai, mas ele não muda. Ela piora.</li> </ul>	Alguém pode mudar as regras?
Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)	Marcelo, 11a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Um lava o banheiro, outro faz outra coisa, mas o outro não faz nada.</li> </ul>	
Como são estabelecidas as regras (limites) dentro de sua família? (5)	Roberto, 15a (pais Antônia e Eduardo)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pelo meu pai.</li> <li>• Acho que é ele que toma a iniciativa.</li> <li>• Eu. Não gosto de regras. Aí eles brigam comigo. Bate, briga.</li> <li>• Ah, eu empurro, de vez em quando eu xingo.</li> </ul>	<p>Ele estabelece as normas conversando com sua mãe, com você ou toma a iniciativa sozinho?</p> <p>Alguém transgride?</p> <p>O que você faz na hora?</p>

Pergunta	Sujeito <sub>F</sub>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Como são distribuídas as responsabilidades em sua casa? (13)</p>	<p>Roberto, 15a (pais Antônia e Eduardo)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Só meu pai exige que eu e meu irmão estude à tarde.</li> </ul>	

CATEGORIA VII :

PERCEPÇÃO DOS FILHOS SOBRE A ADOLESCÊNCIA  
QUESTÃO 11

Pergunta	Sujeito:	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
Você acha que é difícil ser adolescente? (11)	Maria Paula, 12a (mãe Sandra)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eu acho. Na vida da gente a informação é muito maior. Lá em casa, por exemplo, eu tenho um irmão que não presta. Crio uma imagem que homem não presta. Pelo meu irmão, a informação é esta. É fácil. Embaralha a cabeça da gente.</li> </ul>	
	Luis Antônio, 14a (mãe Sandra)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Hoje em dia você não pode sair para lugar normal, que a sociedade cai de pau em você. Você não pode sair para lugar nenhum. Não pode tomar uma cerveja, não pode deixar o cabelo crescer, que o povo fala: "olha o drogado".</li> </ul>	
	Raquel, 11a (mãe Emília)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não ... só por causa dos pais. Minha mãe é super impicante comigo.</li> </ul>	
	Beatriz, 12a (mãe Otília)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Um pouco. Quando vai crescendo vai querendo cada vez mais coisas.</li> </ul>	
	Bruno, 12a (mãe Aparecida)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não.</li> </ul>	
	Priscila, 13a (mãe Aparecida)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Hoje? Mais ou menos. Porque está muito bagunçado. O sexo está muito liberal. Os rapazes estão muito avançados. É muito difícil encontrar um rapaz que respeite a gente.</li> </ul>	
	Fernanda, 15a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Prá mim é. Porque fico sem jeito para conversar.</li> </ul>	
	Pedro, 13a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O pai da gente segura para não fazer besteira.</li> </ul>	



Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
	Érica, 13a (mãe Elizabeth)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É. As pessoas falam da gente. Não gosto de sair na rua. Os meninos ficam olhando a gente. A minha mãe até fala que o problema é da adolescência.</li> </ul>	
	Patrícia, 12a (mãe Clara)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• .( Balança a cabeça) Na minha opinião é mais difícil ser criança do que adolescente.</li> </ul>	
	Cibele, 13a (mãe Madalena)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não é difícil não.</li> </ul>	
	Carlos, 13a (mãe Madalena)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Só é difícil por causa dos pais. A cabeça deles é diferente. A gente pensa um super diferente da deles</li> </ul>	
	Guilherme, 12a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Há falta de liberdade, adolescente o que mais quer é liberdade. Lá em casa falta. Tem colegas meus que tem liberdade. Os pais deixam eles fazer o que quier.</li> </ul>	
	Marcelo, 11a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Adolescente quer só liberdade.</li> </ul>	
	Robert, 15a (pais Antônia e Eduardo)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• . Não. É porque os filhos de hoje têm idéias os pais estão acostumado com outras épocas</li> <li>• Acho.</li> </ul>	Acha difícil eles mudarem?

CATEGORIA VIII:

VIVÊNCIA NO PAPEL DE FILHO E NO PAPEL DE PAI DE ADOLESCENTE  
QUESTÕES 2 E 10

Pergunta	Sujeito <sub>F</sub>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
Neste momento de sua adolescência, como se sente enquanto filho? (2)	Luiz Antônio 14a (mãe Sandra)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Acho difícil. A gente se acha assim, que a gente não é o que a mãe quis que a gente fosse. Eu sei que ela compreende. Eu sempre quis ser um bom aluno. Só que mudou. Fui caindo. Queria ser aquele menino que minha mãe queria, dar a ela o máximo de felicidade.</li> </ul>	
É difícil ser pai de adolescente hoje? Por que? (10)	Maria Paula, 12a (mãe Sandra) Luiz Antônio	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ela conversa com a gente.</li> <li>Eu acho pelo que tô vivendo. Não daria conta.</li> <li>Eu acho que a dificuldade é a convivência.</li> </ul>	
	Maria Paula	<ul style="list-style-type: none"> <li>Eu acho que a dificuldade é a convivência.</li> </ul>	
Neste momento de sua adolescência, como se sente enquanto filho? (2)	Luiz Antônio	<ul style="list-style-type: none"> <li>Isso tudo varia de acordo com idade do pai e do filho. Meu sonho é fazer uma família o mais cedo possível. Mas, tem que ter condições. Um dia que conseguir ganhar bem, entendeu! Que eu conseguir um namoro a sério. O meu objetivo é conseguir uma família.</li> <li>Acho que não mudou nada.</li> </ul>	
É difícil ser pai de adolescente hoje? Por que? (10)	Raquel, 11a (mãe Emília)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Acho ... eu apronto demais da conta.</li> <li>Se eu quero sair para rua, começo a encher o saco. Falo: vou sair, vou sair. Aí minha mãe fala: "então sai, quando chegar fica de castigo".</li> <li>Acho ... eu apronto demais da conta.</li> </ul>	Como ?

Pergunta	Sujeito <sub>r</sub>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
Neste momento de sua adolescência, como se sente enquanto filho? (2)	Beatriz, 12a (mãe Otília)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Se eu quero sair para rua, começo a encher o saco. Falo: "vou sair, vou sair". Au minha mãe fala: "então sair quando chegar, fica de castigo".</li> <li>• É mais ou menos.</li> </ul>	
É difícil ser pai de adolescente hoje? Por que? (10)		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acho que sim. Acho que é porque eles querem muitas coisas.</li> </ul>	
Neste momento de sua adolescência, como se sente enquanto filho? (2)	Bruno, 12a (mãe Thereza)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não sei responder. Acho que é difícil ser adolescente.</li> <li>• É ... tem que comprar muita coisa. Roupa, tênis.</li> </ul>	
Neste momento de sua adolescência, como se sente enquanto filho? (2)	Priscila, 13a (mãe Aparecida)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sinto que eles estão dando mais atenção. Estou passando por uma fase assim, que está dando problemas. Estão dando apoio, conversando, fazendo com que eu veja as coisas. Eles conversam comigo. Estão querendo dar mais atenção.</li> </ul>	<p>Sendo a mais velha, há vantagem?</p>

Pergunta	Sujeito <sub>F</sub>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
É difícil ser pai de adolescente hoje? Por que? (10)	Priscila, 13a (mãe Aparecida)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É bom ser mais velha porque tem mais liberdade, ao mesmo tempo não tem porque tudo que acontecendo com você é a primeira vez que os pais vêem acontecer com um filho. Está acontecendo comigo. Quando estiver acontecendo com minha irmãzinha, eles não vão assustar. Agora, tudo que acontece com a gente é a primeira vez.</li> </ul>	
Neste momento de sua adolescência, como se sente enquanto filho? (2)	Fernanda, 15a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acho que é. É difícil por que está tudo liberal. Os pais têm que arranjar um freio para segurar. Todo mundo está indo a festas, namorando. Eu não sei como eu ia reagir no lugar dos meus pais. Não consigo pensar como eu ia reagir. Acho que ao mesmo tempo é difícil e fácil porque ... é ... você conversa com o adolescente e aprende mais, porque o adolescente está passando por muito mais coisas que o adulto passou.</li> </ul>	
	Pedro, 13a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não me sinto bem não. Prefiro ser criança porque sendo criança o meu pai brinca mais com a gente. Ele brinca mais com minha irmã pequena.</li> </ul>	
	Pedro	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tinha vontade de chegar logo aos 18 anos. Ficar maior logo.</li> </ul>	
É difícil ser pai de adolescente hoje? Por que? (10)	Fernanda, 15a (pai Jorge)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acho que os adolescentes tem de conversar mais.</li> <li>• Acho que não dá muito certo com os pais.</li> </ul>	Você não conhece ninguém que se dá bem com os pais?
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conheço. Tenho colegas que se dá bem com os pais. Porque os pais deixam eles prá lá.</li> </ul>	

Pergunta	Sujeito:	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>Neste momento de sua adolescência, como se sente enquanto filho? (2)</p> <p>É difícil ser pai de adolescente hoje? Por que? (10)</p>	<p>Érica, 13a (mãe Elizabeth)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ah ... legal.</li> <li>• Às vezes, é melhor ser criança, melhor do que ser adulto.</li> <li>• É. Quando a gente vai crescendo. Agora, acho que não, porque ainda está pequeno. Mas, quando vai crescendo como os meninos do colegial que vive saindo, que fuma.</li> </ul>	<p>É bom ser adolescente?</p>
<p>Neste momento de sua adolescência, como se sente enquanto filho? (2)</p> <p>É difícil ser pai de adolescente hoje? Por que? (10)</p>	<p>Patrícia, 12a (mãe Clara)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• (Pausa ) Como?</li> <li>• De vez em quando é bom. De vez em quando é mais ou menos. É bom.</li> <li>• Há dias que queria ser criança</li> <li>• Eu acho que é difícil</li> <li>• Porque a maioria dos adolescentes não quer obedecer os pais. Acha que é dono da vida.</li> </ul>	<p>Você está numa fase em que não é mais criança nem adulto. Fase de mudanças. Como se sente?</p> <p>Você acha que na maior parte do tempo é bom ou você preferia ser criança?</p> <p>Por que?</p>

Pergunta	Sujeito <sub>F</sub>	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
Neste momento de sua adolescência, como se sente enquanto filho? (2)	Cibele, 13a (mãe Madalena)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Muito ruim. Não posso sair. Só para a escola e na minha tia. Ela diz que deixa sair, na hora "h", não deixa.</li> </ul>	
	Carlos, 12a (mãe Madalena)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Difícil. A minha mãe bate na gente. Não deix sair.</li> </ul>	
É difícil ser pai de adolescente hoje? Por que? (10)	Carlos, 12a (mãe Madalena)	<ul style="list-style-type: none"> <li>É, porque faz bagunça. Minha mãe acha assim ... que adolescente é aquela coisa.</li> </ul>	
	Cibele, 13a (mãe Madalena)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Tem que segurar senão ... principalmente porque sou a mais velha. Tem que ter cuidado, senão eu engravidado.</li> </ul>	
Neste momento de sua adolescência, como se sente enquanto filho? (2)	Guilherme, 12a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Mais ou menos.</li> </ul>	
	Ludmila, 10a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Da adolescência eu não entendo nada. Mas, dá muita vontade de chegar...</li> </ul>	
	Marcelo, 11a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>É. Eu quero deixar o cabelo grande, meu pai não deixa.</li> </ul>	
É difícil ser pai de adolescente hoje? Por que? (10)	Ludmila, 10a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>É ... muito. Porque tem filho que quer sair.</li> </ul>	
	Marcelo, 11a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>É difícil, eu não sei porque.</li> </ul>	
	Guilherme, 12a (mãe Francisca)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ah, sei lá. Deve ser.</li> </ul>	
Neste momento de sua adolescência, como se sente enquanto filho? (2)	Roberto, 15a (pais Antônia e Eduardo)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Me sinto meio revoltado.</li> </ul>	Qual o motivo de sua revolta?

Pergunta	Sujeito	Verbalização/Sujeito	Intervenção/Pesquisador
<p>É difícil ser pai de adolescente hoje? Por que? (10)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Queria ser mais livre, poder sair com os colegas.</li> <li>• Não. Eu saio sozinho minha mãe não deixa eu sair com colegas. Pego a bicicleta e saio.</li> <li>• É, porque antes eu tinha enturmado com alguns amigos e minha mãe não gostava. Ai ela falou para parar de sair com eles.</li> <li>• Acho que é.</li> <li>• Porque os adolescentes hoje são mais revoltados do que antes.</li> <li>• Ah ... não sei não.</li> </ul>	<p>Os pais não deixam ?</p> <p>Houve algum problema?</p> <p>Por que?</p> <p>Qual o motivo dessa revolta?</p>



## **Anexo 5**

## 1ª sessão - *O começo do convívio*

Planejamento da sessão (objetivos) :

- 1) Integrar os elementos do grupo.
- 2) Proporcionar condições para que o grupo comece a estabelecer um vínculo com a pesquisadora.
- 3) Levar a todos o conhecimento da proposta de pesquisa
- 4) Realizar levantamento das expectativas do grupo.

Presentes à sessão: Madalena, Ana, Sandra, Clara, Francisca, Thereza, Graça e Auxiliadora.

Inicialmente Wilma (psicóloga do CEPAE) apresenta a Coordenadora ao grupo de pais

A Coordenadora após apresentar-se explicou o motivo do encontro. Traçou em linhas gerais a proposta da pesquisa, explicando os motivos da escolha deste campo para a investigação ( o CEPAE é uma unidade de ensino da Universidade ).

A Coordenadora solicitou, em seguida, aos participantes que se apresentassem.

Sandra: Tenho 2 filhos no colégio, que vieram de um colégio particular. Tenho uma filha de 12 anos que é problemática, preocupa muito com a estética.

Sandra acha que o colégio trata as crianças como adultos e que elas não se encontram preparadas para tal.

Clara: Tenho uma filha de 12 anos, que estuda na 5ª série. É muito incompreensiva, meio desligada e tem problemas de aprendizagem.

Francisca: Tenho 3 filhos no colégio. Quem dá mais trabalho é o de 11 anos. Este, não se preocupa com nada, para ele tanto faz estudar ou não. Acho que ele ficou assim, porque quando ia fazer o 2º ano em outro colégio, foi sorteado no C.A. tendo que fazer o 1º ano de novo. Vive cobrando de mim porque ficou atrasado nos estudos em relação à idade, assim, me culpa por tudo de errado, que acontece. Mas, ele é o

filho mais carinhoso e gentil. Acho que talvez, o problema é mais dos pais do que dos filhos. Ele é o mais diferente de meus filhos.

**Thereza:** Tenho 1 filho na 5ª série. É uma criança difícil. Ele teve um trauma quando foi avaliado pela 1ª vez. Achava que tinha de ser o melhor em todas as matérias, e não foi. Escreveu fora da linha e a professora mostrou seu erro. Depois desse acontecimento ele mudou em relação à escola e família. Entendo que ele está passando por uma fase difícil, de transição. É um menino crítico, fala que só tem dever e não direito. Faz tudo para chamar minha atenção .

**Madalena:** Tenho 3 filhos. Quem dá mais trabalho é o de 12 anos. Não tem interesse algum nos estudos. O pai saiu de casa e o menino piorou muito.

**Graça :** Tenho uma adolescente de 16 anos que faz a 5ª série. Ela não gosta de conversar; repetiu de ano várias vezes. Acho que era preguiça dela, até que descobri que ela tinha problema de vista. A menina se sente mal no meio das crianças da sala de aula, por causa da diferença de idade.

**Thereza :** Meu filho não escuta o que eu falo.

**Ana :** Acho que muita gente deveria estar aqui.

**Coordenadora:** Gostaria que pensassem, durante uns momentos, sobre as expectativas que vocês tinham, ao virem para cá. Após alguns instantes a coordenadora pediu para que formassem duplas a fim de trocar idéias sobre o que pensaram. Após isto, cada um expôs sobre o que conversaram.

A Coordenadora anotou no quadro negro as idéias apresentadas.

**Auxiliadora :** Vim buscar um meio de ajudar o adolescente.

**Lúcia:** Achei que seria uma palestra sobre adolescência.

**Clara :** Vim aprender, como cuidar e lidar com adolescência.

**Francisca:** Encontrar auxílio para ajudar os filhos.

Sandra : Troca de conhecimento de cada uma.

Thereza : Fiquei feliz quando soube que não era só eu que tinha problema com meu filho. Vim em busca de ajuda para ajudar meu filho adolescente.

A Coordenadora explicou ao grupo, em linhas gerais, em que consistiriam essas reuniões: uma possibilidade de troca de opiniões entre as pessoas. Referiu que muitas vezes os pais colocam ou vêem os filhos como problemas. Por outro lado, imaginam que na escola há um grupo de amigos que pode influenciar. Mas, na realidade, ele se encontra ligado mesmo é a família.

Neste momento a coordenadora aqueceu o grupo para a discussão sobre o papel da mãe, do pai e da família extensa na educação dos filhos.

Francisca: seria bom se os filhos participassem da reunião.

Retomando a palavra a Coordenadora explicou que nessa fase - a adolescência - os amigos são de grande importância. Falou sobre o ciclo vital familiar e sobre a família com filhos adolescentes que tem necessidade de fazer novos arranjos em suas inter-relações, precisando muitas vezes fazer uma negociação.

Madalena: Meu filho tira o tênis e chuta e diz que é brincadeira.

Francisca : Meu filho mais velho não deixa o irmão comer perto dele.

Clara: Acho que meus filhos percebem tudo que acontece em volta da família.

A Coordenadora indagou então: Que é ser mãe ?

Uma pessoa do grupo responde: Mãe é quem mostra o caminho certo; carrega uma cruz.

A Coordenadora explicou acerca da lealdade existente dentro de uma família, levando as pessoas a repetirem, muitas vezes, as mesmas atitudes de seus pais.

A Coordenadora, percebendo certa inquietação em Thereza, indaga-lhe: O que está pensando neste momento?

Thereza: Ser mãe hoje é muito difícil. A TV influencia muito, os valores mudaram.

Coordenadora: A família está vivendo um processo de mudança. A mulher passou a ter uma grande reponsabilidade. Há necessidade que consiga inverter o papel com o filho. Gostaria que cada um pensasse sobre os assuntos que poderiam discutir na próxima reunião.

Clara: O começo foi muito bom. Adolescência não está só no papel.

Thereza e Ana: Queremos ajuda.

Coordenadora: O êxito dependerá de todos do grupo.

## 2ª sessão - *Os problemas de serem pais ...*

Planejamento da sessão (objetivos):

- 1) Aquecimento (comentários sobre como passaram a semana).
- 2) Levantar quadro de interesses do grupo
- 3) Promover a integração do grupo através da técnica dos recortes.
- 4) Comentários.

Participaram da sessão: Clara, Elizabete, Emília, Madalena, Jorge, Sandra, Marcia, Otilia, Helena, Thereza, Suzana, Wilma e Neide( auxiliar de pesquisa que fez os registros cursivos).

Inicialmente a Coordenadora pediu às pessoas que compareceram pela primeira vez que se apresentassem.

A Coordenadora solicitou às pessoas que estiveram na reunião passada que falassem um pouco sobre o que aconteceu no encontro anterior.

Sandra: Foi apresentada a proposta do trabalho. A coordenadora perguntou aos participantes sobre as expectativas que as pessoas tinham ao virem para o colégio. para o encontro. A proposta diz respeito ao trabalho com os pais de adolescentes. O

grupo espera aprofundar-se no assunto, trocar experiências. Ao final do encontro foi pedido para que todos pensassem em um assunto que gostariam de discutir.

Clara e Madalena concordaram com Sandra.

A Coordenadora explicou que sua proposta consiste em estudar as relações familiares, a formação da família com filhos nessa fase. Perguntou então a respeito do assunto que eles gostariam de discutir.

Sandra: Drogas, educação sexual, namoro, papel da TV.

Otília: Aspecto econômico - influência na família.

Emília: Diálogo de pais e filhos.

Nesse momento todos os participantes falavam ao mesmo tempo, denotando grande interesse, mesclado de certa ansiedade .

Emília: Acho que o diálogo tem de ser de ambas as partes.

Jorge: Quero que se fale sobre a rebeldia.

Suzana: Acho que os problemas com meus filhos são diferentes dos de outras pessoas, pois sou separada do marido.

A Coordenadora sugere dividir o tempo da reunião em duas partes. O grupo aceitou. Passou então a aplicação da técnica dos recortes. Colocou sobre a mesa vários pedaços de papel (recortes de revistas) com palavras e frases. Pediu para que cada participante escolhesse uma ou mais palavras ou frases. Sua escolha deveria "bater" com algo de si. Após isto, solicitou que cada pessoa falasse acerca de sua escolha.

Eduardo: "Amigo ou inimigo". Tenho muita dificuldade em conversar com meus filhos, pois tudo que eu falo, eles dizem que já sabem. Queria que se falasse sobre droga, sexo, etc, pois é obrigação dos pais conversar com os filhos. Eles não querem ouvir, acham que é uma provocação.

Marcia: Tenho as mesmas dificuldades com os filhos.

**Thereza:** Tenho as mesmas dificuldades com o meu filho. Ele "sabe" tudo sobre sexo. Aprendeu no colégio. Sabe a diferença de bordel e motel. Ele é muito avançado em relação a sexo; não quer figurinha de sexo e sim revista, quer ver filme sobre sexo.

**Jorge:** "Vidas em choque" porque meus filhos sempre têm assuntos que me chocam. Tentei conversar mais com eles, mas ninguém ouve. Eu é que sou a mãe e o pai deles, por isso, tenho que ser enérgico com eles. Isso provoca o choque entre nós.

**Sandra:** Acho que os pais não precisam ser autoritários para conseguir alguma coisa. É melhor ter uma boa conversa depois da tempestade. É isso que eu faço com meus filhos, e dá bom resultado. Tenho um filho que gosta de conversar comigo depois que todos estão dormindo. Isso me deixa muito feliz. Se gritar não se consegue nada, com diálogo se consegue o que quer. Tem que haver diálogo, em casa e na escola.

**Suzana:** "Aconchego" são momentos que estamos de bem com o filho, e é nesse momento que podemos conversar.

**Madalena:** "Não perca a calma, não brigue, nem bata neles". É o que estou vivendo; me irrita com meu filho, bato nele. Meu filho fica com medo de mim, porque apanha muito, pede para eu não me preocupar com ele, pois ele sabe tudo o que faz

**Suzana:** Também perco a calma, mas não bato, pois preciso é de firmeza.

**Madalena:** Gostaria de ser calma; poder ter diálogo com meu filho.

**Coordenadora:** Se você falasse de outra maneira, o filho não responderia diferente?

**Madalena:** Não sei, pois sou muito nervosa e meu filho é levado demais.

**A Coordenadora sugere que a mãe pense em uma outra forma de falar com o filho.**

**Madalena:** Meu marido foi embora. Meu filho ficou muito pior depois desse acontecimento.

**Thereza:** "Para trás, tensão". Meu filho é agressivo fica assustado. Deixo ele sozinho e não falo nada, depois converso. Um dia mudei de atitude, ele reclamou do jantar, dei um tapa nele. Isto o assustou muito, ficando bonzinho.

**Coordenadora:** Você usou o limite físico naquele momento. É diferente da Madalena, que diz bater muito. Assim, Thereza "deu um basta" no filho.

**Marcia:** "Abra os olhos, seu filho cresceu". Quero conversar mas o meu filho não quer ouvir. Sento dificuldades.

**Clara:** "Do bê-á-bá ao sonho de mudar o mundo" Quero mudar, mas não consigo. Acho que para mudar tem de haver religião, quero abrir o caminho dos filhos em relação aos estudos. Vivo preocupada com a alimentação (se emociona - neste momento chora). "Como fazer seu filho comer 4 cenouras". Gostaria que ele comesse todas as verduras.

**Coordenadora:** Nesses encontros muitas coisas poderão acontecer que poderão mexer com os sentimentos de cada um. Chamo atenção para o aspecto do sigilo no grupo (nesse momento tece algumas considerações acerca desse aspecto).

**Sandra:** Gostaria que se falasse também sobre a alimentação que o adolescente precisa.

**Coordenadora:** Na hora da alimentação, às vezes, a mãe perde a calma porque o filho não quer comer. Não consegue convencê-lo da necessidade de alimentar-se

**Clara:** Meu filho fala que eu não como verduras, por isso ele não vai comer também.

**Thereza:** Faço alimentação natural, me pergunto porque meu filho não quer. Às vezes, ele tenta me imitar. Só às vezes.

**Graça:** "Ajuda de fora". Falo com meus filhos mas eles não prestam atenção. Quando alguém de fora da família fala, eles escutam. Sinto raiva dessa situação.

**Thereza:** Meu filho quer ser igual aos amigos. Uso esse argumento para ajudá-lo.

**Emília:** "O que eles dizem". Tenho medo de lidar com essa situação. Quando sinto que um fato oculta algo, não sei como resolver.



Elizabete: "Certos hábitos devem ser preservados". Minha filha não usa roupas curtas. Totalmente diferente da gente, fomos criados com muita liberdade. Ela não quer crescer.

A Coordenadora: Há conflitos entre costumes, valores dos pais e dos filhos.

Otilia: "A arte de amar"; "Amor de mãe não tem preço". Minha filha dá muito trabalho, vive mentindo. Eu acredito em tudo, mas o pai não acredita e, geralmente ele está certo. Ela não vai à aula e não explica porque. No meu caso, acho que o amor atrapalha.

A Coordenadora: O amor nunca complica nada. Se mãe fala algo e o pai fala outra, tem que se ter muito cuidado com as palavras e limites.

Elizabete: "Vergonha". Sinto que meu filho está mudando e ele sente vergonha disso.

A Coordenadora solicitou que os elementos do grupo tentassem "guardar" essas palavras escolhidas, na mente de cada um. Em seguida, começou a falar da adolescência, caracterizando essa fase. Estabeleceu as diferenças entre puberdade e adolescência.

Elizabete: Todos nós sentimos as mesmas coisas quando passamos por essa fase

A Coordenadora estabelece as características entre o desenvolvimento que se dá com o adolescente e a adolescente.

#### 4ª sessão - *Falando de limites entre pais e filhos*

Planejamento da sessão (objetivos):

- 1) Proporcionar condições para o favorecimento das relações interpessoais.
- 2) Incrementar nos participantes o desejo de aprofundar-se nas temáticas relacionais com seus filhos.

Participantes: Clara, Eduardo, Antônia, Jorge, Elizabete, Sandra, Emília, Marcia, Madalena, Thereza, Francisca, Wilma, Neide.

A Coordenadora comentou um pouco sobre os assuntos tratados no encontro passado. Apresentou a proposta de continuação. Perguntou então se alguém veio pensando sobre alguma coisa especificamente.

Sandra: Vim pensando como trabalhar a diferença de idade entre irmãos. Meu filho mais velho não suporta a irmã. Ele tem 14 anos e ela 12 anos.

Emília: Tenho o mesmo problema. O filho mais velho acha que a mais nova é burra.

Elizabete: A mais nova critica a mais velha.

Antônia: Existe o mesmo problema com meus filhos de 18 e 15 anos.

A Coordenadora retomou a exposição acerca de características da adolescência, adentrando mais nas características do adolescente. Fala sobre os critérios estabelecidos pela O.M.S. Explica sobre as mudanças em nível do corpo, da mente e das relações que o adolescente mantém com o ambiente. Refere sobre as dificuldades relacionais comuns entre irmãos. Em seguida, faz referência aos critérios de saída da adolescência, não tão perceptíveis como os do início da adolescência.

A Coordenadora indagou aos elementos do grupo quais os assuntos que os filhos gostam de conversar. Os pais referem : música, namorado, festas, vídeo.

Coordenadora: É comum na adolescência, entre as diversas transformações, ocorrer também não só mudanças de interesse como também, nas relações com os membros da família, chegando muitas vezes, a haver colocações como: "minha mãe é chata, careta".

Jorge: Quando um filho quer sair, tem de pedir. Quando eu falo não, o filho diz que vai mesmo assim. Entramos em atrito. Se pedir com jeitinho, eu acabo deixando.

Clara: Quando digo não, não adianta insistir.

Madalena: Minha filha nem pede, pois sabe que eu não vou deixar mesmo. Minha filha é muito tímida.

A Coordenadora chamou a atenção também para o linguajar próprio do adolescente. Muitos utilizam palavras difíceis, que só eles conseguem entender, deixando os adultos sem entenderem o conteúdo de sua conversa.

Eduardo: Às vezes, o filho me chama de paia.

A Coordenadora comenta sobre as mudanças na utilização de certas palavras, embora com o mesmo significado. Lembra que em tempos passados, um homem bonito era chamado de "pão". Hoje, é "gato".

Thereza: Percebo uma dificuldade nos adolescentes com relação a não saber esperar.

A Coordenadora explica que os adolescentes tem dificuldades em lidar com o tempo, diferente da forma do adulto. Para eles, o tempo é vivido, não como um tempo cronológico, mas essencialmente existencial. Dá exemplos de como isso ocorre na escola. O adolescente tira notas baixas. A mãe briga, ele responde que conseguirá recuperar-se no próximo bimestre. O tempo vai passando, ele não estuda, sempre pensando que o tempo que resta será suficiente para o que necessita estudar. Refere que para os professores é importante conhecer sobre essas características do adolescente, ou seja, como faz uso do tempo. É preciso ajudá-lo (adolescente) a se organizar dentro do tempo, e não apenas sentirmos impaciência.

Antônia: O que fazer, então?

A Coordenadora volta a enfatizar a necessidade de se explicar sobre o uso inadequado que os adolescentes fazem do tempo. Refere também a respeito das condutas atuadoras (acting-out) próprias de muitos adolescentes.

Thereza: Meu filho não aceita sair comigo, mas quando convidado por amigos, a resposta sempre é positiva

Sandra: Me chama a atenção o suicídio na adolescência.

A Coordenadora coloca a importância de se dar atenção a qualquer menção que o adolescente faz sobre a intenção de suicidar-se.

Francisca: Será que os filhos herdaram dos pais as dificuldades da própria adolescência ?

Emília: Será que isso não faz parte da idade?

A Coordenadora retoma a discussão sobre a questão do suicídio, referindo algumas possíveis causas que levam ao ato suicida, tais como: fracasso escolar/depressão/doença mental.

Francisca: Quando eu era adolescente minha prima tinha problemas com os pais e vivia me chamando para morrer juntas. Dava apoio para a prima, mas na hora de tomar veneno desistia. Também me lembro quanto era preguiçosa. A mãe trabalhava à beira do fogão e não podia molhar as mãos na água fria, aí eu fazia todo trabalho de casa, menos lavar vasilhas. Fazia isso para chamar atenção.

Thereza: Você sabia o que fazia?

Francisca: Só sei agora. Naquele tempo não, pois éramos 5 irmãs, todas estudavam fora; só eu ficava trabalhando em casa.

A Coordenadora chama a atenção para o aspecto de que, muitas vezes, achamos que os filhos são incapazes de fazer determinada coisa, chegando a desqualificá-los. Não é de se estranhar que ocorram situações dos próprios adolescentes nos ajudarem, dando conselhos. Isso já ocorreu com alguém do grupo ?

Marcia: Minha neta pediu-me para interferir junto à mãe. Ela (mãe) queria montar uma confecção, chegando a realizar o negócio. que trouxe dificuldades financeiras posteriores.

A Coordenadora refere que muitas vezes o filho consegue inverter o papel com os pais, chegando a ajudá-los muito, contudo, deve-se ter o cuidado para não transferir para o filho (principalmente se for o mais velho) a responsabilidade que caberia aos pais.

Thereza: Meu filho fica vigindo quando eu falo alto com a empregada. Diz que assim ela vai embora.

Eduardo: Sendo filho mais velho eu ouvia que não podia dar mau exemplo para os irmãos. Não podia beber, nem fumar. Fazia tudo o que a mãe pedia.

Coordenadora: O que isso tem haver com seus filhos, hoje ?

Eduardo: Até hoje tenho medo de fazer algo, e não quero que os filhos me desobedeçam.

A Coordenadora chama a atenção para os limites necessários que, muitas vezes, são difíceis de serem estabelecidos dentro do contexto familiar.

Clara: É desse jeito em minha casa, falo para os filhos: "isso eu posso, vocês, não!" Quando tiverem idade certa, poderão. Minha filha de 12 anos quer deixar as unhas crescerem, só poderá fazer isso quando tiver 15 anos.

Antônia: Quando tem festa em casa, eu regulo a bebida dos filhos. Quando era pequena, minha mãe fazia a mesma coisa, colocava vinho no copo e deixava no chão, falava que não era ela que estava dando.

Sandra: Minha filha de dez anos queria tingir o cabelo de vermelho. Expliquei que não podia, pois iria estragar o cabelo. Uma semana depois queria dinheiro para ir ao salão Não dei, depois de 3 dias minha filha chegou em casa com os cabelos vermelhos. Estragou o cabelo, reconheceu então que eu tinha razão. Pediu-me desculpas. Outro dia, ela queria fazer um bronzeador. Expliquei que era perigoso. Parece que não adiantou nada. Minha filha não aceita limites.

Clara: Minha filha não faz nada sem perguntar se pode, mas também gosta de cortar cabelo.

Francisca: Quando minha filha faz alguma coisa que sai errado, fala: "fiz, não gostei, mas fiquei feliz".

A Coordenadora fala da necessidade do adolescente experimentar as coisas, a necessidades em fantasiar e querer viver o "como se", das situações.

Thereza: Meu filho conta muita vantagem, gosta de inventar história. Às vezes ele fica sem saber se vai em algum lugar ou não, fica esperando minha resposta.

A Coordenadora refere que esse comportamento é freqüente nos adolescentes. Muitas vezes têm dificuldade de escolher, e assumir sua escolha.

Francisca: Meu esposo permite que os filhos falem gíria, mas a menina, não. Isso me deixa nervosa. Quando os meninos falam, ela fica gritando para que o pai tome providências.

Clara: Quando não queremos algo para um, tem que ser para todos da casa.

Francisca: Às vezes, meu marido não quer bater. Entra para o quarto e fica rindo. Fica sem saber como resolver.

Sandra: Tenho conflito com minha filha porque ela tem 10 anos. Eu deixo que meu filho ande de ônibus. Com a menina é diferente, ela vive reclamando.

A Coordenadora chama a atenção para as mudanças que se processaram na sociedade, que inevitavelmente acarretam mudanças dentro de casa.

A Coordenadora indaga o motivo do silêncio de Elisabete.

Elisabete: Estou tendo um problema em casa, com o esposo. Tenho uma filha que faz parte de um coral de um grupo de música. Foi convidada para se apresentar em outro estado. O pai não quer que ela vá, porque a outra filha (adotiva) não vai. Ele tem medo que ela fique magoada, caso a irmã vá e ela não.

A Coordenadora sugere que existe a necessidade de conversarem. É muito importante o grupo de música para a filha. É necessário que o marido dela perceba a importância dessa viagem.

Sandra: Essa (atitude) superproteção não é nada bom. Mais tarde a filha poderá sentir negativamente, essa atitude do pai.

Thereza: Seria bom ele assistir: "Mudança de hábito 2".

A Coordenadora refere que está sentido o grupo se ajudando, se unindo. Informa que precisará entrevistar cada um, como parte do trabalho da pesquisa. Indaga se poderia filmar as reuniões. Pede para pensarem sobre isto.

### 5ª sessão - *Inverter com o outro - tarefa reveladora*

Planejamento da sessão (objetivo):

- 1) Proporcionar oportunidade aos pais, através da inversão de papéis, de perceberem a fase (adolescência) em que os filhos estão vivendo e as características do mundo vivenciado pelos adolescentes.

Participantes: Jorge, Sandra, Emília, Madalena, Elizabete, Aparecida, Eduardo, Antônia, Clara, Otilia, Francisca, Thereza e Neide.

A Coordenadora, após cumprimentar o grupo, informou que teriam uma sessão um pouco diferente. Gostaria que todos, naquele momento, pensassem nos filhos, e escolhessem representar o papel de um de seus filhos adolescentes. Solicitou em seguida que todos saíssem da sala e entrassem no papel do filho. Todos deveriam fazer a apresentação da mãe ou pai, participante do grupo.

Elizabete: (após entrar na sala, comunica ao grupo) Meu marido permitiu que minha filha viajasse, desde que eu vá junto. Estou feliz com isso.

A Coordenadora: Sua filha não se importa que você vá junto?

Elizabeth: Não.

A partir deste momento os pais tomam o papel dos filhos.

Roberto (pai Eduardo): Meu pai não larga do meu pé.

Helena (21 anos - mãe Antônia): Eu concordo com a minha mãe. Ela é muito amiga. Conversa comigo. Me orienta. Gosto muito de minha baixinha. Minha mãe é tampinha, é exigente, nós nos damos bem. Minha mãe é preocupada com meus irmãos. Não tolero meu irmão de 18 anos. Brigo muito com ele. Aos 15 anos, minha mãe começou a me aceitar mais. Eu ficava emburrada, ela ficava nervosa. Minha mãe é devagar. Queria que ela fosse dinâmica e emagrecesse.

Luiz Antônio (14 anos - mãe Sandra): Eu adoro conversar com minha mãe, minha vó pega no meu pé. Não gosto de conversar com ninguém por perto. Minha mãe quer que eu seja um bom estudante. Ela é exigente, corajosa, batalhadora. Gosto de trocar idéias, não gosto quando ela pergunta sobre as minhas coisas pessoais. Quero fazer Direito. Minha mãe é muito boa. Tem que corrigir minha irmã. Queria que viajássemos mais; não quero que mude a confiança entre nós dois.

Priscila (13 anos - mãe Aparecida): Gosto de conversar com minha mãe, ela compartilha muito comigo.

Raquel (11 anos - mãe Emília): Minha mãe é muito enjoada; gosta de mandar tomar banho. Acha que sou movida a comando, mas não gosto de ser mandada. Eu converso com minha mãe sobre outros assuntos, mas não sobre mim. Ela faz tudo pro meu irmão. Tô doida para namorar, mudar de vida. Minha mãe não confia em mim. Eu adoro fazer coisa de gente grande. Pagar contas, por exemplo.

Roberto (15 anos - pai Eduardo): Meu pai é careta, eu quero é divertir. Estudo é prá depois. Ele tá indo no colégio até de tarde, para ver o que estou fazendo. As psicólogas lá são caretas. Helena, minha irmã, é a protegida da minha mãe.

Patrícia (12 anos - mãe Clara): Minha mãe é devagar.



**Cibele (13 anos - mãe Madalena):** Minha mãe é um xarope, não deixa fazer nada. É chatona. Às vezes, meu pai é mais legal que minha mãe. Às vezes, sinto bem, outras vezes não com a superproteção de minha mãe. Quero que minha mãe emagreça.

**Pedro (pai Jorge):** Tenho 13 anos, estudo de manhã; brinco a tarde toda durante a semana. Meu pai me fez umas ameaças: que eu vou morar com minha mãe, e eu não gosto da idéia. Estou muito vagal; chego em casa; não quero fazer nada. Meu pai é até bom demais. Vou tentar recuperar. O defeito de meu pai é cobrar demais, enche o saco. Me põe de castigo.

**Beatriz (12 anos - mãe Otília):** Tem hora que a mãe é chata/boazinha.

**A Coordenadora indaga:** Foi você que andou preocupando sua mãe?

**Beatriz (mãe Otília):** Sim, foi eu.

**A Coordenadora solicita que continuem falando mais um pouco sobre os pais.**

**Helena (mãe Antônia):** Minha mãe conversa muito comigo.

**A Coordenadora, dirigindo-se a Helena:** Hoje você já é universitária, mas quando tinha 14 anos, brigava com sua mãe?

**Helena (mãe Antônia):** Sim, porque antes ela era muito exigente.

**Coordenadora:** E agora?

**Helena (mãe Antônia):** Continua exigindo.

**Coordenadora:** Ela é assim com todos os irmãos?

**Helena (mãe Antônia):** Não, ela preocupa muito com meus irmãos. Não tolero meu irmão de 18 anos. Sei que é ciúmes desde quando ele nasceu, minha mãe também não suporta ele.

**Coordenadora:** Você acha que sua mãe não trata todos iguais?

Helena (mãe Antônia): Não, acho que ela se preocupa mais com meu irmão de 18 anos, porque ele é muito difícil.

Coordenadora: Alguém quer perguntar alguma coisa?

Luiz Antônio (mãe Sandra): Helena, quando foi que você começou a mudar seu relacionamento com sua mãe?

Helena (mãe Antônia): Com 15 anos. Eu era muito chata, vivia emburrada, deixando minha mãe nervosa.

Coordenadora (dirigindo-se a Luiz Antônio): Você está com o mesmo problema?

Luiz Antônio (mãe Sandra): Eu adoro conversar com minha mãe mas, longe da minha irmã. Se ela deixasse eu tinha batido na minha irmã. Tenho certeza que ela já tinha melhorado. Minha mãe só quer que eu passe de ano.

Coordenadora: Que qualidade você vê na sua mãe?

Luiz Antônio (mãe Sandra): Ela é trabalhadora, trabalhadora, etc. Só não gosto quando ela começa a fazer perguntas. Quando quero falar, eu chego e falo.

Coordenadora: Alguém gosta de conversar com a mãe?

Helena (mãe Antônio): Eu gosto muito.

Raquel (11 anos - mãe Emília): Eu gosto de conversar com minha mãe mas é sobre outras coisa, não de mim.

Coordenadora: Gostaria de voltar a perguntar para o Luiz Antônio sobre sua mãe. Ela já lhe falou sobre o grupo?

Luiz Antônio (mãe Sandra): Já. É, eu mandei ela te falar que eu sou um cara legal. Tenho 14 anos e vou estudar Direito.

Pedro (13 anos - pai Jorge) : Meu pai é careta. Ele quer escolher uma profissão para mim, mas eu não quero. Vive na minha "cola". anda me vigiando no colégio

Coordenadora: Mas ele não te contou como é o grupo?

Pedro (pai Jorge): Ele me contou. Mas as psicólogas são todas caretas.

Raquel (mãe Emília): Meu irmão é burro. Minha mãe vive protegendo ele. Ela manda demais.

Coordenadora: Mãe não foi feita para mandar?

Raquel (mãe Emília): Acho minha mãe violenta. Ela bate, briga muito. Quando eu quero, faço na hora qualquer coisa. Mas quando não quero, não faço.

Coordenadora (dirigindo-se a Raquel): Sua mãe se arrepende depois?

Raquel (mãe Emília): Sim, depois que passa. Tenho 11 anos e quero namorar, ir às festas, clube, mas ela não deixa. Acho que não confia em mim.

Luiz Antônio (mãe Sandra): Ela é meio bobinha.

Helena (mãe Antônia): Minha mãe também é meio devagar. Não gosta de sair. Só fica em casa com meu pai. Acho que eles deveriam sair para passear.

Coordenadora: Sua mãe vive cansada?

Helena (mãe Antônia): Não, é porque ela é muito tranqüila.

Patrícia (12 anos - mãe Clara): Minha mãe é igual.

Coordenadora: Agora, vamos pensar em que aspectos gostaríamos que nossos pais mudassem.

Luiz Antônio (mãe Sandra): Minha mãe tinha que educar melhor a minha irmã. Gostaria que viajássemos mais. Ela fala que não dá conta de dirigir por muito tempo. Eu já falei para ela que eu ajudaria.

Helena (mãe Antônia): Não quero que minha mãe mude comigo, pois ela me ajuda muito. Meus irmãos falam que ela me protege, só porque estudo muito, e eles não.

Cibele (13 anos - mãe Madalena): Acho minha mãe um “xarope”.

Coordenadora: Por quê?

Cibele (mãe Madalena): Tudo que eu quero fazer ela não deixa. Meus irmãos são todos “xarope”.

Coordenadora: Sua mãe é meio chata?

Cibele (mãe Madalena): Chatona, ontem teve uma festa de aniversário na Vila Nova. Ela não me deixou ir. Eu queria que ela fosse mais calma.

Coordenadora (dirigindo-se a Pedro): E você Pedro, está quase dormindo!

Pedro (pai Jorge): Sou teimoso. Meu pai falou que se eu não passar de ano, vai me mandar morar com minha mãe, mas eu não quero. Estou tentando melhorar, pois brinco muito no colégio e não estudo em casa. Vou tentar ganhar a confiança dele.

Coordenadora: Seu pai tem defeitos?

Pedro (pai Jorge): Eu tenho alguns amigos que os pais não se importam com eles. Meu pai se preocupa muito com os filhos. Quando me põe de castigo acho chato. Às vezes, gostaria de ir para casa de minha mãe, lá eu ficaria solto, mas, às vezes eu não quero ir.

Coordenadora: E você Guilherme, como está em casa?

Guilherme (12 anos - mãe Francisca) não responde nada.

Beatriz (mãe Otilia): Ela é chata, boazinha. Às vezes, as duas coisas juntas.

Coordenadora: Guilherme, você pode falar de sua mãe?

Guilherme (mãe Francisca): Ela só quer que eu estude.

Coordenadora: Alguém quer fazer alguma pergunta?

Wilma (dirigindo-se a Guilherme): Você é estudioso?

Guilherme (mãe Francisca): Não. Só gosto de livros.

Coordenadora: Você é exigente consigo mesmo?

Guilherme (mãe Francisca): Nas notas estou com dificuldades, mas vou melhorar.

Coordenadora: Bruno, você vai apresentar sua mãe?

Bruno (12 anos - mãe Thereza): Ela fala muito. Tudo que ela fala eu já sei. Todos os dias repete as mesmas coisas e fala que me ama muito.

Coordenadora: Você quer que ela mude em alguma coisa?

Bruno (mãe Thereza): Gostaria que ela parasse de me mandar guardar as coisas, que eu deixo pela casa. Briga muito comigo porque eu sou gordo e gosto de comer só massas e refrigerantes. Ela quer que eu coma frutas e verduras.

Pedro (pai Jorge): Não quero que meu pai mude o lado caseiro. O cuidado que tem com a família, pois quando não estou na rua, fico do lado dele.

Priscila (mãe Aparecida): Eu não queria mudar nossa amizade. Minha mãe é minha melhor amiga.

Raquel (mãe Emília): É muito confuso. Às vezes acho que ela gosta de mim, às vezes, não.

Roberto (15 anos - pai Eduardo): Ele não pode mudar a confiança que ele tem em mim.

Coordenadora: Você faz por onde merecer?

Roberto (pai Eduardo): Às vezes.

Coordenadora: E você Patrícia?

Patrícia (mãe Clara): Não sei.

Coordenadora, dirigindo-se a Elizabete no papel da filha: Érica, sua mãe precisa mudar?

Érica (13 anos - mãe Elizabete): Ela não: pode ficar de maneira que está.

Luiz Antônio (mãe Sandra): Espero que ela não mude nossa relação de amizade.

Cíbele (mãe Madalena): Acho a superproteção ruim. Às vezes é bom, mas ela me protege muito.

Helena (mãe Antônia): Espero que ela (mãe) continue do mesmo jeito, amiga. Que mantenha equilíbrio. Só que eu gostaria que ela fosse mais dinâmica.

Coordenadora: O que gostaria que fizesse?

Helena (mãe Antônia): Que ela emagrecesse.

Luiz Antônio (mãe Sandra): Hoje eu falei para minha mãe não se preocupar mais com gordurinhas pois as gordinhas são mais bonitas.

Bruno (mãe Thereza): Minha mãe não pára. Vai para todo lugar. Ela tinha de cuidar mais da saúde. As pessoas falam que ela é uma super mãe, eu não acho.

Coordenadora: Tem pessoa aqui que a mãe é muito séria?

Bruno (mãe Thereza): Eu não gosto de tomar banho.

Coordenadora: Vai chegar a hora que os amigos vão sentir o mal cheiro.

Coordenadora: E você Guilherme?

Guilherme (mãe Francisca): Eu não gosto de conversar muito, mas se fosse minha irmã, aposto que ela iria falar mais.

Cíbele (mãe Madalena): Lá em casa a minha mãe não pode falar que vai mandar a gente para a casa do meu pai. Se ela falar, iremos correndo. Meu pai é melhor que minha mãe. Ele não briga comigo.

Raquel (mãe Emília): Eu adoro meu pai. mas não quero sair de perto dela (mãe).

(Pausa)

Coordenadora: Como é pensar no que o filho poderia falar? Parece que é difícil ficar no lugar dos filhos.

Clara: É muito difícil. Eu sou calada e minha filha também.

Madalena: Minha filha é muito nova para sair de casa. Ela quer ir a festas, talvez no domingo eu deixe.

Coordenadora: Vamos ver como isso ficou na cabeça de cada um no papel do filho. Como fica para vocês, quando o filho fala com outras pessoas assuntos que não conversam com a mãe.

Clara: Penso que eles não confiam nos pais.

Antônia: Não é amiga de verdade.

Sandra: Depende da característica pessoal de cada um.

Coordenadora: Será que é isso mesmo? O fato deles não conversarem conosco não significa que eles não são amigos dos pais. Isso acontece muito nessa idade (adolescência). É muito melhor conversar com os amigos do que com os pais pois, às vezes, eles têm os mesmos problemas. Tem adolescente que não insiste muito quando quer algo, mas fala com o colega que gostaria muito de sair, ir a festas, sabe que a mãe não deixa, então não insiste. Às vezes a mãe é tão autoritária, mas nem percebe isso.

Madalena: Minha filha, só pede uma vez. Já o meu filho insiste tanto que me vence pelo cansaço.

Coordenadora: Como é que ficou para vocês a mãe chata, mandona? Vocês já começaram a pensar que são assim mesmo? O que gostariam de mudar como mãe e pai? Como poderiam mudar?

Madalena: Gostaria de ser mais calma.

Emília: Ser mais calma é uma coisa que depende de outra, conforme o estímulo do momento.

Thereza: Parar de me preocupar muito.

Eduardo: Gostaria de ser calmo, igual a mãe. Sou um pouco autoritário. Mas a mãe também é muito mole.

Antônia: Não me considero mole. Só acho que ser muito rígido não adianta nada. O filhos têm uma fase que se não formos maleáveis, criamos um atrito muito grande com eles. O meu marido fica na minha "cola", cobrando o que não faço.

Francisca: Eu trabalho em casa. Os meus filhos falam mais é no pai. Ultimamente temos saído de casa por causa de nosso filhos. Eles percebem que o pai trabalha demais. Estamos vivendo uma nova fase.

Coordenadora: Ele não pode mudar o horário de trabalho?

Francisca: Não, porque ele trabalha no comércio. Os filhos estão achando que trabalho é castigo.

Madalena: (dirigindo-se a Francisca): O seu filho falou para o meu que ele está gostando de trabalhar.

Coordenadora: Vamos formar pequenos grupos de 3 pessoas e conversar entre si, como foi a experiência de se imaginar no lugar do filho

(Após alguns minutos, foram desfeitos os grupos.)

Coordenadora: O que surgiu no grupo? Um componente de cada grupo poderia falar.



Thereza: Não dá para avaliar, pois o que eu falei dele é o que eu sei.

Coordenadora: Às vezes reclamamos e não temos o hábito de elogiar, nem tampouco de nos imaginarmos no lugar deles.

Sandra: Temos dificuldade de falar porque não ouvimos. Falamos no pequeno grupo que achamos a técnica ótima .

Clara: Realmente é muito difícil ficar no lugar dos filhos.

Coordenadora: Isso levou vocês a refletir? O quê ?

Jorge: Não é fácil trocar de lugar com os filhos, pois sempre achamos que estamos certos. Minha filha pede para sair, se eu não deixar, ela fala que os pais de outra amiga deixam. Me preocupo muito, mas não me coloco no lugar dela.

Clara: Às vezes, me coloco no lugar deles e vejo que fomos tudo que eles são e que, seus filhos também serão iguais.

Thereza: Eu deixo meu filho sair, mas às vezes é ele que não vai. Só sai quando tem um amigo para ir junto. Ele não se sente seguro fora de casa.

Antônia: Elizabete fala que criar filho é mais difícil do que criar filhas. Eu já acho que a mistura é muito pior. Também acho que a religião é muito importante para ajudar na criação dos filhos. Mas cada caso é um caso à parte. Não devemos tratar todos iguais

Jorge: Não deixo sair porque não confio neles. Um dia deixei minha filha ir na casa da tia e quando fui buscar, ela não queria voltar.

Clara: Sou o contrário. Confio nos meus filhos, mas não nos outros.

Coordenadora: Tudo que fizemos aqui, hoje, foi feito com o objetivo de percebermos o quanto é difícil trocarmos de lugar com nossos filhos. Uma experiência como essa poderá ser feita quando seu filho quiser ir a uma festa e você não quiser deixar. Então, troque de lugar com ele.

Em seguida, a Coordenadora marcou os horários para as entrevistas individuais com os pais.

### 6ª sessão - *Adolescência - mundo novo de exigências*

Planejamento da sessão (objetivos):

- 1) Discutir sobre as dificuldades de ser adolescente hoje.
- 2) Sensibilizar o grupo sobre as mudanças que ocorrem nas diversas fases da vida de uma pessoa e as diferenças de papéis existentes.

Participantes: Eduardo, Antônia, Sandra, Emília, Thereza, Francisca, Madalena, Clara, Aparecida, Otília .

A Coordenadora iniciou o encontro perguntando a todos como haviam passado a semana.

Eduardo: Tive atritos com Antônia (esposa) antes de sair de casa. O meu filho (mais novo) queria dormir à tarde, mas eu não queria deixar. Antônia contestou, que não tinha nada de mais, o filho dormir um pouco.

Antônia: A questão de sono é muito pessoal. Tem gente que precisa dormir um pouco à tarde, para se sentir melhor. Outros, não.

(Neste momento, os dois Eduardo e Antônia discordam novamente com relação ao assunto colocado.)

Coordenadora: A questão é individual. Tem pessoas que precisam dormir mais que outras para ter desempenho melhor. Outras, ao contrário, não têm essa necessidade. Tem adolescentes que querem dormir mais, a mãe acha que é preguiça.

Madalena: As minhas filhas dormem à tarde. Isso nunca prejudicou em nada.

Coordenadora: Alguém se lembra do que falamos na reunião passada, com relação ao que se precisaria mudar ?

Emília: Pensei que gostaria de ser mais paciente com meus filhos.

Coordenadora: Como assim?

Emília: Ser mais tolerante.

Coordenadora: Que mais pensou?

Madalena: Vivo pensando em mudar meu jeito com eles (os filhos). Ser mais calma.

Coordenadora: Mais alguma coisa?

Sandra: Conversei com meus filhos e falei para eles que seus defeitos eu acho fácil falar, mas as qualidades não. Perguntei a eles, no que eles gostariam que eu mudasse. O menino gostaria que nós viajássemos mais. Já a menina gostaria que eu a deixasse namorar. Em outras coisas, não preciso melhorar nada. Além disso se eu melhorar estraga. Perguntei sobre nossas brigas. Eles disseram que mãe é assim mesmo. Senti que eles também acharam difícil falar de mim.

Coordenadora (observando Otilia, que se inquietava, perguntou):  
Otilia, você quer falar alguma coisa?

Otilia: Não.

Aparecida: Tentei falar com minha filha, propondo inverter o papel com ela. Achou muito difícil fazer o papel de mãe.

Emília: Trocar de lugar é muito difícil.

Coordenadora: Trocar de lugar com outro - inverter papel é realmente difícil. As crianças têm muita espontaneidade e conseguem fazer isso, enquanto brincam. Quando crescem isto vai ficando difícil. Para elas a troca de lugar é uma brincadeira. No encontro passado, vimos que não fomos treinados

para o exercício de inverter com o outro. Temos de ser perfeitos, responsáveis, trabalhadores, sério. Temos de ter as coisas claras na cabeça. Isso faz parte do papel de adulto. E o papel do adolescente? Em que consiste?

Antônia: O papel do conflito.

Coordenadora (usa o quadro-negro para expor acerca dos papéis característicos de cada fase):

<b>ADULTO</b>	<b>ADOLESCENTE</b>	<b>CRIANÇA</b>
Papel de Mãe	filho/trabalhador	filho
Pai	estudante	irmão
Profissional	irmão	colega
	primo	

Coordenadora: Quais os papéis que vocês desempenham no momento?

Emília: Eu trabalho na biblioteca, sou dona de casa, mãe, etc.

Madalena: Eu sou esposa, mãe, dona de casa, etc.

Antônia: Sou médica, dona de casa, esposa, educadora.

Aparecida: Sou mãe, dona de casa, etc.

Coordenadora: Vimos então quantos papéis cada um tem: o de mãe, tia, pai, madrinha, aposentado. Temos alguns papéis que exigem mais, do que outros. Todos os papéis estão ligados uns com outros. Há papéis mais leves, no sentido de que não exigem muito da gente. O papel de mãe e pai parece ser mais difícil, o papel de pais de adolescentes.

Emília: Às vezes, cobramos dos filhos papéis de adultos, outras vezes, de criança.

Coordenadora: Quem gostaria de fazer o papel de adolescente (faz um círculo no centro da sala, para que o adolescente fique dentro)

Madalena apresenta-se como voluntária.

A Coordenadora pergunta: quantos anos você tem?

Madalena: Tenho 13 anos.

Coordenadora: Tudo bem?

Madalena: Tudo bem.

Coordenadora: Você anda estudando?

Madalena: Um pouco.

Coordenadora: Você se lembra de quando era criança?

Madalena: Um pouco.

Coordenadora propondo que Madalena se imaginasse sendo criança (dando alguns passos para trás): Você quer ficar adolescente logo? Quer ter 13 anos?

Madalena: Quero.

Coordenadora: Por que?

Madalena: Quero ficar grande logo. Adulto. Mais responsável.

Coordenadora: Vamos para a adolescência. Gostaria que alguém representasse o adulto e a criança. Emília se apresenta ficando no espaço da sala reservado para os adultos.

Antônia: Se apresenta como criança.

Coordenadora. Temos, portanto, 3 momentos da vida de qualquer pessoa: infância/adolescência e fase adulta

Antônia ( no espaço de criança): É a fase mais doce das pessoas.

Coordenadora (dirigindo-se a Antônia): Quantos anos você tem?

Antônia: Tenho cinco e já comecei a estudar.

Coordenadora: Você consegue ver, lá na frente, o adulto?

Antônia: Não, é muito complicado.

Clara junta-se a Antônia.

Coordenadora: E o adolescente de 13 anos?

Antônia: 13 anos. Eu acho que é muito bom.

Coordenadora: Agora, eu vou falar com o adolescente. Você consegue olhar, lá na frente e ver o adulto?

Madalena: Sim. Eu acho que ser jovem é bem melhor.

Coordenadora (dirigindo-se ao adulto): É bom ser adulto?

Emília: É muito bom, porque consigo resolver tudo o que quero.

A Coordenadora convida os demais membros do grupo para ficarem, ou melhor, se posicionarem ao lado de uma das fases (infância, adolescência, fase adulta), onde se sentirem bem.

Todos se levantaram, procurando ficar ao lado das fases. A fase adulta foi a fase que teve maior concentração de pessoas.

Coordenadora: Como essa sala tem gente séria! Está cheia de adultos. Vocês estão bem? Alguém se lembra da adolescência? (Olhando para as crianças). E vocês crianças o que estão fazendo?

Quanto a você adolescente, quer ficar no lugar de alguém?

Madalena: Não, estou bem aqui. Não quero trocar de lugar com ninguém.

Coordenadora: Vocês acreditam que a adolescente está bem?

Todas dizem que o adolescente fala isso, da boca para fora, que ninguém se sente bem adolescente.

Emília. Vai juntar-se à adolescente. A coordenadora conversa um pouco com ela.

Coordenadora: Você faz a tarefa de casa?

Emília (no papel de adolescente): Não, esqueci, mas amanhã eu faço, antes da aula.

Coordenadora: O que vai acontecer quando algum adulto ficar sabendo?

Emília: Acho que vão torrar minha paciência.

Coordenadora: O que sua mãe deve estar pensando?

Emília: Ela não espanta muito com isso.

Coordenadora: Alguém quer mudar de lugar?

Emília volta para o lado dos adultos. Fala que aí encontra segurança, seriedade, etc.

Francisca: A segurança está no casamento.

Emília: Quando cheguei aqui (na fase adulta) não encontrei segurança nenhuma.

Coordenadora: O que vocês acham de voltar para a adolescência?

Francisca: Seria muito bom, mas gostaria de voltar com a experiência que tenho agora; aí tudo seria diferente, acho que iria ser melhor.

Coordenadora: Vamos voltar a falar com a adolescente que não quis vir para a vida adulta. Alguém poderia ajudar esse adolescente a encontrar o seu caminho?

Thereza vai para perto de Madalena e a chama para caminhar juntas.

Sandra (dirigido-se a Madalena): Se você pensar na sua própria vida, vai querer crescer.

Madalena: Talvez, quando crescer quero ser engenheiro.

Sandra: Você já pensou como poderia chegar até lá?

Madalena: Já, tenho de estudar muito.

Sandra: Já tentou ter algum amigo para te ajudar?

Madalena: Já, mas quando juntamos, tudo vira brincadeira.

Coordenadora: Olhe para a frente. Tem muitas coisas boas.

Madalena caminha, aproximando-se da fase adulta.

Coordenadora: Agora que você já é um adulto, como se sente?

Madalena: Estou bem.

Coordenadora: E vocês crianças, não querem ser adolescentes?

Clara: Quero ter amigos

Antônia: Aqui é muito bom, mas acho que tenho que caminhar.

Coordenadora: Você quer chegar logo no lado dos adultos?

Antônia: Gostaria, porque quero estudar para ser médica.



Coordenadora (dirigindo-se aos adultos): Essas pessoas estão muito quietas.

Thereza: Eu estou pensando que a vida toda eu corri com o relógio e até hoje não parei.

Coordenadora: Por que vocês adultos não quiseram ser adolescentes?

Clara: Ser adolescente é muito ruim

Antônia: O adulto já é uma pessoa definida, o adolescente ainda não.

Coordenadora: Vamos todos sentar e falar sobre essa técnica. O que vocês acharam?

Francisca: Nessa fase tem muitas coisas que poderíamos ficar o dia inteiro conversando e não seria fácil.

Antônia: Em todas as fases tem pontos positivos e negativos.

Coordenadora: Madalena você se saiu bem no papel de adolescente.

Emília: Acho que todos nós temos preconceito. É melhor ficarmos quietos.

Thereza: Eu nunca pensei em voltar estou muito feliz assim.

Clara: Quando somos crianças queremos crescer, quando crescemos queremos voltar a ser crianças.

Coordenadora: Isso é muito importante. Devemos pensar no dilema que essas mudanças traz para o adolescente. O dilema é o seguinte se eu ficar como criança é bom, poderia brincar, meu pai não vai pegar no meu pé. Se eu for adulto poderei sair sozinho, mas meu pai irá pegar no meu pé. Essa mudança está cheia de dúvidas. A adolescência é um acontecimento que não tem volta. Ir para frente é mais fácil do que voltar.

Coordenadora: E você Madalena, como se sentiu como adolescente?

Madalena: Achei que há uma discriminação com adolescente. Ninguém quer ficar perto dele.

Coordenadora: Como você realmente se sentiu?

Madalena: Mais ou menos.

Francisca: Hoje, os adolescentes são mais evoluídos. Percebem as fases melhor do que nós, quando éramos adolescentes.

Antônia: Hoje são mais bem informados do que antes.

Clara: Nós não tínhamos liberdade para conversar sobre esses assuntos.

Francisca: No colégio se fala coisa que eu nunca ouvi falar.

Coordenadora: Hoje, os jornais e a T.V. exploram o adolescente.

Emília: Acho que hoje em dia estão dando muito espaço para a psicologia.

Coordenadora: Não só a psicologia, a medicina começa a se preocupar com o adolescente, passando a vê-lo diferente da criança. Na educação encontramos muitas vezes os professores que encontram dificuldade em lidar com os adolescentes.

Eduardo: A revista Veja trouxe um reportagem falando que hoje os adolescentes consomem mais que antigamente.

Coordenadora: Muitas dessas coisas são trazidas pela T.V. ,que dita a moda, como a marca da calça, do tênis, etc. Não existe meios de brigar com a T.V.

Sandra: Fico pensando nas pessoas que vivem no interior, onde elas são desinformadas; como deve ser por lá.

Eduardo: Eu já vi dentro da Universidade, uma pessoa fazendo um trabalho sobre influência da T.V. na família. Ela não conseguiu publicar, só fora do Brasil.

Emília: Como fica a questão da sexualidade de uma menina de 15 e 10 anos?

Francisca: Minha filha de 9 anos perguntou se meu namoro com o pai foi simples ou transa total.

Clara: Não deixo minha filha assistir novela, para não ver as cenas de sexo. É melhor trocar de canal.

Coordenadora: Há muitos programas que deveriam ser em outro horário.

Otília: Não sou preconceituosa, mas as novelas estão pesadas.

Clara: É melhor assistir outras coisas.

Coordenadora: Devemos aproveitar as oportunidades, por exemplo, ao assistir uma novela e comentarmos com os filhos sobre as coisas que aparecem. As fantasias que são veiculadas.

Thereza: Eu li em uma revista que muitas jovens do EUA estão fazendo um pacto de virgindade.

Emília: Não adianta nada proibir a T.V. pois na escola as crianças conversam sobre o assunto.

Coordenadora: Há programas que forcem determinadas atitudes das crianças.

Antônia: Acho muito errado as crianças de 5 anos usar batom. Eu creio que os pais não deviam incentivar. A criança tem de que brincar com brinquedo da própria idade.

Sandra: A questão do batom é difícil de combater.

Clara: Tudo que eu puder cortar para o bem dos meus filhos eu vou cortar, seja amigos, T.V., etc

Aparecida: A melhor forma é conscientizar os filhos e não proibir.

Coordenadora: Em alguns momentos é melhor orientar os pais para que fiquem perto dos filhos para orientar sobre diversos assuntos que surgem.

### 7ª sessão - *O retorno à adolescência*

Planejamento da sessão (objetivos):

Através da utilização de imagens mentais levar o grupo a:

- 1) perceber pontos de sua vivência como adolescente (aspectos positivos e negativos);
- 2) verificar os pontos de contato entre a vivência pessoal de cada um e a adolescência hoje;
- 3) sensibilizar os participantes para perceberem aspectos da vivência de seus filhos adolescentes.

Participantes: Clara, Emília, Elisabete, Antônia, Aparecida, Sandra, Thereza, Francisca, Jorge, Madalena, Otilia e Neide

Inicialmente a Coordenadora falou sobre a oportunidade que teve em conhecer os filhos adolescentes, através das entrevistas. Indaga se eles comentaram com os pais.

Os pais informam que ninguém conversou nada.

Thereza: Eu queria saber o que foi falado na reunião dos adolescentes. Acho muito importante que os pais saibam o que foi falado.

(A mãe mostra-se bastante curiosa em saber o conteúdo da entrevista com os filhos.)

A Coordenadora explica acerca da natureza dos dados que compreendem a pesquisa, informando a todos que, neste momento, não é possível discutir os dados com os pais, mas que após toda a coleta de

dados estará à disposição das pessoas que se interessarem em conversar sobre seus filhos, ou melhor, sobre as relações com os filhos.

A Coordenadora propõe uma técnica. Pediu, em seguida, que todos fechassem os olhos e procurassem uma posição confortável na cadeira. “É importante que cada um se sinta à vontade e de forma confortável.” Começou então a falar lentamente:

- Pensem que estão diante de um espelho. Observem o seu corpo. Procure verificar se há alguma parte de seu corpo que se encontra tensa. Solte o corpo, relaxe.

- Pensem agora, no começo do dia de hoje, como foi a parte da manhã, o que cada um fez na hora do almoço, ao vir para nossa reunião, ao encontrar as pessoas.

- Vamos agora imaginar que cada um está realizando uma viagem no tempo. Cada um vai encontrar-se na adolescência, na sua adolescência.

- Comecem a pensar e a se ver quando eram adolescentes. Como era o seu corpo, gostava dele? Tinha algum problema com o corpo?

- Tinha alguma dificuldade em falar algum assunto?

- Gostava de conversar. Tinha amigos? Muitos? Poucos? O que eles representavam para você?

- Com relação à família: como se sentia? Era compreendido dentro de casa? Com quem você se relacionava mais? Com quem o relacionamento era pior? Era bom ficar em casa?

Enquanto falava a Coordenadora colocava cartões no chão que continham em cada um as palavras: corpo, sexo, estudos, namorado, pai, mãe, festas, conflito, amigos, solidão, masturbação, escola, brigas, descoberta, medo, angústia, provas, irmãos, música, aluno, religião, timidez, conflito, repressão, dúvida, sonho, virgindade, profissão, amor, liberdade, vida, complexo, irmãos, movimento estudantil.

- Você tinha liberdade de falar o que pensava?

- Tinha medo? De que? Falava com alguém sobre seus medos?
- Você tinha namorado? Podia namorar?
- Você falava sobre sexo? Com quem?
- O que você realmente gostava de fazer, quando era adolescente?
- Revendo naturalmente essas lembranças, procure lembrar de um cena de sua adolescência, como se fosse num filme. Procure observar os detalhes desta cena.
- Agora, procure deixar essa cena de lado em meio às suas lembranças e complete a frase: minha adolescência . .
- Continue de olhos fechados e vá lentamente deixando as imagens de sua adolescência. Procure retornar ao tempo presente, fazendo uma caminhada até chegar aos dias de hoje. Você adulto, 1994 - uma tarde de 5ª feira, aqui nesta sala
- Imaginem-se novamente frente ao espelho, veja o seu corpo e lentamente faça alguns movimentos.
- Devagar, abram os olhos.

Agora vocês devem se levantar. Como vêem há vários cartões no meio da sala. Vocês devem escolher aqueles que mais se aproximam das coisas que você acabou de pensar.

Todos se aproximaram, passando a escolher os cartões, voltando em seguida para seus lugares.

Agora cada pessoa pode falar o que quiser a respeito da escolha que fez.

Quem gostaria de começar?

Thereza: Achei interessante pensar na adolescência. A minha foi tranqüila.

Coordenadora: Então para você foi fácil voltar à adolescência?

Thereza: Foi muito fácil, pois ela era mais tranqüila do que eu vivo hoje.

As palavras escolhidas por Thereza: escola/ música/ estudo/ aluno/ religião.

Thereza: A pessoa que mais marcou minha vida, foi a minha mãe, que era diferente de mim. Eu era muito estudiosa, nunca dei trabalho para minha mãe, que era muito avançada para a época. Ela era dinamarquesa, veio para o Brasil como missionária. Nossa vida era diferente da das outras pessoas. Tive uma amiga, que me marcou muito. Era estudiosa. Um modelo de aluna. Tenho uma amiga que conheço há mais de 40 anos, a amizade continua até hoje. O interesse pela música começou no colégio. Ganhei uma bolsa de estudos. A minha vida toda foi voltada para estudos. Sexo, minha mãe nunca falou nada, só quando eu fui casar.

Coordenadora: Em que cena pensou?

Thereza: Gostava de competir com perguntas de conhecimentos gerais, jogava futebol com os amigos, olhar marca de carros. Gostava muito de ler, mas não tinha muitos livros, então procurava ler todas as revistas que minha mãe tinha. Ah... Acho que é por isso que quero que o Bruno estude muito.

(Neste momento Thereza tem um "insight" percebendo por que se preocupa, porque lhe incomoda a forma desligada do filho).

Jorge: Escolhi as palavras: timidez e amigos. Na minha adolescência não aproveitei quase nada. Meu pai era garimpeiro e só voltava para casa quando pegava ouro. Minha mãe lavava roupa e eu tinha de ajudar. Só me divertia aos domingos, jogando futebol e tomando banho no rio. Sempre fui muito responsável. Timidez - sempre tive muita vergonha de conversar com as pessoas, me casei com 27 anos. Minha timidez era tanta que até os 20 anos não tinha coragem de olhar na cara das moças; conversava olhando para os lados. Trabalhei como faxineiro no Colégio Carlos Chagas. Os alunos viviam mexendo comigo. Corriam e eu ia atrás deles para bater, pois eles me irritavam. Foi aí que apareceu uma moça que trabalhava lá e disse que os meninos só queriam brincar, e não brigar, e que ela iria ajudar-me. Às vezes,

até pagava lanche. Ela foi uma pessoa muito importante na minha vida. Se melhorei minha timidez devo tudo a ela. No final os alunos e eu ficamos amigos. Amizade - sempre tive medo, pois quando sou amigo é prá valer. Quase nunca posso confiar em meus amigos, que são muito poucos. Eu não acredito que possa ter uma amizade sincera; já entrei em várias confusões por causa de amigos.

Coordenadora: Qual foi a cena que você lembrou?

Jorge: Sempre fui responsável. Não tive nenhuma cena marcante.

(os aspectos que incomodam Jorge referem-se exatamente ao fato de que não gosta que seus filhos fiquem enturmados, fiquem à toa.)

Clara: escolhi: amigos e medo. Na volta para a adolescência, não tive novidades, pois estou sempre voltando. Eu morava na roça, a rotina era diária, ajudava a minha mãe no trabalho de casa. Eu era uma pessoa isolada, vivia sempre sozinha. Cena: sempre tive medo de gado. Um dia fui na vizinha com meus amigos e um rapaz ficou para trás. Aí eu gritei que uma vaca estava pegando minha irmã. O rapaz veio correndo muito assustado. Fiquei com muita vergonha e não consegui falar com ele por muito tempo. Aos 15 anos foi que tive muitos amigos. Mas, o medo continua até hoje, por isso estou sempre voltando na adolescência. Tive meu primeiro namorado aos 12 anos, por isso não deixo minha filhas namorarem.

(Clara compara sua experiência e conclui que 12 anos é muito cedo para se namorar hoje.)

Coordenadora: Você acha que começou a namorar cedo?

Clara: Não, mas hoje a vida é diferente.

Emília: Escolhi conflito/repressão/dúvida. Quando eu tinha 11 anos minha mãe morreu e meu pai casou-se de novo, com uma mulher bem diferente da minha mãe. Ela só tinha filhos. Então, os homens podiam fazer tudo e as mulheres não. Na realidade, não sei se era as mudanças que eu estava passando ou, se ela era mesmo ruim.



Coordenadora: Qual foi a cena?

Clara: Eu vivia pensando em um primo, gostava dele, mas quando a irmã dele falou para ele me namorar, ele ficou com vergonha e eu também. Voltar ao passado não foi difícil, tenho pensado muito nele.

Sandra: Palavras escolhidas: pai/corpo/sonho e festas. Minha infância foi tranquila, fui criada na casa de minha avó. Meu pai sempre ausente. Na adolescência tive de sair de uma cidade pequena para uma maior, para estudar. Quando cheguei levei um grande susto. Tive que andar umas 6 quadras para chegar ao colégio, que era muito grande e cinzento. Tive medo e não queria ficar. Então, minha mãe disse que meu futuro estava ali e eu tinha que tentar. No primeiro dia de aula, a professora deu-me um livro que nunca tinha visto, aí eu pensei na minha mãe e resolvi ficar Corpo: Eu era a mais magra da família e tinha um grande complexo. Sonho: Minha mãe me fez uma pessoa forte, mas às vezes, quero caminhar, mas não tenho pernas

Nesse momento Sandra fica emocionada e chora.

Coordenadora tira da bolsa um lenço de papel e o entrega para Sandra.

Coordenadora: A volta para sua adolescência foi difícil. E as festas?

Sandra: Eu gostava muito de festas; dançava todos os domingos com os colegas da escola. Isso marcou muito minha vida. Cena: a da chegada ao colégio em Campo Grande.

Antônia: Palavras escolhidas: Timidez e medo Em toda minha vida fui tímida, meus pais viviam vigiando meus passos. Medo: Tinha medo da morte, de perder meus pais.

Coordenadora: Você falava desses medos para alguém?

Antônia: Não, guardava tudo só para mim. Minha mãe tinha um complexo, achava que morreria cedo, mas meu pai morreu e ela ficou. Sempre vivi estudando ou trabalhando. Meus pais brigavam muito, isso prejudicava toda a família. Quando meu pai saía, a minha mãe não deixava, então virava briga. Eu

achava que meu pai tinha que ser autoritário com minha mãe. Eu tinha muita raiva dessas atitudes dos dois. Teve um tempo que eu queria ser freira, meus pais não deixaram. Hoje vejo que estava errada, o que eu queria era sair de casa, que só tinha brigas e discórdias. Em relação ao meu corpo, sempre quis crescer. Quando estava na adolescência, achava que meu tórax era muito largo. Quanto à cena que marcou, acho que foram as brigas.

**Elisabete:** Palavras que escolhi: timidez/pai/mãe. Sempre fui tímida, não me lembro de minha adolescência. Vivia trabalhando desde pequena, doméstica. O que mais marcou minha vida foi minha mãe, quando ela morreu eu tinha 15 anos. Esta foi a cena. Meu pai foi um bom homem sempre admirei. Ele foi pai e mãe, ao mesmo tempo. Minha mãe sempre foi muito forte. Um dia amanheceu doente e morreu na mesma semana.

**Antônia:** Como foi a morte dela?

**Elisabete:** Minha irmã era enfermeira e cuidava dela no hospital que trabalhava. Um dia minha mãe acordou e disse que nunca mais voltaria para casa.

Nesse momento Elisabete se emociona e chora.

A coordenadora pegou um lenço e lhe entregou.

**Aparecida:** Escolhi: festas/irmãs/colégio/virgindade/profissão/amor. Gostava de estudar. Minha mãe sempre me deu muito apoio. Eu adorava ir em festas e namorar. Meus irmãos, vivia cada um para si próprio. Eles só conversavam comigo quando minha mãe mandava, pois não gostavam de intrometer na vida dos outros. Quanto ao meu corpo, eu gostava dele. Profissão: Desde cedo eu trabalhei como doméstica, só parei quando casei. Namoros foram poucos. Não me realizei muito não, pois os rapazes só queriam pegar no meu corpo. Tenho uma irmã que é 20 anos mais velha do que eu, mas meu pai nunca a aceitou. Ela não morava conosco. Acho que ela tinha raiva de minha mãe, por ter tido ela. O que mais me marcou foi quando perdi minha virgindade. Aconteceu aos 19 anos e foi uma coisa natural. Sempre lembrava da minha mãe, que vivia falando para tomar cuidado com a virgindade. Chorava muito com a situação que eu estava vivendo. Na segunda relação que tive fiquei grávida. Conte para minha patroa, mas não tive coragem de contar para minha mãe. Foi ela

quem falou, depois que eu estava casada e com 4 meses de gravidez. Ela (mãe) ficou 3 dias sem conversar comigo, depois que a raiva passou, deu o maior apoio.

Coordenadora: Foi difícil voltar a adolescência?

Aparecida: Não.

Francisca: Escolhi corpo/namoro/amizade/religião. Tive muitos amigos, mas acho que era uma escapatória porque sempre morei em fazenda e trabalhava muito.

Aos 5 anos fui morar com minha avó. Naquele tempo houve um acidente no garimpo e minha tia ficou traumatizada. Então minha mãe me deu prá ela. Eu conversava muito, às vezes minha tia pagava para que eu parasse de falar. Eu gostava muito de teatro, de ler, mas meu avô não deixava, falava que gastava querosene, aí eu comprava velas. Minha tia casou e eu voltei para minha casa. Eu tinha muita vontade de casar cedo, queria namorar, mas as pessoas falavam que tinha de ficar moça primeiro, e eu demorei muito a ficar moça. Religião: Eu gostava era de ir para o culto. Tenho muito amor pelos meus tios, avó, etc, quando volto para revê-los, eles me tratam com indiferença. Quanto ao meu corpo, tinha muito complexo, pois era muito magra. Amizade: Fui criada com muitos primos e tios. De repente fiquei só, isso me deixou triste. Hoje, estou me encontrando. A cena que mais marcou foi com um namorado, que minha família não gostava. Na cidade onde eu morava faltava muita energia. Eu estava com ele na praça e a luz apagou. Começamos a beijar e a energia voltou. Nós não percebemos que meu pai estava perto e viu tudo. Hoje, analiso e vejo que eu deveria ter aproveitado mais os estudos. Meu pai não deixava faltar nada de objeto escolar. Fico triste por não ter estudado.

Francisca preocupa-se muito pelo fato de um de seus filhos ir estudar. Todos em casa - ela e marido valorizam muito a questão de escola.

Madalena: Palavras escolhidas: liberdade e vida

Coordenadora: Para você, foi difícil voltar à adolescência?

Madalena: Não foi nada fácil. Meus tios e avós controlavam minha vida. Nunca faltou nada, mas não tinha liberdade. Medo: Às vezes, penso como eu consegui criar meus filhos sozinha. A cena que eu lembrei foi quando morava no Jardim América eu fui passear no córrego. Minha tia me pegou lá mesmo e levei uma surra. Quando cheguei em casa minha vó também me bateu, depois foi minha mãe. Quando fiquei moça fui morar com meu tio, para que eu não saísse de casa.

Otília: Escolhi complexo. Acho que eu não tive adolescência só tinha duas opções ou trabalhava, ou não comia.

Coordenadora: Qual foi a cena que você se lembrou?

Otília: A maioria foi ruim, mas lembrei de uma cena. Quando eu tinha 8 anos, freqüentava uma capela que algumas crianças vestiam de anjinhos. O meu maior sonho era cantar no coral. Um dia fui convidada e quase morri de tanta felicidade.

Francisca: pergunta sobre técnicas de regressão.

Coordenadora: Não me parece assim tão fácil. A pessoa tem que ser especialista para fazer isso.

Emília: Não sei porque sempre tive amigos negros.

Coordenadora: Como ficou esse momento, para vocês? Em geral foi difícil?

Thereza: Isso me deixou mais tranqüila em relação à educação que quero para meu filho.

Coordenadora: Aqui apareceram várias coisas que falam de adolescência.

Francisca: Gostaria de ser igual a Sandra, estudiosa, mas nunca dei valor aos estudos.

Coordenadora: Essa técnica mexe muito com as pessoas. Ela teve como objetivo básico fazer com que, percebendo sua adolescência, possam perceber a adolescência dos filhos. Procurem pensar no que falaram hoje. Procurem ver

o que isso tem a ver, ou não, com o seu comportamento enquanto pais de adolescentes.

### 8ª sessão - *Como nos parecemos e somos diferentes*

Planejamento da sessão (objetivos):

A partir do que o grupo trazer:

a) procurar estabelecer ligações dos processos individuais vividos na adolescência e a adolescência de seu(s) filho(s); b) identificar a incidência de escolhas feitas numa sessão passada, procurando estabelecer a relação das escolhas numa época passada com o papel atual de pais.

Presentes à reunião:

Sandra, Thereza, Emília, Jorge, Aparecida, Antônia, Eduardo, Elisabete.

Faltaram: Madalena, Francisca, Clara

A Coordenadora iniciou a sessão indagando aos elementos do grupo o que ficara na memória de cada um acerca do encontro passado.

Aparecida: Falamos de nossa adolescência.

Jorge: Voltamos à nossa adolescência e lembramos de coisas que aconteceu naquele tempo.

Sandra: Foi pedido que lembrássemos de uma cena daquele tempo e que cada pessoa falasse um pouco sobre as palavras que escolhessem.

Coordenadora: Vocês pensaram em casa sobre as coisas que comentamos aqui estabelecendo alguma relação com o papel do pai e mãe?

Sandra: Passei a semana toda muito ocupada, mas hoje parei para pensar. Senti que existe um bloqueio, não sei se consciente ou inconsciente.

Elisabete: Tive dor de cabeça.

Jorge: Eu não pensei em nada.

Aparecida: Pensei e comparei minha filha. Senti que há algo em comum entre nós duas.

Emília: Também pensei e vi que minhas atitudes com meus filhos são as mesmas que eu tive quando era adolescente. Tudo que eu não podia fazer, hoje também não deixo meus filhos fazerem.

Coordenadora: Aparecida, como se sentiu ao perceber o que você falou?

Aparecida: Eu venho bloqueando certas passagens que vivi, para não passar para meus filhos. Procuro analisar muito antes de falar alguma coisa para eles.

Coordenadora: E você Antônia, o que pensou?

Antônia: Eu passei uma borracha no cérebro. Também foi uma semana tumultuada.

Coordenadora: Vejo que houve várias maneiras de encarar a questão. Cada pessoa utiliza uma forma consciente ou não para bloquear o que não se quer pensar.

Antônia: Eu esqueci o que você pediu para pensar.

Coordenadora: Podemos esquecer fatos e compromissos involuntariamente. Às vezes, fazemos algo que não sabemos porque. O esquecimento pode ser uma forma de bloquear as lembranças.

A Coordenadora fixa no quadro-negro 3 cartolinas, onde encontram-se registradas as palavras que foram anteriormente escolhidas pelos elementos do grupo, no encontro passado.

Coordenadora: Vocês acham que essas palavras são comuns aos adolescentes de hoje?

Todos concordam que tem tudo a ver com os adolescentes de hoje.

Coordenadora: Não importa há quanto tempo nossa adolescência transcorreu. A adolescência tem aspectos semelhantes em qualquer época. Por exemplo, todas as pessoas gostam de ir para o colégio, encontrar amigos e conversar, em geral não gostam de estudar. Outro exemplo, foi a palavra amigos.

Todos falaram que eles foram muito importantes em suas vidas. Seus filhos também necessitam de amigos.

Coordenadora (dirigindo-se a Jorge): Será que sua vivência com os próprios amigos, não o ajudou a entender o relacionamento com amigos?

Jorge: Ajudou um pouco, mas não consigo relacionar-me com nenhum amigo. Tenho horror a eles e passo isso para meus filhos.

Coordenadora: Que idéias os adolescentes têm sobre amigos?

Antônia: Eles se entregam totalmente. Fazem tudo por eles.

Emília: Acho que eles falam a mesma língua.

Coordenadora: Eles têm muito medo de perder os amigos, por isso aceitam até as críticas, mesmo não gostando nem um pouco delas.

Emília: Tenho medo dessas influências.

Coordenadora: Os amigos influenciam mesmo. Se sentem muito ligados uns aos outros. Tudo que a turma faz, todos fazem, os mesmos gostos, etc. Os adolescentes sentem muito quando ficam longe dos amigos.

Antônia: Meu filho falou que reconhece que briga muito comigo. Até quando isso é transitório? Tenho medo que continue e nunca passe.

Coordenadora: É como ter filhos pequenos. Eles não querem comer, choram e dão birra. Achamos que essa fase não passa nunca, aí ficamos impacientes, querendo que eles cresçam logo. Eles crescem, é um alívio. Mas logo vem a adolescência e começa tudo de novo. As mudanças acontecem

com um filho. O pai têm de agir de maneira diferente com cada filho. É necessário fazer novos arranjos dentro de casa. De repente temos que fazer adaptações, adequando-se a cada membro da família. As meninas muitas vezes se sentem injustiçadas, os irmãos podem tudo, elas não.

**Sandra:** Como é que fica o irmão quando fala que não gosta da irmã e nunca vai gostar?

**Coordenadora:** Eu não acredito que seja assim.

**Jorge:** Eu tenho dois filhos que brigam muito. Falam que não gosta um do outro, mas quando o aniversário da minha filha chegou, o irmão pediu para que eu fizesse uma festa para ela. Quando eles estão brigando, eu interfiro e separo logo.

**Antônia:** Também interfiro, mando todo mundo calar a boca

**Thereza:** Eu falo que amigos não brigam.

**Elisabete:** Irmãos brigam muito, por qualquer coisa, depois vão brincar juntos.

**Emília:** Tenho um filho que briga muito com o outro, muitas vezes, os três brigam

**Coordenadora:** Você se lembra quando brigavam com seus irmãos?

**Thereza:** Eu brigava muito com meu irmão, mas com a minha irmã nunca briguei.

**Coordenadora:** Às vezes as brigas acontecem por motivos diferentes: por ciúmes, disputa dos irmãos pela atenção dos pais, complexo, etc. Ocorre situações que os próprios pais, sem perceberem, favorecem o surgimento de conflitos entre os filhos, por exemplo ao compararem um filho com outro.

**Eduardo:** Estamos vivenciando essa situação em casa, comparamos nossa filha com os filhos; ela é muito estudiosa, eles não.



Coordenadora: É muito difícil nós nos policiarmos quanto a isso. Na realidade, acontece elogiar os filhos que são mais quietos e bonzinhos.

A Coordenadora neste momento faz um gráfico dando exemplo da ligação entre os subsistemas pais com um dos filhos, explicitando como se dão as coalizões dentro da família.



Antônia: É difícil ficar imparcial.

Coordenadora: Acontece muitas vezes que, por necessidade do pai ou da mãe, ocorre uma maior vinculação com um dos filhos, que (ocupa) desempenha um papel diferente dos demais irmãos. O filho se vê solicitado a assumir o papel de pai ou de mãe, é o caso do filho parental.

Coordenadora: Jorge, eu gostaria de saber se você dá muita responsabilidade para sua filha?

Jorge: Não. Lá em casa todos fazem os serviços juntos. Todos os problemas são divididos igualmente.

Thereza: Conheço um pessoa que faz uma escala de trabalho com os filhos.

Coordenadora: Isso é difícil. Anos atrás tínhamos sempre quem nos ajudasse em casa. Muita coisa ainda está ligado às origens do nosso povo, ter escravos. Os tempos mudaram, a sociedade também, mas fazemos uma distinção da divisão de trabalho. Os filhos têm dificuldades em aceitar que devem cumprir algumas tarefas dentro de suas casas.

Aparecida: Como fazer uma criança de 8 anos executar um trabalho, sem ficar sempre repetindo a mesma coisa?

Coordenadora: Que tal você procurar fazer algumas comparações, como, na casa há lugares determinados para os móveis, para os objetos. Mostre-lhe a necessidade dele ter suas coisas em determinados lugares. Além disso, é importante que, quando ele deixar os objetos fora do lugar, deixe que ele mesmo o pegue de volta e guarde.

Antônia: Quando os pais trabalham fora, tudo fica por conta da empregada. Nunca preocupamos em ensinar nenhum serviço aos filhos.

Thereza: Quando o Bruno quer, ele arruma tudo.

Coordenadora: Há adolescentes que arrumam as bagunças da casa quando têm algum interesse

Sandra: A minha filha arruma, mas desarruma; ela não consegue conservar.

Coordenadora: Muitas vezes temos que falar: “ eu sei que você está cansado, com calor, mas vai ter que arrumar”. Há adolescentes que não gostam que entrem no quarto deles por causa da desorganização

Antônia: Eu falo para meu filho que não tem jeito de entrar no quarto dele, por causa da bagunça. Ele diz: "porque então você entrou? ".

Thereza: O Bruno fala que escovou os dentes, mas na realidade, ele não escovou.

Coordenadora: É importante dizer que todos nós precisamos de organização.

Emília: Você acha certo tirarmos as coisas que os filhos mais gostam, quando eles não fazem o que pedimos?

Coordenadora: Eu penso que cada situação é diferente. Há situações que se ocorrer um impedimento e este sempre repetir, a tendência é criar-se um atrito. É importante que consigamos falar de nossos sentimentos.

Aparecida: Falei para minha filha levar o namorado em casa. Ela não levou porque estava namorando um menino de 13 anos.

Coordenadora: Bom, esse é o seu raciocínio. Quem sabe, talvez para ela não valha a pena levá-lo em casa. Ir na casa da namorada assume um significado de compromisso, para eles. Pode ser que eles não queiram isso.

Jorge: As amigas da minha filha falam que namorar em casa, não tem graça, por isso, eu proíbo mesmo. Um dia descobri que ela estava namorando escondido, falei para ela namorar em casa, ela não quis.

Antônia: O primeiro namorado da minha filha tinha 15 anos, chegou na minha casa e pediu permissão.

Thereza: Célia, vamos voltar a nossa conversa sobre as brigas dos irmãos, como é que fica?

Coordenadora: Dependendo da situação, temos que interferir.

Aparecida: Vejo meus filhos brigarem como eu no passado.

Antônia: Quando estou brigando com um dos meus filhos, o outro sempre entra no meio.

Jorge: Acho que não adianta segurar os filhos. Um dia levei minha filha à festa. Falei que ela podia dançar, mas não namorar. Mesmo assim, um rapaz veio falar comigo. Pedi para namorar com ela. Expliquei que ela era muito nova e tinha de estudar, por isso eu não podia deixar.

Antônia (dirigindo-se a Jorge): Isso faz parte da idade. Se você privar sua filha nessa idade ela poderá sentir um vazio mais tarde quando for adulta.

Coordenadora: Na época de hoje, não podemos cercar os filhos, como aconteceu com os pais.

## 10ª sessão - *Conversando e mudando*

Planejamento da sessão (objetivos):

Levar o grupo a continuar refletindo sobre os aspectos relacionais com seus filhos adolescentes.

Participantes: Francisca, Clara, Emília, Aparecida, Antônia e Eduardo.

Coordenadora: Hoje três pessoas não compareceram, como já foi avisado no encontro passado, as outras, não sei o motivo da ausência. Quais as novidades da semana?

Eduardo: Vou trabalhar de novo, na Universidade. Fui convidado para por em dia alguns documentos. Não estou gostando muito mas já avisei que fico só até dezembro. Além disso, o pessoal lá de casa está me pondo fora: mulher, sogra, filhos, empregada.

Coordenadora: Voltar a trabalhar é bom, as pessoas sentem-se úteis, embora, aposentar-se também seja bom.

Eduardo: Quanto ao meu filho Samuel, eu tentei buscá-lo no colégio, mas ele estava noutra lugar. Então, não deu certo. Outro dia, tentei de novo, mas a mãe e ele vinham brigando. Aí falhou de novo.

Coordenadora: E ele, estranhou a sua atitude?

Eduardo: Acho que não.

Coordenadora (dirigindo-se ainda a Eduardo): Gostaria que falasse um pouco sobre o que pensou a respeito das palavras tolerância e passividade.

Eduardo: Essas coisas vêm de muito tempo. Não dá para pensar dessa maneira; o tempo foi curto. Mas, esses dias, tentei conversar com ele, procurando puxar assunto, e ele soltou um palavrão, aí eu perguntei se estava certo, acho que ele ficou com vergonha.

Coordenadora: O grupo lembrou-se da situação vivida aqui?

Francisca: Pensei Acho que me ajudou muito, através de nossas conversas. Procuro ver onde estou errada e procuro melhorar.

Coordenadora: Você falou que, quando vai abrir o portão para os filhos, já abri com a cara feia.

Francisca: Acho errado quando eles não chegam juntos. Procurei conversar com eles sobre isso e acho que vai melhorar.

Emília: Eu pensei e achei que, às vezes, não falamos nada, deixamos as coisas seguirem sozinhas, com isso, não podemos cobrar mais tarde.

Aparecida: Sinto que está havendo uma mudança comigo, pois, parei de mandar um pouco. Eles (filhos) pararam de reclamar. Semana passada tive de viajar, eles ficaram sozinhos com uma tia, só para dormir. Minha filha levou o namorado e as amigas para almoçar em casa. Quando cheguei, expliquei que não era certo fazer isso quando eu não estou em casa.

Antônia: Esta semana achei uma carteira de cigarros lá em casa Era do Roberto. Levantei cedo. Meu sobrinho estava num entra e sai do quarto do meu filho. Fiquei desconfiada, foi aí que achei uma carteira de cigarros. Resolvi explicar como o fumo faz mal. Ele é uma criança que tem alergia. Enquanto uns querem largar de fumar, outros querem começar.

Eduardo: Na minha casa, no interior, tinha fumo de palha. Comecei a fumar escondido, achava elegante. Quando minha família descobriu, fizeram-me engolir um cigarro inteiro. Vomitei, passei mal e fiquei enjoado de cigarro. Ele (referindo-se ao filho Roberto) vive pedindo dinheiro para a mãe, o tempo todo Resolvi lhe dar uma mesada por semana. Só que lá em casa, nós temos uma falha, que é de não controlar dinheiro. Então ele pode pegar o quanto quiser e não vamos sentir falta

Coordenadora: Qual o preço de um carteira de cigarros?

Eduardo: É muito barato.

Coordenadora: Nessa idade, os adolescentes gostam de fumar escondido, pegar o carro sem pedir, sair escondido e outras coisas.

Eduardo: O Samuel tem uma ânsia de pegar carro e eu não deixo mesmo. Ele não tem habilitação.

Antônia Um dia ele pegou o carro e foi longe, desde essa época não facilito mais.

Coordenadora: Estou preocupada. Hoje faltou muita gente. O que pode ser?

Emília: Acho que essas reuniões mexem muito com as pessoas, às vezes, dá vontade de não vir. Eu venho porque quero conhecer melhor essa fase, para poder ajudar e tentar resolver certos problemas.

Coordenadora: Será que é isso mesmo? Temor em vir?

Clara: Eu estava conversando com meu esposo sobre as reuniões, e achamos que não temos problemas como nossos filhos, ainda.

Aparecida: No meu caso, os meus filhos estão brigando muito e é muito difícil controlá-los.

Clara (chorando): Um dia uma vizinha falou que eu dava mais carinho para um filho do que para outro. Cobrava mais de um do que de outro. Percebi essa falha. Procurei mudar a minha maneira de tratar os dois. Hoje dou carinho igual para eles.

Coordenadora. Para vocês, como é isso, de um filho achar que os pais gostam mais de um filho do que de outro?

Emília: Não tem como tratar todos iguais. Minha filha sempre fala que eu gosto mais dos meninos do que dela. Na realidade, eu brigo mais com ela, do que com os outros. Minhas cobranças com relação a ela são bem maiores, acho que é o fato dela ser mulher.

Coordenadora: Será que é errado termos afetos diferentes, pelos filhos?

Francisca: Lembro-me que uma vez, eu e o meu esposo fomos ao pediatra levar nosso filho Marcelo, que estava muito agressivo. Levamos os outro dois filhos juntos. Quando o médico viu as diferenças de idades de um para o

outro, foi logo falando que estávamos dando muita atenção para o mais velho, que estava mais bonitinho e para a menina, que era a mais nova. Sendo assim, o filho do meio não tinha nenhum lugar para ocupar. Eu acho que essas reuniões são para perceber o desenvolvimento de uma criança, quando ela vai para adolescência. Aqui revivemos nossa infância, como a questão do fumo. Quando eu era mocinha fumava cigarro de palha. Uma vez, minha prima e eu fumamos tanto que chegamos a desmaiar, no meio da estrada, quando voltamos de uma festa na roça.

Coordenadora: Francisca falou em rever coisas, na medida que revemos nossas atitudes, podemos mudar com nossos filhos. Cada um de vocês deve estar revendo o que passou, quando era adolescente. Ao rever certas posturas, podemos fazer algumas mudanças na relação com os filhos. Talvez nem mudemos as atitudes mas, tomamos consciência delas.

Francisca: Em casa, conversei com meu esposo vimos que estávamos realmente deixando o Marcelo de lado. Ele é o filho que mais me dá trabalho. Tentamos mudar de atitudes com ele, mesmo assim, ele não deixa de cobrar.

Clara: Essas coisas, a gente não faz porque quer. Um dia, conversei com meu marido e ele falou que era bobeira minha. Às vezes, fico olhando como o pai trata as crianças.

Coordenadora: Será que os pais têm de gostar de todos os filhos da mesma forma?

Francisca: Vejo minha filha fazendo carinho no pai. Ela sempre fala que eu não deixo fazer carinho em mim. Em minha casa, todos os meus irmãos são assim. Minha mãe nunca deixava ninguém encostar nela para fazer carinho.

Coordenadora: Hoje temos muitas coisas para pensar. Lembro-me de uma pessoa que não tocava os filhos. Tinha essa mesma relação com sua mãe.

Francisca: Mas, com meu marido é diferente. Nele eu faço carinho.

Coordenadora. Com ele, o seu relacionamento não é de mãe e filho. Tem mães que deixam os filhos abraçarem, beijarem e se são pequenos subirem no

colo. É mais fácil o adulto ter essa consciência e aí pode se indagar: será que eu vou ficar reclamando dessa situação ou vou tentar mudar?

Eduardo: Quando eu era criança, fui mais apegado a minha mãe, do que os meus irmãos. Hoje eu vejo isso lá em casa. Os meus filhos são apegados à mãe e na casa dos meus irmãos é bem diferente.

Antônia: Tem momentos que eles querem me beijar e eu não deixo. Principalmente quando estou ocupada.

Aparecida: Eu sinto essa dificuldade com meu marido. Sou fria com ele, pois minha mãe quase nunca abraçava meu pai. Já com os filhos sou diferente. Gosto de fazer carinho igual minha mãe fazia comigo.

Coordenadora: Há atitudes que tomamos que se ligam a aspectos de nossa história, nossa família de origem, ou mesmo de outras pessoas de família como tios, avós ou outros parentes. Não podemos deixar que esses fantasmas nos atormentem. Não é porque eu tinha um mau relacionamento com minha mãe, que vou ter também com meus filhos. Temos de pensar nas possibilidades de mudança.

Emília: Às vezes, penso que coisas ruins também podem trazer pensamentos bons. Até a morte, pois diante dela podemos reviver coisas e tentar mudar.

Coordenadora: Voltemos a questão dos pais, se eles devem gostar dos filhos 24 horas por dia. Tem filhos que sentem ódio dos pais, que tem raiva. Será que nós não podemos ter esses sentimentos?

Antônia: Gostamos dos filhos igualmente. O que não gostamos em alguns filhos, são suas atitudes.

Coordenadora: Isso é normal. Temos de falar para eles sobre nosso sentimento em relação às atitudes que eles têm

Emília: Depois que meus filhos nasceram eu entendo mais o meu pai antes eu odiava ele e sofria com isso, pois, todas as minhas amigas gostavam do pai e eu não.



Coordenadora. Isso faz parte de um mito, o de que filho nunca sente raiva dos pais. Devem amá-los sempre

Francisca: Hoje, eu estava conversando com meu marido no quarto, minha filha entrou, pedi para que ela saísse do quarto. Então ela respondeu-me que era a vez dela conversar com o pai, pois eu até dormia com ele (todos riram). Aí eu me lembrei que sempre, eu conversava mais com meu pai do que minha mãe.

Coordenadora: Antigamente nós tínhamos dificuldade de falar dos pais.

Emília: Eu queria que eles fossem diferentes, bonzinhos, igual as outras pessoas.

Coordenadora: Às vezes confundimos a maneira que os pais são, e o que queremos que eles sejam.

Francisca: Sobre o cigarro, eu comecei dando para minha irmã. Quando minha prima vinha para minha casa, fumávamos muito. Meus pais nunca falaram nada. Fico pensando se meus filhos fizerem isso; vou sofrer demais.

Coordenadora: Seus pais tinham sabedoria, se proibissem poderia ficar pior. Mas, tem várias maneiras de fumar, ou melhor, há várias ocasiões: nos momentos de preocupação, com as amigas, socialmente. O difícil é a turma de amigos, que se juntam para fumar cigarro, podendo até partir para outras experiências, como é o caso da maconha.

Clara: No meu tempo meu pai fumava e bebia café. Todos os irmão não bebem álcool e nem fuma. Acho que hoje é a influência da T.V. que faz isso com os adolescentes, faz com que eles queiram beber.

Coordenadora: A propaganda causa um impacto na mente do adolescente. Geralmente associa-se o cigarro como algo excitante, como por exemplo aspectos de lazer e sucesso.

Clara: Quando eu estudava, uma colega me falou, que fumar era bom, para acalmar, na hora das provas. Isso também influencia

Coordenadora: Com relação à T.V. realmente a influência é grande. A imagem é forte, procurando determinar a escolha de roupa, perfumes, desodorantes, alimentos e outras coisas mais.

Emília: Meu filho queria um desodorante Avanço. Perguntei porque e ele disse que era para as mulheres avançarem nele (todas riram).

Coordenadora: Ninguém faz propaganda de doenças ou pobreza. Só fazem, utilizando o lado eufórico das pessoas.

Antônia: Meu filho fala que a carteira de cigarro que tem é para dar aos amigos.

Coordenadora: Muitas vezes dão mesmo.

Aparecida: Aqui nessa escola já ofereceram até maconha para minha filha, mas ela é inteligente e não quis.

Wilma: Realmente, aqui o problema do cigarro está ficando sério.

Coordenadora (dirigindo-se a Wilma): O que vocês estão fazendo para lidar com esse problema?

Wilma: É muito difícil, até o diretor fuma no estabelecimento da escola.

Coordenadora: Voltando à questão do afeto pelos filhos o que pode acontecer ao se perceber que um pai ou uma mãe gosta mais de um filho?

Francisca: Às vezes, eu me pego fazendo isso.

Coordenadora: Não seria isso, devido ao fato de você se entender melhor com um do que com o outro?

Francisca: É ... devagar eu tenho percebido isso.

Aparecida: Tenho um filho que na minha opinião, ela combina mais comigo, do que o outro

Coordenadora: Às vezes nossos filhos têm a mesma opinião, ou seja, sente que gosta mais do pai ou da mãe.

Emília: Tem certos aspectos que eu gosto mais em um do que no outro.

Eduardo: Tenho um exemplo dentro de casa. A menina gosta de estudar os meninos não. Assim, elogiamos muito a menina e criticamos muito os meninos.

Coordenadora: Eles são mais novos. Quem sabe eles querem ocupar um espaço igual ao da irmã?

Eduardo: Às vezes, os meninos pedem para a mãe levá-los em algum lugar, ela fala que não. Mas quando a moça pede, a mãe leva em qualquer lugar.

Antônia: Eles ficam a tarde toda sem fazer nada.

Coordenadora: Não daria para levá-los algumas vezes?

Antônia: Esses dias o Samuel perdeu a carona. Pediu para levá-lo, repondi que não e ele foi a pé.

Coordenadora: De repente vocês (dirigindo-se à Eduardo e Antônia) acham que a filha merece mais, pois é mais esforçada.

Emília: Acho que a fase em que mais crescemos é na adolescência é na fase de crescimento dos filhos.

Coordenadora: Você falou uma coisa muito importante. Nessa fase podemos aprender muito com os filhos e tentar construir em cima dessas vivências.

Obs.:

Neste dia havia muito barulho vindo da construção do lado de fora.

12ª - sessão - *Sem muito jeito para falar sobre sexo*

Planejamento da sessão (objetivos):

- a) Propiciar oportunidade do grupo entrar em contato com as questões da sexualidade;
- b) Através da modelagem em massa verificar o nível de facilidade, ou não, de se falar sobre a sexualidade.

Participaram: Francisca, Emília, Madalena, Aparecida, Clara, Sandra, Antônia, Eduardo e Elisabete  
Faltaram: Jorge, Otilia, Thereza

Coordenadora: Estou percebendo que algumas pessoas faltaram hoje.

Eduardo e Antônia entraram atrasados.

Eduardo: Ontem me lembrei de uma foto e pedi para Antônia pegar, mas ela esqueceu (dirigindo-se a Antônia). Agora, explica para Célia porque eu me lembrei da foto.

Antônia: Eu não; explica você.

Eduardo: Fala você.

Antônia: Está bem. É que a foto está relacionada com o passado, o presente e o futuro, através da expressão que ela passa para as pessoas que a vê.

Madalena: Achei muito interessante a reunião passada. Hoje eu estava olhando meus filhos e pensando. Será que daqui há 5 anos eles vão estar comigo?

Emília: Para mim a fotografia da Thereza retratou tudo que ela fala nas reuniões. Agora, para mim foi bom, mas acho que não consegui concentrar direito. Não consegui achar uma fotografia para mostrar hoje.

Coordenadora: Gostaria que alguns participantes explicassem para quem não esteve presente na vez anterior, que trabalho foi realizado. (Explica que foi focalizado com mais detalhe o caso da fotografia da Thereza. Informa que

pedira que, se alguém desejasse poderia trazer uma foto real de casa para esta sessão.)

Alguém mais se lembrou de trazer uma foto?

Eduardo: Eu queria trazer, mas Antônia não pegou.

Francisca: Eu não vim porque tive muito trabalho em casa.

Clara: Eu também tive que trabalhar muito com as costuras

Coordenadora: Bom, como ninguém trouxe, vamos falar de vocês. Como estão os filhos? Tudo bem?

Sandra: Houve um fato interessante com meu filho. Eu tive de viajar e falei para ele cuidar da avó. Quando cheguei fiquei sabendo que ele brigou com a irmã para proteger a avó. Ele cuidou o tempo todo dela. Depois ele me falou que sentiu que a família é a base de tudo e que a avó precisa de carinho e compreensão, pois ela não vai mudar sua maneira de pensar porque ela viveu uma outra realidade no passado.

Coordenadora. Alguém mais gostaria de falar sobre o filho? Eduardo como está o Samuel?

Eduardo: Dormindo. Antes ele perguntou se eu já ia sair.

Coordenadora: Quando os filhos são pequenos não gostam que nós saíamos de casa. E quando são adolescentes perguntam o tempo todo que hora nós vamos sair de casa. É importante perceber que isso não quer dizer que nos rejeite.

Madalena: Isso é verdade. Ontem meu filho tinha uma apresentação no ginásio. Eu falei que iria com ele, pois era à noite. Ele não gostou nem um pouco, falou que não era mais criança e os amigos iriam rir dele com a mãe do lado; no final acabei deixando ele ir sozinho. No outro dia, ele sentou-se no meu colo, querendo carinho.

Coordenadora: Temos que entender essas mudanças de comportamento dos filhos. Hoje, vamos fazer um outro trabalho. Vamos construir uma massa de farinha de trigo, para modelar.

(São colocados os ingredientes sobre a mesa: farinha de trigo, sal e água.)

Todos devem vir até a mesa e participar da confecção da massa.

(Eduardo é o único que não se aproxima da mesa)

Coordenadora: Enquanto mexem na massa, digam o que estão sentindo.

Antônia: É muito bom mexer na massa.

Coordenadora: O que mais estão pensando?

Francisca: Estou lembrando-me que, quando era criança vivia fazendo bolinhos.

Clara: As minhas meninas fazem muito biscoito.

Antônia: Está parecendo um bolo de cerveja que faço!

Francisca : Quando cheguei Célia, você perguntou se estava tudo bem, eu respondi que estava. Mas não estou.

Coordenadora: Por que?

Francisca: Estou em crise, a cada dia que passa engordo mais.

Coordenadora: Quero que vocês pensem sobre sexualidade.

Aparecida: Ontem na T.V. passou um programa interessante sobre sexo.

(Enquanto amassam, continuam falando.)

Sandra: Estou vendo que a Clara mexe melhor a massa!

Coordenadora: É, só falta o rolo.  
(Eduardo que não participa, sai da sala, volta daí alguns instantes.)

Francisca: Madalena, eu fiquei sabendo que você foi a Goiás!

Madalena: Fui mesmo e foi ótimo.

Francisca: Também gostaria de ir.

Madalena: Mas eles (os adolescentes) não deixariam.

Coordenadora: Agora, que a massa está pronta, vocês vão tirar uma porção e voltar para seus lugares.

É distribuída uma folha de papel chamex para que cada um execute o seu trabalho com a massa

Coordenadora: Cada um de vocês vai moldar um corpo.

Madalena: Ah, não Célia. Cada vez você complica mais.

Eduardo: A minha mulher não resiste ficar sem trabalho, com as mãos na massa.

Coordenadora: Procurem não pensar em comida. Façam o corpo da forma que for mais agradável.

Madalena: Eu não faço o meu nem que me pague.

Coordenadora: Podem fazer qualquer corpo, façam do jeito que quiserem, em qualquer fase da vida.

Francisca: Célia, na fazenda da minha mãe tem um córrego que tem muita argila. Quando eu era criança viva fazendo bonequinhos, meu irmão contava para meu pai e ele sempre fazia um sermão.

Coordenadora: Enquanto estão moldando, deixem surgir idéias.

A sala fica em silêncio, todos trabalham. Há momentos em que Madalena conversa com Emília.

Madalena pede para sair um pouco.

Coordenadora: Alguém já terminou? Passa de mesa em mesa observando os trabalhos. A sensação que eu tenho é que estão gostando de mexer com a massa.

Gente, eu posso ficar com esses trabalhos? Todos riem. Gostaria de fotografá-los.

Acho que todos já concluíram, vamos começar a mostrar a moldagem e falar sobre ela. Quem quer começar?

Antônia: Eu quero começar. Aqui é a minha maleta de médico e a minha bolsa do lado. É meu corpo. A figura é baixinha e gordinha como eu sou.

Coordenadora: É difícil trabalhar com as mãos?

Antônia: Não é difícil. tenho habilidade.

Coordenadora: Alguém quer perguntar alguma coisa sobre a figura da Antônia?

Antônia: Parece que estou mais magra.

Coordenadora: Talvez seja o seu ideal.

Eduardo: Eu gostaria que ela fosse mais magra.

Clara: Eu moldei o meu filho e eu, um do lado do outro, debruços.

Coordenadora: O que o menino simboliza?

Clara: Ele gosta de dormir assim, eu gosto de ver ele assim

Coordenadora: A figura da Antônia dá para ver que é mulher, já a da Clara fica difícil perceber de que sexo é.



Clara: Fica difícil moldar o sexo. Fica, por causa da posição.

Aparecida mostra seu trabalho.

Coordenadora: Com que se parece o trabalho da Aparecida?

Todos responderam que parece com um homem.

Coordenadora: Por que?

Aparecida: Eu ia moldar uma menina, mas não consegui. Então fiz um menino.

Coordenadora: E a genitália?

Aparecida: Eu não consegui, porque ele está de calças. Normalmente a gente não vê.

Francisca: Afinal, é homem ou mulher?

Clara: Era mulher, depois virou homem. Depois eu achei que estava parecendo um nordestino.

Coordenadora: Então é homem! Vocês acham que está parecendo homem?

Todos responderam que sim, por causa do bigode.

Coordenadora: O que veio na sua cabeça?

Francisca: Quando eu era criança e brincava no rio, só conseguia fazer figura de homem. Hoje, eu tentei fazer uma mulher, mas, não consegui.

Coordenadora: Eles eram desse jeito?

Francisca: Não, eram bem maiores, eu brincava com muitos amigos, então cada um queria fazer maior que o outro. Além de bonequinhos também fazia bolinhas para meu irmão matar passarinho.

Coordenadora: Quando seus filhos vão lá, fazem bonecos com genitálias?

Francisca: Não, elas fazem panelinhas, mesinha, copinhos, coisas de cozinha para brincar.

Coordenadora: Emília, o que você estava pensando enquanto moldava?

Emília: Eu também brincava de fazer bonequinhos, só que a menina sempre estava de roupa e o menino sempre pelado.

Coordenadora: Que idade tinha?

Emília: 7 anos mais ou menos. Brincávamos homens e mulheres juntos.

Coordenadora: Qual é a idade de sua figura?

Emília: 15 anos.

Coordenadora: Um adolescente.

Francisca: Eu e a Madalena atrapalhamos um pouco a Emília porque falamos que se ela moldasse muita coisa, teria de explicar mais.

Coordenadora: Agora, é a vez da Sandra.

Sandra: No começo pensei em uma boneca Karajá. Fiquei pensando em fazer uma boneca diferente.

Coordenadora: Olhando a boneca, que idade ela teria?

Sandra: 20 anos, está mais para mãe.

Coordenadora: E você Elisabete?

Elisabete: Um homem de 60 anos.

Coordenadora: Ele está vestido?

Elisabete: Está

Coordenadora: E você, Eduardo?

Eduardo: É um homem. Eu mesmo. Voltei no meu passado. Quando não tinha nenhum compromisso, eu estava com 14 ou 15 anos.

Coordenadora: Fase boa.

Eduardo: É, foi muita boa.

Coordenadora: Você podia jogar?

Eduardo: Não muito, minha mãe, marcava muito.

Madalena: O meu desenho parece um E.T.

Coordenadora: Está parecendo um neném. O que é mesmo?

Madalena: Né nada não.

Coordenadora: Você gostaria de acrescentar alguma coisa?

Madalena: Não

Coordenadora: Então, é um homem!

Madalena: É.

Eduardo: A maioria fez homem.

Alguns protestaram.

A coordenadora conta os trabalhos e constata que realmente há mais homens.

Coordenadora. O que vocês sentiram? Pensaram?

Madalena: Achei difícil em fazer o sexo.

Coordenadora: Parece que temos dificuldades em falar sobre sexo.

Francisca: Nessa idade é

Emília: Para mim é mais fácil.

Coordenadora: Parece que é difícil expressar a sexualidade nos bonecos. É mais fácil fazer os seios do que as genitálias.

Francisca: Parece que na nossa idade é mais difícil.

Coordenadora: Por que?

Francisca: Por mais que trabalhos essa questão, fica difícil quando temos de falar com os filhos.

Coordenadora: Será que é porque passamos por isso com nossos pais e avós?

Clara: Em minha casa todos tomam banho juntos. Ninguém pergunta nada. Quando não tem visita a porta do banheiro fica aberta. O meu esposo fica só de cueca à noite em casa. Às vezes, falo para ele dar banho no filho de 10 anos. A menina já está mocinha, banha de porta fechada.

Sandra: A minha filha sempre fala que vai adotar um filho, porque a mulher sofre muito quando fica grávida. Não sei quem colocou isso na cabeça dela. Sou muito analítica. Essas coisas eu analiso com meus filhos. Eu converso sobre a liberdade que os adolescentes queriam anos atrás. Eu falo que essa geração tenta resolver tudo com drogas, já a minha geração não dava valor ao casamento. E isso está voltando, como festa de 15 anos e de casamento, com bolos. Geralmente eu converso isso com eles em tom formal e é essa a crítica que me faço.

Coordenadora: Qual é o assunto mais difícil de conversar com os filhos?

Emília: O ato sexual em si. Eu tento conversar o lado bom, o da realização, mas como passar esse lado sem estimular?

Eduardo: A minha dificuldade é que eu fui criado na religião evangélica e sempre falava, que eu iria criar a minha família diferente. Eu e a mãe (esposa) tomávamos banho juntos com nossos filhos. Hoje em dia, são eles que se afastam de nós. Não sei se o meu assunto não é o deles.

Antônia: Eu deixo a minha porta aberta, eles entram e não falam nada. Às vezes, eles falam assim: "Ei, mãe, a senhora está pelada?".

Coordenadora: Madalena, para você também é difícil?

Madalena: É muito difícil, mas também eles nunca perguntaram nada.

Francisca: Lá em casa é a menina que faz perguntas fortes para sua idade, que é 10 anos. Eu falo que explico depois. Ela fala que nós não vamos segurá-la por muito tempo.

Madalena: Esses dias meus filhos perguntaram se eu transei antes de casar. Respondi que não, aí eles ficaram rindo.

Coordenadora: Como você era quando tinha 10 anos Francisca?

Francisca: Eu fazia perguntas para as colegas, e nunca para minha mãe. Como eu já contei, eu morava com uma tia, que tinha uma turma de amigos, que gostavam de festas e de dançar. Sempre eu ia junto, acho que eu vivi antes da época certa.

Coordenadora: Será que não é bom o filho perguntar para a mãe sobre esse assunto?

Francisca: Eu não estou preparada para esse assunto de sexo.

Sandra: Na novela da Globo todos transam sem se conhecerem direito.

Clara: Eu gostaria que a minha filha perguntasse para mim e não para os outros.

Madalena: A minha filha foi para o clube com a prima, eu fiquei falando para ela tomar cuidado com piscina funda. A minha sobrinha falou que, elas não iam fazer "bobagem" igual à mãe dela fazia com o pai, e eu com meu ex-marido. Então a mãe dela levou ela para o quarto e foi explicar.

Francisca: A minha filha fala coisas mais elevadas.

Coordenadora: Dê um exemplo.

Francisca: Ela quer saber o que é menstruação, quer ver.

Aparecida: Eu fiquei sabendo o que era menstruação por uma vizinha. Ela falou que se eu fizesse 15 anos e não menstruasse, eu estava com problemas, teria que ir ao médico. Chorei à noite toda com medo de ter que ir ao médico. Quando a menstruação veio eu falei que a minha mãe não ia ficar sabendo porque ela não quis contar nada. Ela ficou sabendo no mesmo dia e contou para todo mundo.

Francisca: A minha mãe nunca falou sobre sexo, mas em casa, sempre tinha livros sobre esses assuntos.

Coordenadora: Voltando à Clara, os filhos nem sempre tem liberdade de perguntar para os pais sobre sexo. Seria bom que eles falassem conosco, seria uma maneira de sabermos o que se passa na cabeça deles. As pessoas pensam que educação sexual tem um momento para iniciar; pensam que deve acontecer quando os filhos estiverem maiores. Engano, ela deve começar desde o nascimento.

Madalena: A minha filha viu um programa sobre gravidez na adolescência. Falou que eu era adolescente quando ela nasceu.

Coordenadora: Pode-se aproveitar a questão de gravidez na adolescência, aproveitando para falar sobre os riscos para a adolescente e o filho.

Antônia: Devemos explicar que não podemos ter filhos nem muito novos, nem muito velhos. Tem uma idade que é mais certa para ter um filho.

Coordenadora: Deve-se aproveitar os momentos que surgem em casa, para se começar a conversar sobre o assunto. Gostaria que a Elisabete falasse um pouco mais.

Elisabete: Lá em casa, a criação foi sempre rígida. Vamos criando as meninas da mesma maneira.

Francisca: No domingo, passou um programa que o repórter perguntava: como foi a sua 1ª vez e quando aconteceu. Teve um homem que respondeu que tinha 11 anos; o outro uns 12 anos. Todos só pensavam em sexo (todos riram). Eu fiquei pensando se não estou sendo muito rígida com meus filhos. Acho que vou deixar eles saírem mais.

Coordenadora: Será que não é um pouco de ingenuidade nossa achar que nossos filhos não conversam com ninguém sobre sexo?

Madalena: No ano passado a professora do Júnior me chamou para falar que as meninas estavam dando em cima dele. E que era muito perigoso, eu conversei com ele, mas acho que não adiantou nada.

Francisca: Eu conheço uma pessoa que não deixava o filho brincar com qualquer pessoa e nem sair de casa sem ela. Um dia ela pegou a filha e a amiga em cima da cama fazendo jogos sexuais. Eu preferia que fosse com um menino do que uma pessoa do mesmo sexo.

Madalena: Eu jamais aceitaria isso.

Coordenadora: Há uma fase de descoberta do próprio corpo. A criança sente necessidade de tocar o corpo de outra criança. Ocorre assim, muitas vezes, o jogo sexual. Não há erotismo na fase da infância. Em idade mais avançada os jogos sexuais passam a ter outro significado. Há a situação da masturbação, comum nos adolescentes. A mãe fica preocupada quando o filho está demorando no banheiro. Acha que o filho está fazendo algo errado. O adolescente muitas vezes, sente-se vigiado, até achando que está fazendo algo errado, quando não chega a pensar que é pecado.

Antônia: Lá em minha casa eu vivo batendo na porta do banheiro, quando os meninos estão demorando.

Coordenadora: No banheiro pode acontecer muitas coisas como: treinar o olhar sedutor na frente do espelho; o sorriso; o penteado; olhar os músculos. Muita coisa portanto, sem necessariamente ser masturbação.

Francisca: Um dia eu fui na casa de uma vizinha. Ela gritou com o filho que estava no banheiro. Disse: "Sai logo daí; pára de alisar o passarinho". Eu quase morri de vergonha e fiquei pensando, será que os meus estão na idade de fazerem isso também?

Coordenadora: Tem alguns pais que deixam livros "por acaso" em casa, com o intuito dos filhos acharem e lerem. Será que os filhos irão sentir-se à vontade para conversar com os pais sobre esses livros, que foram deixados dessa forma?

Clara: Quando eu tinha 14 anos em minha casa tinha um livro sobre sexo perdido. Eu pegava escondido das pessoas todos os dias e ia para o quintal ler.

Coordenadora: Você acha que é bom ler um livro e o assunto ficar só para quem lê? Você entendia tudo que lia?

Clara: Eu não conseguia conversar sobre sexo com meus pais! Eu lia esse livro, mas não entendia tudo, só algumas coisas que estavam escritas nele.

Madalena: Peguei o meu filho com uma revista de mulher pelada em sua pasta do colégio. Ele falou que era de um amigo, depois eu vi ele queimando a revista no quintal lá de casa.

Coordenadora: Para falarmos sobre sexualidade com os filhos é necessário sentirmos à vontade, com a questão. Temos muitas vezes, que trabalharmos com nós mesmos sobre esse assunto, assuntos sobre a sexualidade. Muitas vezes, é necessário uma informação mais adequada, como é o caso de alguns livros (mostra o livro *Conversando Sobre Sexo*).

Francisca: É, eu vejo a minha filha lendo um livro lá em casa, mas ela nunca me deixou ver qual é o livro.



### 13ª - sessão - *Os dilemas das mudanças*

Planejamento da sessão (objetivos):

Será rerepresentado o esquema gráfico das áreas de desenvolvimento do adolescente: corpo, mente e ambiente, objetivando a abordagem de pontos mais conflitantes em função da mudança que ocorre no contexto familiar, portanto em seu ambiente.

Participantes: Madalena, Emília, Thereza, Clara, Jorge, Sandra, Aparecida Eduardo e Antônia.

Faltaram: Francisca, Otilia e Elisabete.

Coordenadora: Como passaram a semana? Alguém lembra-se do trabalho que realizamos na reunião passada?

Clara: Eu lembrei.

Coordenadora: De que você se lembrou?

Clara: Fiquei pensando que poderia ter feito o moldagem melhor.

Coordenadora: Madalena, você lembra-se de alguma coisa? Você estava achando muito engraçado.

Madalena: Não.

Coordenadora: Nós falamos sobre sexualidade. Alguém lembrou-se de alguma coisa que queria falar? Ou sente necessidade de perguntar algo?

Emília: Célia, a filha de Madalena pediu para ir ao cinema com um amigo e ela não deixou. Eu acho que a Madalena preferia que a menina tivesse mentido que ia com uma colega.

Madalena: Eu não deixei mesmo. Eu falei para ela que se fosse uma amiga eu deixaria, com um menino que nem conheço, não!

Coordenadora: Não teria sido importante se você tivesse conversado mais com ela, perguntando quem era o colega; se iria alguém mais junto, antes de falar não?

Aparecida: Célia, a minha filha começou a descobrir a rua agora. Não me dá sossego querendo sair o tempo todo de casa. Conversamos e ela admitiu que antes ela não sentia essa necessidade de sair de casa, como agora. Falei pra ela que nós duas iríamos estudar essa situação com mais calma.

Coordenadora: Eu estou entendendo o que você quer falar.

Madalena: Célia, a Emilia não entende que a Cibele é muito nova para andar sozinha. Ela fica querendo ir para o Bougainville com amigos, mas eu não posso deixar, eu falo que, quando eu puder eu levo.

Coordenadora: Quantos anos ela tem?

Madalena: 14 anos

Coordenadora: Será que ela não tem maturidade para sair com a turminha de amigos?

Madalena: Eu acho que não e tem outra coisa. Ela quer viver deitada. No final de semana a tia dela estava lá em casa e nós chamamos para tomarmos sorvete. Ela não quis ir. Quando chegamos ela me pediu para ir na casa da prima. Eu disse que ela tinha ficado o dia inteiro dentro de casa porque quis. Aí ela falou que eu e a tia tiramos o dia para "encher o saco dela". Eu sempre quero estar perto dela vendo tudo.

Coordenadora: É compreensível o seu ponto de vista com relação a andar de ônibus, ou a pé. Mas, também vejo que nós subestimamos a capacidade de nossos filhos se defenderem. Nisso, os pais pecam, impedindo os filhos de andar com suas próprias pernas. Temos medo que eles saiam sozinhos. Na realidade eles precisam aprender.

Aparecida: Ontem, minha filha foi fazer compras com uma amiga. Ia levando uma pochete. Aí, a amiga dela falou que elas não poderiam levar nada porque é perigoso; não iam nem de relógio.

Coordenadora: Se a mãe tem medo, os filhos também têm. Medo de trânsito, de assalto, todos nós temos. Mas uma adolescente de 14 anos que não pode sair de casa sozinha, não vai aprender a resolver nada; quando for preciso, simplesmente vai falar que não sabe.

Madalena: Mas, quando é para ir no centro trocar alguma coisa, eu deixo ela ir.

Coordenadora: Então ela deve ficar muito brava e pensando: para ir ao centro fazer favor eu posso ir, mas para passear não posso. Tem adolescentes que têm consciência das coisas que eles podem fazer e as que não podem. Já, nós adultos temos autocrítica. Os adolescentes nem sempre tem essa característica. Temos de conversar com eles, indagando, levando-os a refletir. E você Antônia, como foi a fotografia do dia 28?

Antônia: Foi boa, mas foi só com a família mesmo.

Coordenadora: Tem algum assunto que vocês gostariam de falar?

Antônia: Célia, na hora da festa (aniversário do filho) me lembrei de você.

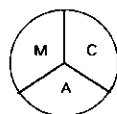
Coordenadora: É mesmo?!

A coordenadora em seguida, fala sobre a IV Jornada de Adolescência que acontece nos dias 24,25 e 26 de novembro na Associação Médica. Estende o convite a todos os presentes. Thereza chega para a reunião neste momento. Vai logo perguntando quando vai ser o próximo encontro com os adolescentes. Fala que foi o Bruno que mandou perguntar.

Coordenadora: Nós vamos encerrar nossos encontros em novembro, provavelmente. Seria interessante hoje revermos alguns aspectos que trabalhamos.

Todos percebem que a adolescência é uma fase de mudanças que nos afeta também.

Coloca o esquema gráfico de representação das três áreas: corpo, mente e ambiente.



Utiliza a parte C (corpo) de cor verde, depois a parte M (alaranjado) e por último a parte A (ambiente) cor rosa. Cada parte dessa é sobreposta a uma cartolina branca, afixada no quadro-negro. A primeira mudança acontece com o corpo, tal mudança provoca, muitas vezes, alguns problemas dentro de casa, como é o caso das brigas ou brincadeiras, em que o adolescente, que experimenta uma nova força muscular "acerta o irmão de forma violenta, achando apenas que está batendo de leve.

Coordenadora: Seus filhos de 10 e 12 anos estão sofrendo mudanças?

Clara: Acho que não.

Coordenadora: Nada mesmo? Você não percebe seus pelos?

Clara: Isso ela (a menina) já tem.

Coordenadora: Me lembro quando o Jorge falou que gostava das fotografias dos filhos, quando eles eram crianças. Para nós, os filhos crescem e mudam o jeito de ser, só que, nem sempre imaginamos o quanto isso influe dentro de casa. Há mudanças no relacionamento dentro de casa, como os pais, os irmãos. Acontece da mãe, muita vez, querer abraçar o filho e este recusar, na cabeça deles é como se estivessem sendo tratados como crianças. Há correntes teóricas (psicanálise) que procura explicar esse afastamento do filho, como um defesa contra os desejos sexuais dirigidos às figuras da mãe ou do pai. Tal ocorre em nível inconsciente, ou seja, não há uma consciência real desse aspecto, não são de se estranhar casos em que os filhos não querem mais tomar banho com os pais. Vocês mesmos relataram aqui que, quando os filhos eram pequenos, tomavam banho juntos e que começaram a evitar depois que foram crescendo .

Madalena: O meu filho de 12 anos tem mais vergonha do pai do que de mim.

Coordenadora: Por que será?

Clara: Eu acho que é porque a mãe sempre está mais perto do filho do que o pai.

Eduardo: O meu filho sofreu um acidente sério, aqui no colégio e está imobilizado na cama. Hoje na hora do almoço a avó serviu o almoço para ele, mas ele recusou, eu tentei servir e foi a mesma coisa. Quando a mãe chegou, ele comeu. Eu acho que a mãe tem facilidade para conversar com o filho, por exemplo: lá em casa, a mãe tem mais facilidade de falar sobre sexo com eles do que eu. Quando eu vou falar, eles falam que sabem tudo.

Antônia: Ele (filho) não deixa o pai dar banho nele. Ontem eu dei um banho, mas na parte genital ele não deixou.

Jorge: Eu já não dou mais banho no meu filho, mas quando estou no banheiro, eles entram. As meninas não fazem isso. Quando a Fernanda estava com 12 anos, ela ainda trocava de roupas perto de mim e aí eu fui falando para ela que estava ficando mocinha e não podia continuar assim. Eu nunca troquei de roupas perto de meu pai e ele também, nunca trocou perto de mim.

Coordenadora: O que será que deixa o filho constrangido diante dos pais? Será que o filho tem medo que o pai fique fazendo perguntas quando o vê nu?

Antônia: Eu e minha filha tomamos banho juntas até hoje, e nunca teve nada.

Coordenadora: A sexualidade, melhor dizendo, a educação sexual, começa desde o nascimento.

Jorge: Lá em casa, eu fui a mãe e o pai de meus filhos. Desde cedo eu sempre cuidei deles.

Coordenadora: E se a mãe estivesse em casa?

Jorge: Aí ela ia cuidar.

Coordenadora: Só que hoje as coisas estão mudando, às vezes, encontramos pais que cuidam bastante dos filhos: dão mamadeira, trocam fraldas.

Madalena: Ontem eu fiquei com pena da minha filha, ela fez um desenho dela mesma, chorando.

Coordenadora: Será que é falta do pai?

Madalena: Ele está afastando cada vez mais lá de casa e dos meninos.

Coordenadora: Vamos voltar ao nosso gráfico, que apresenta as 3 mudanças que ocorrem no adolescente. As dificuldades no ambiente se caracterizam, muitas vezes, por conflito com a figura da mãe. Ficam com raiva. Usam muitas vezes o diário para expressarem os seus sentimentos.

Coordenadora: Sandra, hoje você está caladinha. Como estão as coisas com os filhos?

Sandra: Eu sinto que tenho de mudar junto com eles.

Coordenadora: O que nos incomoda nos adolescentes são suas mudanças e isso provoca certamente em nós, mudanças.

Antônia: Uma coisa importante nos adolescentes é a euforia

Coordenadora: Isso mesmo. E qual seria a nossa característica?

Thereza: Nossa característica é de ser mal humorados.

Coordenadora: Realmente, sempre estamos querendo as coisas da forma sensata, com seriedade, eles não.

Emília: É que eles estão mudando.

Coordenadora: Há basicamente três momentos que nos questionamos, nos voltando para a célebre pergunta "quem sou eu?", 1º na adolescência, na velhice e num 3º momento por ocasião do processo psicoterápico. Surgem perguntas como, quem sou eu? o que fiz? o que vou fazer da vida?

Madalena: Quando eu fiz 30 anos chorei o dia todo, fiquei pensando: até hoje eu não fiz nada e o tempo está passando.

**Emília:** Será que não é o caso de ao termos filhos adolescentes sentirmos que estamos ficando velhos?

**Coordenadora:** Você acha que se a mulher tiver filhos mais nova, será melhor?

**Emília:** Acho que não. Eu tive meus filhos não muito nova. Se o tivesse tido mais cedo, não teria a paciência que tenho agora.

**Coordenadora:** Ter filho muito jovem pode não ser uma coisa fácil. Numa idade, por exemplo, da adolescência, quando se quer muita coisa, sair, passear; assumir um novo papel, o de mãe é difícil. Conheço o caso de uma adolescente de 15 anos, que teve um filho, mas não conseguiu se adaptar à nova vida. Queria sair, namorar, ir à festa. A mãe cuidava um pouco da criança, contratou outra pessoa para cuidar. A menina tinha três pessoas a quem chamava de mãe.

**Emília:** Tenho medo de não saber lidar com essa situação. Célia, será que as pessoas que tem tudo normal, é feliz?

**Thereza:** Será que nessa fase todos os adolescentes têm as mesmas preocupações?

**Coordenadora:** Tem uns que se preocupam mais com o corpo, com a aparência. Dependendo da idade as preocupações variam. Se observarmos um adolescente de 12 e outro de 15, podemos ver o quanto eles são diferentes. Já meninas adolescentes de 14 anos, por exemplo, são mais amadurecidas do que os adolescentes de sua idade. Preferem namorar com garotos mais velhos, dá mais "status". Conheço uma adolescente que ficava com vergonha de contar que namorava um rapaz que cursava a mesma série que ela.

**Sandra:** Tem um aspecto, que não sei se é a cultura, mas quando as mulheres são mais novas gostam de homens mais velhos, quando o tempo passa, isso muda, aí vem o preconceito.

**Aparecida:** A minha filha namorava um menino quase da mesma idade. Um dia ela me falou que ele só tinha minhoca na cabeça.

Thereza: Esses dias meu filho chegou em casa todo feliz, porque uma menina do colégio, de uma turma mais adiantada, falou que ele era simpático.

Coordenadora: Tem ocasiões que a sociedade estabelece coisas como : a menina tem mais jeito para fazer qualquer coisa, é mais delicada. Os meninos são desajeitados e desengonçados, sem jeito para nada.

Thereza: Eu acho que as mulheres são mais fortes que os homens porque sempre preparamos a mulher para assumir uma família.

Coordenadora: Certo dia eu conversava com uma mãe e seu filho adolescente sobre a questão de trabalho da mãe. Ele falou que o lugar de mulher é na cozinha.

Agora, vamos voltar a falar das mudanças dos filhos, que também provocam certas mudanças em nós. Achamos que, quando envelhecemos não podemos mais voltar atrás, ou seja seria um processo irreversível. Para o adolescente, ocorre um processo de alternância, ora busca a autonomia, como se fosse mais velho, ora gostaria de ser ainda criança.

Antônia: Isso acontece com crianças que têm uma recaída, quando nasce um irmão, volta para a mamadeira, o bico.

Emília: Nós também vivemos tendo recaídas.

Coordenadora: Será que não é o caso de aceitar as mudanças do filho e mudarmos juntos com ele?

Thereza: Acho que é o momento deles descobrirem por si mesmos. Até 12 anos fazem o que queremos, depois não aceitam mais nossas proibições. Ontem o Bruno inventou que queria ir de bicicleta para o sítio, eu não deixei. Ele ficou mal humorado. Mas, quando nós chegamos na estrada de chão eu deixei ele e o amigo irem de bicicleta até a casa. Ele chegou muito cansado e aí eu expliquei que era perigoso e que ele não conseguiria se fosse desde a nossa casa até o sítio. Ele concordou. O coleguinha falou que ele tinha que perder uns quilinhos.

Coordenadora: Voltando à questão da mudança. Para você quais são as mudanças que estão ocorrendo em casa?



Antônia: Lá em casa é a questão da autoridade.

Aparecida: Nós também percebemos que eles têm capacidade de resolver certas situações.

Coordenadora: Voltamos à questão de Madalena, que acha que a filha é imatura.

Madalena: A Cibele me obedece muito, mas o Júnior, não. Quando ele não quer alguma coisa, não adianta, ele não faz mesmo. Eu sei que eu protejo muito meus filhos, mais do que devo. E sei que eles são muito presos. Na realidade eu não gostaria de ser minha filha, e nem queria!

Coordenadora: Quando vamos ter um filho nos preparamos muito. Cada aniversário comemoramos com muita alegria. Mas, quando chega a adolescência, não falamos nada, nem comemoramos. De um modo geral, a família não está preparada para ter um filho adolescente.

Thereza: Até o ano passado o Bruno quis festa com bolo e balão, esse ano ele não quis mais. Queria era música para dançar.

Antônia: Eu acho que nós estamos forçando a barra lá em casa, em relação à festa de aniversário.

Eduardo: Esse ano o meu filho pediu uma guitarra, imagina o barulho!

Madalena: Olha só, quando o colégio levou os meninos para Goiás Velho, na volta o ônibus estragou. Cada um pegou um colega e foram namorar. O pior é que ninguém era namorado do outro. Isso foi a minha filha que contou. Eu achei um absurdo e não confio mesmo.

Sandra: Com relação a brigas, até o começo do ano quando brigavam lá em casa, nunca sabia qual dos dois estava falando. Agora isso não acontece porque a voz do meu filho engrossou muito. Quando a menina fez 11 anos quis festa com som. Aos 12 anos foi só um encontro com amigos. Onde eu moro não tem ninguém de sua idade, somente uma menina que é bem diferente dela, só usa sapatos alto, pintura no rosto. Eu não gosto disso. Uma coisa que

ela está gostando é de andar sozinha e de ônibus, porque eu já deixo ela resolver muita coisa sozinha.

Thereza: Eu achei interessante esse negócio de deixar ou não deixar.

Coordenadora: Às vezes, eles nem pedem para sair. Falam, comunicam que vão a algum lugar, que resolveu com um colega

Eduardo: Eu estou pressentindo isso em casa. Minha filha já não pede mais para sair. Só fala que vai e pronto!

Coordenadora: Mas ela já é uma moça.

Eduardo: Eu tenho medo de assalto.

Coordenadora: Ontem pela primeira vez, minha filha foi sozinha para a natação. Acho perigoso mas tem que aprender a se defender. Ela achou uma beleza. Veio toda animada contando a vantagem de caminhar antes da natação.

Sandra: É o que estava comentando com amigos. Soltar o filho é perigoso, mas eles têm de aprender. Quando meus filhos eram menores eles só conheciam Goiânia e Brasília, um dia fomos passar férias em Salvador, eles ficaram muito assustado com a pobreza da cidade e queriam voltar para casa.

Coordenadora: Thereza, eu queria perguntar como você ficou, após a fotografia daquele encontro?

Thereza: Eu fui embora pensando e achei realmente que tem muita coisa que acontece comigo. Outras coisas, não concordei, mas como todos tiveram as mesmas opiniões sobre mim, estou procurando refletir mais sobre isso.

Coordenadora: É importante o que você está dizendo, você falou de repensar e refletir.

Thereza: Eu não acho que sou totalmente do jeito que as pessoas falaram. Mas, já que todos falaram aquilo eu estou refletindo sobre o assunto

Coordenadora: Aqui é um espaço onde as coisas podem surgir e levar a novas reflexões sobre as interações, sobre a forma como estão acontecendo as relações entre pais e filhos.

#### 14ª sessão - *Estar cada vez mais próximo*

Planejamento da sessão (objetivos):

- Trabalhar especificamente dentro da sexualidade, aspectos das D.S.T - AIDS.
- Através da utilização de jogos, verificar o nível de informação dos participantes sobre as D.S.T, principalmente a AIDS.

Participantes: Francisca, Madalena, Emília, Jorge, Elisabete, Antônia, Eduardo e Sandra.

Faltaram: Clara, Otilia, Thereza e Aparecida.

Coordenadora: Inicialmente discute com o grupo sobre o cronograma de atividades até o encerramento dessa atividade. O grupo comenta sobre a possibilidade de reunir uma representação de pais para, juntos com todos os filhos, apresentarem devolução de como foi e o que trataram no grupo de pais.

Sandra: Eu fico na dúvida, se será bom passar para os filhos tudo o que foi discutido nas reuniões. Fico pensando se eles também vão realmente falar o que estão pensando sobre o assunto. Eu gostaria que fosse uma reunião mais interna porque a gente se dá bem, mas no fundo, parece que é uma coisa formal.

Coordenadora: O que vocês pensaram do assunto? Como acham que deve ser esse encontro?

Eduardo: Nós viemos aqui para conhecer sobre adolescência e ampliar os nossos conhecimentos sobre os filhos. Mas, com eles perto, eu acho que não conseguiria ter uma liberdade que eu tenho agora com o grupo.

Coordenadora: Bom, é por isso que estou sugerindo a escolha de representantes do grupo de pais.

Antônia: A minha preocupação maior é saber como fazer os filhos estudar, sem a gente brigar porque o Eduardo não aceita os filhos ficarem sem fazer nada.

Coordenadora: Após terminarmos o trabalho do grupo, me disponho a conversa com quem se interessa sobre as questões que percebi da família.

Madalena: Célia, não tem possibilidade de continuar com as reuniões no ano que vem?

Coordenadora: Independente da minha participação, o grupo poderá continuar com a Wilma.

Sandra: Eu gostaria de ter endereço e telefone de todos.

Emília: Eu acho difícil continuarmos juntos, enquanto grupo podemos nos perder.

Coordenadora: Talvez todos não se motivem ou não possam continuar, mas quem sabe umas 8 pessoas, ou até menos consigam se reunir.

Francisca: Eu acho que seria bom se continuássemos com o grupo.

Coordenadora: Voltando à ideia de nosso encontro com os filhos, vocês concordam que possa ser daquele jeito que falamos?

Todos mostram-se receptivos à ideia, verbalizando que concordam.

Coordenadora: Hoje vamos fazer uma atividade um pouco diferente. Já falamos sobre as questões da sexualidade, poderíamos destacar a AIDS dentro das doenças sexualmente transmissíveis (D.S.T). Eu trouxe um jogo e para utilizarmos precisamos formar duplas. Peço que procurem evitar formar duplas com quem você já conhece bastante.

(A coordenadora aguarda que as pessoas formem as duplas e após isto dá as explicações sobre o jogo (Vide anexo.)

Formam-se as duplas Eduardo e Madalena/Emília e Sandra/Jorge e Francisca/Antônia e Elisabete.

A Coordenadora distribui a folha com o jogo e entrega, para as duplas, dados para serem utilizados, passando em seguida às explicações.

O primeiro a ganhar o jogo é Eduardo, mas recomeça outra partida com o seu par. Em seguida Sandra ganha, mas não quis novamente.

Jorge também termina e recomeça novamente.

Madalena "briga" com Eduardo ( com o qual forma uma dupla) falando que o dado para ele, só cai no número seis, por isso ele ganha toda hora. No final do 8º jogo, Madalena consegue ganhar.

Todos acharam o jogo interessante.

- Sandra e Emília terminam o jogo e ficam conversando.
- Jorge ganha duas vezes de Francisca.
- Antônia ganha de Elisabete.

Terminado o jogo, a coordenadora diz: Antes de discutirmos sobre alguns aspectos do jogo, vamos fazer uma outra coisa, para dar seqüência ao nosso trabalho.

Passa com uma "bandeja" na qual há o desenho de várias maçãs cortadas, de forma diferente. Numa parte há uma pergunta (P) e na outra parte, a resposta. A tarefa é que cada um procure o seu par. Após formar a dupla, verificar quem tem a pergunta e quem tem a resposta. Um dos dois têm a pergunta e o outro a resposta.

Coordenadora: Agora, todos vão ler as perguntas e respostas e comentá-las. Quem quer começar?

Antônia: Eu quero. "Pode-se pegar o vírus da AIDS em piscina, restaurante, toalhas e copos?"

Sandra: "Não".

Antônia: Eu quando vejo isso, prefiro ficar calada.

Francisca: Eu sempre fico com medo de piscina.

Coordenadora: Antônia, como médica o que acha do assunto?

Antônia: Segundo eles não, mas, para mim é igual a Hanseníase que pega, mas a cada dia que se passa ela aumenta mais, que é o mesmo caso do vírus da AIDS, que está sempre aumentando. Os talheres bem lavados não têm perigo algum, mas se não for, pode ter risco, pois já foi encontrado o vírus em saliva.

Emília: "Pode-se pegar vírus da AIDS nos dentistas?!"

Eduardo: "Sim. Se não for bem esterelizado os instrumentos usados".

Coordenadora: Isso não depende do material utilizado. No salão de beleza pode ocorrer coisa semelhante, através do alicate de unha.

Eduardo: Eu conheço um caso na Universidade que o irmão passou para a mãe e a irmã, que já morreram. Suspeita-se que foi através de gilete.

Jorge: "Quais são os meios que podem ser transmitidos o vírus da AIDS?"

Madalena: "Através da gravidez, relações sexuais, transfusão de sangue infectado com vírus, agulhas ou seringas infectadas.

Coordenadora: Antônia, você poderia explicar melhor a questão da gravidez?

Antônia: Nem todas as crianças que os pais são aidéticos nascem com AIDS porque elas tem uma defesa, mas podem pegar através da amamentação. Através do cordão umbilical pode passar sangue de um para o outro, transmitindo o vírus para o neném.

Emília: Não é muito perigoso esse negócio de amamentação no hospital quando uma mãe dá leite para o filho de outra mãe?

Antônia: No começo não é perigoso, porque o seio ainda não tem rachaduras.

Francisca: "Por que a AIDS é denominada de síndrome?"

Elisabete: "Por que o termo síndrome refere-se a um conjunto ou uma série de sintomas que caracterizam a doença. Eles se apresentam devido a alterações no sistema de defesas, da pessoa infectada".

Wilma (como não formou par, leu a pergunta e a resposta): "O que corresponde as letras da sigla AIDS?"

Wilma: S = Síndrome

I = Imuno

D = Deficiência

A = Adquirida

Wilma: "Quais os três ambientes ideais para o vírus HIV se alojar e se multiplicar?"

R = Sangue, sêmem e secreção vaginal.

Coordenadora: Vamos comentar sobre o jogo: há algumas coisas nele questionáveis, por exemplo, a figura com afirmativa que a saliva não é fator de transmissão.

Ninguém lembrou-se também do risco que é a tatuagem, o que ocorre muito entre os jovens.

Francisca: Esses dias passou uma reportagem na T.V. onde levaram um médico para falar sobre tatuagem. Eu achei um absurdo quando ele falou que os pais não precisavam ficar mais preocupados com as tatuagens dos filhos, pois já existe uma técnica que retira a marca do corpo.

Antônia: Esses dias uma cliente entrou no consultório com uma tatuagem. Eu perguntei a ela se tinha vontade de tirar. Ela falou que sim.

Emília: Eu conheço um dentista que usa o mesmo material em várias pessoas. E ele é um dentista bem conceituado aqui em Goiânia. Após juntar todo material o esteriliza, colocando no envelope de cada paciente.

Coordenadora: Atualmente o governo já não faz tanta propaganda alertando as pessoas do risco da AIDS. Percebem?

Eduardo: Temos de apoiar quem tem AIDS, mas também temos de ter muito cuidado com eles.

Antônia: O cirurgião e o dentista correm muito risco. Na hora da cirurgia a luva pode furar e ele nem perceber.

Coordenadora: Voltando à questão sobre os adolescentes. As escolas têm a tarefa também de informar sobre esse assunto, como também sobre gravidez na adolescência.

Eduardo: Um fato que me preocupa muito é um professor com AIDS, porque a criança não tem defesa nenhuma.

Coordenadora: O jogo é interessante. Ele apresenta um assunto que puxa outras discussões. Podemos até inventar brincadeiras em casa, a fim de verificarmos um pouco o que os adolescentes pensam. Pode-se também utilizar uma garrafa vazia ou caneta para fazer o jogo da verdade. Me ocorreu uma idéia agora. Vou pegar esta garrafa vazia e vamos fazer o jogo da verdade nesse momento.

Coordenadora gira a garrafa no centro da sala, ela pára apontando para Francisca.

Coordenadora: Quem quiser vai fazer perguntas para Francisca. Vale qualquer tipo de pergunta

Antônia: Onde você mora?

Francisca: No conjunto Itatiaia.

Eduardo: Quantos filhos você tem?



Francisca: Três filhos: uma de 13, um de 12 e um de 10 anos.

Coordenadora: Quando você não vem à nossa reunião, você sente falta?

Francisca: Sim e fico "doida" para saber como foi a reunião.

Coordenadora: Você costuma falar aqui que sua filha vive fazendo perguntas.

Ela continua do mesmo jeito?

Francisca: Até que ela anda mais calma.

Eduardo: Um dia fizemos uma brincadeira com um grupo de amigos. Não deu muito certo. Tinha um que tinha o nariz muito grande e ninguém podia falar isso. Tive que fazer uma pergunta e ele não gostou.

Desta vez Francisca gira a garrafa, que pára apontando para Sandra.

Wilma: Sandra, como está o seu relacionamento com os filhos?

Sandra: Normal.

Antônia: Tenho curiosidade de saber o que você faz no trabalho?

Sandra: Eu era professora de História. Estou aposentada, me preparando para voltar na área de Direito.

Coordenadora: Sandra, você me parece preocupada. É isso mesmo?

Sandra: Sim.

Coordenadora: É por causa dos filhos?

Sandra hesita em responder diz que não quer falar. Emociona-se.

Eduardo: Você está gostando do grupo?

Sandra: Como diz os adolescentes: estou adorando.

Jorge: O que você acha do racionamento dos pais com os filhos de hoje, e do seu tempo?

Sandra: Um ponto muito forte hoje é a liberdade dos pais com os filhos. No meu tempo isso era difícil.

Sandra gira a garrafa muito forte e esta pára apontando para a coordenadora .

Todos riem.

Eduardo: Agora, eu vou aproveitar. Célia, qual foi o choque de geração, como você foi criada e como cria seus filhos?

Coordenadora: Eu era a única filha mulher e caçula. Meu pai era rígido com todos nós, exigindo respeito. Quando a televisão surgiu foi uma beleza. Hoje, não é novidade e ela traz todo o tipo de informação. As novelas, os filmes, que chegam a interferir nos valores que temos, na vida dos filhos adolescentes.

Antônia: Quero fazer um pergunta. Eu acho que a T.V. atrapalha muito a educação de nossos filhos. A gente vê pai contra filho e vice-versa; gritos na família. O próprio enredo é horrível. Como podemos contornar isso? Lá em casa é impossível. Todos são adultos.

Coordenadora: Proibir não resolve, porque sempre tem um colega que comenta. Uma coisa boa seria assistir junto com os filhos. Aproveitar esse momento para fazer perguntas sobre o programa, tentando desenvolver o lado crítico. Certo dia, comecei a assistir uma espécie de seriado, chamado de "Confissões de Adolescente" na T.V. Cultura. Há uma série de coisas que são apresentadas de uma forma muito difícil, a própria questão da sexualidade, ou melhor, da iniciação sexual no seriado; não existe a figura da mãe e esta não faz falta.

Wilma: A T.V incentiva a sexualidade. O casal mal se conhece e vai para a cama.

Coordenadora: Certa vez assisti a entrevista na T.V. de um desses novelistas.

Perguntaram-lhe porque não procurava explorar o lado educativo nas novelas. Ele respondeu que isso não dava Ibope.

Sandra: O governo deveria ver isso.

Coordenadora: Certa vez perguntei, numa palestra para adolescentes em um colégio, qual era o programa de T.V., preferido por eles. Muitos responderam sexta-sex.

Antônia: Célia, você está me devendo uma explicação sobre minha escultura, que eu fiz noutro dia.

Coordenadora: A primeira figura retratou o seu papel profissional, já o desenho da fotografia onde aparecem todos na mesa, dá a impressão que você quer prolongar esse estágio familiar. Todos continuam juntos. Ninguém saiu, ninguém se casou. Quando você falou que estava sentada, mas que o seu prato estava na mesa deu-me a impressão de algum sentimento de preocupação. Talvez você fique ausente. E o prato simboliza, “olha eu estou presente.”

Antônia: É isso mesmo. Eu sempre estou fora no horário das refeições.

Madalena mexe-se na cadeira, como se quisesse evitar que a garrafa, ao ser girada, parasse a sua frente.

Coordenadora: Parece que a garrafa parou apontando para Madalena.

Sandra: Madalena, você está deixando a Cibele sair de casa?

Madalena: Não, mas eu deixei ela ir em Caldas Novas, no sábado. A professora me disse que não tinha perigo, porque ela ia junto. A Cibele falou que a classe fez uma festa quando ela disse que eu tinha deixado ela ir. Hoje mesmo, eu disse para largar disso, mas eu tinha deixado.

Coordenadora: No encontro passado você comentou que seus filhos são presos demais.

Madalena: A minha tia também me disse isso. Eu fiquei pensando muito sobre isso e achei que realmente era muito difícil para eles continuarem assim.

Coordenadora: Que bom! Vejo que você procurou se colocar no lugar delas!

Francisca: Eu fui criada desde os 7 anos fazendo comida. Esses dias eu tive de sair e voltar tarde. Meu marido deixou os meninos fritar ovos. Eu fiquei com medo deles se queimarem. Depois fiquei pensando como agi errado. Eles têm de aprender.

Coordenadora: Eles só vão fazer certo, errando. Tem mãe que não tem paciência de ensinar. Prefere fazer. Nós ficamos muito preocupadas quando estamos fora de casa, mas os filhos são capazes de tomar decisões na nossa ausência. Tem mãe que reclama, mas gosta de fazer tudo para o filho. Dessa forma, não está ajudando no crescimento do filho.

Madalena: Se eu não fizer comida, a Cibele não come.

Sandra: Eu viajei com minha filha para casa de uma tia. Ela chamou minha filha para fazer bolo. Ela disse que não sabia. Minha tia disse que ensinaria. Ela aprendeu. Agora, todas as 6<sup>a</sup> feiras, ela faz bolo e receitas novas.

Coordenadora: Tem-se que criar situações para as pessoas da família fazerem coisas. Muitas vezes, as meninas reclamam que os meninos não fazem nada.

Emília: Em minha casa, todos fazem tudo. Só o meu sobrinho que mora comigo fala que não vai fazer serviço de mulher.

Coordenadora: Bom, parece que o jogo facilitou que se falasse de certos assuntos.

Ao final, muitas pessoas pediram uma cópia do "jogo informativo sobre AIDS".

15ª sessão - *Temas da adolescência: o “ficar” e os atropelos entre pais e filhos*

Planejamento da sessão (objetivos):

Proporcionar:

- a) dar oportunidade ao grupo de conhecer através da leitura de alguns textos, o desenvolvimento orgânico e psicológico do indivíduo na fase da adolescência
- b) a leitura pode servir de um aquecimento para questões já tratadas pelo grupo (namoro, "ficar", necessidade de autonomia) que podem ser retomadas, podendo ser percebidas de outra forma
- c) possibilitar trocas em nível mais denso sobre questões relativas aos pais e à educação dos filhos adolescentes.

Participaram: Madalena, Emília, Clara, Sandra, Jorge, Eduardo e Antônia.

Faltaram: Elisabete, Thereza, Otilia, Aparecida e Francisca

Coordenadora: Como estão? Como foi a semana que passou?

Todos permanecem em silêncio.

Coordenadora: Como estão os filhos de vocês? No último encontro trabalhamos com o jogo informativo sobre a AIDS. Procuramos esclarecer as dúvidas. Gostariam de aproveitar esse momento para fazer alguma pergunta?

Ninguém se manifesta.

Coordenadora: (continuando) E os filhos adolescentes estão bem?

Antônia: Hoje, saímos de casa após confronto com Samuel. Ele não quer estudar, mas quer dinheiro para arrumar a bicicleta. Ai o Eduardo não deixou eu dar o dinheiro.

Eduardo: Eu quis mostrar a ele, que as coisas não são bem assim.

Clara: Célia, eu gostaria de saber o que você acha, quando os pais tiram algo dos filhos, quando eles não fazem as coisas.

Coordenadora: Não é questão de tirar algo e sim de cumprir tarefa.

Emília: Eu vejo muito o não merecer e nunca o não cumprir.

Coordenadora: Na nossa cabeça está o não merecer. Eles podem questionar: então, quando é que eu posso merecer? Agora, o cumprir tarefa nós podemos mostrar.

Antônia: Lá em casa, acontece muito do Eduardo falar que os meninos não merecem nada.

Coordenadora: É muito importante conversar com os filhos. Você tem tarefas para cumprir, como todos nós. Se cada pessoa cumprir com a sua tarefa conseguirá ter o que quer.

Sandra: Eu tive de sair de casa muito cedo para estudar; foi muito difícil porque eu não tive o apoio de minha mãe, perto de mim. Tudo eu tinha que resolver sozinha. Pegava até três ônibus para ir à escola. Eu era responsável por mim.

Hoje damos tudo para os filhos, procuramos facilitar o máximo possível. Eles não dão valor. Hoje, eu fiz uma coisa que nunca tinha feito antes com meu filho. Ele ficou danado da vida. Todos os dias ele estava reclamando que chegava atrasado no colégio, que a culpa era da carona, como hoje ele tinha que fazer um prova, eu disse que iria levá-lo. Levantei cedo e fiquei pedindo para que ele levantasse logo, mas ele ficou enrolando e o tempo foi passando, e ele não saía da cama. Chamei minha filha para irmos embora, larguei ele para trás, aí ele ficou nervoso, falando que era madrugada; mesmo assim, fomos embora e ele ficou em casa.

Coordenadora: É, temos também de incentivar ou estimular nossos filhos a andar sozinhos. Antigamente nos andávamos tranquilos pelas ruas, até à noite. Hoje temos medo de deixar os filhos saírem sozinhos. Contudo é preciso dar oportunidades para que eles aprendam a se defenderem. Tenho um exemplo pessoal. Minhas filhas fazem inglês perto de casa, eu procuro levá-las e buscá-las. Quando não posso ir buscar, peço a minha ajudante para ir. Elas reclamam

porque tem que vir a pé, no sol, mas é preciso que se acostumem também com outras formas de deslocamento de casa para suas atividades.

Jorge: Temos que ter cuidado com os filhos, mas, fico pensando que eles realmente não dão valor. Juntei dinheiro e comprei um fusquinha. Agora, o dia que eu não posso trazê-los para o colégio eles falam que não vão vir. Tem alunos aqui que são muito inteligentes e vêm a pé, porque o pai não tem nem bicicleta para trazê-los.

Eu penso que a culpa é nossa. É aquela questão se pagamos, damos algum dinheiro, eles fazem tudo que pedimos. Agora, o dia que não pagamos, eles não fazem.

Coordenadora: Podemos gratificar com elogios. Mas não podemos dar tudo que os filhos pedem, nem mesmo quando podemos.

Sandra: Eu acho que o Jorge tem razão. Não podemos dar tudo que os filhos pedem, nem mesmo quando podemos.

Clara: Eu concordo, dar tudo prejudica muito, quando ele crescerem.

Coordenadora: Temos que conversar com os filhos sobre questões econômicas, também.

Eduardo: O Jorge falou que os pais são culpados dos filhos serem assim. Mas, lá em casa todos foram criados da mesma forma. Só a menina saiu diferente, muito responsável. Os outros dois não sabem nem o valor do dinheiro. A mãe dá tudo que eles querem. Vencem ela pelo cansaço. Quando eu falo alguma coisa, eles respondem que o dinheiro é da mãe e não, meu.

Antônia: Os meus filhos acham que eles não têm obrigação alguma lá em casa. Essa obrigação é minha, do pai ou da empregada.

Coordenadora: Não podemos perder as esperanças, nem achar que tudo vai mudar do dia para a noite.

Antônia: Tenho tentado, mas não vejo resultado algum.

Coordenadora: Hoje vamos fazer a leitura de alguns textos que vocês irão escolher. Depois iremos comentar. Os textos são:

- 1 - Menarca: a primeira menstruação;
- 2 - A revolução do ficar;
- 3 - Mutação: a idade do sapo;
- 4 - Como evitar atropelos;
- 5 - Higiene.

A coordenadora refere a fonte da qual foram retirados os textos. Solicita em seguida que as pessoas escolham.

Coordenadora: Aquelas que escolherem o mesmo texto formem duplas, a fim de discutirem e comentarem sobre o assunto lido.

Jorge e Madalena escolheram "Como evitar atropelos".

Emília e Clara, escolheram "A revolu o do ficar".

Sandra escolheu "Menarca: a primeira menstrua o".

Eduardo escolheu "Higiene".

Jorge e Madalena terminaram primeiro e ficaram conversando.

Jorge: Madalena, como você sentiria se a sua filha fizesse sexo antes de casar?

Madalena: Eu não estou preparada de jeito nenhum. Não aceito e se isso chegar a acontecer algum dia, vai ser uma bomba.

Jorge: Então nós somos iguais, porque eu também não aceito jamais. Com o meu pai foi assim e comigo será igual

Madalena: Eu sempre falo para o meu filho não fazer nada com as filhas dos outros. Eu converso muito com ele sobre esse assunto.



Jorge: Eu falo para meus filhos que eu quero que eles façam bom casamento. Estou preocupado com minha filha porque ela vive falando que queria ficar grávida para saber como é o neném na barriga

Madalena: A mãe dela tem de explicar para ela as conseqüências que um filho traz.

Jorge: Mas a mãe dela é muito tímida, não iria falar nada.

A coordenadora coloca duas cadeiras na frente do grupo. Diz em seguida que as duplas tomem lugar nas cadeiras e conversem com todos sobre o texto lido.

Jorge e Madalena ocupam as cadeiras.

Coordenadora: Qual o texto de vocês?

Madalena: Como os filhos perguntam-me nós damos respostas.

Coordenadora: Seria atropelo dos pais para com os filhos o que seria o contrário?

Jorge: Geralmente eles fazem o que os pais não querem. Eu acho que é esse o atrapalho do filho para o pai.

Madalena: Eu acho que o pior atropelo que uma filha pode dar para os pais é ficar grávida sem casar.

Coordenadora: Vocês ficaram pensando quando atropelam os filhos, e eles, atropelam vocês?

Jorge: Eu pensei e me lembrei de uma festa de quadrilha que eu fui com os meninos. Lá eu percebi que a minha filha de 13 anos estava de flerte com um rapaz. Ele parecia que não queria nada com ela. Mesmo assim, fiquei de olho, e toda hora ela dava um jeito de ficar perto dele. Quando a dança terminou eu mandei os meninos entrarem, mas ela não queria ir. Fiquei muito nervoso e ela apelando comigo. Quando estávamos em casa eu a chamei para conversar. Ela não aceitou, falou que eu ia falar besteira. Foi aí que eu senti o atropelo. Ela

me atropelou quando quis namorar. Eu atropelei ela porque não deixei ficar na festa.

Coordenadora: E você continua assim?

Jorge: Não, hoje eu sou mais liberal. Ela me fala que, se quiser namorar vai namorar no colégio. E eu falo para ela que, se isso acontecer, ela não terá meu apoio. Esses dias a irmã de um colega da Fernanda se casou e nós fomos. Antes de sair de casa eu avisei que não era pra namorar com ninguém. Quando chegamos na igreja a Fernanda começou a namorar e eu fiquei olhando aquilo, mas não falei nada e fui deixando. Na festa eu a chamei e perguntei se era seu namorado. Ela disse que era só um amigo. Fui perguntando, até que ela falou que estava gostando dele. Levantei e chamei todo mundo para ir embora, para casa.

Coordenadora: Nessa idade namorar é diferente de "ficar", ou mesmo flertar como se falava antes. De um certa maneira, se você permite você tem a oportunidade de ver com quem ela anda.

Madalena: Eu não aceito isso.

Coordenadora: Madalena, quantos anos você tinha quando começou a namorar?

Madalena: Mas eu não fui um bom exemplo.

Coordenadora: Qual era a sua idade mesmo?

Madalena: 14 anos.

Coordenadora: Para você, foi bom?

Madalena: Foi. Esses dias a Cibele chegou em casa com as notas de um amigo para me mostrar, como eram boas. Eu disse a ela que não estava interessada em ver. Quando eu vi o menino no portão quase morri de vergonha.

Emília: Esse era o menino que chamou ela para ir ao cinema

Coordenadora: Ele foi mostrar o quanto as notas eram boas.

Coordenadora: Agora é a vez de Clara e Emília. Clara, o que você achou do texto "A revolução do ficar"?

Clara: Eu não concordo com isso.

Sandra: O que é ficar para você?

Clara: Para mim, ficar é quando o adolescente tem relação sexual.

Emília: Para mim é um namoro sem compromisso. Se quiser fazer sexo, faz.

Coordenadora: Vejam como nós interpretamos. O "ficar" tem muitos sentidos. Ele é o descompromisso na cabeça do adolescente. Namoro é sempre ficar com uma só pessoa. Então eles preferem ficar, pois hoje eles ficam com uma pessoa, amanhã com outra. Em festas, isso é muito comum.

Clara: De certa forma isso acontece naturalmente, podendo haver namoro.

Coordenadora: Foi o que eu disse. Na cabeça deles namorar é um compromisso. Eles querem primeiro se conhecerem, para depois assumir um namoro.

Antônia: E sem serem galinhas.

Coordenadora: Isso mesmo. Por isso temos que conversar com eles, pode ser a oportunidade de saber. Pois eles contam para a tia, prima, amigos. Quando a mãe descobre se sente traída. Tudo isso tem relação com a revolução dos padrões sociais. As meninas estão mais avançadas. Hoje, elas vão para uma festa e ficam com o sexo oposto. Quando vão embora, vão sem culpa. No nosso tempo sentíamos vergonha e culpa se acontecesse isso.

Emília: Nós criamos os meninos com liberdade e as meninas presas.

Coordenadora: Você entendeu Clara, esse negócio de "ficar"?

Clara: Eu prefiro o termo namorar do que "ficar", só assim, eu fico sabendo com quem meus filhos estão.

Coordenadora: É importante a gente saber e entender. Assim, eles podem nos dizer como estão agindo. Agora, é a vez da Sandra se sentar na frente. Por que você escolheu o texto "Menarca: a primeira menstruação"?

Sandra: Por causa da minha filha. Ela morre de vergonha por não ter menstruado ainda.

Coordenadora: O que achou do texto?

Sandra: O texto fala que, quando os meninos ficam rapazes quase ninguém fica sabendo. Agora, quando as meninas ficam menstruadas todos ficam sabendo. Isso também está relacionado ao fim do crescimento, e isso, as deixam abaladas. As meninas amadurecem mais cedo que os meninos. Muitas vezes, as meninas não conhecem o próprio corpo, como as mães também não conheciam.

Coordenadora: Interessante, você pegou a situação da própria filha. Agora é a vez da Antônia e do Eduardo.

Antônia: Idade do Sapo. Essa parte é muito interessante. Essa fase é brutal para o homem porque os pés e os braços crescem muito. Eles ficam preocupados com a sua altura. Aí vem os pelos e a última coisa que cresce é o pênis. Isso os deixam preocupados. Às vezes comentam com a mãe, ela também fica preocupada. Outro acontecimento é a voz. Nas mulheres o estirão é mais cedo, mas também terminam mais cedo. Esse outro texto: A dificuldade em ser pais (de adolescente) hoje fala da dificuldade em serem pais. O meu pai teve mais facilidade em ser pai do que eu. Naquele tempo o pai não era questionado, como hoje. Eu acho que a família tem de fazer uma adaptação.

Coordenadora: Quando escrevi esse texto pensava sobre as dificuldades de educar nossos filhos, das influências que eles e que nós recebemos. Com o passar do tempo as coisas mudaram. Percebe-se também a volta dos jovens para a Igreja, uma grande busca pela religião.

Antônia: Eu acho que os adolescentes não deveriam usar OB, como foi citado no texto da Sandra. Isso pode machucá-la. Elas começam também a ter mais sensibilidade na região. É como o supositório. Não se adapta, porque pode estimular a região. O que você acha, Célia?

Coordenadora: Quanto ao que é colocado no texto para a própria adolescente verificar com o dedo penetrando, eu penso na questão se ela compreende bem o que deve fazer. Quanto ao uso de OB há várias opiniões de médicos, sobre o assunto. Com relação a sentir prazer, por que não? Parece que só conhecemos ou somos acostumados com a dor, nunca prazer.

Emília: Eu tenho medo de OB porque pode dar infecção.

Antônia: Eu tenho medo é do lado sexual.

Coordenadora: E você, Eduardo, o que leu?

Eduardo: A mulher já falou tudo.  
O grupo ri.

Antônia: Ele leu sobre "Higiene física". Lá em casa, ninguém quer saber de escovar os dentes.

Eduardo: Preocupo muito com a alimentação lá de casa. Tem muitos doces e um lanche substitui o almoço. A minha filha vive fazendo isso.

Coordenadora: Na próxima reunião eu vou falar um pouco sobre a alimentação adequada para os adolescentes.

Sandra: A minha filha está com anemia por falta de comer direito.

Antônia: Os jovens gostam muito de comer sanduíches com coca-cola. Mas eles podem comer outras coisas junto, que tenham vitaminas.

Coordenadora: No próximo encontro decidiremos sobre a reunião com os filhos. Dia 1º, portanto, será nosso último encontro, quando teremos oportunidade de discutirmos como foi essa experiência para todos.

17ª sessão - *Pais e filhos companheiros de uma mesma viagem*

Planejamento da sessão (objetivos):

- reunir os pais que participaram da pesquisa, com seus filhos
- dar oportunidade aos pais de comunicarem aos filhos, dados de sua experiência enquanto elemento do grupo, enfatizando os aspectos que considerarem importantes
- dar oportunidade aos filhos de ouvirem e de se inteirarem sobre os temas trabalhados no grupo de pais
- desenvolver atividade onde pais e filhos possam estar juntos, compartilhando de uma mesma situação.

Participantes: (pais) Sandra, Madalena, Emília, Thereza, Francisca, Aparecida.

Inicialmente a Coordenadora solicita que os filhos se apresentem.

Coordenadora: Gostaria que vocês se apresentassem. Quem começaria?

Ludmila, Guilherme e Marcelo - filhos de Francisca.

Beatriz - filha de Otília.

Cibele - filha de Madalena.

Priscila - filha de Aparecida.

Luiz Antônio e Maria Paula - filhos de Sandra.

Raquel - filha de Emília.

Érica - filha de Elisabete.

Beatriz e Érica perguntaram à Coordenadora se poderiam participar já que as mães não estavam presentes.

Coordenadora: Claro, eu convidei vocês para se reunirem hoje, aqui com os pais a fim de conversarmos um pouco sobre a experiência do grupo. Por que os filhos vieram hoje? Então?

Ludmila: Para conhecer melhor a mãe que têm.

Cibele: Quero saber o que vocês faziam aqui.

Luiz Antônio: Eu já sabia que era a conclusão das reuniões.

Coordenadora: Para começar, vamos usar uma caixinha, que contém vários pedacinhos de papéis com algo escrito. Colocarei uma música. Quando ela for interrompida, a caixinha, que estará passando pelas mãos das pessoas, deverá ficar na mão da pessoa quando a música parar. A pessoa, então, abre a caixinha. Tira um papel, lê o que está escrito e dá sua opinião. Vamos começar?

Enquanto a música toca, a caixinha passa de mão em mão. A primeira pessoa que fica com a caixinha é Beatriz.

Beatriz: (lê a frase): "O que você gostaria de dizer agora para sua mãe?" Eu não sei.

Coordenadora: Imagine algo.

Beatriz: Não dá.

A música continua. Francisca é a próxima a ficar com a caixinha.

Francisca "O que você estava pensando quando vinha para o encontro?" Pensei que hoje seria o último encontro e fiquei triste.

Nova rodada, a caixinha pára dessa vez nas mãos de Guilherme.

Guilherme: Qual a música que mais gosta?

\_ Eu gosto da música "Maluco Beleza".

Próxima a ficar com a caixinha, Emília.

Emília: "Você gosta de seu nome?"

\_ Ele é diferente, não sei de onde veio.

Continuando, pára em Luiz Antônio.

Luiz Antônio: "Qual a emoção mais difícil de controlar?"

Fica calado, não responde nada. A música recomeça.

Raquel: "Quais são seus maiores medos?"

\_ Morrer de cólera.

O procedimento continua, com a caixinha parando com Madalena.

Madalena: "O que mais lhe irrita?"

\_ Os gritos dos meninos.

Priscila: "Qual é seu passatempo preferido?"

\_ Ver televisão.

Coordenadora: O que você gosta na T.V.?

Priscila: De filmes.

Sandra: "Quando é bom ficar em casa?"

\_ Quando os meninos não estão brincando.

Aparecida: "Quando é que a família faz falta?"

Não responde.

Raquel: Eu acho que é quando alguém viaja, sentimos muita falta.

Cibele: "Que tal ter irmãos?"

\_ Meu irmão me bate muito.

Maria Paula: Eu acho que irmãos não deveriam brigar, se não, com quem podemos contar?



Maria Paula: "Quem é o seu ídolo?"

\_ É um cara do grupo Timbalada.

Marcelo: "Com quem você briga mais? Por que?"

\_ Com os irmãos. Disputo para ver quem é o mais forte.

Érica: "É difícil ser adolescente?"

\_ Não sei.

Marcelo: Hoje é perigoso por causa das drogas.

Raquel: Tudo que acontece de errado somos culpados.

Coordenadora: Como fazer para melhorar?

Ninguém responde.

Emília: "Complete a frase: Se eu pudesse ... eu melhoraria as relações com meus filhos".

Luiz Antônio: "Diga rapidinho, quando você acha que começou a ficar adolescente."

\_ Quando parei de brigar e fazer coisas que antes eu não fazia.

Aparecida: "A quem você revelaria um segredo?"

\_ A alguém de minha confiança.

Ludmila: "O que você espera desse encontro?"

\_ Espero saber da vida pessoal da minha mãe, mas ela não fala.

Guilherme: "O que mais lhe incomoda no momento?"

\_ Nada.

Priscila: "O que você acha que vai acontecer com você daqui há 3 anos?"

\_ Vou estar no II grau.

Sandra: "Se você ganhasse na loteria, o que faria?"

\_ Já pensei nisto. Pensei em construir uma escola profissionalizante.

Ludmila: "O que você gostaria de mudar em 95?"

\_ O mundo. Fazer as pessoas acreditar na natureza.

Neste momento Thereza chega, é informada sobre o jogo, retira então, um papel da caixinha.

Thereza: "Você acha que ficar é melhor do que namorar?"

\_ Ficar não tem compromisso.

Coordenadora: Esse jogo que fizemos foi para esquentar a reunião.

\_ Gostaria de perguntar às mães se elas "topam" falar para vocês o que fizeram durante os encontros.

Sugere que o grupo das mães fiquem no meio, tendo em volta o grupo dos filhos.

Pausa. Ninguém falou inicialmente.

Thereza: Eu gostaria de falar. Quando eu estava vindo para a reunião, cheguei à conclusão que todos têm problemas. Também descobri que o adolescente gosta de ficar em grupo para discutir certos assuntos e isso é muito bom.

Aparecida: Eu concluí que na reunião a gente fica sabendo que a criança já não é mais criança e sim adolescente. Temos de procurar entender essa nova fase de mudanças e apoiar. Essa é a minha conclusão.

Coordenadora: Gostaria que alguém falasse sobre o que fizemos aqui, sobre o que falamos e como nos relacionamos.

Sandra: Nós nos relacionávamos com informalidade, às vezes com brincadeiras, dramatizações, etc. Tentamos vivenciar os filhos desde quando éramos pequenos até agora. Falávamos em como lidar com os filhos. E também voltamos à nossa adolescência. No meu caso pessoal, estou muito tranqüila com relação aos problemas dos meus filhos.

Emília: Eu percebi que crescemos juntos com os filhos. Se eles precisam de limites, os pais também.

Ludmila: Mãe, por que não falou nada?

Francisca: Eu pensava que só eu tinha problemas com os filhos, por isso foi importante participar desses encontros.

Coordenadora: Érica e Beatriz, eu gostaria de saber como é para vocês o fato de suas mães não estarem aqui hoje?

Érica: Eu gostaria de saber o que ela iria falar.

Thereza: Eu quero falar uma coisa para eles!

Eu aprendi que na fase da adolescência há uma procura de um caráter próprio. Eu pessoalmente melhorei muito. Procuro pensar duas vezes antes de brigar com meu filho. Hoje sou mais calma com ele, pois aprendi a lidar com adolescentes

Coordenadora: No encontro passado, eu deixei uma folha com vocês. Alguém trouxe?

A maioria dos pais informam que esqueceram da folha.

Coordenadora: Agora vou dar uma tarefa para todos. Vocês vão montar uma máquina, que deve incluir todos. A máquina que vão construir será escolhida por vocês.

O grupo rapidamente opta por construir uma máquina de datilografia.

Ludmila: Eu sou a datilógrafa.

Coordenadora: O que essa máquina está batendo?

Ludmila: Uma carta

Coordenadora: Que tipo de carta?

Sandra: Um documento O resumo do encontro.

Coordenadora: O que irá acontecer se eu tirar uma tecla com uma letra?

Todos reponderam. O texto ficará incompleto.

Coordenadora: É como a família. Se alguém não estiver presente faz falta. Cada pessoa tem um papel na família, tem a sua importância. Os filhos, os pais. A mãe ou o pai pode ser chata, brigona, mas se estiver ausente faz muita falta. Os filhos da mesma forma.

Agora, vamos fazer um círculo, todos sentados.

Tenho aqui duas almofadas pequenas. A estampada simbolicamente representa alguma coisa que daria como um presente e a outra (da cor vinho) alguma coisa que eu gostaria de receber, ganhar.

Quem começa?

Ludmila: Eu! (dirigindo-se à mãe - almofada vinho) Gostaria de pedir um relacionamento melhor e conversar mais com minha mãe.

Francisca (com almofada vinho): E eu gostaria que o Marcelo valorizasse mais o tempo dele.

Marcelo: Eu quero ganhar um presente.

Maria Paula: (pega a almofada colorida e dirige-se à mãe) Quero dar tudo de bom e pedir paciência.

Sandra: (com a almofada vinho) Eu quero pedir para Maria Paula e Luiz Antônio terem mais compreensão um com o outro. E pedir para que Wilma desse continuidade ao grupo.

Aparecida: Eu gostaria de agradecer a Célia e Wilma. Foi muito bom essas reuniões.

Ludmila (com a almofada vinho): Também quero pedir para meus irmãos não brigarem mais comigo (com a almofada colorida) Em troca vou dar carinho para eles.

Coordenadora: (dirigindo-se a Wilma com a almofada vinho) Também vou pedir para Wilma continuar esse trabalho.

Todos batem palmas.

Coordenadora: Antes de encerrar, vamos fazer um círculo. Todos vão ficar de mãos dadas, olhando um para o outro. Em geral, nós não temos muito tempo de ficar olhando para as pessoas, que estão à nossa volta. Vamos diminuir o círculo e fechar os olhos. Pensar nas coisas que falamos hoje. Pensar em nossa família, nos problemas de casa. Nas coisas que as pessoas fazem por nós e que, às vezes, não valorizamos.

\_ Gostaria que, quem quizesse fale qualquer coisa, que está sentido agora, que fale

Ninguém fala nada. Os adolescentes riem.

Coordenadora: Estão com vontade de rir? Então vamos rir, todos.

Todos voltam para seus lugares descontraídos e a atividade é encerrada. Seguiu-se um lanche com a participação de todos.

***Anexo 6***

## Reflexões sobre o “Grupo de Pais”

*“Eu sinto que tenho que mudar com eles”*

(Mãe do grupo referindo-se aos filhos)

O grupo chegou cheio de expectativas. As pessoas falavam pouco, alguns de forma tímida. Falavam de suas preocupações com os filhos adolescentes.

Pouco a pouco, as pessoas começaram a comunicar suas inquietações, suas angústias. Uns falavam: “Como é difícil ser mãe, ser pai de adolescente!” Outros expressavam abertamente suas dúvidas: “O que devo permitir?”; “Deixo sair com os colegas ou ainda é muito cedo?”; “Será que está na hora de minha filha namorar?”

Os assuntos surgiam. Apareciam os relatos da vivência dos pais com seus filhos. Eu percebia a cada instante o interesse de todos em conhecer coisas do mundo do adolescente. Eu falava e sentia a repercussão das minhas palavras. Muitas vezes, falava também no papel de mãe, juntando-me a vocês, nas incertezas e nos questionamentos frente à vida.

Eram evidentes as dificuldades que cada um trazia, no exercício da tarefa de educar. Alguns demonstravam tal coisa com mais intensidade, outros, de forma mais suave.

As histórias pessoais com as famílias de origem se misturavam, muitas vezes, com as histórias atuais, onde as personagens de destaque eram os filhos. Aparecia então, a grande dúvida: o que deixar de lado de educação recebida dos pais? O que conservar e aplicar na educação dos filhos, hoje? Eis um grande questionamento!

Para alguns, como foi sofrido rever a fase da própria adolescência! Este momento constituiu-se, sem dúvida, de grande riqueza, trazendo o

sabor de descobertas, levando cada um à compreensão da adolescência dos próprios filhos.

Buscar na história pessoal as características de ser adolescente. Que coisa interessante, às vezes sofrida, cheia de emoções! A oportunidade de poder inverter o papel com o filho, foi um momento muito especial. Colocar-se no lugar do filho, isso não é fácil! Mas... que experiência diferente, permitindo entender o que vai na cabeça deles. A partir daí podia perceber de outra maneira as dificuldades de relacionamento entre pais e filhos, dificuldades no diálogo entre gerações diferentes.

Por outro lado, era permitido (e como foi bom) poder falar, desabafar e compartilhar as dores, as incertezas, as alegrias, as surpresas, a aventura de serem pais de adolescentes.

Parece que não é tão difícil entender a crise dos pais, as mudanças de atitudes dos filhos e as mudanças que são necessárias ocorrerem no seio da família.

Podia-se falar dos afetos e dos desafetos. Compartilhar era a ordem.

Surgiram colocações tais como:

“Eu sinto que tenho que mudar junto com eles.”

“Percebi que meus filhos cresceram.”

“Fiquei pensando como agi errado com eles.”

Os sentimentos brotavam com muita força:

“Será que não é o caso de termos filhos adolescentes e sentirmos que estamos ficando velhos?” (Perceber e sentir as transformações, sem dúvida uma grande constatação)



“Nós também percebemos que eles tem capacidade de resolver certas situações” (Um momento de sábia constatação)

“Percebi que meus filhos cresceram” (A constatação que eles já são capazes de caminhar sozinhos)

O grupo viveu momentos que caracterizaram um verdadeiro encontro com a mais pura emoção, misturando opiniões, trocando idéias. Abria-se o espaço para a palavra amiga, o gesto acolhedor.

Pessoas diferentes, mas ... com tanta coisa semelhante.

Fui me sentindo cada dia mais próxima de cada um do grupo. Vocês permitiram que eu chegasse e tomasse um lugar. Não apenas como uma simples coordenadora, mas, com alguém muito próximo ... quase da família.

Foi possível, dessa forma, construirmos um espaço para a reflexão, que conduzirá, sem dúvidas, a nova possibilidade nas relações familiares.

Espero que essa vivência tenha proporcionado a oportunidade de resgate, da grande tarefa de serem pais.

O momento também é propício para agradecer a cada um, por terem assumidos, juntamente comigo, o compromisso de participarem dessa investigação científica. Fui acolhida sem restrições, e vocês não mediram esforços para chegarem aqui, fizesse sol, calor quase insuportável, ou não.